









James Pollard









VIVA JESUS.  
CARTAS  
ESPIRITUAES  
DO VENERAVEL PADRE  
FR. ANTONIO DAS CHAGAS,

*Primeiro Missionario Apostolico Franciscano neste Reino,  
e Fundador do Seminario de Varatojo.*

PRIMEIRA PARTE,

Que Consagra, e Dedic

A' MAGESTADE DO SERENISSIMO SENHOR

D. PEDRO II.

REY DE PORTUGAL,

PEDRO DA SILVA RODARTE.



LISBOA: MDCCLXII.

---

Na Offic. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO,  
*Com todas as licenças necessarias.*

12220

COMPRO

1968891

FR. ANTONIO DAS CHAGAS

PRIMEIRA PARTE

Os Condições e Dele

A MAGISTADE DO SINGULO SENHOR

D. PEDRO II

EST. DE PORTUGAL

PEDRO DA SILVA RODRIGUES



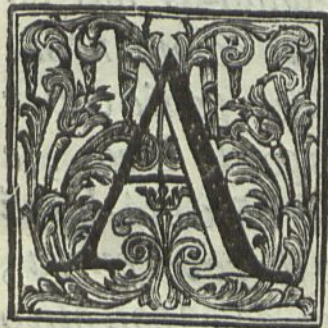
LIB. DE A. MDCCLXII

NOBRE CIRCUNSCRICAO NO GUERRA XISTO

Com o seu



# SENHOR.



*Zelosa diligencia de  
algumas Pessoas Re-  
ligiosas , que tratáraõ com espiri-  
tual familiaridade ao Veneravel Padre*

*\**

*Fr. An-*

Fr. Antonio das Chagas , e sabem por  
experiencia o grande fructo , que nas  
Almas produzio a palavra Evangeli-  
ca , que a todos communicava em os Ser-  
moës , e Præcticas , que em sua vida fez  
pelo Reyno : e entendendo agora que o  
mesmo effeito promette a doutrinal vi-  
veza de suas Cartas , como dictames de  
seu fervoroso espirito , se a imprensa  
as divulgar , illustradas com as Notas  
de hum zeloso commento , e reduzidas  
a este breve Tratado , para a utilidade  
commûa as juntou , e recolheo de par-  
ticulares mãos , entregando-as nas do  
escolhido Sujeito , que as commentou.  
Por me darem a parte , que podia caber  
em obra tanto do serviço de Deos , e  
do proximo , me entregáraõ o dà-las à  
estampa ; conjecturando da reverencia ,  
com que em vida tratei ao Apostolico  
Varaõ , não faltaria depois de sua mor-  
te em concorrer para tão honorifico ob-  
sequio



sequio seu. Manifestou o rogo o mesmo, que desejava o empenho grato a tanta dita; e a occasião, que me deo a sorte para offerecer aos pés de V. Magestade, não o trabalho, que excede a esfera de minha profissão, o dispendio sim; porque o póde satisfazer minha possibilidade. Com a posse me deraõ o direito para dedicar esta Obra à Catholica Grandeza, que em todo o tempo favorece os progressos da virtude, e reprime os impulsos da malicia; e no presente refresca a gloriosa memoria das mercês, e bonras, que de sua Real mão recebeo o esclarecido Sujeito deste Tratado, sempre vivo na piedosa estimação de tanta Magestade: e agora continuado de sua grandeza Real nos successores de suas Evangelicas Missoes, e no amparo das orfaãs, que a fortuna deixou destituidas de todo o paternal arrimo, como huma, e outra gratidão

PRO-  
mani-

*manifesta. E não faltará a daquella di-  
tosa Alma em pedir a Deos incessante-  
mente pela Real vida, saúde, e estado  
de V. Magestade, para a defesa de  
sua Fé, para o augmento de seu ser-  
viço, para o refugio dos pobres, e para  
a conservação de todos seus fieis Vas-  
sallos, &c.*

*Pedro da Silva Rodarte.*

**PRO-**



# PROLOGO.

**H**Um dos fataes indicios , com que Deos Nosso Senhor costuma ameaçar ao mundo , quando , desprezando os auxilios , persevera em escandalos , he tirar de entre os peccadores aquelles Varoës Apostolicos , que com sua doutrina , orações , e exemplos procuraõ não só a emenda das culpas , mas muitas vezes applação a Soberana Justiça. Porém tambem he signal da Divina Clemencia na perda destas Evangelicas vozes , deixar-nos em seus escritos os eccos de suas mesmas palavras , para que , dando mais lugar ao arrependimento , queira o mesmo Senhor suspender o castigo.

Levou Deos ao Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas , tão conhecido por sua Apostolica vida. E pôde ser que fosse a causa o aproveitarmo-nos tão mal do ardente zelo , e incansavel trabalho , com que no espaço de tantos annos , vencendo o rigor de calores , frios , fomes , desvelos , e enfermidades , com pregaçãoes fervorosas , altas direcções , e exactas doutrinas procurou o remedio de tantas Almas. Grande motivo de confusão he este para aquelles , que se não quizerão aproveitar de seus documentos. Mas porque em sua ausencia estes nos não faltassem de todo , inspirou Deos a Pessoas Religiosas , que em muitos annos de direcção espiritual , tratando suas virtudes , souberão aprender sua charidade , a que procurassem com toda a diligencia ver se se podiaõ juntar , e dar á luz algumas de suas Obras. Porém como este Servo de Deos , ou por sua natural dilcricação , exercicios , e habilidade , ou porque Deos lhe communicasse sabedoria infusamente , não fazia para seus Sermões mais que huns brevissimos apontamentos , que só d'elle mesmo podiaõ ser entendidos , não foi possivel colher destas Obras cousa , que se pudesse dar á estampa até agora. O que se não deve ponderar sem grande mágoa. Nesta difficuldade se resolvêraõ a procurar as suas Cartas Espirituaes , que a varias pessoas seculares , e Religiosas se sabia havia escrito por todo este Reino. Porque , segundo se alcançou , lhe davaõ conta de suas consciencias mais de duas mil Almas. E das primeiras , como cahiraõ por sorte , se compôs este

Volu-



Volume ; por não dilatar muito esta consolação , e espirital utilidade aquelles, que se querem aproveitar sinceramente, e com tenção recta de tão alta doutrina. Mas porque em muitas destas Epistolas o Servo de Deos usa daquelle estylo alto, e metaforico , de que naturalmente era dotado , e juntamente em outras toca materias mysticas muy clausuladas , por serem para pelloas, que tinhaõ delle larga experiencia, e por outra parte se acharem documentos , que parecem encontrados : que como o Veneravel Padre era grande Mestre de espirito, não só conhecia a differença, que ha de huns a outros, mas que em huns mesmos , Deos muitas vezes varia os caminhos, e muda os affectos. Por esta , e outras razões efficazes, pareceo conveniente fazerem-se Notas a estas Cartas , com que fossem a todos mais intelligiveis, e commuas estas circumstancias. Porém como para esta diligencia era necessario o espirito , que teve o assumpto, não faltou esta difficuldade, e algumas outras , para haver quem se quizesse encarregar desta Obra. Mas como as mesmas Pelloas Religiosas persuadissem a certo Amigo do Servo de Deos , que seria do agrado Divino , que tomasse á sua conta este trabalho, se principiou, e se conseguiu brevemente , vencendo com a voluntaria obediencia a repugnancia da desconfiança.

Não se põem titulo da materia , que contém cada Carta : porque como este Servo de Deos escreveo as mais dellas nas Missoes , em que andava , onde apenas tinha tempo para aquelle mesmo exercicio , lançava o que primeiro lhe occorria. E muitas vezes , depois de alguns Capitulos , torna aos mesmos pontos , conforme Deos lhe inspirava. E pela mesma razão se não podiaõ notar por paragrafos. E assim seguem as Notas o mesmo estylo das Cartas.

Estas são as circumstancias, que pareceo conveniente advertir com brevidade. Deos, que he o Senhor de todas as graças, nos conceda o espirito para perceber , quanto concedeo ao Servo de Deos para prégar. Que se nascer entre Gentios , sendo tão grande desgraça , he maior a miseria de viver como Gentios , os que nascêraõ Catholicos : Da mesma sorte , sendo tão grande mal se faltára quem prégasse a doutrina Evangelica ; quanto maior mal fora cerrar os ouvidos á palavra Divina !



A' SANTISSIMA VIRGEM  
M A R I A.

SENHORA.



*Áy de Deos , e Refugio de pec-  
cadores. Dentro de cujos titu-  
los se comprehende aquella immensi-  
dade de Graça , de que antes dos secu-  
los*

los fostes dotada pela Cbaridade Divi-  
na. Estas Cartas de vosso Servo, que  
forão escritas em serviço de vosso Úni-  
genito Filho, notei, segundo entendo,  
só por respeito vosso. Porque, como vós  
sabeis, me persuadirão Pessoas, que  
tanto vos amão, que seriaõ de algum  
aproveitamento para aquellas Almas,  
que trataõ de espirito. Persuado-me  
que não tive outra razaõ mais que esta,  
para vencer a repugnancia, e incapaci-  
dade, com que me achava, para fazer  
esta Obra. E tambem vós sabeis a cau-  
sa, porque seguí este estylo. E como a  
minha tençaõ não foi de buscar outro  
agrado, pareceo-me não dar outra ra-  
zaõ ao Mundo, que notará em estas  
Notas com mais acerto os defeitos de  
minha ignorancia, do que eu soube  
ponderar a grande doutrina, que con-  
têm estas Cartas. Mas se, por vós me  
communicardes vossos piedosos auxi-  
lios,



lios, houver cousa neste meu trabalho  
de algum merecimento, humildemente,  
e com vontade rendida protesto, que a  
vós se devem as graças, porque por  
vossas mãos soberanas dispensa todas  
a Liberalidade Divina, que como a Fi-  
lha, como a Mãe, como a Esposa vos  
communica por hum mar de Graça os  
incomprehenfíveis thesouros da Gloria.

Servo indigno &c.



# L I C E N Ç A S,

## DO SANTO OFFICIO.

**P**odem-se reimprimir os dous livros, de que se faz menção, e depois voltarão conferidos para se dar licença que corraõ, sem a qual não correrão. Lisboa 26. de Janeiro de 1762.

*Trigozo. Carvalho. Mello.*

## DO ORDINARIO.

**P**odem-se reimprimir os dous livros, que se apresentão, e voltarão conferidos para se dar licença, sem a qual não correrão. Lisboa 27. de Janeiro de 1762.

*Costa.*

## DO P A C O.

**Q**ue se possa reimprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, que sem ella não correrá. Lisboa 29. de Janeiro de 1762.

*Carvalho. D. Velho. Castello. Siqueira. Affonseca.*

**E**Stá conforme com o original. Lisboa, S. Domingos, 20. de Julho de 1762.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

**P**Ode correr. Lisboa, 20. de Julho de 1762.

*Trigozo. Lima.*

**P**Ode correr. Lisboa, 20. de Julho de 1762.

*D. J. Arceb.*

**Q**ue possa correr, e taxaõ em 400. reis. Lisboa, 23. de Julho de 1762.

*Com quatro Rubricas.*

PRI-





# PRIMEIRA CARTA

DO VENERAVEL PADRE

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS

Para sua Irmã

*O Amor de Deos arda, e ferva em nossas almas.*



IRMAÃ, ou morrer na empresa, ou alcançar a victoria, ou chegar ao monte da perfeição; ou morrer nos suspiros da devoção. Seguir a Christo he o mais alto cumme. O seguir a Christo não consiste em cuidar altas cousas de sua Divindade, senão em seguir os passos de sua vida, e crucificada Humanidade. Oh quem fizera isto! Imitar, e seguir a Christo he fazer o que elle fez, exercitar as virtudes, que elle exercitou; convem a saber: louvar a seu Eterno Pay, dar-lhe toda a gloria, e honra, e ser esta a tenção de todas as nossas obras: ter misericordia do proximo, ou seja máo, ou seja bom; se he bom, amá-lo, pois Deos o ama; e se he máo, soffrê-lo, pois Deos o sofre.

Haveis de desejar a salvação de cada hum, como a vossa mesma. Tanta pena vos ha de dar vêr que se perde qualquer Alma, como se fôra a vossa propria: se não fazeis isto per-



feitamente, não guardais a Ley de Deos perfeitamente. Vede vós, que poucos a guardão! Chorai isto muito. Porque isto he o que faz chorar aos bons, eacommendar muito a Deos, que tenha piedade dos máos, sem vos escandalizar de nenhum. Oh doutrina do Ceo, quem te guardára á risca, que logo fôra Santo!

Melhor he, Irmaõ, obrar bem, que conhecer o bem. Por isso a santidade não consiste em muito contemplar, senão em muito obrar. Mais val hum dia, em que andais fazendo obras de charidade, ou de humildade, ou de obediencia, ou de paciencia, que estar hum mez em contemplação, extasis, e em raptos. Porque isto he comer a iguaria sem a merecer, e aquillo he merecê-la, aindaque a não chegueis a comer. Finalmente, não tenho tempo, aindaque a maré he boa. Lembrai-vos do que aqui vos digo. Entendei que vo-lo manda dizer o Espirito Santo, e a todos os que o lerem.

Começar: começa quem bem deseja, aproveita quem se resolve, chega á perfeição quem põem por obra tudo. O alicerse desta casa he a humildade. A virtude da humildade consiste em vos ter por peyor que todos quantos ha no Mundo, ainda que sejam más mulheres, e homens perdidos; entendendo, que se Deos lhes déra o que vos deo a vós, que elles foraõ melhores que vós. Desta humildade nasce o conhecimento de nossa grande vileza, deste conhecimento nasce o odio, que temos a nós mesmos, tratando mal o corpo; mas isto com prudencia: que o demasiado fogo á panella a faz rebenotar. Deste odio nasce a mortificação de nós mesmos, desta mortificação o amor de Deos, deste amor de Deos o aborrecimentb de tudo o mais, e desprezo do Mundo. Deste aborrecimento nasce o exercicio da penitencia, contra a qual se levanta o Mundo, Diabo, e Carne com grande perseguição, tentação, e tribulação, que servem como de fomalhas para provar o espirito: se o espirito he falso, como palha vaã, e inutil, se abraza na fomalha: e se o espirito he verdadeiro, como o ouro se apura nas levaredas, sahe mais lustroso. nestas tribulações, que ou vem de Deos para nossa próva, ou do proximo pela murmuração,  
ou



ou de nós por nossa natural fraqueza. Exercita-se a paciência, da paciência nasce a mansidão, da qual Deos muito se enamora. Desta mansidão nasce a devoção, que he hum desejo ardente de Deos, deste ardente desejo de Deos nasce a pura intenção, que he amar a Deos, não por nos salvar, nem por nos dar gosto, nem por interesse algum, senão por sua immensa, e sobre infinita, e além de amavel bondade, benignidade, e formosura. Desta pureza nasce o tratarmos de ajuntar a nossa com a sua vontade. E aqui está o ponto de tudo. Desta vontade, que temos de não ter vontade, nasce a resignação. A resignação he huma entrega, que fazemos a Deos da vontade propria.

Esta resignação se exercita de dous modos: hum em conformidade com Deos, dando-lhe graças por tudo quanto nos succeder, ou seja bem, ou mal, como não seja peccado: ou por indifferença, que leva indeterminação, com que nos pomos a esperar de Deos igualmente as consolações, com tenção de entender a vontade de Deos, pelo que nos succede, como não seja culpa. Desta indeterminação, que he altissima virtude, nasce a uniaõ com Deos; desta uniaõ huma paixãõ doce na Alma, que bem se sente na Alma, que nos abraça Deos. Desta paz nasce a liberdade do espirito. Liberdade do espirito he estar a Alma livre de todos os desejos da terra, e de seus vicios, ou sejaõ por memoria, ou por desejo de voar a Christo, de despir as prizões da carne, e de morrer, e gozar a Deos claramente na Celestial Patria, tudo he suspirar ao Ceo, e chorar pelos bens da Gloria. E como vemos que não quer Deos soltar-nos tão depressa do carcere deste corpo, viremos a padecer solidão, isto he andar fugindo da gente, e communicação, buscar lugares tristes, e solitarios, solilloquios interiores com Christo. Estes se apertão mais com a sagrada Communhaõ, com a qual se une o Senhor muito á Alma. Desta conversação com Deos nasce desejo da Cruz para acabar crucificados com Christo, e para que mais cedo subamos ao Ceo por essa Cruz. E desta, tomada por gloria, nasce a esperanza certa, e infallivel, de que Deos ha de salvar-nos. E aqui acaba o pégo, ou para melhor dizer, se chega ao cume do monte da



perfeiçãõ, quanto ao nosso conhecimento, ainda que muito ha de perfeiçãõ daqui para diante. Mas quem chegar aqui, bem pôde dizer com S. Paulo : *Eu ja não vivo em mim; porque vive em mim Jesu Christo*. Elle vos guarde, e guarde a todos os que lerem este papel, que foi vontade sua, que este indigno, e miseravel, inutil, falso, e mentiroso a Deos, de sua vontade o escrevesse para sua gloria, honra, e bem de todas as Almas de todos aquelles, que o guardarem á risca. Guardai ao menos este papel, que algum dia pôde ser que me aproveite do que elle diz. E Deos vos faça Santa. Irmaõ inutil, e sem proveito.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta do Veneravel Padre para hum Irmaõ sua, he escrita com tanta fortaleza, charidade, e espirito, que parece hum Epistola de S. Paulo. Começa: Ou morrer na demanda, ou conseguir a victoria. Para nos dizer, que tambem he conseguir a victoria, morrer na demanda. Que esta differença fazem as pertençaes com Deos ás pertençaes do Mundo; e por isso diz logo, que a perfeiçãõ está em seguir a Christo crucificado, e exercitar suas virtudes, e perseverar na intençaõ de seus exercicios. E não sei que sendas, ou que atalhos andão buscando muitos espirituaes, depois que se nos deo do Ceo este Exemplar soberano. Diz, que havemos desejar a salvaçaõ alheya como a nossa propria, e encommendar a Deos os bons, e os maõs. Arazão he, porque quem não deseja o que desejou Christo, e não roga pelo que elle rogou, não imita a Christo. E sentir menos a perdiçaõ alheya, que a perdiçaõ nossa, he amarmos mais a nós, que amar a Deos; porque não amamos, nem como Christo nos ensina, nem como Deos nos ama. Diz, que melhor he obrar bem, que conhecer o bem. E não pareça difficultoso obrar bem, e ter merecimento sem conhecer; porque no Entendimento não está a virtude, a virtude está na Vontade; a Fé he mais elevada que o discurso, e nella se faz mais meritorio o affecto.

Diz, que entendamos os que isto lermos, que no-lo manda dizer o Espirito Santo. E que por não vermos, que

Deos



Deos nos falla por todas as creaturas , quanto mais por hum Prégador Apostolico , havemos de dar estreita conta de tantos auxilios , de que agora não fazemos caso. Diz , como se começa por desejos , aproveita por resoluções , e se chega por obras , e que toda esta fabrica se funda sobre a Humildade Janta. E faz esta distincão , para que saibamos quanto he necessario para chegar a ser perfeitos , e para que se Deos nos puzer neste estado , tendo o conbecimento proprio por fundamento , tenhamos mais quanto for mayor o pezo do edificio. Chama odio , e aborrecimento ao castigo , com que devemos tratar-nos , depois de conbecer-nos : isto he , penitencia , e detestação verdadeira de nossos vicios. Porque entre os termos de huma Janta prudencia , sem esta virtuosa vingança não se refórma huma Alma , que foi desbaratada pelos furores da natureza. E depois de continuar o Veneravel Padre neste paragrafo com hum alto progresso dos passos , com que se conduz o espirito , fecha toda esta fabrica com a resignação de nossa vontade na vontade Divina. Mas he necessario entender , que esta resignação ha de ser inteira , e absoluta , forte , actual , e perseverante , para ser verdadeira entrega , e uniaõ de conformidade. E digo actual ; porque como em quanto se vive , não ha hora sem contrariedade , se esta resignação não for vigorosa , e contínua , não sendo igual , bem se segue que não he perfeita.

Diz , que de dous modos se executa : ou por conformidade , ou por indifferença. A conformidade he o mesmo que a resignação , e a indifferença a renunciação ; a resignação quer quanto Deos quer , a renunciação quer quanto Deos póde querer ; a resignação deixa que Deos se una a nós , a renunciação faz que nos nos unamos a Deos ; aquella abraça os males , e os bens com a mesma segurança , esta não faz distincão de bens , ou males : Porque se desfez de si mesmo quem se renuncia. E finalmente por qualquer destas virtudes se une a Alma com Deos , sendo praticada com exacção , e humildade. Desta uniaõ vai discorrendo o Veneravel Padre effeitos maravilhosos , hum desejo de fugir de todos os contentamentos , buscando os lugares tristes , e solitarios : tristes , se entendem sem as alegrias vaãs do Mundo , que para o espirito não ha maior alegria , e suavidade , que os lugares mais livres , para que sem embaraço se dilate mais o affecto:



*hum desprezo dos melindres da carne , hum disfavor do appetite, hum desejo da Cruz vehemente , hum suspirar , e aspirar da mesma Alma áquelle bem , que lhe parece que toca , mas que não alcança : e finalmente, huma saudade , que está mais aonde ama, que aonde vive.*

## C A R T A II.

*O Amor de Deos more em a Alma de V. M.*



Uitos dias ha que me vejo com muitas dividas a V. M., e com o impossivel de pagar a V. M. estas letras, nem ainda responder, pela occupação continua de toda a hora, que nas Missões havia: agora, que me acha menos impedido, começo dando a V. M. as graças destas memorias suas, que se não cabem no que mereço, desejo agazalhá-las bem no que as estimo. Senti os quebrantos, e desalentos de V. M., e estimo as melhorias. Os apertos do coração, se são da natureza, devem-se com resignação soffrer; se são da Graça, devem-se com favor estimar. Deos carrega no coração ás Esposas, para que o sello se imprima; aperta, porque não larga aos que de sua Graça toca. O que importa, he louvar a Deos por tudo, sem que as molestias do corpo causem o menor desassociego no espirito. O Padre Provincial teve gosto de que eu ficasse aqui, onde o espero. Elle resolverá para onde as Missões haõ de ser; ou para onde o Missionario ha de ir. Eu não tenho petições no Paço: salvo o que me mandar a Obediencia, como não seja contra a minha consciencia; e não sendo: quanto mais disparatada for a petição, mais graça terá para mim. Obediencia he huma virtude, que então tem mais de obediencia, quanto de nós menos tem: exercitar-se na tontaria, he sua discrição; porque no que era acerto, e razão, pouco se merece. Folgára que me mandáráo fazer despropósitos toda a vida, e que eu os fizera sem cartanca, nem esgaravatar com



com o juizo. Porque nos acertos ha maior perigo pelos applausos, e complacencia; nos despropósitos menos. Além disto, a mim não me tóca alcançar bom despacho; fazer o que me mandaõ, e fazê-lo bem, he só o que me tóca. Neste papel, que cá veyo, vejo que V. M. está pouco aproveitada. Não se metta mais em Latinidades, nem em papeis de amores de Deos: faça o coração seu papel, imprima-se este amor no coração, sem dar por fóra sinaes de si; mais que em ser muito obediente, muito pobre, muito desprezadora de si, e muito estimadora dos outros. Lustre a modestia, a gravidade, o silencio, a compostura exterior, e interior, e as couzas, que V. M. tem por preceito, ou por obrigação, e em tudo o mais seja o Reyno do Ceo thesouro escondido em V. M. Porque todas essas borboletas de papel não nos daõ outras boas novas, que haver em V. M. muitas vaidades ao Divino, e pouca mortificação ao humano. Queime todos os papeis, que achar. E os meus, se tem algum gosto nelles, faça-lhes tambem o mesmo. E ponha essas cinzas por mementos, de que tudo o mais he engano, e vaidade; doendo-se só de seus peccados. E não sendo como os meninos, que não sentem perder a joya, nem manchar o vestido; mas perder bonecos, derrubarem-lhes casinhas de lodo, e tomarem-lhes huma maçã. Já não he tempo de engatinhar, senão de correr. O modo de engatinhar, he ir para Deos ao geito da natureza: o correr, he buscar a Christo, Senhor nosso, pelas valentias da Graça, vivendo sempre em huma amorosa violencia, com que nos crucificamos contra tudo o que queremos fóra da obediencia, ou vontade de Deos. A vontade de Deos he, que V. M. seja santa. E para o ser, não ha de fazer o que quer, senão o que não quer. Morrer mais cedo não damna nada, antes importa muito; porque se chega mais cedo ao porto, para onde se navega. A morte he espantallo de miseraveis; mas he sede continua dos que amaõ a Deos. Porque he meyo necessario para nos unir com a presenca, e vista Divina; e sem passar pela morte, não pôde ser. Toda a frieza, que nos ata, e embaraça, he falta de amor de Deos: que se houvera amor, a mesma pena, que na frieza nos espanta, no ardente do amor grande alegria nos dera. Quem



caminha em tempo de Inverno, sente muito o vento, que lhe dá no rosto, e por isso com a capa, ou com o braço faz por se defender do vento. No tempo do Estio não he assim: antes aquelle mesmo ar, que no Inverno dava pena, he viração, que dá gosto. E o que antes por penoso se aborrecia, então por suave se ama; e por isso se abre o peito, se descobre o rosto, e se tira a roupa, para que por toda a parte o vento se receba. E de que nasce isto? De que no Inverno ha muito frio, e no Verao muito calor. No Divino amor he o mesmo. A quem está frio no espirito, qualquer vento de mortificação he tormento grave. Por isto contra a enfermidade, afflicção, e adversidades se usão milhares de artificios, defensivos, e remedios. E isto he final de estar huma Alma no Inverno das tibiezas sem o calor divino. Ao contrario, os que estão no Verao da Graça, no Estio do Amor de Deos, abrem-se, expõem-se, anhelão, suspirão pelas mesmas afflicções, que erao o seu fastio, amaão as mortificações, os desprezos, e adversidades no gosto, e no espirito, de fóra, e de dentro. Veja V. M. como lhe vai disto, e se ainda se agasta, e não gosta desta viração do Ceo. Saiba que até o gosto he Inverno. Tenho achado (miseravel de mim!) que quanto acho bom, e he discurso, e não prôva de experiencia, que não ha neste Mundo verdadeiro amor de Deos, mais que padecer por elle; tudo o mais, até os actos de amor, que com o coração se dizem, e sem se padecer se fazem, tenho para mim que he arte de pirguicosos, ou, quando muito, pirguica de predestinados. Mas ainda assim he bom para os aprendizes, quando em continua memoria de Deos não tem respiração sem acto de amor: Meu Deos, e meu amor, amor eterno meu. Isto faz quem nisto cuida sempre, e quem se resolveo a não cuidar mais que nisto para amar isto. Mas daqui passa a aborrecer-se, e a atormentar-se a si, quem ao fino sabe amar a Deos. Veja V. M. o que mais lhe custa, e isto faça. Não fallo impertinencias indiscretas, que he andar pelos arrebaldes. Dentro de nós está o Reyno do Ceo, as mortificações de dentro, matando discrições, creaturas, memorias, e allivios, ficando só com Deos, e com quanto a elle eleva, para tudo o mais ser grimpá sem voz, que ao vento da



da Obediencia, e da obrigação se mude, ou esteja sem movimento. E se pelo caminho, que digo, vier alguma mortificação exquisita, festejá-la, e recebê-la bem, sem desculpas, sem queixas, nem carrancas; antes com hum alegria modesta, unida com a memoria de meu Crucificado Senhor, que tudo suaviza, e logo dá ás Almas outros sabôres, que antes não souberaõ. Mas não por isto, senão pelo agradar, se ha de fazer tudo. Dou a V.M. de alviçaras pelas boas novas de Lamego, as mortificações que lhe tenho dado; que esta he a melhor moéda daquelles, que em Deos são amigos. O Padre Fr. Jacintho foi neste ponto de meu parecer. A outro Padre escrevi, mas não tive resposta sua. A melhor para mim será, que elles, e todos se ponhaõ contra mim. Bendito seja Deos, que não presto mais, que para queixa dos amigos, e escandalo dos mais! Galante graça era metter-me em lutas com o Diabo. E não sei onde aqui esteve a graça, para ser conto. Bem folgára de estar ja em estado, que fiara Deos esta batalha de mim, ainda que sahira com as mãos na cabeça. Mas miseravel de mim, que tão pouco cuidado dou ao Demonio, que ainda me não vi nessas pressas, nem mettido nessas tallas. Não me estivera mal, que elle me puzesse as mãos, e a boa vontade nesta vida; com tanto, que nos não vissemos, nem fallassemos mais na outra. Quem pois assim anda feito farça do Diabo, que muito que ande entre os dentes dos mysteriosos. Eu estou certo, que de mim se não podem dizer milagres; que se digaõ diabruras, não estranharei muito. Porque he certo, que se differem o peor, profetizaõ, e addivinhaõ o que ha em mim. Do mar se não tira agoa, que não seja salgada, e amargosa: de mim se não pôde dizer cousa, que não seja ruim. A pessoa, que quer meu parecer para as suas duvidas, diga V.M. que se não aconselhe commigo, que sou terrivel nos conselhos, mais que na execução; para os outros sempre digo grandes cousas, e não presto para mim. Sou como os trinchantes, que reparam iguarias aos outros, e ficaõ em jejum. No que toca ao exercicio de V.M. já lhe escrevi o que havia de fazer. Quanto ás mortificações, faça o que lhe aconselhei no Confissionario, até que demais perto tomemos novas noticias. A ou-



tra mortificação extraordinaria, não a faça sem ordem expressa; salvo se lho mandar a Obediencia. A Oração não a largue, ou seja assim, ou assim. Peço a V. M. que se eu morrer, peça ao Senhor N. me mande dizer cinco Missas pela minha Alma. Seja a Missa das Chagas de meu Senhor Jesu Christo, para que por ellas me perdoe as terriveis penas, que mereço; se me houver perdoado as culpas horrendas, que tenho commettido, como espero, sem o merecer, que por sua Misericórdia me perdoe. Nas suas confissões, ainda que mortifique o brio, declare-se sempre de modo, que fique sem escrupulo. Os peccados veniaes basta dizer hum, ou dous, ou os que quizer; mas he necessario ter tambem proposito da emenda. Não se lhe dê que a reprehendaõ. Porque he muito tenra arvorezinha, que tem medo de hum pouco de ar, tendo mais razão para temer o fogo. Torno-lhe a encommendar a santa Oração. Porque as nossas Almas são como a cera, e Deos como Sol: a cera, por amarella que seja, se se põem ao Sol, quanto mais vezes a põem, tanto se faz mais branca: assim a Alma, quantas mais vezes se põem na presença Divina, tanto a seus soberanos rayos se faz mais pura. Continúe V. M. nella o cuidado, que tem de mim. Deos, que ha de pagar tudo, elle guarde a V. M. como lhe peço, e desejo. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## NOTA

O Veneravel Padre escreve nesta Carta, como ordinariamente se faz em todas, tão altas doutrinas, que só elle pudera bastanteamente ponderá-las: e assim não he a minha tenção, mais que tocar alguns pontos nellas, porque quem ler faça mais alguma reflexão por causa das Notas. A primeira he, que diz, que os apertos do coração, que sentia esta Religiosa, a quem escreve, se devem soffrer com resignação, se são da natureza; e estimar como favor, se são da Graça. E supposto que não he facil de alcançar, de quãl destas cousas procedem, ambas se abração, quando se acceptaõ com humildade: e por isso diz que se

rece-



recebaõ sem o menor desaffoço do espirito. Diz, que não tem petições que fazer no Paço, mais que as que lhe mandar a Obediencia, e que quanto mais desbaratada for a petição, teria mais graça. Oh que grande paz teriaõ as Religiões, se a todos os Religiosos fosse agradável esta doutrina! Diz, que folgara que lhe mandáraõ fazer disparates; não porque não amasse muito os acertos dos Superiores, mas porque aqui fallava só no que tocava á sua pessoa: aonde tirava mais proveito a sua Alma, quando achava mais repugnancia a natureza. Porque muitas vezes desejamos fazer o que nos mandaõ; mas queriamos que nos mandáraõ o que desejamos.

Diz mais abaixo, que se não metta em Latinidades, nem em papeis de amores de Deos. O Veneravel Padre era grande examinador daquelles espiritos, que tomava á sua conta: e por esta razão fazia todas estas provas, por ver se estavaõ pelo exame da humildade desazidos, ainda dos mais licitos appetites. E porque verdadeiramente o exercicio mais alto he o de huma contemplação pura, e de hum recolhimento sem certos arrimos, que aindaque sejaõ virtuosos, de ordinario bebe nelles tanto a natureza, como o espirito. Diz logo, que importa pouco morrer mais cedo, isto he, que a imaginação, de que as mortificações poderãõ anticipar-nos a morte, faz ainda nos mais espirituaes certo escrupulo de charidade, com que affroxando os exercicios se vem a entibiar os affectos. E para isso diz, que a morte he espantallo de miseraveis. Porque o espantallo não faz damno, faz medo. Isto mesmo fazem aos corações fracos, e apprehensivos as mortificações mais prudentes, se se dá no mesmo coração lugar a este cuidado. E não era a tenção do Veneravel Padre approvar excessos precipitados: e por isso diz mais abaixo, que não fallava de penitencias indiscretas, que he andar pelos arrabaldes: dando a entender que fallava das mortificações interiores. Diz, que para tudo ha de ser grimpá sem voz, que se mova, para ondê a inclinar a Obediencia. E repare-se, que diz grimpá sem voz. Porque ha grimpas, que como tem alguma ferragem, aindaque não fallaõ, ringem quando se movem. E o verdadeiro obediente ha de ter o movimento tão suave, que não só não ha de duvidar, mas não ha de murmurar, nem ainda gemer. Diz, que lhe dá alviças pelas  
bõas



bõas novas de Lamego ; isto he , por se lhe haver acceito a escusa , que havia offerecido , para não acceitar aquelle Bispado. E as alviças , que lhe dá , são mortificações. Elle sabia o que dava , e conhecia quem era a que recebia ; e por isso dava nesta moeda , que he a unica , com que desde esta vida se pôde comprar a Bemaventurança. Diz , que o melhor seria , que todos se puzessem contra elle : quer dizer , que reprovassem o haver-se escusado de ser Bispo. Porque não se contentava só com haver humildemente não acceitado aquella grande dignidade ; mas para corroborar aquelle acto de virtude , desejava que , como o ouro sobre o azul , que assentasse o aspero sobre o humilde. Logo diz , que advirta á pessoa , que deseja consultar com elle as suas duvidas , que se não aconselhe com elle ; porque he terrivel nos conselhos. E isto , porque ha pessoas , que vão consultar suas difficuldades , tão pouco indifferentes , que parece buscão mais a condescendencia dos Confessores , do que para seu remedio a mesma verdade. Diz-lhe , que nas suas Confissões , aindaque mortifique o brio , que se declare desorte , que fique sem escrupulo : isto he , de cousas , que não são necessarias áquelle acto , mais que para a perfeição. Porque o espirito he como os olhos , que se não podem applicar ao objecto , se não estão limpos do menor argueiro.

---

## CARTA III.

*O Amor de Deos more em a Alma de V. M.*



Arce que não he Deos servido que escreva largo a ninguem : porquanto havendo tomado este dia para desaffogar-me de Cartas , desde a madrugada , excepto hum breve espaço , me não deixáraõ até agora. E em nenhuma parte acho socoço , nem retiro , nem recolhimento , mais que só em Deos , e entre as çarças , e as espinhas. Agora me furto de noite , porque de dia não he possivel , e começo com V. M. quando para bem havia de acabar a tarefa , que ha de ir á manhã no

Esta-



Estafeta : que apenas chega , quando parte. Ora tenha V. M. muito boas Festas , e melhores Annos que os passados , para que indo de bem em melhor , e de virtude em virtude , chegue ao summo bem , que lhe desejo. Aqui me vejo com muitas Cartas de V. M. humas muito antigas , outras mais modernas : áquellas não respondo , porque já respondeo o successo ; a estas direi o que posso , agradecendo a V. M. , como sempre , o cuidado que tem dos meus acertos : que a este , e ás suas orações de V. M. attribuo , depois de Deos , muita parte dos bens , que tenho. Muito agradeço a noticia daquella pessoa , que se peiorou no bom tempo , eu , com o geito que posso , faço a possivel diligencia , porque os males se examinem , e conhecidos se temedem. Dê Nosso Senhor a sua luz , que sem ella vivemos ás escuras ; e a maior sombra , que nos tira a vista , he o proprio Entendimento. Da outra , que V. M. sabe ha muitos tempos que choro os achaques , já me parece que lhe dei os avisos. Ponha-lhe Deos os remedios. Não ha maior erro , que querer governar o Mundo , quem não sabe governar-se a si. Os fundos , que isto tem , e as raizes , dõnde nasce , grande misericordia de Deos he conhecê-las. Não ha felicidade , como ter huma pessoa para si , que não ha outra cousa nesta vida , mais que Deos , e a sua Alma. Mas a esta felicidade poucos chegam ! Tudo o que se disse de mim , teve tua graça. E para nada me prestára , quem de mim sentira bem , ou o dissesse. Quantos tem a sua meditação nos meus preteritos , e futuros , me fazem algum proveito com ella. Porque me ensinaõ muitas cousas , que eu não soubera , se esta memoria , que tem de mim , faltára. Creio que o amor , que todos me tem , os faz desejar que eu seja muito perfeito ; mas como sempre fui mentiroso , he muito pouco o fructo , que de tudo tiro. Ainda assim dou muitas graças a Deos , por haver disposto as cousas de modo , que eu não fosse ja hoje tronco , ou tição do fogo eterno. As quedas de V. M. sinto muito ; porque quizera que cahira em tudo , como entendida , mas não como precipitada. Bem pudemos fazer agora algum juizo sobre cahirem as Estrellas. Mas como V. M. a teve tão boa , que não houve lesão na cabeça , não ha para que fazer reparo nestes



nestes pronosticos ; e menos nos do Inferno , a quem está na casa de Deos. Não faça V. M. mais diligencia pelas cozinhas , basta que nellas não falte , quando simplesmente o ordenar a Obediencia. No formar figuras não use V.M. violencias : quando possa , e ache devoção , o faça. Quando se lhe perca o affecto, e gaste o tempo nessas sombras sem muito fructo : vá-se á luz , quanto Deos lhe dér. Porque na tempestade ninguem navega como quer , senão como póde. Mas sempre que possa , entre por essa porta : que o mais , he ser ladtao. E no Ceo , não se entra , senão por caminho direito. E ou por este camiinho , que he Christo , ou por esta porta em verdade crida , ou em figura formada , só se entra. Não estou bem com humas vidas de espirito , que sem terem vencido as Nações , que impedem a entrada da Terra de Promissão , ( que he meyo necessario ) não só de salto , mas de voo querem chegar ao fim , e ao termo , onde Sua Divina Magestade nos leva depois de muitas batalhas , conflictos , e trabalhos. Medite V. M. nas Festas , e na variedade dos tempos , accomodando-se aos Mysterios , que nelles se solemnizaõ , como o fim seja achar a Deos , e desejar puramente contentá-lo em tudo. E serem estes , ou aquelles os meynos , não he de essencia ; como não sejaõ meynos desportacionados ao fim , que se procura. Muito encomendo a V. M. que duas vezes no dia com brevidade , no principio da Oraçãõ , ou quando puder , examine os fundos da Alma , com tede de aproveitamento : ou assentada , ou como puder , se tome esta residencia , summamente necessaria para a perfeição. A Missa do Anjo , e as mais que V. M. quizer , direi sem falta , dando-me Deos vida , em quanto andar neste emprego , sobre que tenho muito que dizer a V. M. E entendo na verdade , que Nosso Senhor o quer , vendo como se me facilitaõ cousas , que me não passavaõ ha pouco tempo pela imaginação. E entendo , que se Deos me dér vida , teremos cedo bons Missionarios. O Padre Gêral me fez. notavel favor. Eu lhe fico summamente obrigado. Até agora não sei quem he nosso Provincial. Espero á manhã pelo Correyo , e nelle a certeza , para que a qualquer que for o ame , e obedeça no que não for contra Deos.



Muitas outras cousas pudéra escrever a V. M., que passei com o Padre Geral ; mas deixo para mais perto isso. Eu lhe não fallei na Provincia em outra cousa mais, que no sentimento, que tinha de vêr na minha Provincia este desconcerto : e que pedia muito a sua Reverendissima obrasse nella o que fosse mais gloria, e honra de Deos, e bem da Religião. Não me peza de o haver feito assim com estas palavras. Pareça bem, ou pareça mal, não he este o meu fim ultimo. Tambem folgo muito nisto de haver-me conformado com V. M. Se Sua Divina Magestade for servido, brevemente irei á Córte, e estimarei ter occasião do allivio, e consolação de V. M., que será minha tambem. Entretanto encomendo-lhe muito huma grande circumspecção, e cautela, sem dizer mal, nem bem de quaesquer, que sahirem Prelados, e das mais cousas dos seculos, e governos : amor de Deos, mortificação espirital, espancar quanto vier á memoria, que não seja Deos, ou cousa, que leve a Deos : commendar-me muito a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Avís, vespera de Reis de 1679.

De V. M. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**C**omeça esta Carta o Veneravel Padre, como queixando-se da grande occupação, e trabalho, que tem com os negocios. E he de advertir para os que tem tantas difficuldades da vida espirital, que prosegue logo, que em nenhuma parte acha socoço mais, que em Deos entre as carças, e as espinhas. Porque entendamos, que se buscarmos a Deos entre os espinhas, acharemos entre os espinhas os regalos, e as consolações. Diz mais adiante, que estima a noticia de certa pessoa, que, segundo se collige, havia de antes recuado algum pouco dos santos exercicios. E diz que faz o possível, porque os males se examinem, e conhecidos se remedeem, e que dêsse Nosso Senhor a luz, que sem ella tudo resultaria em escuridade, e cegueira. Porque não usar das meyoas naturaes da razão, e juizo, fora tanto a Deos com ignorancia; e não recorrer logo aos auxilios,

seria



seria offende-lo com a soberba. E assim prosegue com a mesma doutrina, fallando de outra pessoa: ja me parece que lhe dei os avisos, de-lhe Deos os remedios. Diz logo, que não ha felicidade, como ter huma pessoa para si, que nesta vida não ha outra cousa mais, que Deos, e a sua Alma. Que grande doutrina he esta para aquelles, que com enganosos pretextos de charidade se derramão desforça nas cousas exteriores, que entretendo so a natureza, o menos do que tratao, he a verdadeira vocação de sua Alma. Porque supposto que a muitos chama Deos por diferentes caminhos, ha de ser sempre dentro destes dois pontos, e limites, que diz o Veneravel Padre. Diz logo, que para nada lhe prestara, que delle se sentira bem: ou o disse, para que entendamos pelo contrario, que nenhuma cousa tanto nos ensina, como aquelle mesmo que de nós murmura. E assim diz, que a meditação, que se tem de seus preteritos, e futuros, isto he, de certos juizos, que se fariao de seus successos, lhe ensinava cousas, que elle não soubera, se este despertador lhe faltara. Havia esta Religiosa, a quem escreve, dado huma queda, em que pudera ter grande perigo; sendo naquella occasião Cozinhaeira; porque era em Convento, onde a ambição do mais alto sangue he o mais baixo emprego destes exercicios: e por isso lhe diz, que quizera que cabisse em tudo, como entendida. Póde ser, porque o fervor espirital algumas vezes, se não he bem digerido, passa facilmente a precipitado. E logo diz, que bem se pudera fazer algum juizo sobre cubirem as Estrellas. Porque como esta Religiosa era pessoa de muita qualidade, e elle procurava sempre como rayo abater os vapores, que exhala a carne, e o sangue, por este modo lhe fazia esta advertencia: que para quem era tao espirital, e entendida, bastava. Continua dizendo-lhe, como se ha de haver com os exercicios. Porque parece sentia naquelle tempo alguma de signaldade de espirito. E por esta razão lhe aconselha a luz clara, e o caminho seguro, que he Christo Senhor Nosso. E diz, que não trabalhe por formar figuras, e que não está bem com certas vidas de espirito, que sem terem vencido as Nações, querem entrar á Terra da Promissão: isto he, que sem ter mortificado as paixões, os appetites, e rumiando muitas vezes os Mysterios, e Paixão de Christo Senhor nosso, não he conveniente querer de salto passar a  
huma



hum a Oração puramente de espirito, sem usar destes meyoys. Porque não he seguro o Edificio, que se não trabalha com bons materiaes desde os fundamentos. E diz, que se não cance muito em formar figuras. Porque aindaque a meditação seja destes Mysterios, sem a imaginação o póde fazer exactamente o curso.

## CARTA IV.

A hum a de suas Irmaãs, antes de ser Freira.

*O Amor de Deos more, e arda em vosso coração.*



Inha Irmaã, e Senhora. Vós sois hum pouco de pó, e cinza, hum pouca de terra esteril, e cheia de espinhos, e hum sacco de podridão, hoje que pareceis melhor. E daqui a pouco, esterco, e mantimento de bichos. E nada tendes de vosso, mais que pecar, e não saber agradecer a Deos os favores, que vos faz. Tudo que em vós sentís do amor de Deos, são obras de seu amor. E Deos o que está fazendo em vós, póde fazer em qualquer creatura, que melhor lho agradecerá. Por seus altissimos juizos mostra que vos quer bem, e que vos ama a vós, ao mesmo tempo que na redondeza do Mundo deixou outros muito melhores que vós, e de melhores inclinações. E neste conhecimento haveis de ir sempre, para que não percaís a Humildade, que he o alicerse de todas as virtudes. E quanto mais esta se mette por baixo da terra, conhecendo a sua vileza, e a sua ingratitude, tanto mais sabe crescer, e entra pelo Ceo o amor de Deos, que mora nos humildes de coração, mais que em todos. E para saber isto como he, tende sentido bem no que vos digo.

A Graça de Deos, e o Amor de Deos, he a natureza, e o ser de Deos, que todo he Amor, assim como nós fomos Corpo, e Alma. E daqui vem, que quem vive em graça,



e em amor , vive em Deos , e Deos vive nelle , e Deos he o que obra nelle. E porque como entaõ a creatura participa da Divina Natureza , assim como a vide , que vive unida á cepa , della recebe o succo , e o humor , de que vive , e de que dá fructo : assim a creatura unida com seu Creador , vive , e respira os alentos da Graça Divina , que com ella cresce cada vez mais , e dá fructo de boas obras. E como a Graça , e Amor de Deos , he infinito ; logo que a creatura tem alguma cousa della , ferve , e deseja ardentemente sahir de si toda , e chegar-se áquelle infinito Senhor , como a panella , que tem grande fogo , este sôbe em cachões fóra da panella , e se deseja ir , e sahe. Porque aquelle calor de fogo , que entrou na agoa , deseja unir-se com o fogo , que está fóra , que he o seu centro ; e deseja tambem deitar fóra toda a agoa , que lho impede: que isto he a nossa vida , e a panella nosso corpo , e a quentura o Amor de Deos , de que as fervuras nascem. He necessario saber isto , para que quando huma Alma se sente cheya de amor , que he o melhor que póde ter neste mundo , saiba que aquelle amor , ou aquella fervura , naõ nasceo da agoa , que bem fria he por natureza , nem do barro do nosso corpo , que bem grosseiro he tambem ; mas que só nasceo do amor de Deos , que em nós se serve de fazer maravilhas para sua gloria ; e para que nos favores espirituaes perca esta carne mortal as suas friezas , e se purgue das immundicias , que tem antes de cozer-se , e depois se tempere com as virtudes. E ultimamente quando parece que arrefece , se componha com a vontade de Deos , que ja quer gostar della. Desorte , que o nosso ponto até aqui naõ he mais que conhecermos bem , e verdadeiramente que Deos he o que obra , quando obramos bem , e naõ nós : e que naõ cuidemos que he humildade dizer , que Deos obra em nós , senaõ conhecimento certo , que entaõ he só certo , quando nos conhecemos. E conhecer isto , naõ he humildade , senaõ verdade certa , e conhecimento verdadeiro de nossa vileza.

Segue-se agora tratarmos de como huma pessoa , que pela Graça de Deos se sente já fóra do Mundo , sentindo-se sem outros desejos que os desejos do Amor de Deos , como



mo se alongará mais do Mundo. Porque muitos deixão o Mundo. E para isto, basta fugir de suas vaidades. Mas não se alongão muito, porque não chegão á solidaõ: isto he, solidaõ de espirito. E solidaõ de espirito nenhuma outra cousa he mais, que viver só com Deos. Porque assim como a solidaõ he huma cousa taõ só, que nella não vive ninguem: assim a solidaõ do espirito he taõ solitaria, e só, que não acha nella mais que Deos, e fica a Alma feita hum deserto, os sentidos hum ermo, onde Deos, como acha sózinha a sua creatura, vem logo fallar-lhe ao coração, e em ardentes suspiros, e abrafados desejos de se unir com Deos, que he o seu principio, donde sahio, a fonte donde nasceo, a origem donde manou, e o centro, onde finalmente aquietta, quando nelle se recolhe, e se mette, e se entra de todo, para, depois de estar mettida nelle, se estender pela immensidade daquelle ser infinito, para se alargar naquelle pégo de amor, para arder naquelle mar de luz, para se derramar, e transformar de todo naquelle summo bem, sobre infinito, sobre admiravel, e sobre eterno. Para isto he necessario que vivamos sem creaturas na Memoria, sem discursos no Entendimento, sem outro amor na Vontade, mais que o Amor de Deos: e que juntamente andem sempre os sentidos como palmados nas maravilhas de Deos, em tudo o que se puzer diante do sentido em oraçaõ continua. Na oraçaõ particular he necessario que agora entremos.

De dous modos vemos a Deos, e de dous modos he a visãõ de Deos: huma he visãõ clara, e esta só a tem os Bem-aventurados no Ceo: outra se chama visãõ obscura, e esta a tem os que no Mundo chegão a fazer actos de Fé. Este acto de Fé não he mais que dizer huma creatura com todo seu coração: Meu Deos, eu creyo de todo meu coração, que vós estais aqui dentro de mim, fóra de mim, sobre mim, e ao redor de mim. E logo crer isto sem dâvida nenhuma, e não pôr a cuidar como elle alli está: que isto entãõ he meditaçaõ, senão crer, e erer, que quanto menos isto se cuida, e menos se considera, entãõ se erê melhor. Porque em vós crendo que Deos está em vós, e convosco, sem saber como, e que vós está como espreitando, logo vós accendeis



em amor, que he o maior bem de todos, melhor que ter visões, e extasis, e revelações: que isto tudo se póde ter em peccado mortal. Só o amor de Deos se não póde ter, senão em Graça. Antes importa muito ás pessoas espirituaes, que totalmente tirem de si o desejo de visões, e consolações. Porque he goloзина espiritual. E em quanto a creatura não chega á uniaõ de Deos, aindaque se dêra caso, que vos apparecêra hum Christo crucificado, tinheis obrigação de duvidar se o era, e de lhe dizer: Senhor, não he isto o que eu quero, nem desejo: O que quero he, que se faça em mim a vossa vontade: e tratar de vos pôr na solidão; isto he, dizendo: Deos na minha Memória, Deos na minha Vontade, Deos no meu Entendimento; e nada mais. E como a solidão do espirito he nada, he necessario pôr-vos nesse nada deste modo: Nada quero, nada desejo, nada tenho, nada mereço, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo. E isto vos encommendo muito. Porque neste nada, e na solidão, com que se diz: Deos na minha vontade, e nada mais, &c. está quasi toda a chave do jogo. E a razão he: porque Christo não está sempre convosco, quanto á Humanidade, e por isto se vai: está sempre quanto á Divindade. E quanto esta he melhor que a Humanidade, tanto a deveis querer mais. Porém sempre convém que comeceis pela vida de Christo. E sabeis, que agora estais no Cabo da Boa Esperança: que isto são as sequidões, froxidões, e mais impedimentos do espirito. Se passares adiante, vivereis em altissimos favores de Deos, e vivereis nelle, e andareis por cima dos Ceos. Se vos deixares vencer das froxidões, desgostando, e apartando-vos da Oração, perdereis a Deos, e perdereis tudo. Por isso, aindaque não seja mais que offerecer a Deos o tempo, convém que lhe offereçais sempre as horas, que costumais ter de Oração. Sobre aquillo do Convento, cedo nos veremos, e então fallaremos. Bem me parece isto. Porque he final de Matrimonio espiritual, que he o mais alto estado, a que se chega no Mundo. He final; porque assim como huma pessoa, que se casa, deixa pay, e mãy, como dizia Christo, pelo seu Esposo: assim quem casa com Deos, que deixa por elle



elle tudo, dá mostras de que Deos a quer furtar, e cazar-se com ella. Mas sobre isto fallaremos. E o que importa, he fazer agora esses exercicios todos os dias, começando sempre por Christo, até que nos vejamos. Sobre a resa, me parece bem que rezeis as vossas obrigações, e que vos não canceis em ter o sentido na resa, senão em Deos. E melhor resareis assim, e não vos fará nenhum impedimento deste modo. Por isso refai em todo o caso, cuidando só em Deos, e passando-o pela resa. Antes que entreis na Oração, fazei muito por dizer estas palavras com devoção: Meu Deos, e meu Senhor, se pudéra vir aqui com a pureza da Virgem Santissima, Senhora Nossa, essa fora a minha alegria. Se pudéra vir com o amor de todos os Serafins, e com a reverencia, e louvor de todos os Anjos do Ceo, essa fora a minha Bemaventurança. Se aqui trouxera o mesmo amor, com que vós vos amais, essa fora a minha gloria. Se de todos os corações do mundo pudéra fazer hum só coração, eu vo-lo dera, meu Deos, e só para vós o quizera. Se de cada areya do mar, de cada Estrella do Ceo, de cada argueiro da terra, de cada hervinha do campo, de cada folha das arvores, de cada letra dos livros pudéra fazer mil Mundos de Almas, mil Reynos de vidas, mil mares de corações, mil Ceos de espiritos, todos, meu Deos, e meu Amor, foraõ poucos, e me parecêraõ limitados para entregar-vos, e render-vos. Se fora Deos, como vós sois, vos adorára por meu Deos, e andára fazendo sempre creaturas, que vos adoráraõ, Córõs de Anjos, que vos louváraõ, Templos, em que vos serviraõ, e Almas, que vos amáraõ. Se fora o mesmo, que vós sois, deixára de ser Deos, porque vós o fosseis, e me contentára, pondo-me aos vossos pés, com que huma vez amorosamente puzesseis em mim os vossos olhos, e me não quizeis mal. Meu Deos, e meu Senhor, se me derais licença que nesse Ceo furtasse alguma cousa, nem a Gloria furtaria, nem a Bemaventurança: só huma cousa furtára, e esta he o vosso Amor, a todos os Anjos, e Serafins, a todos esses Espiritos Bemaventurados deixaria eu Bemaventurados; mas o amor, que vos tem, havia de furtar-lhõ. Nem a Virgem vossa Mãe escaparia, de que eu para vos amar ardentissimamente lhe



em amor, que he o maior bem de todos, melhor que ter visões, e extasis, e revelações: que isto tudo se póde ter em peccado mortal. Só o amor de Deos se não póde ter, senão em Graça. Antes importa muito ás pessoas espirituaes, que totalmente tirem de si o desejo de visões, e consolações. Porque he goloзина espiritual. E em quanto a creatura não chega á união de Deos, aindaque se dêra caso, que vos appareçêra hum Christo crucificado, tinheis obrigação de duvidar se o era, e de lhe dizer: Senhor, não he isto o que eu quero, nem desejo: O que quero he, que se faça em mim a vossa vontade: e tratar de vos pôr na solidão; isto he, dizendo: Deos na minha Memoria, Deos na minha Vontade, Deos no meu Entendimento; e nada mais. E como a solidão do espirito he nada, he necessario pôr-vos nesse nada deste modo: Nada quero, nada desejo, nada tenho, nada mereço, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo. E isto vos encommendo muito. Porque neste nada, e na solidão, com que se diz: Deos na minha vontade, e nada mais, &c. está quasi toda a chave do jogo. E a razão he: porque Christo não está sempre convosco, quanto á Humanidade, e por isto se vai: está sempre quanto á Divindade. E quanto esta he melhor que a Humanidade, tanto a deveis querer mais. Porém sempre convêm que comeceis pela vida de Christo. E sabeí, que agora estais no Cabo da Boa Esperança: que isto são as sequidões, froxidões, e mais impedimentos do espirito. Se passares adiante, vivereis em altissimos favores de Deos, e vivereis nelle, e andareis por cima dos Ceos. Se vos deixares vencer das froxidões, desgostando, e apartando-vos da Oração, perdereis a Deos, e perdereis tudo. Por isso, aindaque não seja mais que offerecer a Deos o tempo, convêm que lhe offereçais sempre as horas, que costumais ter de Oração. Sobre aquillo do Convento, cedo nos veremos, e então fallaremos. Bem me parece isto. Porque he final de Matrimonio espiritual, que he o mais alto estado, a que se chega no Mundo. He final; porque assim como huma pessoa, que se casa, deixa pay, e mãy, como dizia Christo, pelo seu Esposo: assim quem casa com Deos, que deixa por elle



elle tudo , dá mostras de que Deos a quer furtar , e cazar-se com ella. Mas sobre isto fallaremos. E o que importa , he fazer agora effes exercicios todos os dias , começando sempre por Christo , até que nos vejamos. Sobre a resa , me parece bem que rezeis as vossas obrigações , e que vos não canceis em ter o sentido na resa , senão em Deos. E melhor resareis assim , e não vos fará nenhum impedimento deste modo. Por isso resai em todo o caso , cuidando só em Deos , e passando-o pela resa. Antes que entreis na Oração , fazei muito por dizer estas palavras com devoção : Meu Deos , e meu Senhor , se pudéra vir aqui com a pureza da Virgem Santissima , Senhora Nossa , essa fora a minha alegria. Se pudéra vir com o amor de todos os Serafins , e com a reverencia , e louvor de todos os Anjos do Ceo , essa fora a minha Bemaventurança. Se aqui trouxera o mesmo amor , com que vós vos amais , essa fora a minha gloria. Se de todos os corações do mundo pudéra fazer hum só coração , eu vo-lo dera , meu Deos , e só para vós o quizera. Se de cada areya do mar , de cada Estrella do Ceo , de cada argueiro da terra , de cada hervinha do campo , de cada folha das arvores , de cada letra dos livros pudéra fazer mil Mundos de Almas , mil Reynos de vidas , mil mares de corações , mil Ceos de espiritos , todos , meu Deos , e meu Amor , foraõ poucos , e me parecêrão limitados para entregar-vos , e render-vos. Se fora Deos , como vós sois , vos adorára por meu Deos , e andára fazendo sempre creaturas , que vos adoráraõ , Córõs de Anjos , que vos louváraõ , Templos , em que vos serviraõ , e Almas , que vos amáraõ. Se fora o mesmo , que vós sois , deixára de ser Deos , porque vós o fosseis , e me contentára , pondo-me aos vossos pés , com que huma vez amorosamente puzesseis em mim os vossos olhos , e me não quizesseis mal. Meu Deos , e meu Senhor , se me derais licença que nesse Ceo furtasse alguma cousa , nem a Gloria furtaria , nem a Bemaventurança : só huma cousa furtára , e esta he o vosso Amor , a todos os Anjos , e Serafins , a todos esses Espiritos Bemaventurados deixaria eu Bemaventurados , mas o amor , que vos tem , havia de furtar-lho. Nem a Virgem vossa Mãe escaparia , de que eu para vos amar ardentissimamente lhe



furtasse tambem o amor. Dai-me vosso amor, meu Deos Pay, dai-me huma migalha de amor a esta pobrezinha, que voolo pede de esmola por amor de meu Senhor Jesu Christo. Dai-me vosso amor, meu Deos Filho. Dai-me vosso amor, meu Deos Espirito Santo. Amen. Deos vos guarde. Coimbra, 2 de Janeiro de 1664. Irmao, e Amigo d'Alma.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**Sta Carta, que o Veneravel Padre escreveu a huma Irmao sua, he cheia de huma alta, e solida doutrina. Começa pela Humildade, por onde devemos começar todos nossos affectos, para serem seguros. Continúa, mostrando como as nossas meliores obras, e mais fervorosos actos, tudo são beneficios Divinos, com que ficamos cada vez mais obrigados a procurar ser perfectos. Acaba mostrando como havemos de corresponder com agradecimento por exercicios, ensinando os mais seguros, e verdadeiros.

Diz pelo exemplo da panella, que ferve, que o final da Graça he o desejo, que tem huma Alma de servir a seu Creator: mas como este desejo tambem pode ser natural, porque tudo o creado tira a seu centro, por isso diz o Veneravel Padre, como a panella, que ferve, e sabe para fóra. Como se differa, que não basta hum desejo esteril, e infructifero, senão operante, e officioso; pois a Graça em si está como o fogo do Elemento. Porque em Deos não pode crescer, nem diminuir, mas em nossas Almas he como a materia, ou ha de arder, ou se ha de apagar. E daqui se segue tornar atrás nas cousas de espirito, quem não vai a diante.

Segue a mesma metáfora da panella no cozer, temperar, e compôr, como ensinando os tres estados da vida espiritual: o primeiro da Purgativa pelo cozer: o segundo da Illuminativa pelo temperar: o terceiro da Unitiva pelo compôr. Porque assim como no principio se começa a cozer a panella com a violencia do fogo, assim com o forte calor da penitencia se purga nos primeiros fervores nossa Alma. E como no meyo do cozimento se tempera,



pêra, e aduba; assim tambem nossa Alma purgada pela luz Divina, se regula, e reforma. E como no fim se compõem depois de cozida, nosso espirito brando regulado, e composto se une ao Agente Divino: que isto chama o Veneravel Padre, fallando da Alma, que neste estado começa Deos a gostar della.

Diz logo, que não basta deixar o Mundo, mas que he necessario alongar-se delle, para sentir hum Alma em si a Deos. E não falla aqui o Veneravel Padre sobrenatural, senão naturalmente, até onde pudesse chegar a nossa diligencia com a Divina Graça. E este fallar-lhe ao coração Deos, que he por santas inspirações, e ardentes affectos, e efficazes auxilios, só o entende, e sente, quem se alonga do Mundo, e quem tráz limpa a consciencia, e os sentidos do pegamento das Creaturas. A razão he: porque estas palavras de Deos são chammas suaves, que se introduzem sem fazer estrondo, e as vozes das Creaturas he ajuntamento de agoas de tumulto, e ruido; que, quando muito, dizem louvores, mas não communicão segredos. Que isto o faz só Deos aos seus nimosos, que escutaõ sua voz em silencio.

Diz mais abaixo, que se dêra caso, que lhe appareçêra hum Christo crucificado, tinha razão de duvidar. Esta doutrina he muito importante, por tres razões. A primeira pela segurança: porque o Demonio se transforma, permitindo-lho Deos, em Anjo de luz, e engana, e tem feito grandes males a muitas Almas golosas destes mysterios occultos. A segunda, pela santa Humildade; porque não he justo que hum peccador presuma que merece similhantes favores. A terceira, pelo merecimento, que consegue quem serve, e trabalha constantemente, sem mais animo, que a Fé forte, e perseverante.

Diz-lhe que escuse de pôr particularmente o sentido na Reza, senão em Deos. Isto he, que aquella attenção particular a cada palavra não he possivel na reza vocal, não sendo menos meritoria, tendo-a em Deos com o affecto, e reverencia. Porque esta applicação amorosa unida, faz que se derrame menos o pensamento, do que se estivesse variando os sentidos, aindaque sejam pelos mesmos Mysterios.



## CARTA V.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. Todas as de V. Reverencia me tem chegado, e todas me parece que tenho lido, e até hoje lí huma, que me escreveo ha hum anno, em que me fallava em N., a quem todos devemos muito encommendar a Deos, para que das presentes quedas não páre em maiores ruinas. E livre-nos Deos das mesmas, que nos mesmos males podemos cahir, se Deos nos desamparar. Não he possível responder a tudo pelo miudo, nem ainda pelo grosso; faremos o que pudermos.

Primeiro que tudo: até agora mortifiquei a V. M., em quanto não fizesse o que me dizia; pois sendo isto nada, a vi tão pegada a esta ninheria, que era necessario tirar-lha: agora vejo que V. M. não tem nenhum desapego, nem resignação; pois por lhe dizerem que eu estava enfermo, chorou. Que sentimentos são estes? Quem serve a Deos, não sente nada, louva a Deos em tudo, e por tudo lhe dá graças. Cuidava eu que tinha feito em V. M. alguma cousa. Cuidava que se lhe chegassem novas que eu era morto, se alegrasse muito em Deos, e dissesse: Ou este Frade era bom, ou máo, ou foi ao Inferno, ou ao Ceo. Se ao Ceo, não ha que sentir; se ao Inferno, convém conformar com Deos, e louvá-lo. Porque, levando-o tão cedo, lhe escusou o commetter mais peccados, a que se seguem maiores tormentos. Santa Maria Ogniaca, apparecendo-lhe sua máy depois da morte, e dizendo-lhe que estava condenada, louvou a Nosso Senhor, e alegrou-se na justiça de Deos, aborrecendo aquella, a quem Deos aborrecia. He possível que se põem V. M. a chorar por Fr. Antonio! Estive arriscado a não lhe escrever mais. Apосто eu que não chora V. M. tanto  
por



por seus peccados. Miseravel de mim, que sou peyor, pois lhe custo maior sentimento. Depois de me passar a paixão, estive para lhe mandar por obediencia, que me considerasse morto, e até não folgar muito com isto, não me escrevesse; mas compadeço-me do miseravel espirito de V. M. cheyo dessas sensibilidades. Que ha de dizer quem isso vir? Oh Padre, Christo chorou na morte de Lazaro, e Santo Agostinho, e S. Bernardo na morte de sua mãy, e seu irmao. Oh como sabemos canonizar os delictos, fazendo das culpas merecimento, e vestindo o erro de desculpas. Faça-se V. M. de marmore, que até não perder o sentimento de tudo, não farei grande caso do seu espirito. Não me dirá, que he o que tem aproveitado em tantos annos? Ainda está por saber este A B C do Amor de Deos, quem nos ensina como Doutora as regras do espirito? Considere-se, abata-se, humilhe-se, e já que lhe parece que chegou a indifferença; veja se se alegra com isto, se dá graças a Deos de descobrir esta mina de sua fraqueza, engano, e vaidade.

Ora já lá vai a trovada. Necessario he que a luz appareça, e que tenha algum allivio, quem soffreo a minha pena. Até que eu ordene outra cousa, em quanto V. M. tiver saude, tomará cada semana tres diciplinas, que entrarão em numero com as da Comunidade, se nesse tempo as houver. Jejuará cada semana, tendo perfeita saude, os Sabbados, ou Sextas feiras a pão, e agoa diante da Comunidade. O jejum se entende a semana, que não for Cozinha, ou tiver grande trabalho. E trará por exercicio o mais do tempo, além da santa Oração, as palayras, que disse Nosso Senhor a Santa Catharina de Sena, huma semana: *Eu sou o que sou; tu es a que não es.* E faça por remôê-las bem, como agora; *Eu sou o que sou santo. Eu sou o que sou puro. Tu es a que não es, nem pura, nem santa, &c.* Outra semana terá por exercicio o mais do tempo: *Tem tu cuidado de mim, que eu terei cuidado de ti.* E cuidando em Deos, faça por se descuidar de si. Outra semana aquellas palayras, que lhe disse: Escolhe as couças amargosas por doces, e tem as doces por amargosas. Estima como refrigerio as Cruzes, que na verdade para a Alma são refrige-



rio. E não dirá V. M. que lhe não dou algum, pois lhe inclulco estes allivios.

Com a resolução de N. me alegrei. E não lhe está mal padecer para se aproveitar, que Deos cura humas feridas com outras. Alegro-me tambem, de que V. M. se houvesse com indiferença. E o que importa he, não espediçar isto com alguma palavra, ou sentimento voluntario: que os naturaes, aindaque mostraõ as paixões pouco mortificadas, são fructa da natureza. Ame V. M. quem mais lhe dêr que merecer, que essas são as verdadeiras amigas no mundo: que os que nos gabaõ, e adullaõ, inimigos são. A lanceta, que nos tira o sangue, mais amiga he nossa que o comer gostoso, com que adocemos. A Christo tentou o Demonio. Todo o que não he tentado, tenho quasi por vencido. Porque ninguem põem demanda á sua fazenda: e assim nem o Demonio. O que importa he, em elles vindo, dar graças a Deos, sem fazer grandes aballos pela resistencia: que a maior consiste em pôr em Deos a memoria, e a vontade. Estimei muito que o Padre N. assistisse a N., porque poderá ser que importasse não menos que a sua salvação esta assistencia. Tenha Deos misericordia de todos, e conserve a muitos servos seus para salvação das Almas.

Eu me levo muito boa vida, e me acho muito bem disposto. Tudo isto se pôde acabar em huma hora. E cumprio-se a profecia de Viseu. Mas pelo que vou vendo de presente, até para a saúde foi boa esta vinda; para o espirito no recolhimento; para a saúde nas medicinas, onde temos confiança. Seja Deos bendito! não era necessario, que houvesse lá petições ao Padre Provincial, para não haver penitencias, que aqui não temos outra, que diciplina todos os dias; o comer ordinario, como nas outras partes, sem jejum de pão, e agoa. Cadêas já não as trago. Todos me mandaõ comer, e nenhum jejuar, nem affligir. Faça-se a vontade de Deos, que com isto folgo muito. Assim folgue eu no que for próva, e tormento. Os quarenta dias, que tinha determinado, por causas efficazes, que o haõ impedido, se convertêraõ nos nove, que V. M. me diz. E darei conta, não dos resplandores, que trago do monte, senão das sombras, que



que descobri neste valle. Queira Deos que seja de lagrimas, para que, sendo diluvio, se affoguem culpas, e se desaffogue a consciencia. Estimo muito a medida, e querera Nosso Senhor que com ella, onde a puz, se melhora tao má cabeça, que já para o corpo fica boa. Ao Padre Fr. N. consulte V. M. em tudo o que for necessario, como a mim mesmo. E faça mais caso do seu parecer, que do meu: e assim lho mando, até que depois do Capitulo vá assistir a V. M. de mais perto, se cá vier o Géral; que se não vier, fico-me por cá outro anno. Porque não fique sem Missão Trás os Montes. Aindaque já encomendei esta Provincia a Jeronymo Ribeiro, que andou pregando por aquellas partes, e fez nellas prácticas. Seja Deos bendito! As Cartas de Santa Theresa, com as Notas de Palafoz, tive depois de Frade. Não li muito dellas; porque sempre me falta tempo para mim. As memorias de meus annos agradeço a V. M. E bem haõ mister os meus esquecimentos as suas memorias. E querera Deos Nosso Senhor, que em a emenda de alguns dias, se repárem as ruinas de tantos annos, que só se contaõ para o pranto, não tendo que descontar para o merecimento. Não entendo bem esta pergunta de V. M. Declare-se V. M., ou faça tudo o que entender não he peccado, e pôde ser causa de impedi-lo sem damno nenhum. Já pôde V. M. chamar-se filha, e seja-o diante de Deos, para que por meyo de V. M. me perdoe Deos minhas culpas, e me conceda suas misericordias. Agora não posso mais, quando puder será melhor. Entretanto recomende-me ás amigas, e a todos peça roguem por mim a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo. Vi-feu, 16 de Julho de 1678. De V. M. servo muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA

**D**Epois que no primeiro paragrafo de sta Carta diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, que devem todos encomendar a Deos certa pessoa, que parece havia cabido em alguma grave



grave culpa, que a isso chama quáda, dando em razão, para que não páre em maiores. A razão he. Porque esta natureza tem os peccados, que hums são disposições para outros, e os grandes para os maiores. Logo lhe diz, que atégora a mortificára, em quanto não fizesse o que lhe dizia, que devia de ser algum exercicio, a que tinha inclinação. E como esta ainda nas cousas de virtude se deve de ter ordinariamente por suspeitosa, por isso diz o Veneravel Padre, que a vio tão pegada áquella inberia, que era necessario tirar-lha. E prosegue, que ainda assim vê, que não tem nenhum desapego, nem resignação. Porque parece que lhe escreveo, que dizendo-se-lhe que elle era morto, lhe custára muito sentimento. E logo discorre com excellentes doutrinas de resignação, e conformidade, com muitos santos exemplos, ponderando de si mesmo, que deve ser peyor que os mesmos peccados, pois ella chora por elle, o que podia ser não fizesse tão facilmente por seus mesmos erros. Toda esta materia he digna de grande ponderação, e que muitas Almas, ou por pouco mortificadas, ou menos attentas, deixão passar, cabindo em grandes defeitos, sem os sentir, ou conhecer. E para melhor intelligencia he necessario saber, que entre o mortificar o entendimento (o que não he fácil) e mortificar a vontade, que he menos difficil, ha mortificar a razão, ou hum affecto nascido destas duas potencias; e por esta causa menos conhecido, e mais difficultoso. E neste mesmo caso, que razão pôde haver para o Entendimento mais justificada, nem para a vontade menos suspeitosa, que o sentimento da morte de hum Varão santo? Mas dessa mesma justificação nasce dilatar-se sem medida o affecto. O que não pôde ser justo, mais que no Amor Divino. Porque ainda a dôr do peccado deve de ser com tanta cautella, que se não perturbe a tranquillidade d'Alma. Não se diz, que se pôde nesta vida cerrar totalmente as portas á natureza; mas he necessario que assim como ella tem primeiros movimentos, sejam oppostos tambem os do espirito, para que com o bom pretexto se não faça hum habito defeituoso contra a pureza santa, que deve haver na resignação verdadeira. Logo lhe assigna algumas penitencias, de que devia usar. E supposto que estes exercicios são ordinarios naquella Convento, vinhaõ neste lugar a proposito, Para ensinar que não havia de haver defeito, por pequeno



queno que seja , a que se não siga algum castigo. Porque desta exacção nascem effeitos maravilhosos. Diz mais , que se alegra de que se houvesse em certa difficuldade com indifferença ; mas que importava não espedigar aquelle acto com alguma palavra, ou sentimento. Porque muitas vezes , como os que jejuão todo o dia , e á noite quebraõ o jejum por buma pouca de gozozina : assim soffrendo algumas cousas com paciencia , deixamos escapar alguma palavra , ou acção de escandalo , que nos faz perder o merecimento maior que adquiriríamos perseverando.

Diz o Veneravel Padre , que a todo aquelle , que não tenta o demonio , tem por meyo vencido. Porque ninguém põem em demanda sua mesma fazenda. E daqui nasce , que muitas pessoas vivem com grande risco de sua salvação , por crerem certa paz falsa , que não foi adquirida pela guerra , a qual o demonio lhes dissimula. Porque vendo as prizaõs miseraveis , não procuraõ romper as cadeas pela penitencia , e buscar o remedio em seu mesmo escrupulo. Diz , que em vindo a tentação , havemos de dar graças a Deos , sem fazer grandes aballos pela resistencia. E a razão he. Porque em fazer estes dous actos bem feitos consiste inteiramente este pnto. Muitas vezes sendo tentados , e recorrendo a Deos logo , ainda assim somos feridos ; mas he por nossa culpa. Porque como a tentação nos lisongea o appetite , aindaque recorremos a Deos , lá deixamos algum resquicio , por onde os olhos do Entendimento , como ás furtadas , fica lançando a vista áquelle mesmo objecto , que tirou o golpe ao cuidado. Tambem os grandes aballos , que fazemos pela resistencia , nascem de certa perturbação , que faz em nossa Alma o alvoroço da mesma concupiscencia. Porque se o coração esliviera forte , unido , e cerrado , não se sobresaltára de ver os inimigos de perto : e assim convém procurar a paz interior , e o socogo , para poder resistir ; isto he , levantar inteiramente o pensamento a Deos , e soffrer com quietação os assaltos : que desta sorte não permitirá o Senhor que sejamos vencidos.



## CARTA VI.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Este grilhaõ, que me deitáraõ meus males, ou meus bens, ha tanto tempo, tem sido a causa de eu não escrever a V. S. como desejava; mas se tenho para mim que morreo todo o desejo do espirito, que muito he que adoeceffe o primor. Dê-me V. S., se assim for servida, muito boas novas suas; porque de todas farei a devida estimação.

Eu fico melhorado, seja Deos bendito; mas com grande fraqueza: e esta me tem maõ, para que não esteja mais longe. Mas espero em Sua Divina Magestade, que algum dia possa de mais perto dizer a V. S. o que entendo no particular, em que V. S. me falla no seu ultimo papel. Senhora: as arvores podem estar cheyas de fructos, e juntamente estar verdes, e com alguma flor: nas do espirito requere-se, que se acabe a flor, e que se acabe a verdura, para chegar á transformaçãõ de Christo crucificado, que he o que eu prego, sem ser S. Paulo: e assim deve estar crucificado tudo na arvore da mortificaçãõ, que eu estimo mais que a Oraçãõ. Necessario he que se seque a flor da discriçãõ, e se seque a verdura de nossas paixões, e inclinações naturaes, e que se ponha todo o cuidado em sazonar os fructos das obras virtuofas, sem que concorra a arvore para a folha, e para a flor com a substancia, que tira aos fructos. V. S. tem hum juizo muito malfazejo para si, porque lhe sahe muitas vezes pela porta fóra. Necessario he fechar a porta, e fechar-se V. S. dentro de Christo, se trata de ser santa, e não dizer, nem fazer, nem cuidar o que não cuidára, fizera, ou dissera este Senhor. E com sua licença, e por sua gloria, e honra, fazer entãõ o que elle ao coração lhe fallar. Prouvera a Deos, que todas as Senhoras foraõ como V. S.

Naõ



Não tenha vaidade. Porque V. S. he huma creatura vil, e miseravel, como as outras. Mas eu não me contento, já que V. S. tomou esse caminho, senão com que emprenda as virtudes heroicas sem imperfeição, e saya dos desalentos de mulher para a grandeza de animo, com que deve ser senhora de suas paixões. V. S. ainda está cheia de vaidades, presumpção, cuidado do seculo, e satisfação com o mundo. Isto não ha de ser assim. Costumão dizer alguns: ou bem dentro, ou bem fóra. Senhora, bem fóra de tudo. Isto he o que eu aconselho. E não cuide V. S. que em ter grande paciencia no que lhe digo, tem grande merecimento. Não basta huma virtude, são necessarias todas. Não basta que V. S. dê tudo a Deos, senão que se dê a si despida até de si mesma: que isto he o que este Senhor quer de nós mais que tudo.

Ainda assim peço perdaõ a V. S. de quanto lhe tenho dito. Porque poderá ser que a curta vista de meu juizo se enganasse em tomar a altura ao espirito de V. S., como quem entende tão pouco de espiritos, como eu. Mas aproveite-se V. S. desta vibora, pois aindaque nella haja a maior peçonha, dizem os Naturaes, que tambem da sua cabeça se faz a melhor triaga. Seja Deos muito bendito! E em castigo desta minha ousadia, mande-me V. S. este Christo aqui a Monte-mór, para que elle me repreenda, posto em huma Cruz, e desta Cadeira me ensine, o que sem escrupulo de minha grande soberba direi entaõ a V. S. E por amor deste Senhor não se esqueça de encommendar-lhe esta tão pobre Alma, pois sabe V. S. o que merece a charidade, que trata bem aos peyores. Eu, tal qual sou, em meus pobres sacrificios encommendo, e peço a Sua Divina Magestade, que guarde a V. S., e lhe dê todas as felicidades de espirito, em cuja comparação todas as do mundo são engano, e vaidade. Monte-mór.

De V. S. servo, e Capellaõ inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*



## NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a hum Senhora viúva, Titular, e de muita qualidade, discrição, e virtude. E depois de lhe dizer a causa, porque até aquelle tempo o não fizera, que era haver estado enfermo, a que chama males, ou bens: para que entendesse, que nos males do corpo consistem grandes bens do espirito. Diz que as arvores podem juntamente estar verdes, ter flores, e fructo; mas que não succede assim ao espirito, e que he necessario que a verdura se seque, e a flor se murche, para que o fructo se logie. Estas verduras, que se criaõ no coração, são os appetites. Estas flores, que rebentaõ no entendimento, são as vaidades. E sem se mortificarem estes floridos verdores, que roubaõ a substancia á planta da Alma, não se colhe o verdadeiro fructo, que he a imitação de Christo crucificado: e por isso chama arvore á mortificação, que he a Cruz, que sendo secca, não he esteril, nem infructuosa. E diz, que a estima mais que a Oração. A razão he. Porque nestas pessoas criadas com mais grandeza, e liberdade, (fallando ordinariamente) se não mortificaõ vontades, e trabalhaõ muito por ser verdadeiros humildes: a Oração algumas vezes he planta verde de flores, que ou cabe com o Inverno de qualquer tentação, ou não dá fructo ao Outono da Morte.

Diz que tem hum juizo muito malfazejo para si mesma, porque lhe sabe muitas vezes pela porta fóra isto he, hum certo orgulho natural mal mortificado. Porque não diz que o deixa sabir, senão que se sabe. E esta promptidão orgulhosa tambem humas vezes he flor, e outras verdura, he rama, ou folha, que se interpoem entre o fructo das virtudes, e o Sol da Graça. E sem este calor não podem madurar.

Diz que prouvera a Deos, que todas as mais Senhoras fôrão como ella; e que não tenha vaidade, que he hum creatura miseravel, como as outras. E por estes termos, em que o Veneravel Padre mostra que se encontra, parece que quiz confundil-la: ensinando-lhe o mal, que a Deos courepondia, sendo mais obrigada. Como se dissera: V. S. tem recebido mais de Deos, e esta era a melhora, dada pela Graça: e logo: V. S. he, como



as outras, miseravel creatura. E esta he a confusão de sua negligencia, e miséria.

Diz, que a deseja santa, que saya dos desalentos de mulher, e que ainda esta cheia de vaidade. Diz, que se alente, que com esta differença se nutre a virtude, com a austeridade se fortalece; e se levanta com a humildade, e só produz fructo de heroicas obras, quando o verdor se secca, e a flor se murcha.

Profegue, que não cuide que em ter paciencia no que lhe ouve, tem grande merecimento. Porque não basta humia virtude. Não diz que não aproveita, senão que não basta. Arazão he. Porque hum, ou duas virtudes podem-nos servir para nos dispôr, mas não para nos justificar: he necessario que trabalhemos por todas, para que assente em nossa Alma a Graça Divina. Não digo que estas virtudes todas são precisas em sua perfeição, ou sempre em acto. Porque nem sempre todas podem ter exercicio. Porém he forçoso, que o não tenham gravemente os vicios contrarios. Porque as virtudes são no espirito, como os humores no corpo, que podem estar mais, ou menos puros; mas se algum se corrompe, já se lhe segue a febre, e após a febre a enfermidade, e consequentemente a corrupção dos outros humores, como no espirito succede ás virtudes.

## C A R T A VII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.



Inha Senhora. Todos se queixão das minhas faltas, e todos têm razão, se de mim se queixão. E V. S. muito mais. Mas hum homem tão deitado a longe, que pôde fazer que bom seja! Quanto he maior a minha tibieza, e negligencia com Deos, e com os proximos, tanto maior espero que seja a caridade de V. S. em rogar por mim a Deos.

Em meus pobres Sacrificios, quanto posso, desejo



merecer a V. S. a lembrança, que tem de mim diante de Deos, e que vá a diante a concordia, que em todas as cousas de V. S., e de sua casa, filhos, netos, e sobrinhos, se continuein, e augmentem as felicidades d'Alma, e da vida, que lhe desejo. Mas em bons desejos se me vay tudo. Nada he o que obro, porque o mais que faço he nada. As melhores Caldas do mundo, são a Graça de Deos, a santa Oração, e conformidade com Deos, caridade, e paciência nas contrariedades, que desejamos. Se nestas se metter a Senhora Condesa, terá quanto quizer de Deos, e saberá pacificar-se, não querendo de Deos nada, senão o que elle quer, que sempre he o melhor.

Eu vou continuando esta peregrinação por esta banda, já vay para o fim, e desejára começar de novo para Miranda. Não sei se terei tempo, vida, e espirito. Faça-se a Divina vontade. Os Companheiros andaõ bons. O Padre Fr. Luiz entendendo escreve a V. S. Agora fica com hum grande ciatica. Isto tambem he bom para os servos de Deos. Encomende-nos V. S. a sua Divina Magestade, que guarde a V. S. quanto lhe peço, e desejo. Barcellos 18 de Fevereiro de 1678.

De V. S. servo inutil, e muito obrigado.

*Fr. Antonio das Chagas.*

#### N O T A.

**E**sta Carta escreve o Veneravel Padre á mesma Senhora. Diz, que todos se queixaõ d'elle, e que todos tentazão: paraque considerasse, que não devemos ser todos melindrosos, nem cuidemos que somos tão justificados, que não possa sempre haver alguma razão de nos arguir. E diz, que quanto he maior a sua negligencia com os proximos, tanta espera seja maior a caridade, com que a Deos o encomende. E por falta deste zelo, cabimos continuamente em hum grande defeito Catholico. Porque em vendo hum miseravel creatura, que cabe em algum erro, ou seja por ignorancia, ou por fraqueza, o que nos succede, e podia succeder por malicia, então lhe toma-



mos averſaõ, quando nos deviamos compadecer mais de ſua miſeria.

Diz, que as melhores Caldas ſaõ a Graça Divina, a ſanta Oraçaõ, a conformidade, caridade, e paciencia: iſto he, que alguma Senhora queria uſar daquelle remedio para ter filhos, e parece conſultava o Veneravel Padre, que ſuppoſto que ſabia que os meyoſ naturaes ſaõ convenientes; moſtra com tudo, que os devemos uſar como Catholicos, tratando de merecer primeiro a Deos eſſes beneficios, que nos nega muitas vezes por cauſa de deſcuidos, e vaidades, em que a grandeza vive de ordinario mais engolfada.

## C A R T A VIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Naõ perco eu com V. S. o tempo, antes o dou por muito bem empregado; mas falta o tempo, e creſceo o labyrintho. E quem anda taõ perdido como eu, naõ he muito que perca o fio para as ſuas importancias; que por taes avalio as tarefas, em que me faço lembrado a V. S. Ajude-me V. S. com as ſuas Orações, e concordia, que eu no que poſſo ajudar; ainda que taõ pouco valho, naõ me deſcuido. Naõ ſe podem dizer verdades de taõ longe. Deos nos chegará a tempo; que tenha V. S. o merecimento de ouvir-me, aſſim como já agora o de ſoffrer-me. Encómmodo muito a V. S. a preſença, e memoria de Deos. Porque eſte Eſpelho diante dos olhos d'Alma baſta para exercicio, pois alli nos vemos, e vemos, como he poſſivel, a Deos, e a ſua vontade. E quem traz os olhos no Sol, naõ anda em trevas.

Tambem dou a V. S. as graças por eſta penitencia. Já fez ſeu papel em público. Queira Deos, que a conſideração deſta pena ſeja meyo, paraque algumas Almas buſquem o caminho da Graça. A V. S. peço que cada vez mais me en-



commende a Deos, e Sua Divina Magestade guarde a V. S. muitos annos. Vianna, 28. de Março de 1678.

De V. S. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escreve o Servo de Deos á mesma Senhora, e depois de lhe dizer, que não perde com ella o tempo, e que antes o dá por bem empregado, diz, que o tempo lhe falta, e cresce o labyrintho: e assim succede de ordinario. Porque na estreiteza do tempo se faz mais difficuloso o negocio: de que se segue quam grande erro commette, quem guarda negocios de toda huma vida para resolver nas apressadas horas da morte. Diz, que se não podem dizer verdades de longe. E por este modo lhe insinuava, que devião de ser amargosas. Porque se fôrão doces, de qualquer parte se podem dizer. Porque estas sempre são facéis de levar. E por este estylo costumava o Servo de Deos, quando fallava geralmente, tratar as pessoas mais perfeitas, porque voltassem os olhos ao interior de sua Alma, e examinassem se tinhão que reformar nellas. E por isso diz, que quererá Deos chegá-la ao tempo, em que tenha o merecimento de ouvi-lo, como agora o tem de soffre-lo.

E encommenda-lhe muito a presença, e memoria de Deos, a que chama Espelho, em que se vê nossa Alma, e vemos, como he possível, a Deos. Diz, que nos vemos, e vemos a Deos juntamente: paraque entenda, que sem pôr os olhos em Deos não poderá ver-se bem a si mesma; e sem se ver a si mesma, isto he, sua miseria pela humildade santa, não verá bem aquella Bondade infinita. E por esta razão diz, que quem traz os olhos no Sol, não anda em trévas. O que succede a quem se conhece. E não se conhece, quem não traz os olhos em Deos continuamente, por verdadeira humildade.



## CARTAX.

*O Amor de Deos more em nossas Almas.*

U Rmaõ charíssimo. Não tenho tempo, pela lida, em que ando com toda esta Cõrte, mais que para agradecer-lhe suas lembranças, e dizer-lhe, que os escrúpulos dessa Senhora, tem mais de pena, que de culpa. E a maior, que lhe confidero, he não fazer o que V. M. lhe diz nesse particular, segundo esta informação. Porque não ha peccado, onde não ha consentimento da razaõ com deliberação da vontade. Tudo o mais são achaques espirituaes, que assim como os padece o corpo, os padece a Alma. O espirito de blasfemia, como he tentação do demonio, afflige, e atormenta muito o espirito. Este se ha de vencer totalmente, não fazendo caso d'elle, mais que de hum monturo. Porque esta tentação reina, e cresce cada vez mais, em quanto della se faz caso. He como gozo, que tanto mais ladra, a quem vai pela rua, quanto mais para o gozo se víra. O que importa he fazer hum firme proposito de não offender a Deos, com hum acto forte de Fé, em que creya tudo quanto cre a Santa Madre Igreja de Roma; outro acto de Esperança, e de Amor: e que quem assim for tentada, se defenda, virando quanto puder o sentido. E quando não possa, diga, fallando com Deos: Senhor, pequei, peza-me de todos os meus peccados, por feres vós quem sois: Creyo, quanto creyo vossa Santissima Mãe, a Virgem Maria Senhora nossa, e a vossa Igreja Catholica: E espero em vossa Misericordia, porque he maior vossa clemencia que a minha culpa: Amo, sobre todas as cousas, a Deos Pay, Deos Filho, e Deos Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro. E bastará que de todo o coração, reduzindo isto a mais breve, diga: Peza-me,



V. M. , que ao de N. , que devia de querer-me agora em fom de guerra para algum estrondo militar. Eu tenho dado em pacifico. Quererá Deos que esta paz seja verdadeira.

Não sei se me advinha o coração , que V. M. teve , ou tem algumas batalhas interiores , ou exteriores , ou se tem feito a condição o que se podia esperar da malicia. Os Medicos não receitam purgas sem conhecimento do humor peccante: quando V. M. entenda que nas minhas Receitas , ou Boticas póde achar alguma mézinha , não deixe em silencio a confiança. O natural de V. M. he muito agudo. Não he isto muito bom para febres , que podem parar em malignas. E ás vezes não se vem nos pulsos. Porque se reconcentraõ nas entranhas. Peço-lhe muito que , quanto puder , se violente , para que no trato commum , ainda o que for cautela , tenha rosto de lizura. Mas não se admire tambem de estar tal o mundo , que se chame ao Entendimento malicia. Bem he que V. M. vigie sobre si , e veja aonde chegaõ seus movimentos , e para que fim caminhaõ. E se alguma hora se desmanchaõ , vêr depois como se ordenaõ. Isto parece Grego. Mas quem sabe Latim , sem o estudar , tudo poderá saber. Advinhe , ou examine-se , como deve.

Faça V. M. quanto puder por continuar as suas cozinhas , que são excellente côro para quem tem oração , e memoria continua de Deos. E eu não sei como póde huma Religiosa andar sem esta eterna lembrança. Muito necessario he fechar-se na Casa do Amor de Deos com o esquecimento de tudo. Porque se esta chave tem dado volta , impossivel he que ande mais que Deos na memoria , e coração.

Isto faça por hum acto de simplicidade , espancando quanto vem ao sentido , sennaõ he Deos , ou de Deos , ou para Deos. E huma das cousas , de que faço conta despir a V. M. se algum dia for a esta terra , he a total lembrança de tudo quanto não he Deos , ou de Deos. Já era tempo disto. Mas V. M. aproveita pouco. Não me pezará , que se tornasse a refrescar com o Combate Espiritual , que he excellente Livrinho. Nas penitencias vá , como vay , seguindo com humildade , e gosto , e obediencia da Madre Abbadessa. Ao Senhor S. Joseph , á Mãe de Deos , e ao Senhor peço ,



ço, quanto posso, por V. M. Quererão elles dar-lhe aquella tontice, em que consiste o juizo. A Deos darei as graças do que se fez dia da Natividade. E a esta Senhora pedirei seja tambem do Bom Successo para o caso do S. N. de quem, tal qual sou, me lembro, como posso. Grandes cousas ouvi dizer do S. N. tenho disso grande gosto, e estive para lhe escrever as graças; mas parece-me desnecessario, ou vaidade minha, ou perigo seu. Hoje tenho estado com hum estremada dôr de cabeça, não posso mais, e a Deos.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**E**sta Carta escreve o Servo de Deos a certa Religiosa, de cuja virtude fazia muita confiança. E não só a ella, mas a outras pessoas dava muitas vezes conta, assim dos negocios, como das cousas de seu espirito. Porque era tão humilde, que se não fiava só de si mesmo; e para que o encommendassem a Deos, e juntamente aos negocios de seu serviço.

Diz, que totalmente entendera, que fora descoberto o segredo do Convento. Isto era, de certo Hospicio que intentava, para continuar com mais facilidade as Missões, e que o accitaria, se se lhe desse, como convinha. O que não faria em outros termos, mais que continuar o seu officio de Missionario; e que não sabia se aquella indifferença era desmaelamento. Donde se pôde inferir quam difficil he de entender o espirito alheio, quando o Servo de Deos com taes exercicios confessa isto do proprio espirito.

Diz, que não sabia se lhe advinhava o coração, que esta Religiosa tivera, ou tinha algumas batalhas interiores, ou exteriores, ou se havia feito a condição, o que se podia esperar da malicia. Esta materia he tão vasta, que se não pôde fazer juizo do conceito, que o Veneravel Padre faria: mas como diz que os Medicos não receitam purgas sem conhecerem o humor peccante, parece fallava com generalidade em dizer que podia haver feito a condição, o que se podia esperar da malicia. Mostra, que algumas vezes convem, que faça a destreza o que se podia

arris-




arriscar na batalha, e que he melhor não expôr á tentação, estando as virtudes fracas, e outras seria perder por froxidão o merecimento, fugindo das occasiões de as pôr em exercicio; sem a qual se não conseguem seus habitos. E por esta causa diz, que não deixe a confiança em silencio; porque não erre a eleição dos caminhos.

Diz, que o seu natural he muito agudo, e que não he bom para febres, seguindo a mesma metáfora da Medicina. Porque ás vezes lanção nas entranhas a malignidade, que recatão nos pulsos. E pede-lhe, que se violente. As almas activas, e promptas com clareza do Entendimento, ainda que tenham muita liberdade de espirito, se se não tratao com muita cautela, e mortificação, a mesma vivacidade, e a promptidão, que as alenta, alguma vez as faz sabir da medida. E por isso diz, que se examine, como deve, para vêr se sabe desta regularidade: e que se não admire, que se chame no mundo ao Entendimento malicia. Esta equivocação entre os homens he affaz trabalhosa. Porque não basta que sejam os juizos rectos; mas quando he forçosa que saiaõ fora, importa que não pareçaõ agudos.

Diz, que não sabe como póde hum Religiosa andar sem a presença de Deos. Arazão he. Porque este trato, e esta presença he a essencia do ser de Religiosa. Diz, que a Deos pede queira dar-lhe aquella tontice, em que consiste o juizo: isto he, verdadeira sinceridade, em que a luz assiste sem fumo, e aonde sem repuxos, e como agoa de fonte, corre ao Entendimento naturalmente.

## C A R T A X I.

 Om tres Cartas de V. M. me acho. E todas estimo, quanto devo, em quanto não as agradeço de mais perto, porque não posso. Os males, e bens de V. M. festejo. E dou por elles graças a Deos. Pelos bens, porque são favores, com que se affervora o espirito; pelos males, porque são o crysol, em que a virtude se pró-



se prova. Se Sua Divina Magestade lhe fizer Cruz dessa pena, signal he que a leva pelo seu caminho. E convém que então o exercicio seja conformidade, e paciencia, e acção de graças por tudo. Se dér a saude, empregá-la naquillo que a obrigação ordena; e continuar nella amorosa presença, e lembrança de Sua Divina Magestade, fazendo cada vez mais pela pureza da consciencia, e da tenção. Não tenha impedimento para os Divinos influxos. Não faça caso de escrúpulos. Occupe em actos de Amor de Deos, e de seu serviço todos os seus cuidados. E deixe esses espirituaes atolleiros, que impedem ir por diante o espirito. A virtude da Humildade nas obras, palavras, e pensamentos he a V.M. mais necessaria. E por isso seja esse o maior exercicio. O final de haver humildade, he ser muito obediente a qualquer pessoa aproveitada, ou desaproveitada: fallar pouco, e sempre bem de todos, nunca mal de algum, engolir as raivas, e buscar as occupações mais humildes, e não queixar nos males, que nos vierem. Não faça caso do demonio. Siga a vida commúa. Persevere na pontualidade do Côro. Peça a Deos a virtude da devoção, e confiança em sua bondade infinita. E entenda que não ha de faltar-lhe Deos: e que tudo o mais são traças do demonio, para que lhe falte a paz, e alegria da consciencia, que he dom do Espírito Santo: e com ella damos muitos passos na melhoria do espirito. Deos quererá que nos vejamos cedo, se Deos me dér melhor saude; mas faça-se sua vontade, e guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**N**esta Carta diz o Veneravel Padre a esta Religiosa, que seus males, e bens festeja, e dá graças a Deos por elles. Porque com huns se affervora, e com outros se apura o espirito. Para que entendamos, que estamos obrigados, quando Deos faz os beneficios, a crescer nos progressos, e examinar, e purificar dos defeitos, quando vem os trabalhos.

Diz,



Diz, que se o Senhor a levar pelo caminho da Cruz, que seja o seu exercicio conformidade. Porque ha pessoas taõ pegadas á sua escolha, e sujeitas ao proprio amor, que jámais se contentaõ, ainda que a Cruz, que Deos lhes der, seja bem pegada, se não levar alguma cousa de eleição propria.

Diz, que faça cada vez mais pela pureza da tençaõ, e da consciencia; porque não achem impedimento os divinos influxos. Esta he a razao, porque muitos sujeitos com muitos annos de exercicios, ainda assim se achao pouco aproveitados. Porque não fazem caso de imperfeições voluntarias, que impedem a suavidade da Graça Divina, com que resplandece a Alma.

Diz, que despreze os escrúpulos, e que se occupe em actos de amor de Deos. A razao he. Porque os escrúpulos com santos pretextos são ordinariamente fino amor proprio; e outras vezes falta de humildade. Porque quem se conhece, e ama a Deos com sinceridade, se se humilha, confia; se chora, não se perturba.

Diz, que o signal da Humildade he a Obediencia a qualquer pessoa. (No que não for peccado se entende.) A razao he. Porque o verdadeiro humilde considera, que todos podem entender, e sabem mais que elle. Diz, que se tiver algumas raivas, he necessario engoli-las, e não desmastiá-las. Porque esta paixão, se assim como chega á garganta, se não torna a voltar cerrada, he como a polvora; que se o fogo se introduz em hum só grão, he impossivel deixar de arder toda.

Diz, que he traça do demonio fazer que lhe falte a paz, e alegria. Confesso, que se não excedera o estylo destas Notas, que não acabara jámais de fallar desta alegria santa, que diz o Veneravel Padre. Porque supposta a humildade, e consciencia sufficiente, não sei que possa haver em hum Christão virtude mais propria, que esta santa, e modesta alegria. Sem ella se enfraquece a Fé, se desanima a Esperança, e a Caridade se esfria.



## C A R T A XII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Uito tempo era necessario para responder a dous papeis, que tenho de V. M., e muito maior o desejo, que tenho de o fazer. Mas não sei se, até satisfazendo, ficarei faltando. Porque até nas minhas satisfações ha defeitos. Primeiro que tudo, esta primeira queixa me bolio alguma cousa no sentimento, que tenho, de que pareça a V. M. que nem longe, nem perto tenha cousa, que mais estime, ou me deya mais no trato de sua Alma. Porque tambem conheço, que a nenhuma, como á de V. M., deve obrigações meu pobre, e miseravel espirito. E aindaque algumas Almas me devaõ mais passos, ou mais escritos, (porque assim he necessario) não me devem mais desejos do seu aproveitamento, que V. M. A's vezes he estudo mostrar que me descuido de V. M., para que assim tenha algum exercicio, em que a próve. E outras vezes, que he o mais ordinario, he falta de tempo, a pesar dessas revelações, que lhe dizem outra cousa a V. M. O que quizera com tudo he, que V. M. estivera já tão resignada, que nem dos meus não descuidos fizera muito reparo, nem dos meus esquecimentos já se lhe dera: recebendo simplesmente os accidentes do tempo, como a terra recebe do Ceo os influxos. Se chove, folga, que lhe chova a Graça. Se venta, que a metta debaixo de hum pé de vento. Se faz Sol, que a illustre com a luz do Sol. Se ha sombras, que huma nuvem escura lhe faça sombra. Isto faz, quem, como a terra, está firme, posta nas mãos de Deos, que fundou a terra sobre o nada, e a tem no ar por toda a parte, tanto mais firme, quanto de sua mão mais pendente: *In manu ejus omnes fines terræ.* (Psal. 94. vers. 4.) Agora em outros escrupulos, e desconfianças: Deos nos livre, não lhe venhaõ á boca essas cousas. Ir de Portugal, assim he, que só Deos



Deos o ha de fazer. Raras tentações tenho ainda assim, de fer, ou não fer isto. V. M. profetizou, seja Deos louvado, sem saber o que fazia. E foi, que achar-me nesta occasião havia de ser para se compôr tudo, mediante a Graça de Deos. Eu estive precipitado a ir-me. E agora conheço certissimamente, fallando segundo as disposições debaixo, que fora impossivel haver o ajustamento, que houve, e a paz, em que ficaõ todos, e bõa amizade: que he certo, que por outros meyos se não havia de ajustar sem milagre. E ainda que não ficáraõ algumas cousas, como eu desejava; melhor do que esperava, ficáraõ muitos. E assim, seja Deos louvado, que a troco de que cessem os escandalos, peccados, e vicios, que são fermento do Inferno, tenho-o por coufa vinda do Ceo. Todas as bellas cousas, que se disserem de mim, e até hum dissabor, que eu podia ter, se converteo em mel espiritual. Seja Deos bendito, que nas amarguras nos faz pescar as perolas. E se algum dia fallarmos de mais perto, pergunte-me V. M. ou lembre-me certa misericordia de Deos, que houve. O que V. M. suspeitou de N. foi coufa mais differente. Puz nelle os olhos, e certa coufa, que alli se me representou ao humano, me servio de meyo para hum toque divino: que summamente me tem aproveitado em huma consideração. Mas debalde tudo. Porque ficaõ as cousas em actos de Entendimento, e não passaõ a extremos da Vontade. A sua Cunhada falle V. M. as vezes que ahi vier, que não he a sua conversação a que me faz escrupulos do apego dos interesses dos parentes, ou o desejo de melhores fortunas suas. Disto se deve V. M. livrar, e espreitar quanto puder, e vêr nos fundos da Alma se lavra ainda esta raiz do amor proprio. O rio, e a fonte na superficie da agoa parece humas pratas, hum crystal puro mais que os espelhos; e o fundo, são huns poucos de seixos; e ás vezes hum pouco de lodo. Aqui o exame. Mergulhe V. M., e depois alimpe tudo, que ao menos o fundo está cheio do limo da terra, ou de pedregulho, ou cascalho. Espiritualize isto. As similhanças, que V. M. me achou do diabo, não são tão fora do proposito, que se não possaõ dizer de sizo. Porque não he coufa de graça. Mas não caminho  
por



por aquella confiança, com que os servos de Deos se mostram despejados. O meu geito he caminhar encolhido, e não ter mão para devoções, que se não tem geralmente a todos. Ver-me vestido de branco, ainda que era melhor dibuxo, não era melhor agouro. Porque tambem os Ciñes são condenados. O ramo não me pôde dar melhores esperanças. Que com outro ramo na mão vio o Profeta Ezechiel no Templo os que Deos deitou nos Infernos. Isto merecem meus peccados. E ali hirei como ingrato, se a Bondade Divina não mostrar quem he commigo. Assim o espero, ainda que o não mereça assim. Este he o juizo, que de mim faço. Pouco importa o juizo, se faltar a benção de Deos, e não tiveramos para isto boa mão direita. Os Mysterios, que de mim se tem feito, bem se pôde ter por de fé, quando me calumniarem a mim, que não lhe falta por onde cortar. Queira Deos que entre estes côrtes me fação dôr, que he signal de vivo, e que não esteja em estado de insensivel, que já não sinta meus peccados, que he signal de morto. Toda a outra dôr eu lhe perdoo, e o mais que disserem de mim. Porque nestas materias de Religião, e Capitulos, creio que mui raras vezes fallei. V. M. continue em explicar-me os argueiros, e os Elefantes. Porque lhe confesso, que lhe devo huma notavel obrigação entre outras: e he que me tem feito mais prevenido com os seus avisos. Beijo as mãos a V. M. pelos seus vagados. Não quizera o meu bom successo tanto á custa do trabalho de V. M. Mas sempre fica de melhor condição para Deos, quem fica com o merecimento, que quem fica com o allivio. Nos piolhos não ha para que fallar. Cortezaamente me tratao. Porque algumas horas que se occupaõ, me tem respeito: são vivos, e meus parentes muito chegados, baste o damno, que lhes eu faço. Não inquiete V. M. os Santos por me tirar hum proveito. Esta tarde poderá ser que tenhamos Practica. Entretanto encomende-me a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

NOTA.



**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece se lhe havia queixado, de que pela distancia se havia esquecido de repetir á sua Alma a doutrina, que cosumava. E depois que lhe assegura quanto deseja a sua melhora, diz que algumas vezes mostrava de proposito que se esquecia, para que esse cuidado lhe servisse de exercicio. Porque a caridade, que era a causa da communicação, procurava mais o como poderia ser util, do que aggradavel. Diz, que o que deseja, he que estivera já tão resignada, que não fizera nenhum reparo de seus esquecimentos. Porque a prôva da resignação não consiste tanto em padecer trabalhos, como em carecer de remedios: e principalmente, quando são tão justificados; porque he sentir sem allivios.

Diz, que folgára que fosse como a Terra, e não diz como nenhum dos mais elementos. O Ar, se muito tempo está quieto, com facilidade se corrompe. O Fogo com qualquer vento se accende. E o mar continuamente se move. Só a Terra he de si mesma firme, e estavel. E supposto que secca, ou humedece, conforme o Sol, ou a chuva se lhe communica; nessa mesma obediencia está a resignação significada.

Diz, que os mais esorupulos, e desconanças lhe não venhaõ á boca. Porque ha alguns, que de tê-los, e communicá-los se pôde fazer maior escrupulo. Diz, que nas amarguras faz Deos que pesquemos as perólas. Porque o coração humano he mar, e mar profundo, onde, sem ser por penalidades, se não alcança este thesouro do merecimento. E como querem alguns que se formem do orvalho, que cabe do Ceo ao romper da Aurora: por isso chama ás mortificações perólas, e não outras joyas, que se criaõ, e formão da terra. Diz, que do apego dos interesses, e desejo de melhor fortuna dos parentes deve acautelarse. E não diz que se livre logo totalmente, senão que se espreite. Porque suppunha que não teria este pagamento. Porque se o tivera por certo, dissera, não que se espreite, senão que se livre. E por esta razão diz, que sonde os fundos da Alma, e veja com cuidado se lavra ainda este amor proprio. E falla pe-  
los.



los termos de lavar; porque como he raiz, que se não acaba, senão com a morte, he necessario cortar nella continuamente.

Diz, que as similhanças, que lhe achou do diabo, que não são graça, nem fora de proposito. Porque parece tinha emcommendado a esta Religiosa lhe fizesse algumas semelhantes semelhantes. Et tudo interpretava desorte, que lhe servisse de humilhar-se. Por isso traz o exemplo dos Cisnes, e dos que vio Ezechiél com os ramos, que foram condenados. (Ezech. 8. v. 18.) Este juizo fazia o Veneravel Padre, não tirando os olhos de sua miséria, e consolando-se só com a Bondade Divina. Vejaõ agora aquelles, que, sem terem feito verdadeira penitencia, vivem com tanta confiança em suas obras, como se tiverão na algibeira muitas Cartas do perdão de suas culpas. Diz que continue em explicar-lhe os argueiros, e Elefantes. Para mostrar, que quem ama a Deos, não ha de fazer menos caso de culpas leves, que de graves peccados. Porque de ordinario mede Deos as ingraticoes pelos beneficios.

## C A R T A XIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.



Uas de V. S. recebi com a estimação, que devo. E quizera eu, em quanto não posso chegar de mais perto a obedecer, e servir a V. S., que chegasse o agradecimento, aonde passa a obrigação. Vaõ estas letras a responder, em quanto as de V. S. á vista se não podem pagar. Bem o desejo eu; mas não he possivel tudo o que desejo. Queira Sua Divina Magestade, se for para gloria sua, que se venção as difficuldades, e que eu possa alguma hora nesta terra fazer-lhe algum serviço, e a todas estas Almas.

Não ha que fazer caso dos eccos, que pelo mundo soão. Parecem vozes humanas, e são hum engano aereo, ou hum pouco de ar, que passa por este valle de lagrimas. Se por



tura, aindaque seja com tenção sincera, quando não seja delicto, sempre he engano; pois Deos he o Author de tudo.

Pede que se lembre, que cada hora pode passar de sua vida, e a estreita conta, que lhe havia Deos de pedir, não só das culpas, mas das misericordias. Porque como havia tido grandes successos em todas suas cousas, queria que soubesse que os beneficios, que Deos faz neste mundo, não saõ acaço, cujo fim nos mostra o uso, que delles fazemos. Porque ou Deos os dá para merecimento, ou os permittê para castigo. E como este Vraõ havia tido grandes fortunas no seculo, quiz adverti-lo, para que lhe não servissem de damno: e que, se quizesse, lhe podiaõ servir de remedio.

Diz, que viva para Deos, o tempo, que lhe restar de vida, e que só este vivirá para si. Para que entendessê, que quantas grandezas fez pela vaidade, (quando não fossem para o demonio) foraõ feitas ao vento: e para que vejamos as grandes obras, que perdemos, feitas pela vaidade do Mundo; porque não tiveraõ a Deos por fim, e principio.

Diz-lhe, que restituá, se dever, aindaque fique pobre. E isto diz a hum homem, que tinha de seu hum milhaõ. Porque estes grandes cabedaes às vezes fazem esquecer de pequenas dividas. As quaes bastaõ, como o Servo de Deos refere logo, para condenar ao Inferno. E esta he huma das razoes, porque saõ Bemaventurados os humildes, e pobres: porque fazem muito caso do que desprezaõ os ricos, e grandes.

## C A R T A XIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Stimo, quanto posso, este papel de V. M. E já me parece que deve de ser escrito ha muitos dias. Porque não colho delle que fosse dado a V. M., hum que lhe escrevi muito antes, e fatalmente se deteve depois de escrito alguns dias. No que tóca aos exercicios, tenho



tenho por acertado que V. M. gaste todos os dias, que lhe parecer, em qualquer dos exercicios. Porque qualquer delles, bem obedecido, faz chegar á perfeição. Mas em achando os finaes, que elles apontão, passe a diante, ainda que os não ache tão perfeitamente, como deseja. Basta que não ache o contrario. Nenhuma perda tem V. M. em que os outros exercicios se lhe varressem. Porque creio que estes são os mais seguros, de quantos tenho achado no caminho do Espirito. As bofetadas tanto são melhores, quanto peyor parecem. Porque se não periga então na vaidade de as dar, e leva-se o caminho de ter mais que soffrer, a bofetada, e a murmuração. Os catarros, dores de dentes &c., he fructa do tempo. Muitos dias ha, que eu dou menos do que antes dava. E ando cheio de estilicídio, chaqueca, e outras cousas destas: que são muito boas, e muito para lhe lamber os dedos, quem quer ir por caminho direito. A mim, e a cada hum de nós não nos tóca viver muito, senão viver bem. E ainda que sem isto póde ser, nenhuma perda ha nisto: que nem fora mais que vencer huma repugnancia mettida em traje de razão, ou prudencia, fizera grande proveito. Ser são, ou ser enfermo, tambem não importa para aperfeiçoar. Santa Clara, nossa Madre, vinte e oito annos teve de enferma, e de unida. Santa Ludivina quarenta annos esteve como paralytica, e entrevada, sem descer da perfeição, e uniaõ de Deos. O negocio he aquietar naquella saborosa paz do espirito, que diz: *In omnibus requiem que servi.* ( *Ecclesiast. 24. vers. 11.* ) Em tudo acho socego, em nada perco o descanso, venha o que vier. Oh quem me déra chegar a isto! Chegue V. M. por esse caminho, em quanto lhe não mandar o contrario. Das mortificações use, mais das espirituaes, que das corporaes. Mas em nenhuma ha perda, se se fazem com humildade, sem reparar no que fazemos de bem, esgravatando muito o que póde ser de mal. Continúe esses exercicios, accrescentando na Quaresma mais hum quarto de Oração. E entomme-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo, &c. Servo inutil.



## N O T A.

**N**Esta Carta diz o Veneravel Padre a esta Religioſa, que tem por acertado, que gaste os dias, que lhe parecer, em qualquer dos exercicios, que lhe havia assignalado. E logo dá a razão deſta liberdade. E he, que como elle os havia elegido, ſabia que qualquer delles faria o meſmo effeito, ſendo bem praticados. E proſſegue, que em achando os ſinaes, que lhe apontára, e aindaque não foſſe tão perfeitamente como deſejava, paſſaſſe á diante: que baltava não achar o contrario. A razão he. Porque huma peſſoa, que deſeja agradar muito a Deos, nunca pôde cuidar que faz exercicios ſem muitos defeitos. E ſe aſſim o não cuidaſſe, fora o maior defeito contra a Humildade, que he a primeira pedra de qualquer virtude.

Diz, que as bofetadas tanto ſão melhores, quanto peor parecem. Isto he, porque algum não approvaria as que elle em ſi dava no fim dos Sermoens, que fazia. E dos effeitos externos, que cauſavaõ aquellas demonſtraçoens de dor, e Humildade, eraõ todos os que o ouviaõ, teſtimunhas, pela confuſaõ, que faziaõ nos coraçoens cheios de erros, e delictos, vendo huma peſſoa de tanta virtude, e que fazia huma vida tão ajuſtada, e penitente. E os motivos interiores, que para iſſo teria o Veneravel Padre, elle o ſabia, demais dos de exemplo, e penitencia. E aſſim, que ſempre he temeridade querer condenar, não digo já as acçoens, que de ſi ſão boas, mas ainda indifferentes, e obras, e permittidas por peſſoa de tanta virtude, e ſabedoria.

Diz, que vencer huma repugnancia em traje de razão, ou prudencia, he grande proveito nas couſas de eſpirito. E he de advertir, que diſſe em traje de razão, ou prudencia. Porque neſtas não ſe vence ſó a vontade, ſenaõ tambem o Entendimento. Porque eſta prudencia, e razão, he hum pretexto, com que muitas peſſoas eſpirituaes ſe deixaõ cabir em muitas fraquezas, engolindo ſeus appetites approvados de ſeu meſmo diſcurſo, liſonjeado de ſua meſma vontade.



## CARTA XV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Estes papeis de V. M., que são espelho às vezes, humas, em que eu me vejo, outras, em que vejo a V. M. se me representou tão afflicta, que he preciso affroxar mais os cordeis, para que não fe-  
 jaõ tratos ao rigoroso, os que eu ao espirital imaginava commercios. Não jejue V. M. como eu lhe ordenava, se assim lho mandou a Madre Abbadesa. Tire as outras penitencias do corpo, e as diciplinas. E só na presença de Deos, acrescente V. M. quanto puder. Se tem fadiga em formar figura de Christo, ou conceito de Deos, ande V. M. em sua memoria no acto simplez de Fé, como agora: Creio, Senhor, que he impossivel não estar na vossa presença. Creio, meu Deos, que não tirais os olhos de mim, para que com os da Alma vos olhe, e me não esqueça. E se acompanhar esta Fé com hum acto de amor, hum meu Deos de coração, val mais que muitas meditações: crendo que tem dentro de si, e diante de si a maior, e a mais incomparavel formosura, que ha nos Ceos, e na terra. E se foi mais affeição da a magestades, discrições, ou quaesquer outras perfeições: a que mais a move, traga na memoria sempre, o que puder. E entenda, que nesta presença amorosa, continua, branda, com deixamento dos mais cuidados, e creaturas, (e ainda dos Santos) he quem consome em breve tempo a ferrugem de nossas paixões, e deixa illustradas nossas Almas; para que como em espelhos claros reluzia nellas, não só a imagem, mas o original de Deos. Descuide-se, quanto puder, de tudo, excepto as cousas da obrigação. E ainda na conversação, que ahi tem, faça por estar mais em Deos, que em outra advertencia (ainda que a julguem por tonta.) E neste exercicio coma, durma, vi-



va, acorde, falle, ore, e ande quasi sempre, e dê ao seu pobre corpo, o que he caridade dar a hum pobre, sustentando-o, e compadecendo-se delle; por ser aposento de huma Alma, por quem Deos morreo, e que anda nelle encarcerada, cumprindo o seu degredo, até que chegue o tempo de ir para a celeste Patria, para onde devem cada hora os suspiros ser do coração correios. Temos fallado no que toca a V. M.

A mim me mandaõ caminhar para a Provincia. E eu faço conta (passando as calmas) de ir-me chegando para ella. Mas não tão depressa, que se não faça primeiro o Capitulo. E passado elle (se Deos me dê vida) lá nos veremos. Folgára, que se V. M. pudera saber, se ha novidade naquelle ponto, que sabe, me avizasse; paraque a resolução se enfeite: que as cousas prevenidas, com mais desaffogo se fazem. Quando não possa penetrá-lo, não lhe dê pena. E se isto lhe dêr o menor desaffocego, não faça nenhuma diligencia. Não havendo neste particular, ou em algum de V. M. cousa relevante, de que me avise, quero que V. M. folgue, e que me não escreva até aviso meu.

Tambem se pôde deter naquelles pensamentos, que parecem caridade, ou importancia a ontras pessoas. Porque quando são caridade, ainda são melhores que Fé. Eu folgo muito que V. M. não ficasse na Portaria, que nos mais officios se trabalhará menos. E quer Deos, que V. M. tenha estes folegos, para que aproveite em algum espiritual exercicio. Convém muito não cuidar no que não importa. Porque lhe não roube o demonio a caridade com escusados mysterios, e com huns porques, e paraques, que destroem a presença de Deos. Se as cousas, de que eu devo de ser reprehendido, podem ser communicadas, preceito he de Christo dar a correcção ao proximo. E não he caridade, por hum grito, que se pôde dar, evitar que se affogue no pégo quem vay a metter-se nelle. Passáraõ bs dias do exercicio, e do retiro, por isso não escreví. E o fructo, que tirei, Deos o sabe. Mas parte do fructo foi, que não escrevesse a ninguem até certo tempo. E eu faço isto mal. Porque em materias de summa importancia me vem Cartas. E tenho hum  
sem



sem numero dellas , que cedo pararáo na fogueira. Agora não há tempo para mais , que pedir a V. M. se lembre diante de Deos de mim , e de maneira se eleve em Deos , que de mim se esqueça. Dei-lhe aquella penitencia por chorar a morte incerta de huma creatura ; e não chorar a Morte , e Paixão de Christo com tanta facilidade , he signal de haver mister penitencia. Faça V. M. por chorar aquella morte , donde nos veyo a vida : e tenha-a V. M. qual eu desejo , e peço a Deos , que guarde a V. M. Viseu , 6. de Agosto de 1678.

De V. M. servo inutil , e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**Sta Carta escreve o Veneravel Padre a huma Religiosa , que lhe dava conta , em como a Abbadessa lhe mandára não usasse de certas mortificações , que lhe havia assignado. E lhe diz : Obedeça á Prelada ; porque além de estar em primeiro lugar esta obediencia , por ella teria maior merecimento. E só lhe encommenda , que no exercicio da presença de Deos , accrescente quanto lhe for possível , aindaque não possa fazer mais que andar sempre nesta Divina lembrança. Porque sabia , que como os orgaos , por onde commettemos nossos erros , são os sentidos : e occupados estes com a memoria de Deos , reformados , ou impedidos pela Divina presença , se conseguem por este modo mais altos effeitos , do que por outros , mais materias , e exercicios.

Diz-lhe , que folgára de saber se havia novidade naquella ponto. Isto era , de certa Dignidade , que se lhe offerecia. Porque aindaque o Veneravel Padre estava tão indifferente para seguir a vocação , com que Deos o chamasse ; considerava esta materia de mudança tão arriscada , que sempre a tinha por suspeitosa. E por esta razão tratava estas cousas com tanta cautela.

Diz-lhe , que se póde deter naquelles pensamentos , que parecem de caridade , ou importancia a outras pessoas. Esta doutrina



trina he para aquelles , que aspiraõ á perfeiçãõ. Porque de ter mais , ou menos pensamentos , não só licitos , mas ainda bons , e dar esta regra , e medida a huma Alma , não he senão para aquellas , que se procuraõ exercitar , não só no bom , mas no melhor ; por não perder o que se pôde adquirir. E por esta razão diz mais abaixo , que convem muito não cuidar no que não importa. Porque o demonio lhe não roube a caridade com escusados mysterios. A razão he. Porque o mesmo demonio desta sorte nos tenta com as mesmas virtudes , fazendo , quando não pôde mais , que exercitemos sem este cuidado as que são menores , ou nos não são tão importantes , nem daquella hora , porque a regularidade se perca.

## C A R T A XVI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Assim convêm , e importa muito , que V. M. se alegre com a minha ausencia , e com toda a vontade de Deos conhecida. E esta se conhece em tudo , que não he peccado. Porque excepto este , tudo o mais que succede no mundo , ou seja bem , ou mal , he vontade de Deos : As mortes , as enfermidades , as fomes , as sedes , os achagues , as tentações , e tribulações , e em fim , tudo quanto ha desta côr. Como tambem ao contrario , as consolações , e bens , ou naturaes , ou espirituaes (em que não ha culpa) vontades são de Deos , e o devemos louvar , e por tudo ; aindaque sintamos repugnancia na parte inferior ; que isso não faz mal á perfeiçãõ : assim como não faz mal ao Ceo , que o ar se vista de tempestades , e que se alague a terra com chuvas. Não pude mais cedo escrever. Porque Varatojo para mim , he o mesmo que Lisboa ; assim pelas occupações de dentro , como pelas frotas , que vem de fóra. Seja Deos por tudo bendito. Com o seu favor , passei excellentemente o caminho , quasi sem agoa , ainda-



aindaque não sem fadiga : que ella levo eu na minha propria miseria , que me achei com vertigios estes dias. Mas tudo passa , e só fica a pena de não agradecer muito tudo isto á Providencia Divina. No cuidado , com que V. M. se houve em fazer aviso ao Senhor Conde , fico muito agradecido ; e certo estou , que não perde hum ponto nestas commendas. Ao Casal Comba avisei , que se prevenisse para vir. Mas agora a qualquer dos que quizerem entrar , faço conta advervir de novo a resolução , que se tomou neste Convento. Onde de commum consentimento , eu , e todos os Padres , fizemos hum assento determinado , de não ter absolutamente nada , nem acceitar ordinaria de S. A. mais , que o que está cahido , para reparo deste Convento , e paga das dividas , que ficárao. E como esta perfeição he maior , he necessario dar-lhe parte , se tem espirito para o mesmo. Nisto tenha V. M. segredo , até que o publicemos. Nosso Senhor tem dilatado os corações destes Religiosos , de modo ; que eu hoje estou o mais alegre homem do mundo , vendo os principios , com que a esta nossa Congregação se dá fundamento. Neste Convento trabalho há continuo ; mas não falta o tempo para o estudo. Porque como quasi sempre há silencio , e todos se recolhem , aproveita-se todo.

N. não foi bom Profeta do tempo. Porque tenho por impossivel fazer a jornada da Corte tão cedo , como elle disse : excepto se houver algum caso extraordinario , que não tenha advertido. Queira Deos que nesta Junta se faça tudo , como Deos quer ; que eu receyo muito algum destempero ; mas lá se avenhaõ , que eu fiz todo o possível por ajustá-los. Peça V. M. á Madre Porteira lhe mostre essa cópia da Patente. E depois mande-ma. Porque será necessaria cedo. Dia da Ascensão me lembrei de V. M. quanto pude , entendendo que V. M. faria o mesmo por mim ; tão onzeneiro sou. A Condessa , minha Senhora , me recommendo muito , e que bem me pôde acompanhar com o bordaõ de suas Orações , que serão hum grande arrimo meu. Queria passar adiante : porém mette-se de permeyo hum maço de Cartas , a que he preciso responder logo ,  
que



que vem com proprio. A Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Varatojo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta começa o Veneravel Padre, dizendo a esta pessoa, a quem escreve, que assim convem, que se alegre muito com tudo o que for vontade de Deos conhecida. Porque aindaque basta conformar a nossa vontade com violencia, a maior perfeição consiste em que a alegria se siga á repugnancia.

Diz, que tudo he vontade de Deos, excepto o peccado, quando succede no mundo. E de não rumiarmos bem esta verdade, se segue não podermos digerir aquelles successos, que não são conformes ao nosso juizo, ou ao nosso gosto: dispondo-os Deos muitas vezes, não para castigo, mas para nossa consolação, e remedio. E por isso, depois de dizer males, e bens, tentações, e tudo o que não he peccar, continúa em fim tudo quanto ha desta cor. Porque entendamos, que em quanto vivemos, tudo o que obra em nós aquella mão soberana, he para nosso bem, e remedio, aindaque traga a cor do castigo. E se não tocamos algumas vezes estes proveitos, he, porque somos como os meninos, que lanção a purga, em lhe amargando na boca. Da mesma sorte, como não temos fé, nem paciencia, fugimos da triaga, como se fosse peçonha, e perdemos o effeito da providencia amorosa por nossa culpa, nossa ignorancia, e fraqueza.

Continúa tocando outros particulares, e fallando na reforma, com que determinavaõ guardar a Regra. Diz: Nosso Senhor tem dilatado os corações destes Religiosos, de modo, que eu hoje estou o mais alegre homem do mundo. Desorte, que o coração do irmão he o que se dilata, e o do Veneravel Padre se alegra. Esta he a prova da verdadeira caridade, cuja alegria consiste na consolação alheia, mais que na propria. E tendo por fim a gloria de Deos, puramente parece que para si mesma he o menos para quem vive.



Diz, que aindaque na Casa ha muita occupaço, e trabalho, que não falta o tempo para o estudo, e Oraço. E a razão, que dá, he aproveitar todo o tempo. Porque ha muitos seculares, e Religiosos, que se queixão, de que não tem lugar para os exercicios. Mas a causa he, porque empregão muitas horas mais a seu gosto, que a seu proveito; e outras as perdem sem proveito, nem gosto; sem mais razão, que froxição, e torpeza de espirito.

## C A R T A XVII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Adre Soror F., e Senhora minha. Hoje vespera da Porciuncula recebo huma de V. M. E alguma fineza faço em responder logo hoje, por ser dia, em que de todos estes Povos temos huma multidão muy grande para confessar, como fiz esta manhaã; e outros estorvos. Mas tudo vence o delejo de servir a V. M., e agradecer-lhe o cuidado, que tem de mim diante de Nosso Senhor. Louvo muito a V. M., e dou muitas graças a Deos por vencer aquella difficuldade. O que muito custa, muito val. Virem estes, ou aquelles pensamentos, não he máo; antes as Almas, que Deos dispõem para grandes cousas, as afflige, e crucifica primeiro com as tentações; mas dá tambem juntamente auxilio, para que o que não podem nossas forças, o façamos com a Divina Graça. O que só não he bom, he entregar a vontade aos appetites, e render o coração ás tentações, estando na nossa mão a resistencia com as armas de hum não quero, em que se resolve a Alma. E esta, em quanto determinadamente não quer, não pecca; antes merece. Qualquer valor, com que V. M. se sente, he conhecida próva, de que Deos a ajuda, e se agrada de V. M. Mas a principal cousa que quer, he que V. M. se trate como inimiga de si, desfazendo, e pi-  
zando



zando seus pensamentos, vanglorias, appetites, jactancias, altivezes, e toda a outra machina da enganosa, e mundana vaidade: que sem estar vencida, não se faz vida de espirito. E a razão, porque a muitas Almas se escurece o Entendimento, e se enfraquece a vontade para Deos, he porque amaõ o deleitavel, e não o terrivel: o sabôr, com que a natureza se alegra em seus prazeres, e gostos, e não o fel, e dissabôr, com que a Graça se põem mal com a natureza. Se V. M. quer luz, afflija-se, ame o seu desprezo, despreze a sua estimação, escolha o que aborrecia, aborreça o que amava, negue a seus sentidos tudo o que os adoça, costume-os áquillo, que os penaliza. E faça tudo isto por contentar a Deos, que anda á espreita, e não lhe passa nada por alto, ou do que se ganha com elle, ou do que se desperdiça. Não he tempo de mandar exercicios; porque me falta até para estas breves regras, e respostas. Mas parecem-me bem as diciplinas, principalmente no retiro; e que em quanto este dura, ponha por duas horas cilicio de dous em dous dias. E cada dia lea alguma lição, que falle na morte, ou vaidade do mundo, ou na brevidade da vida, ou na terribilidade da conta, ou na Gloria da Celeste Patria, e Divina Formosura. E tudo isto achará nas partes do Padre Puente; ou Vidas de Santos. E ao menos lea huma hora cada dia, ou junta, ou dividida. Faça vinte actos de Amor de Deos, e dez de aborrecimento do mundo, ou dez desejos do Ceo, com os suspiros possiveis. Reze cinco Salves a Nossa Senhora; alguma cousa ao seu Anjo da Guarda. E o mais faça por andar na presença de Deos, ou lembrança de meu Senhor Jesu Christo, com desejo de imitá-lo. Tenha ao menos duas horas de Oração, como puder. Mas faça por tê-la prostrada meyo quarto de hora, ou em cruz, ou o que lhe for possivel: que deste modo a revelou o Espirito Santo a Nossa Senhora. E por falta da reverencia, e da attenção ao que se medita, muitas Almas não aproveitaõ muito. Nada disto, que lhe ordeno, obriga a peccado. E pó-le não fazê-lo com qualquer causa. Ir a diante he o que importa. E ainda que haja alguma quéda, (o que Deos não permita) o levantar logo, he a maior importancia. En-

com-



commende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Vespera da Porciuncula.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**E**sta Carta do Servo de Deos para huma Religiosa, cujo espirito governava, começa dizendo-lhe a razao, porque nao lhe havia escrito todo aquelle tempo. E dando graças a nosso Senhor, a louva muito por haver vencido certa difficuldade: que devia de ser, como insinua, algum trabalho interior. Porque diz, que virem-lhe estes, ou aquelles pensamentos, mais he proveito, que damno, quando são bem resistidos. Porque além de ser este o ordinario exame, com que Deos prova as Almas, que elege para cousas maiores, he o mais proprio exercicio, com que se conseguem os melhores habitos. Este he o signal mais certo, por onde os que governao Almas costumao conhecer o estado dellas. Porque se de nao serem tentadas, se nao devem arguir: da mesma sorte se nao podem por isso aprouvar. Mas quando a tentação se segue a exacta resistencia, a tribulação he consequencia da Graca. Como pelo contrario, se se lhe segue a fraqueza, he signal da enfermidade, que padece a Alma. O que se nao alcançara sem aquella prova.

Diz, que a principal cousa, que Deos quer della, he que se trate como inimiga: isto he, mortificando todos os obstaculos, que impedem a perfeição do espirito. E diz, que de se nao fazer esta guerra continua, o entendimento se escurece, e se enfraquece a vontade. A razao he. Porque como os nossos sentidos são como nuvens espessas, que se interpõem entre a luz divina, e as potencias da Alma, quando estiverem mais carregados dos vapores de affectos humanos, tanto receberá menos de calor a vontade, e de luz o entendimento.

Diz-lhe, que escolha o que aborrecia, e que aborreça o que amava. E he de advertir esta contraposição. Porque ha pessoas tao pouco attentas, que vivendo sempre em deleites, appetites, e regálos do mundo, e dizendo que querem seguir a vida



a vida do espirito, elegendos exercicios, lem as vidas dos Santos, frequentam os Templos, mas sem nenhum proveito. E póde ser que mais facilmente enganados. Porque aindaque se empregão em algumas acçoens, que de si são piedosas, e seguem o que não seguião, não aborrecem os que amavaão. Porque no mesmo tempo a comedia, a galbofa, a murmuraçãõ, a vingança, a liberdade, e o jogo são os seus entretenimentos. E he estrema da ridicularia, que se tem por gente espiritual, e devota; sem repararem, que em certo modo offendem mais á doutrina, e Religiaõ Evangelica, que parece a querem conformar com a liberdade, e deservoltura.

## C A R T A XVIII.

*O Amor de Deos more em nossas Almas.*



Stas regras faço a correr. Porque he tanta a escriptura, sem ser sagrada, que parece veyo a supprir o que faltou a V. M. Já não ha obediencia. V. M. de cada vez peiora; e tanto mais, quanto he maior a desculpa. Contenta-se com fazer proveito em outras. Pois não basta isto, he necessario moer-se a si, e vêr que folgou muito de estar aonde a pudesse ouvir, já que nem sempre póde fallar. Pois aquillo de ficar-se sem huma mortificaçãõ, teve muita graça. Em fim, V. M. faz o que quer, e no cabo sempre tem á mão hum achaque para canonizar as pinguças. Eu não sei que contas fazem os propositos de V. M. E entãõ cuida que me satisfaz com mandar para cá estas mortes, para se ficar com a boa vida. Hora seja assim por agora, que tempo virá, em que os allivios sejaõ para V. M. máos tratos, e pague tudo por junto. A seu Irmaõ falle V. M., e diga o que entender nos particulares, que lhe communicar, que he serviço de Deos assim: mas dizendo-lhe sempre o que dissera a qualquer outro, que o mesmo lhe consultará. Dou a V. M. as gra-



graças do aviso, e sempre que tenha que me fazer algum, que importe, lhe mando rompa as ordens contrarias, seja por onde quer que for. Muito folgára de que se escrevesse a Pratica; ou ao menos hum Apontamento seguido dos pontos essenciaes. Porque eu a fiz com tal pressa, que não sei pontualmente o que disse. Mas se isto cança, não se faça. Quem lá disse, que eu fazia penitencias, não falla verdade. Porque affaz descuidado ando, e corrido de não fazer nada, suspeitando que póde ser cedo o dia da conta, e que muito má a posso dar de mim. Já cuido disse a V. M., que isto de dizerem-me o contrario do que obro, me serve de despertador, para que faça o que enganadamente me avisaão: e assim proponho de fazer alguma, pois V. M. me reprehende, gabando-me do que não faço. E isto he o de que folga muito o diabo. As minhas Cartas quando V. M. lhe achar alguma cousa, que sem nojo possa aproveitar a alguém, mostre-as, se quizer.

Mas saiba V. M., que nenhuma cousa me faz maior aborrecimento de escrever, que saber que os meus papeis particulares se costumão mostrar. Poderá ser que me emende com damno de muitos. Porque os meus agradecimentos, em damnos foraõ sempre. De Bispos temos mil historias. E provera a Deos, que não houvera Tragedias, as que se achão nos livros, e exemplos. Encommendemos a todos a Deos, e peçamos-lhe hum Deos nos livre, e guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E** Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa; filha espirital sua. E diz-lhe, que já não ha obediencia, e que cada vez peiora, quanta he maior a desculpa. A razão he. Porque muitas vezes se não tivessemos a desculpa, não nos atreveriamos a tomar a licença. E tambem, porque sem escusa, o que se perde em outra virtude, se ganha pela confusão, e bu-



mildade. Mas he necessario saber que o Seruo de Deos sempre fazia muitas pro'vas as Almas, que governava. E como entendessee que esta Religioza era inclinada a repetir alguns lugares da Escriitura, mandou-lhe que o não fizesse. E como lhe obedecesse com pontualidade, tornou a mandar-lhe, que em cada regra das suas Cartas lhe escrevesse hum lugar de quantos costumava repetir.

Pedia-lhe ella que lhe levantasse esta obediencia com a occasião da porta, aonde lhe era forçoso assistir, ainda que não houvesse de fallar. E por esta razão diz, que faz o que quer, mas que nem sempre tem hum achague para canonizar pinguças que erão as mesmas desculpas. E com esta suavidade, ainda nas materias mais leves, não havia circumstancia, que deixasse passar sem doutrina. Porque deste cuidado se segue escusar muitos erros. Porque a nossa Alma he como a espada, que se cada dia se alimpa na ponta da capa, escusa de chegar á violencia da pedra, onde se risca, ou arrisca.

Diz, que a seu irmão diga o que entender nos particularer, que lhe comunicar. Mas dizendo-lhe só o que dissera a outra pessoa, se o mesmo lhe communicára. E he muito de advertir esta inteireza. Porque o trato, e parentesco nos faz ás vezes alargar sem escrupulo, não fazendo culpa de muitas cousas, a que insensivelmente se seguem muitas damnosas consequencias, e apprehensoens, que ficam solapadas, e rebentão como postemas, sem repararmos donde forão nascidas: e com pretexto de advertencia, e cautela justa, occasionamos humas suspeitas, e apprehensão formada. Prossegue, que dizendo-lhe o contrario do que costumava obrar, lhe servia de despertador. Paraque entendamos, que Deos faz que digão de nós algumas vezes o bem que não fazemos, paraque abramos os olhos, e nos confundamos, e saibamos que he aviso, o que cremos applauso.

Diz, que se nas suas Cartas achar cousa digna de se mostrar, que faça o que quizer. Mas adverte logo, que isto lhe servira de cautela, e aborrecimento para se não alargar. Era o Keneravel Padre muy humilde, e prudente: como prudente, diz que pode mostrar as suas Cartas; porque não lhe ficasse duvida, que podia escrever cousa, que não pudesse ser vista: e







da está verde. Agradeço a V. M. o cuidado, que tem de mim. Suspeito, que lho desejo merecer. Porque até agora não tem V. M. perdido o seu primeiro lugar diante de Deos em minhas pobres orações. Do que V. Reverencia me diz a mim, não tenha nenhum escrupulo: que mo diz para o remedio, e não para a calumnia.

Ir ao Paço segunda vez acerca do Capitulo, foi cousa, que nunca me passou pela imaginação, nem pelos ouvidos, que me lembre. Porque aindaque importára muito, só a obediencia me pudéra levar a estas cousas. (como testemunharão estas Cartas) E se outra vez me mandarem, estou promptissimo para ir sem réplica. Porque então o ir he obrigação, e o fallar, conforme minha consciencia, o será também: ou seja pro, ou contra, que contra isto ninguém me póde obrigar. Encommendo-lhe, que encommende muito a Deos os peccadores, e que em V. M. achem lastima, e caridade. As aversoes naturaes, não são peccado; mas são inclinações para elles. Necessario he andar á lértá quem quer chegar á uniaõ de Deos. E o meyo mais proporcionado, he a caridade, e amor do proximo; que parece incapaz de amor, e caridade.

Para eu ser aqui Confessor, he mui cedo: e ando ainda muito bem disposto, e capaz de me metter no mar para as pescarias de Deos; que para a calma, e para o frio me tem dado bom temperamento. Se o Senhor for servido que viva á cinte da razão: porque não devia viver quem vive para peccar, e não presta para nada: alguma hora, quando não para Confessor, para Sacristão servirei, se Deos for servido. Mas não acabo de ter focogo em humas marés, que me põem ás vezes de foz em fóra, e que me fazem suspeitar, que poderá ser brevemente humá das mais azedas resoluções. Allumie-me Nosso Senhor, para que eu entenda a sua vontade: e assim lho peça V. M. Porque também me persuado, que se tivera isto por mal, e se me não representára em feição de bem, não a quizera: e assim entre cova, e mundo, nem de todo mundano, nem enterrado de todo, faremos o que Deos for servido. Estas são as abstinencias de Fr. Antonio, não ter nenhuma, antes ter cada vez mais fome, e sede de suas



suas melhoras espirituaes de V. M. E quando não as haja , tudo nasce de ser eu o máo Cozinheiro.

V. M. o tem sido bõa , pois tira chagas , donde outros delicias. Sou de parecer , que em quanto forem leves , V. M. não as cure ; mas se houver risco de damno , faça-o V. M. , e sempre o que por obediencia, ou necessidade justa lhe mandarem , ou disserem. E entre estas dores das mãos , e pés , se lhe cahir por entre os dedos alguma , offereça-a a Deos por este peccador , que quer ter esse pé para merecer alguma cousa diante de Deos , e vêr se desse modo pôde tomar tambem o Ceo ás mãos. Se isto foi ociosidade , faça V. M. por mim penitencia. E vendo-me mais peccador , encommende-me mais a Deos , que guarde a V. M. como lhe peço , e desejo.

De-V. M. servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

Esse Registo , que mandou N. , remetto-o a V. M. Coma dessa fructa , vá por esse caminho , e ajude-lhe a essa Cruz.

### N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa, estando de partida. E depois que lhe assegura, que de qualquer parte sempre terá o desejo, e cuidado de seu aproveitamento, lhe pede que o avise do que entender he para gloria de Deos mais conveniente: e que saiba que nenhuma cousa tanto lhe aproveita, como aquella, que a ella lhe parece que o desgosta. E diz, que isto he o que o deleita. Sabia o Veneravel Padre a chimica do espirito, que descansava com o cuidado, e a fadiga lhe servia de allivio, e a censura de complacencia virtuosa: e até com seus defeitos, como sempre os suppunha, tinha consolação; porque se humilhava. Mas esta sciencia não se aprende, senão mortificando vontades, gostos, e appetites: e em fim, crucificando a natureza de sorte, que se não ouçaõ mais que da Alma os dictames. Logo sobre a dispensação de certos Breves, que se procuravaõ impetrar, sendo pela doutrina ordinaria contra a consciencia.



Diz , que o que importa he negar-se aos discursos , que fazia naquella materia. E a razão , que dá , he crer que sem fundamento não se quereria incorrer em humia excommunhaõ , que sempre se funda sobre culpa grave ; mostrando desta sorte , que aindaque a injustiça nos pareça clara , que se não somos por officio obrigados , ou por caso forçoso , que não podemos sem culpa fazer conceito contra o procedimento do proximo , principalmente podendo ter alguma escusa no Juizo Divino.

Diz , que bem lhe pareceo o Palito ; mas que queira Deos que se não perdesse na folha de fóra , o que entrava de mortificação por dentro. Isto parece que foi algum acto de humildade , ou mortificação exterior : e por isso lhe adverte a cautela , quando falla na folha de fóra , porque examinasse se chegára ao coração alguma complacencia. E diz , que se o amor de Deos anda pela rama , que bõa esperança tem , até do que está verde. Porque como a rama ampara os fructos , paraque madurem a seu tempo ; amparará as virtudes o Amor Divino , a cuja sombra se devem criar nossos affectos.

Diz , que do que lhe refere não tenha nenhum escrúpulo : isto he , de noticias , que lhe dava para o que convinha. Mas logo insinua com que circumstancias ha de ser , para remedio , e não para calumnia : e a elle , que não só era seu director , mas conhecido em todo o Reyno por hum tal Varão Apostolico. E não basta só não ser para calumnia , senão tambem ser para remedio ; e a quem he capaz de dar-lho. Porque sem estas condiçoens , se não fosse culpa , fora ligeireza muito arriscada. Diz , que as aversões naturaes não são peccados , mas disposiçoens para elles , e que o melhor remedio he a caridade do proximo. A razão he. Porque hum contrario não se destroe bem , senão por outro contrario , e a aversão natural a esta , ou áquella pessoa , ao menos he obstaculo da caridade , que a não deixa obrar ; e assim só com a caridade se pôde vencer , e destruir. E não basta desviar o discurso , e a memoria. Porque isto he prender este máo affecto , mas não destrui-lo. O que não he impossivel á caridade : que se ajudada da Graça destroe o peccado , como não mudará a aversão natural , que , se he defeito , não he delicto ?



## C A R T A XX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Adre N., e Senhora minha. Senhora, aindaque não queira, pois he Esposa de meu Senhor. Dei agora em rebelde, e até contra meus achaques me quero levantar a maiores. Estes dias andei de corpo semelhante ao espirito, que não he pouco mal: porém Nosso Senhor sempre me trata bem. Se me não curára pré-gando, estivera morrendo. Porque me cahio muita agoa na cabeça nos Sermões do Campo, em Braga, e em Barcellos, Ponte de Lima, e nesta Terra: até que cahí, e tenho por experiencia, que o remedio he ir prégar em a Igreja, aonde fue, e saya para fóra o mal, que entrou para dentro. Assim o fiz, e assim melhorei. Mas ainda a cabeça anda como minha: porém tudo he meyo, e motivo de louvar a Deos, que põem estes despertadores, para que não durma a Alma; antes véle em sua presença. Seja Deos bendito.

Vamos a responder. Não quero já que V. M. se ponha tão ruins titulos, nem que saya tão cedo por fóra o que está solapado dentro. Tudo tem seu tempo, sua maré virá, e com ella a viração do Ceo. Já escreví a V. M., que a Trás dos Montes não he possível ir. Porque em cada terra ha muito que fazer. Deixaremos a Provincia para esta segunda jornada, se Deos dér para isso vida. Não cayo no que V. M. me diz das Communhoës espirituaes. Se he pedir licença para fazê-las, parece-me mui bem. Lá foi humma medida, que mandei este Correio passado, que trazia commigo havia muito tempo, de Nossa Senhora. Em V. M. fica melhor empregada. As Reliquias de Santa Isabel guarde V. M. para quando eu lá for. Basta-me o Sangue de Christo Senhor nosso, que trago commigo. Das culpas commettidas, ou que V. M. commetter até a segunda ordem, não faça V. M.



mais penitencias, que conhecer que não he capaz de nenhuma, nem a fez nunca, como a devia fazer. E cuide sempre, que he peor do que cuida: que se não achará nisto muito enganada. E eu crerei a V. M. sem virem á balha os Santos Evangelhos para prova de sua grande humildade. Ora seja Deos bendito, e queira Deos que assim seja.

Em todas as tentações tenho experiencia, que não ha melhor defensivo, que a memoria, e presença de Deos: examinando nella, e olhando para a Alma, se repartio, ou diminuiu o amor de Deos; esforçando nesta presença o proposito de o não offender. E tudo isto com huma suavidade pacifica, sem tumultos, nem violencias dos sentidos, nem grande efficacia de palavras: que a força quebra a cabeça, e não desaffoga a Alma, até ter perfeita saúde. Faça V. M. quanto puder por ella, e louve a Nosso Senhor, que lhe quer mostrar, que até nas cousas do corpo he bem obedecer. Seja Deos louvado pelos repiques: que em dia das memorias da morte, melhor parecem outros signaes. Quererá Nosso Senhor, que tudo seja para sua gloria, e honra: que não será pequena, que os vivos se pareçam com os mortos; pois he certo, que os estrondos das maiores estatuas párao em cinzas. V. M. obedeça aos Medicos, como aos Prelados, que S. Francisco Xavier assim o fazia. E em quanto tiver impedimento na vista, ou nos olhos dôr, não me escreva muito, senão o menos que puder ser. A voz, com que V. M. ha de servir a Deos, he quando for ao Côro rezar mais alto que puder; como não seja modo extraordinario, que possa perturbar: que S. Vicente Ferrer assim o aconselha, que levantemos a voz ao louvor de Deos, ou quando se canta, ou quando se reza.

Eu bem folgára de ter onde parar, e recolher-me algum tempo no meyo destas Missoes. Mas somos muitos, e não ha onde, fóra de Viseu, ou da Provincia. Apenas começamos huma terra, já nos chamao para outra: e assim lidando com varias fadigas, he preciso descansar, trabalhando nellas.

Lea V. M., quando puder, essas quintas essencias do Padre Puente: aindaque me parece, que quem lhe resumio  
a sub-



a substancia, não terá o mesmo espirito. Ainda que não tive tempo de lêr a Infancia de Christo, tenho o seu Author por Varão perfeito. Ler tudo, sempre he bom; mas nem a todos he concedido ir pelo caminho, que se lê em todos. Conforme o espirito de cada hum deve ser o exercicio, e o emprego. No lêr não ha engano. Do Senhor Bispo de Lamego espero grandes fructos, pelo fervor que vejo em seu espirito, e no pastoral cuidado, com que se desvela pelo bem das Almas: tudo he necessario nestes miseraveis tempos. Porque os peccados são os maiores, que houve nunca no mundo. O Senhor Bispo do Porto he hum grande Prelado: e eu lhe devo viver sempre muito aggradecido, pela mercê que me tem feito. Estimo que a Madre Soror N. ande tão alentada, que chegue a ser Cozinheira. Entre os tições pôde arder o coração: e entre o fogo da terra soprar-se o do Ceo. Peça-lhe V. M., que nessas fadigas se lembre de quem merece o do Inferno. V. M. festeje o Senhor S. Joseph, quanto puder; que eu folgára de fazer o mesmo: mas cá, como posso, faço o meu officio. Na Enfermaria não ha regra de mortificações. Amor de Deos, compunção consigo, caridade com o proximo, seja o commum exercicio, e presença de Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Viana, 28. de Março.

Servo inutil, e mais obrigado a V. M.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**N**esta Carta, que o Veneravel Padre escreve a huma Religiosa, lhe diz como tinha passado de saude com alguma molestia; mas que sarára com o grande trabalho. Porque suando sabe o mal para fóra. Oh como se engana quem lhe parece, que sem suar no amor de Deos, ou bem do proximo, ha de lançar do coração os humores duros, e frios, que nelle introduzio o diabo! E diz, que tem por experiencia, que prégando melhorava. E bem advertido, não he só mysterio: senão que muitas vezes, se des-



se desprezarmos certos melindres, com que nos tráz encantados o amor proprio, acharemos que no receyo estava o damno, e no desprezo consiste o remedio. Diz mais adiante sobre certas Reliquias, que lhe offereciaõ, que a elle lhe bastava o Sangue de Christo Senhor Nosso, que trazia consigo. E não era só pelo que o Senhor derramou por nosso remedio; mas hum a gotta deste santissimo Oleo de infinito preço, que eu vi, e trazia em hum Relicario. E não sei o como lhe veyo aquelle rico thesouro. Mas supponho que hum Padre tão exacto, e humilde, não approvava, e usava daquella Reliquia, sem grandes probabilidades.

Diz, que das culpas commettidas, ou que commettesse, até segunda ordem não faça mais penitencia, que conhecer que não he capaz de nenhuma: e que cuide que he muito peor do que cuida. Isto he, que jámais creya que acabará de conhecer-se a si mesma. Ob que agradável penitencia he esta aos olhos de Deos! Quanto val mais esta confusão, e humildade amorosa entre a dór de nossas culpas, e a confiança da Bondade Divina, que diciplinas, jejuns, cilícios, com que insensivelmente muitas vezes ficamos cheyos de presumpção, e engano. Não se diz que não são estas mortificaçoens muito necessarias, pois dellas usa tanto a Igreja; mas que creamos, que sem a humildade verdadeira dentro do nosso nada tudo he nada. Porque como nossa justificação depende da Graça Divina, que não admitte a vaidade, he necessario que estas obras exteriores não fação mais no coração, que barrer, e passár, para que a Graça se possa introduzir.

Diz, que em todas as tentaçõens não ha melhor remedio, que a presença de Deos, e o exame da Alma. Isto he, examinar as forças, com que se acha depois da luta; que he a mais segura doutrina. Porque a tentação nunca nos deixa no estado, em que nos próva. Porque, ou ficamos vencidos, ou vencedores. Se vencidos, mais fracos; se vencedores, mais animosos, e fortes. E diz, que sem tumulto, e com suavidade. Porque o demonio, quando nos não vence, procura que nos perturbemos, paraque o que não fez a tentação, faça o escrupulo. E para tudo, o melhor remedio he detestar com paz, e humildade o peccado, e inflamar á defensão o amor, e o affecto.

Diz, que ler por todas os Livros Espirituaes he conveniente.



niente, mas que he necessario não querer usar os exercicios de todos. Porque ha pessoas, que querendo seguir o methodo de cada livro, não fazem exercicio a proposito. Haõ de ler-se para afervorar o espirito, e para occupar bem o tempo, e para accomodar a lição aos exercicios proprios, de que usamos.

## C A R T A XXI.

### *O Amor de Deos more em nossas Almas.*



Adre Soror N. Não he menos necessaria na Arte da Pintura saber metter na figura, que se pinta, as cores alegres, que as sombras tristes. Todas servem de perfeição ao retrato, e de maior belleza á figura. Assim Deos, que pinta a sua Imagem nas nossas Almas, não as aperfeiçoa menos com as sombras daquillo, que as melancoliza, que com as cores, e consolações, com que sua Bondade as alegra. Assim se serve Deos. Sirvamo-lo nós assim, estando tão quietos, e destinados para receber as sombras, como para as cores. As pausas na Musica fazem mais suave a consonancia. Se se continuáraõ sempre as vozes, fora fastidiosa a harmonia. Por isso ás vezes faço pausa, e a póde fazer Deos com a minha ausencia. E tudo faz consonancia para as Celestes doçuras, e segundo as disposições da Providencia Divina. Com tudo, não estamos tão de parto, que já V.M. lme queira tomar as dores. Não lhe dê nada cuidado; mais que saltar-lhe ainda aquella indifferença, de que nasce a sede falsa de algum humano allivio. Seja toda a sede da vontade de Deos. E aindaque elle não manda que não sintamos, façamos nós por estar mortos para todo o sentimento, que não for de nossos peccados. Quem lhe deo a V. M. atégora Fr. Antonio para seu arrimo, de que cousa haverá no mundo, que lhe não faça encosto? Se hum bordaõ de canna occo, teve para V. M. ferventia; quanto mais a teráõ outros, que são mais sólidos, e melhor apro-



aproveitados das misericordias de Deos. Calle V. M. essa sua caramunha, e ponha toda a sua razão apar da vontade de Deos: e logo verá como ficaõ doces as maiores amarguras. A galinteria, que eu disse acerca das Letradas, era para as humilhar, não por me enfadar. Porque não tenho de que. Antes folgára que V. M., e todas foubereaõ muito mais: com tanto, que tudo foubereaõ mortificar. Deixe V. M. estar os seus papeis, que tempo lhes virá no Diluvio, em que os prouve o fogo. Continue V. M. os seus exercicios, lea as Vidas dos Santos, e use do espiritual recreyo dos Livros, que trataõ de Deos: como não mude de estylo na oração, e mortificação. O que se fez na semana do Jubileo, tudo me pareceo bem feito. Louvado seja Deos, que poderá fer que alguma cousa me caya em casa. O silencio, e retiro, de que V. M. usa, são boas azas, se no estender das pennas não levar o vento algumas plumas. Estenda-se sempre para dar a Deos o que he seu, e para tirar de nós o que he nosso: vivendo sempre em temor, de que a vaidade nos furte o que a Misericordia de Deos nos concede. O necessario convém que se falle. Porque a singularidade sem obediencia não descubra a flor da virtude, que periga ás vezes, e semucha nas notabilidades: isto he, quando nas occupaões da obediencia, ou necessidade V. M. se occupa. O mais tempo, que puder, cále, e falle com Deos: e continue só a responder, nos dias de silencio, ao que se lhe perguntar. Na Consoada á noite se póde usar, sem escrupulo, do que não passár de meyo arratel entre tudo; como não seja peixe. O regálo consiste no exquisito, o sustento no necessario: deste ha de V. M. tomar até se lhe acabar a fome, aindaque não acabe o appetite: que o appetite sempre diz mais, e a fome contenta-se com menos. Ao jantar satisfazer. E em pão não ha para se mortificar, nem em hervas, ovos, e peixe, mais que algum bocádo. Nos doces, e fructas póde haver algum resguardo mais. Nos dias de Jéjum da Igreja, tenha V. M. na Consoada alguma perfeição mais, contentando-se com alguma couzinha menos.

Nos exercicios troque V. M. os dias: quero dizer, o que a cada hum se applica, conforme lhe estiver melhor ás



occupações de seu estado : que como elles , e ellas se fação bem , este he o nosso intento. E na Enfermaria tenha V. M. mais desaffogos , a troço de que com a caridade allevie mais aos enfermos. E assim tambem nas mais occasiões de caridade , obediencia , e necessidade , deixo tudo á sua prudencia. A tentação , que V. M. teve , de que me faziao mal as suas orações ; conhedidamente foi do diabo : e claramente se vio nesta impaciencia , que a V. M. lhe deo. Porque repartio entao com V. M. da fructa , que elle come , e da pena que sente , em que alguém se compadeça de minha pobre Alma : que a não ser tanta a Misericordia Divina commigo , e as orações de muitos ; tenho para mim , que já estivera no Inferno , ou muito perto delle. Encommende-me V. M. a Deos , que o seu maior proveito consiste em applicar o que faz aos outros por amor de Deos.

A Alma de meu Irmao estimo muito , que V. M. applique o que puder de suffragios. Porque aindaque lhe não saibamos grandes peccados : sabiamos que era humano. Espero que Deos tivesse misericordia delle. Porque Sua Divina Magestade lhe havia dado hum grande desejo de ser verdadeiro filho de Meu Padre S. Francisco. E era ajudado da Divina Graça : grande amador da pobreza , e da castidade. E cuido , que da obediencia o mesmo. E se assim foi , agora colherá o premio de seus bons desejos. Mas ainda lhe serão bons todos os suffragios. No Sermao me achei muy bem. E aindaque houve trabalho , para tudo nos deo o Senhor alento. Dos sangues , que cá disserao , me não lembra que houvesse tal. A gente , que olha para mim com bons olhos , de tudo faz mysterios. Não faça V. M. caso delles , e troque as lastimas , ou os reparos , em me pedir a Deos verdadeira humildade , caridade , e paciencia. Tenha V. M. a mortificação , que lhe dei : salvo , se a Prelada a mandar tirar : que a qualquer obediencia não ha regra contraria. Ao Capitulo não me parece que irei ; salvo se me chamarem para fazer lá alguma Practica. Porque o negocio , que lá podia ter , que era encommendar-lhes que fizessem o melhor ; já lho tenho dito a todos. E se for necessario , lho direi mais vezes. O meu negocio he que se faça o que he mais conforme







alguma larga ausencia. E por esta razão diz o Seruo de Deos, seguindo o mesmo estylo de metaphora, que não está tão de partida, que deva de tomar-lhe já as dores da ausencia, que não fazia, dizendo-lhe por este modo, que aquelle acceleramento era de coração pouco mortificado. Porque aindaque este cuidado fosse muito justo, bastava ser anticipado, para ser imperfeito. Porque toda a celeridade nasce de temor, ou appetite. Diz, que quem lhe deu a elle por Padre espirital, lhe dará outro melhor Director. E não diz isto, porque fosse necessario adverti-lo a huma pessoa, que parece estava tão aproveitada; mas porque algumas vezes succede, que por hum destes fios insensivelmente se prende a vontade, que ha de ser para Deos tão livre, que preza nem o ha de estar das mesmas virtudes.

Diz, que a singularidade, sem ser por obediencia, ás vezes faz murchar as flores da virtude; isto se entende em actos exteriores: humas vezes, porque pôde introduzir-se hum pensamento de vaidade, que he hum bichinho secreto, que roendo a raiz da planta, não se conhece, senão quando se murcha: e outras, porque damos occasião aos fracos, a que fação discursos, para elles, e para nós perigosos. E do coração para dentro se podem fazer sem estes inconvenientes mais altos exercicios de mortificaçoens, e affectos; pois temos o Reyno do Ceo dentro de nós mesmos, se o buscarmos em verdade, e espirito.

## C A R T A XXII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Quando a mortificação se deixa pela caridade, perfeição pôde ser a falta de mortificação. Veja V. M. se esta falta foi perfeição, se foi vaidade. E como esta tidalga he tão subtil, que entra sem se vêr, também receyo que entre sem se sentir. Eu ando de espreita, não de malicia, que a cautela he Carta de Seguro, e o descuido acto de querela. Má carta de



de pago, má paga parece esta para tanta divida; mas assim paga, quem só desta moeda tem. Em fim, ou haja, ou não haja erpes, já estão postos os defensivos. Bem podem já apparecer os affectos. Não sei dizer a V. M. quanto me alegrei com as suas novas, muito menos quanto estimei a maré, que me veyo nellas.

Hum dos gostos, que tive grandes, he que até não ficar, e responder, como me parece que Deos quiz, as minhas acções se vestirão da libré das Ideas de V. M. Porque parece que estávamos fallados em quanto se tem feito. Que a V. M. lhe tomem mal os seus papeis, ou descuidos, folgue muito com isso. Porque huma das coulas, de que tenho especial gosto, he que a minha resolução pareça, e se diga mal della. Bem aviado estivera eu, se deixasse de ser Bispo, porque me louvassem: ou se o fora, porque me não vituperassem. Já cuido que disse a V. M., que tenho por Maxima assentada, que he vaidade conhecida servir a Deos, porque nos louvem; ou não serví-lo, porque nos vituperem. Já não quero fallar em Mitras. Porque na verdade faz horror, que a minha miseria ou nisto se metta, ou disto se lembre. A Carta de S. A. não lhe dê a V. M. cuidado; porque não ha de ficar em Morgado á Religião, como huma pessoa grande me disse: nem em cabeça de casal a meus Parentes; nem menos havia de ser Bandeira da Misericordia de S. A. Porque está já relaxada ao braço de minha vileza summa. O Padre Provincial faz seu officio. Entende-o assim. Muito apertou, já me deixa. Mas aindaque o não fizera, eu sou tão couro crú, que nada dou de mim. Entendo que sentio muito, que eu lhe não obedecesse nisto. São pontos, e estes ás vezes doem mais que as feridas. Porque tambem os da minha consciencia me doem mais, que os golpes dos indevidos mandatos, que me não ligão; porque são contra minha Alma. Mas o mandato, como era cousa de amor; o muito, que o Padre Provincial me tem, lhe deo que sentir, e a mim muito mais que agradecer. Porque elle fez o que se lhe mandou, e eu o que entendi. No mais não temos differença: aindaque haja desconfiança da minha parte para os acertos, se me não engano da sua; porque entende  
que



que acerta, e não tem perdido o tino. Ajude V. M. com orações a todos, e deixe dizer essas bellezas, que ainda as temo menos, que os milagres.

A V. M. lhe mando, que toda esta Quaresma não faça aquella penitencia. Porque se hum a he miseravel, que não presta para nada da parte de dentro, paraque quer por fóra mais exterioridades. Glorio-me agora em que as outras se mortifiquem, e em V. M. se não veja, nem o forro dessa mortificação. Ame mais a Deos, que ainda o póde mais amar. Não queira já padecer por elle: que ainda não tem o dom amavel, e sobre muitos desejavavel de padecer por Deos. Não he justiça, que o pobre corpo padeça, estando innocente, e que essa Alma, onde houve os áque del Reys, viva muito á vontade.

Para a Pascoa intento ir, se não houver ordem em contrario. Porque determino obedecer em tudo, como não sejaõ Bisposados, nem peccados. Não farei muito em pagar a V. M. muitas dividas, com a alleviação dessa Casa. Devo a V. M. como já lhe disse, não haver-me ido de Portugal. E creio que foi luz do Ceo, tudo o que V. M. neste particular me disse. Tenha agora disto vangloria. E veja, que vindo os Discipulos de Christo muito contentes, por fazer milagres, e deitar diabos fóra, lhes disse o Senhor: *Eu vi a Satanás cabir do Ceo como hum relampago*. E foi dar-lhes a entender, que com a luz do Ceo cahio nos Infernos. O mesmo lhe póde a V. M. succeder, se se desvanecer agora com esta luz. Que vai? Como estamos agora? Foi bom este rayo? Veja, que para os Louros ha tambem Coriscos. Tremer como S. Paulo, até de obrar bem. Que só não temem, os que vivem mal: *Non est timor Dei ante oculos eorum*.

Ora Senhora, como lhe hey de agradecer o muito que lhe devo? Digo-lhe, que: mas paraque he dizer-lhe? fique para Deos. Saiba que neste mundo a ninguem desejára vêr mais santa, não só porque V. M. me deseja perfeito, mas por trezentas dividas. Mas fique o mais para os pertos, não deitemos o que está dito a longe. Acabem-se os sobressaltos, e continue em me encommendar a Deos, e em dar graças destas batalhas a Nosso Senhor, que guarde



a V. M. como lhe peço , e defejo. Evora. Março 21. de 1676.

Servo inutil , e cada vez mais obrigado.

Fr. Antonio das Chagas:

# NOTA.

**E**Sta Carta começa o Veneravel Padre , dizendo , que quando a mortificação se deixa pela caridade , que perfeição pôde ser a falta de mortificação. Eisto succede , quando se larga algum exercicio por acudir á necessidade do proximo : ou no caso , em que a verdadeira prudencia manda antepôr á mortificação a necessidade propria. Mas como em fazer este juizo pôde haver soborno da parte do appetite , diz que examine , se foi perfeição , ou vaidade : á qual chama fidalga. Porque ordinariamente he hum vapor do sangue , que ferve , com que o espirito fraco se desvanece. E como a vaidade he nada , o mesmo he sem virtudes o sangue da Fidalguia.

Diz , que entra sem se ver , nem sentir : accusando por este modo a cegueira , e insensibilidade humana. Porque não pôde ser maior , que , esquecendo-nos das misérias , em que ordinariamente cabimos , fazer presumpção do engano , e gostosa possessão do vento. Chama Carta de Seguro á cautela ; não porque se possa nesta vida viver sem alguma culpa , mas porque por esta fidelidade nos concede a Divina Graça , aindaque culpados , os meios mais opportunos , como as Leys permittent áquelles , que se livraõ soltos. Diz , que o descuido he acto de querêla. Porque em nossa negligencia se escrevem as mais das queixas da nossa Alma ; aonde as testemunhas hão de ser os remorços da propria consciencia.

Fallando sobre outros particulares diz , que se lhe não dá de que se lhe tomem mal seus papeis , ou descuidos. Porque hum das cousas , de que tem especial gosto , he que se diga mal de sua resolução : isto era , de não acceitar hum Bispo. E não porque sem esta reprobção dos homens se não possa fazer heroicos actos ; mas porque tambem he Carta de seguro , e mais justificada , porque no la concede aquelle mesmo , que nos cen-



sura, quando nos reprova. Diz, que não quer fallar em Mirras, porque em verdade lhe faz horror ver que sua miseria daquella materia falle, ou se lembre. E he grande doutrina esta para pessoas, que professão, e exercitaõ a santa Humildade. Porque a perfeição desta virtude não consiste tanto em não querer a grandeza, como em perder della a memoria. Cujas imagens são como nuvens estereis, que não chovem, mas escurecem.

Prosegue fallando ainda sobre a mesma materia. Porque parece que o Prelado lhe mandara acceitasse o ser Bispo. E diz, que tal obediencia não liga. Porque era contra sua Alma. E algumas vezes acceitando por amor proprio, contra o mesmo discurso tomamos a obediencia por pretexto, dando primeiro posse ao escrupulo, do que a tomemos do officio.

Diz, que não faça penitencias, mas que ame muito a Nosso Senhor; e que ainda não tem o dom amavel de padecer. Todos somos obrigados a fazer por amar, como os maiores Santos amaraõ; mas nem todos estamos capazes de padecer, como elles padeceraõ. Para procurar amar, todos temos desde o Baptismo a Graça; mas para aquelle excesso de padecer, sem maior favor não basta a natureza. E ás vezes querer exceder as forças proprias, he tentação, que tem feito dar muitas quedas a muitas Almas.

Diz, que em tudo, que lhe disse, acertara, que parece foi luz do Ceo. E porque lhe não entrasse alguma complacencia, lhe lembra o que disse Christo Senhor nosso a seus Discipulos, depois de haverem feito milagres, e affugentado demonios; paraque entenda que a luz ás vezes a dá o Senhor a huma Alma, porque aproveite a outra: e que o merecimento não consiste tanto em fazer milagres, como em trabalhar pelas virtudes.



## C A R T A XXIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Everenda Madre, e Senhora Soror N. As Cartas de V. M. para mim são como orvalho para a terra, ou ervinhas seccas, que revivem na madrugada. E muitas graças dou a Sua Divina Magestade pelas boas novas da faude de V. M. tão necessaria para essa Comunidade, e para que V. M. seja espelho do que pôde Deos em suas miseraveis creaturas. Eu tenho disto grande alegria. E mais será, quando o espirito seja muito maior, e todas essas espirituas fadigas se levem com grande amor de Deos, e do proximo, e com huma tenção muy recta, e pura de agradar a Sua Divina Magestade, e nelle a todas as mais creaturas, a quem a manda servir seu amor, estendendo o desejo de amar, padecer, e servir mais, por todos os que foraõ, são, e haõ de ser agradaveis a Nosso Senhor, em cujo coração se ha de metter, e obrar tudo quanto obrar, ao menos huma vez no dia, com o desejo, e tenção, pedindo-lhe que lhe dê graça, para que se metta toda em meu Senhor Jesu Christo, e viva pela sua vida, entenda pelo seu Entendimento, queira pela sua Vontade, e veja, olhe, ouça, falle, coma, e sinta pelos sentidos deste Esposo amabilissimo.

Por via de Joseph de Setuval, que he muy boa via para o Algarve, me chegou esta de V. M. E agora pelo Governador de Sines vai esta, ou irá, querendo Deos: que hoje parto para Villa-nova de Mil Fontes, que he daqui cinco legoas: e dahi a Odemira, que são outras cinco. E querendo Deos, dahi a quatro entrarei na primeira terra do Algarve. Onde pelo muito que ha que fazer nos Póvos, não poderá ser a volta tão cedo, como eu cuidava. Mas faça-se a vontade de Deos.

Bem



Bem quizera eu que as cousas da minha Provincia tivessem grande reforma com grande uniaõ, e paz. Poderoso he Deos para maiores milagres. Eu lhe peço todas as horas, com a efficacia que posso, ponha em todos nós seus olhos. Quererá Deos, que assim como os Medicos abalaõ os humores para os purgar, e ficar com saude o enfermo, assim seja na Provincia.

As doencas dessa Communnidade sinto, pela Cruz, que será das saãs o mal das enfermas. Louvo a Deos, que as leva a todas por Cruz. E quanto for o martyrio, tanto será o merecimento. V. M. fez bem em dar os papeis, que se lhe pediraõ para exercicios. E será melhor em fazer tudo o que estiver na sua maõ, para que essas plantas cresçaõ, ainda que ellas (naõ subindo para o Ceo direitas) se inclinem para aqui, ou para alli. Tempo virá, em que a tempestade as endireite, por mais que agora as torça a vaidade, ou livianidade. Grande contentamento tenho com as boas noticias de N., e mais com as de sua companheira N. Nosso Senhor lhe dê a perseverança, que lhe peço, porque a sua vocação se prouve na constancia do Espirito. Eu encomendo muito a Deos aquella pessoa, que teve occasião de peccados. E bem creio que será passada a culpa. E ás passadas se offerece a Divina Misericordia. Se nessa terra se diz, que eu digo que está perto o dia do Juizo: eu o torno a dizer. E se isto he temeridade: Nosso Senhor Jesu Christo foi o que o disse. E ha já perto de mil e seiscentos annos: *Et veniet cito*. Se eu dissera que elle mo revelára; fora grande o meu escrupulo. Encontrar o que a Escriptura diz, ou he ignorancia, ou malicia. Que seja o Antichristo nascido, naõ o posso eu dizer; porque tal naõ sei. Suspeito eu, pelo estado do Mundo, que naõ deve estar longe o seu nascimento, ou a sua vinda ao Mundo. Folgára muito viver no seu tempo, paraque com a graça de Deos pudesse dar a vida por meu Senhor Jesu Christo. E tenção tenho de fazer quanta guerra puder ao Inferno até o ultimo suspiro. Cá tinha chegado já a Historia de França, que tenho por Gazeta do Limoeiro. Dessa mulher, que diz, que eu descobri o sigillo, naõ me posso lembrar que eu a ouvisse de Confissão.



saõ. Porque não me lembro que nessa Córte confessasse, ha muitos annos, mulher alguma. Mas bem he que de mim se diga alguma cousa, que não terá graça passar livre neste jugo do Amor de Deos. A todas peço me recommendem a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Sines, 9. de Novembro de 1680., dia em que me parto.

De V. M. servo inutil, e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre andando na Missaõ do Algarve; que era em resposta, como se colhe della. Diz, que as Cartas desta Religiosa saõ para elle, como orvalho para a terra secca, ou para as hervinhas. Porque assim como estas plantas a Aurora as anima, e alegre, e o Sol as cria, nos havemos de consolar com esta sociedade Catholica, e com a communicacão de creaturas virtuosas; mas para passar logo ao Creador, que he o fim, e motivo desse contentamento. E por esta causa diz logo, que tudo quanto obrar, seja com terçãõ muy recta, transformando-se em Christo por amor, e resoluçãõ, ao menos huma vez no dia. Porque este ha de ser o principio, e fim de todos os movimentos de nosso coraçãõ, e espirito.

Diz, que sente muito as doenças daquella Communidade, pela Cruz que teriaõ as que estavaõ saãs, do mal das enfermias. Porque sabia, que onde era a caridade tanta, se sentiaõ como proprias as enfermidades albeias. Porque ou as sente o cuidado, ou as inveja o espirito. Prossegue: Se nessa terra se diz, que eu digo que está perto o dia do Juiz, eu o torno a dizer. E como fazendo pouco caso de semelhantes ditos, continua: se he temeridade, Christo Senhor nosso o disse ha mil e seiscentos annos.

He grande a cegueira de quem murmura. Porque de mais de que bastava ser o Veneravel Padre huma pessoa taõ advertida, e exacta, para se entender que não se arrojava a dizer huma cousa taõ grave do pulpito, sem ser com grande fundamento. Este he hu n lugar taõ repetido, que só de proposito pôde



de ser ignorado: e por isso diz logo, que encontrar o que a Escritura diz, ou he ignorancia, ou malicia: que em hum destes dous baixos ha de fazer naufragio de força, quem facilmente se arroja, sem ser pela segura via da tenção recta. O que não tem quem murmura.

## C A R T A XXIV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Enhora minha. Não sei como possa ser terem passado tantas semanas, sem V. M. receber Carta minha; pois não me lembro que nunca passassem tantas, sem escrever a V. M., e a esse Convento. Bom he fazer mais diligencia pelas Cartas: que eu, pouco, ou muito, alguma cousa escrevo. Agora recebo segundo proprio por via do Senhor Bispo do Porto, que summamente se mostra pontual no que se lhe encommenda desse Convento, e em obrigar-me com suas novas, e favores. Não tem chegado as Veronicas da Madre Abbadessa. Melhor he nem cançar, nem arriscar as vias, a que sejaõ taõ devotas disto, que faltem. E de graça se lhe deraõ, se a culpa se não anticipára. Eu tambem não quizera que as Freiras se occupáraõ nisto; salvo quando em peyor cousa se occupáraõ. Porque aindaque he santo o trabalho de mãos, que não está o espirito para toda a hora: com tudo, nas Casas Capuchas, e occupadas, passado o serviço das Comunidades, e obrigações do officio, ou do estado, e as Horas da Oração, e exercicio, folgára que as mais se occupáraõ em lição de Vidas dos Santos, ou de Oração. O que mais me servem são Veronicas, que talvez com menos custo, e mais proveito são despertadores das Almas. Se a Braga, ou a Vianna puder V. M. remetter-me algumas, (pois ando sem ellas ha tanto tempo) muito o festejarei. Em Braga, sendo Deos servido, hei de estar todo o mez de Janeiro; em Vianna parte da Quaresma.



refina. E me parece, que se eu fizer o que entendo, não poderei ir para lá antes de dous annos. Porque o Verao se irá no Minho, e se entrarmos em Miranda, e a Trás dos Montes no Outono, precisamente se ha de passar por estas bandas o Inverno: e he necessario a Primavera para ir passando por oitenta legoas de Póvos. Onde, ou se não tem prégado, ou he preciso tornar a prégar, aindaque seja menos.

Na primeira tentação, em que V. M. me falla, não ha de estranhar senti-la, pois a sentirão os Santos. Santa Catharina de Sena, não he crível o que se lhe representava para movê-la interior, e exteriormente. S. Paulo teve, quasi todo o tempo de sua vida depois de Apóstolo, hum demonio, que o atormentava com esta tentação: e milhares de Santos. Nenhum mal de culpa temos no sentir, mal de pena sim. E este mal, se se leva bem, he bom; aquelle se se consente, he summamente máo. Nasce muitas vezes da disposição natural; outras de alguma ruína espirital, como de vaidade, vangloria, jaçtancia, e complacencia de si mesma. Nasce tambem da suggestão do demonio naquelles, ou naquellas, que tem zelo de Almas. E de boa vontade o demonio deixara de tentar com isto, se os que tem este zelo deixáram a occupação, em que andão. E como V. M. agora entrou neste officio de governar algumas; não se espante que desinquiete o diabo a sua, especialmente se teve alguma complacencia fóra de Deos, de que lhe ensinava o caminho. Bem sei que não teria destes vestigios. Mas ás vezes, quando menos se cuida, nos derruba hum vagado. Eu sou Mestre de ruínas, porque me tem dado na cabeça estas experiências. V. M. he Mestre de edificações; mas necessario he que ande com a regra na mão, e que faça tudo direito, e não se entorte para si. Além disto, toda a pessoa, que ha de ser alguma coisa diante de Deos, he necessario que seja tentada de tudo. Todas as bestas da selva do Inferno, diz a Escripтура que haõ de passar pelo justo na noite desta vida. O negocio he que ellas passem, e que não se detenhaõ, nem fiquem. V. M. ainda agora começa seu mundo espirital, tem muita terra por andar, muitos despenhadeiros por onde ir, muitos labyrinthos por correr, não a desfmaye o primeiro aceno



aceno do demonio : que a Hercules convidárao-no os confictos , e fizerao-no Hercules os trabalhos. Os despojos desses Leões mortos são as nossas armas : pegar da clava ferrada de hum fime , e determinado proposito: Senhor, antes morrer , que peccar : Mil mortes antes , que consentir. E defender-se de tudo com hum argumento , que agora lhe quero ensinar. Porque nesta Carta sou Mestre , e noutra serei discipulo. O argumento infallivel he este : Eu não quero peccar; logo he impossivel que peque. E daquilo que se ha de seguir, he zombar do demonio : que se os peccados só os comette a vontade , pouco importa que haja algum rebolico natural, ou diabolico , se o não consente a vontade , aindaque a natureza os sinta. Importa com tudo , que quando vier alguma tentação vehemente , se sustente V. M. com grande quietação sem nenhum movimento voluntario , fazendo por ter fixo o sentido em Deos , ou sentada , ou em pé , ou de joelhos , valer-se da memoria de meu Senhor Jesu Christo , apartando de si toda a outra imaginação. A segunda coisa he , aindaque não consinta ( o que Deos não ha de permittir ) que V. M. diga a seu Confessor, sinto em mim estes, ou aquellos pensamentos , ou movimentos contra tal virtude , ou preceito , ou voto ; mas estou certa , que não consinto. He virtude dar parte ao Medico espirital dos achaques ; e ao menos he humildade , e póde exercitar-se a mortificação , e a paciencia , que são virtudes , que nos fazem martyres , sem derramarmos sangue , e nos escusaão o Purgatorio.

O somno ás vezes he necessario pelo quebrantamento do corpo, ou afflicção do espirito: ás vezes he tentação, quando são demasiadas as horas. A prudencia nesses casos mette , ou tira o cutello. Nas Confissoes passadas não bulla V. M. , que ás tenho por bem feitas ; salvo se se atrever a jurar aos Santos Evangelhos , que não confessou , ou não quiz confessar tal peccado. As presenças de Deos são dadivas da liberalidade Divina , e favores dos olhos de Deos , que ás vezes pestenejaão , e ás vezes se fechaão sem nos dar as costas para nós espreitar as Almas na falta da gloria de suas vistas. O que importa neste tempo , he desfazer em faudades , e em desejos daquelle bem , que se dá sem se merecer , e se perde  
sem



sem se cuidar, e se torna a ter sem se presumir. Marmellos, pucaros, gallinhas, em quanto enferma, e mal convalescida, não são regalos, são necessidades da natureza, que não encontram a graça, especialmente quando com o conhecimento da nossa miseria os tomamos para alentar a vida. Agora calar os appetites, he conhecida ganancia da Alma. Porque he dura violencia da natureza. Nosso Senhor foi muito amigo de sal, não queria o sacrificio sem elle. Não queira V. M. ser melhor, e de melhor gosto, que Deos, em quanto está enferma, ou achacada. A indiferença consiste em tomar o que vier, dando graças ao Divino beneplacito. *Ita Pater: quoniam sic placitum fuit ante te.* Nestas palavras está a mais alta perfeição da vida espiritual; tudo o mais são damices, ou demazias do espirito, que ás vezes são semsaborias de Deos; porque são melindres, ou gostos da propria vontade. Não refira nunca defeitos alheios. Porque aindaque se não sem queixa da lingua, são queixume fino no fundo da Alma. E quem esgaravata estes fundos, muitas aguas turvas acha. V. M. tem hum natural mui pichoso, e estava para dizer soberbo: ahi ha de ser a lida, aquietar esses movimentos do animo, que ainda não está fumido na fortificação de si mesmo. Deixe-se a si, e ás vezes ao mesmo Deos, por não deixar a Enfermaria, e as Entrevadas: que Deos he muito gostoso, e mui gentilhomem, todos folgamos de lhe lambeber os dedos. Lidar com enfermos, e entrevados, he cousa muy nojenta, e faz-nos grande fastio: e quer Deos que comamos este prato por seu amor, muito mais que mel, e açucar, que achamos na Divina suavidade.

As mais tenhaõ paciencia, que assaz me custa todos os dias, prégando, e assistindo a outras cousas, acudir para varias partes em Cartas. E agora não ha hora para mais. Lembre-se V. M. de me encommendar muito a Nosso Senhor, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e desejo. Sobre o que V. M. pede conselho dessa menina em outra Carta, a que não respondo, não me resoivo. Porque eu sou muito contrario de meninas, ou meninos nos Conventos. E tenho ainda mais fundamentos, que os de V. M. Mas tambem não quero que por meu voto fique fóra da Casa dos escolhidos, quem



quem nella póde ser Santo, ou Santa. Faça lá o que Deos lhe inspirar, e a carne lhe não differ, 22 de Dezenbro. Guimarães. Não prometto responder aos massos, que tenho recebido, porque não sei o que farei, ou o que Deos fará de mim. A Deos.

Servo inutil, e muito obrigado.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**C**omo as mais das Cartas, que se achão do Veneravel Padre, forão escritas a pessoas, com quem tratava de espirito, e com quem havia muitos annos tinha larga communicação, e em muitas materias, não faz mais que tocá-las; he difficuloso em algumas de colher todas as circumstancias de sua doutrina. Nesta Carta faz menção de certas Veronicas, que parece lhe havia de mandar a Abbadessa desta Religiosa, a quem escrevia, que seriaõ para usar dellas nas Missões, em que andava.

Diz, que não quizera que occupassem mais tempo em trabalho de mãos, que aquelle, que (excepto o da obediencia, e obrigação propria) se deve precisamente para allivio da natureza: e que fora disto gastasse antes o tempo, que restasse, em ler Livros de Santos. Sabia o Veneravel Padre, que para quem se dava ao exercicio da contemplação, estas occupaçoens exteriores se não haõ de tomar mais que de necessidade. Porque como os sentidos são instrumento do corpo, e as potencias do espirito, quanto se emprega mais neste trabalho, se enfraquece aquelle recolhimento. E porque tambem este sexo, a quem escrevia, se applica com tanta efficacia, que he necessario ainda nas cousas mais licitas conduzi-lo sempre com muita prudencia.

Diz no segundo paragrafo, que não ha de esbranhar certa tentação, pois que alguns Santos toda a sua vida a sentiaõ, que o ponto está em não consentir nella. E desta forte não só não he damno, mas he de proveito. Arazão he. Porque de mais do merecimento, que se consegue em pelejar, se adquire o habito de resistir. Diz logo as causas, de que esta tentação nasce. E por



nos não dilatarmos muito, em tres cousas consiste o remedio, quando está em nossa diligencia. A primeira he, recorrer logo a Deos. A segunda, examinar nossa Alma, emendá-la, e corrigê-la. A terceira he, voltar totalmente as costas, sem fiar já mais, nem na idade, enfermidades, experiencias, meditações, &c. Porque a velhos, moços, enfermos, e virtuosos, e ainda aos que naturalmente aborrecem este vicio, a todos he perigosa a guerra feita cara a cara. O negocio consiste em fugir, compôr, e desprezar: fugir da occasião, compôr a Alma, desprezar a memoria com paz, e paciencia.

Diz o Veneravel Padre, que como esta Religiosa era Mestra, que era necessario que fosse tentada. Desta lição usa ás vezes a Divina Providencia, para que aquelles, que são superiores, não sejam asperos, e imprudentes, e aprendão á sua custa a não desconsolar hum miseravel, pelo ver tentado: sendo que dera antes a vida, que ver-se combatido: e pôde ser, sem o entender, servindo-lhe de grande merecimento. Mas não basta ás vezes a hum miseravel os apertas, que lhe faz o demônio, trazendo-o em hum perpetua guerra, e tormento; senão que acha maior desconsolação, aonde buscava o allivio.

Diz, que a presença de Deos he dadia da liberalidade Divina: isto he, certa presença, que nos move, e compunge. E ás vezes nos accende Deos estes movimentos, para espreitar nossas espiritos. A razão he. Porque com estas ajudas de custo não he grande fineza andar hum pouco recolhido, e composto: e assim nos prova Deos com a esterilidade. E por outra parte usamos ás vezes tão mal de seus favores, que os retira, como indignos delles; Por ver se na ausencia sabemos sentir, o que na communicacão não sabemos estimar.



## C A R T A XXV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Uito Reverenda Madre Soror N. Não posso por agora dizer mais que huma cousa. E he, que summamente me envergonho de vêr que vivo, depois que tive huma suspeita, de que desejava amar a Deos. E o signal de que o não amo, he vêr que vivo. Se de huma leve faísca faço este discurso: Quem, tendo vida, pôde cuidar que como Salamandra poderá viver no incendio? V. M. também não ama, pois vive. Com isto lhe digo tudo. Mas viva para morrer, amando a nosso Senhor, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Março 20.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**Sta pequena Carta escreve o Veneravel Padre a huma Religiosa, filha espirital sua, como outras muitas; mas de que fazia grande conceito. E estas poucas clausulas, para quem entendia por experiencia as operações do espirito, comprehendiaõ altissimos documentos. Diz, que lhe não podia dizer mais, que huma cousa. E era, que summamente se envergonhava de que vivia, depois que trovera huma suspeita, de que desejava amar a Deos. E he muito de advertir, que chama suspeita a tantos annos de affectos, oraçoens fervorosas, mortificaçoens, penitencias, e grandes sentimentos do mesmo espirito. E a razão he. Porque são tão parecidos entre si alguns effeitos da natureza aos da graça, que sem huma revelação expressa não podemos segurar, ou distinguir, se são da Graça, ou da natureza.



reza. E se a tantas finezas chama suspeita, que cuidamos aquelles, que jámais sabemos desatar-nos dos laços miseraveis do amor desta vida? E nem diz ainda suspeita de que amava, senão de que desejava amar. Porque quando muito podemos suspeitar hum desejo, mas jámais segurar-nos do affecto. E diz, que se envergonha de ver que vive. E com muita sabedoria em verdade. Porque depois que Deos nos deixa sentir d seu amor; se deixa que vivamos, he paraque nos envergonhemos de quaes somos.

Para intelligencia desta clausula, he necessario entender que esta vida, de que falla o Veneravel Padre, he a vida daquelle morte, de que diz S. Paulo: Eu já não vivo, vive em mim Christo: querendo dizer por este modo, que se elle amára de verdade, não sentira tanto os combates da carne, e do sangue: que supposto que estes sem milagre se não podem extinguir nesta vida, sempre são de dor, e confusão para humma Alma amorosa. E diz, que esta era a prova de que não amava. Porque fallava o Veneravel Padre daquelle amor, que compára a Escritura á morte, ou ao Inferno, em que a natureza, ou não vive, ou he tormento o que sente. Diz logo, que se de humma leve faísca faz este discurso: Quem tendo vida pôde cuidar que vive entre o incendio, como a Salamandra? Podendo ser que havendo-lhe dado esta Religiosa conta de alguns grandes fervores de espirito, lhe dissesse por este modo, que não fizesse delles muito grande caso. Porque se nelle com humma suspeita era vergonha ter vida: Como seriaõ certos os fervores, que deixão vida ao discurso, para cuidar em si mesma esses sentimentos? E por esta causa diz ultimamente: V. M. tambem não ama, pois vive. Como se differa: V. M. vive, porque ainda sente que ama: querendo por este modo enfiar-lhe humma grande humildade, que he só o seguro nas consolaçoens, e esterilidades de espirito.



## C A R T A XXVI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Quando o Sol he mais ardente, levanta a terra mais fumos, de que procedem maiores nuvens; e, ás vezes, tempestades: e assim quando na parte superior o Sol da Graça costuma mais arder, da parte inferior se levantaõ essas contrariedades: e por isso me alegro muito com as más novas, que V. M. me dá de si, e que eu espero que tudo Deos encaminhe para algum bem. Se sabemos usar dos ventos, as mesmas tempestades com mais pressa nos mettem no porto. O negocio he, não descuidar-se o Piloto, não faltar á Não o governo: com que ha razão de vigiar. Porque em toda a parte ha riscos, onde cahir. A Escritura diz, que quando chega a noite, todas as feras passaõ pela selva. Assim quando a Alma tem a noite, que eu desejo ter; que haõ de ter os bons? Todas as feras do Inferno passaõ para a selva da Alma. O negocio he, que passem, e que tenhamos pena com ellas. Porque em lugar da culpa nos deixaõ tanto de merecimento, como de martyrio: e quem o tem espirital nesta vida, não passa pelo Purgatorio, como S. Gregorio disse. Assim desejo V. M. padecer mais, e não se farte nunca de padecer. Não se mate, porque o corpo se não mata: que as penas do espirito são pennas de Aguiã, com que ao Sol se voa, e as nuvens se vadeaõ. As penas do corpo são pennas de Avestruz, com que ninguem se levanta: e assim coma o corpo tudo o necessario, estando enfermo, sendo o fim servir com saude a Deos na Alma. Importa muito, que vindo essas baterias, ande prevenida, e advertida com os firmes propósitos, resignações, indifferenças, e valentias do animo, cuja victoria consiste em desprezar os demonios, e os vicios, que não queremos, até zombarmos delles:



les : que entaõ nos deixaõ , sem dar no meyo dos labyrintos , e apertos. Graças a Deos , eu ando como Deos sabe , da cabeça louco , dos ouvidos mouco , do peito rouco , do espirito não sei se escuro. Mas he preciso prégar até morrer : que poderá ser seja cedo. Não era máo , se fora em graga , para quem cada vez he mais ingrato , e deve a Deos maiores beneficios. Não tenha dó do meu corpo , do meu espirito fim. Lea por onde quizer , como sejaõ Livros Espirituaes , que tudo são iguarias de Deos , por peor , ou melhor Cozinheiro. Tenha V. M. muita fortaleza , brandura , e caridade , prudencia , e paciencia. E peça a Deos , huma , e muitas vezes , o que lhe falta , com muita confiança de alcançar o que lhe pede. E á honra das suas cinco Chagas faça todas as manhaãs cinco actos de amor , e á noite outros tantos. E se lhe esquecer , não tenha escrupulo , peça perdaõ a Deos , que a guarde , quanto lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**C** Osumava o Veneravel Padre explicar-se por exemplos , que sempre são mais efficazes , quando são bem proprios : como he este , com que nesta Carta mostra , como com o Sol da Divina Graça se levantaõ da parte inferior , que he terra pezada , e humida , vapores , e tempestades de tentações. E a razão he. Porque o demonio , vendo huma Al-na illustrada , e favorecida , se esforça mais contra ella. E Deos como a toma mais á sua conta , lhe permite maiores combates , para que com a guerra adquira maiores merecimentos , e faça melhores habitos. E por esta razão diz , que se alegre com as más novas , que lhe dá de si , para infortificando-lhe a confiança por esta discreta metaphora. Advertindo-a com tudo , que importa não descuidar-se. Porque não são os perigos menores , onde os favores são grandes.

No segundo paragrafo lhe aponta hum lugar da Escritura , com que qualifica mais a mesma doutrina : mostrando , que as tentações parece que não tem meyo. Porque se são admittidas ,



das, são culpa; se resistidas, de grande merecimento. E só quem com fortaleza souber vence-las nesta vida, conseguirá a palma do martyrio na outra.

Diz, que deseje padecer mais, mas que não se mate: querendo insinuar-lhe por este modo, que a principal mortificação ha de ser a interior. Porque esta he só a que, destruindo os appetites, faz que huma Alma váre das prizoens da vontade sobre si mesma se remonte.

Diz-lhe, que coma, e beba; entende-se o preciso, conforme seu presente estado, e com o fim de servir melhor a Deos. Porque sem estas condicoens fora hum erro, que faz ao homem commum com os brutos. Torna a advertir, que quando vierem as baterias das tentações, ande advertida, e prevenida com os firmes propósitos, resignações, &c., e que he necessario desprezá-las; porque este he o signal de que começaõ a ser vencidas.

## C A R T A XXVII.

**O Amor de Deos more na Alma de V. M.**



Uma de V. M. escrita em vinte sete de Agosto, que he assaz antiga, me déraõ ha mais de hum mez. E não pude responder, como a outras, por faltar-me o tempo, e não a vontade de servir a V. M. A quem agradeço esta confiança, que tem commigo. E estimára muito, que assim como o espirito de V. M. tem commigo este defaffogo, tivera o meu algum prestimo. Para muito tarde se guardava a appellação das presenças. Porque tenho por impossivel que seja cedo. (quando Deos queira que seja) Entretanto folgára de acertar em servir a V. M. Mas farei o que posso, quando não chegue ao que devo.

Todo o mal de V. M. he não acabar de entender, que quanto for maior o fastio, e dislavor, com que se puzer na oração, tanto será maior o merecimento. Porque Nosso Senhor não nos pede que estejamos alli diante d'elle com



grande espirito, e gosto; senão que estejamos alli; e que a pezar da vontade a mesma vontade esteja com o seu pezar, fazendo este serviço, onde não devemos ir buscar-nos a nós, senão a Deos. Busca a Deos quem enfadando-se muito de estar de joelhos, ou como pôde, diante d'elle, está por contentar a Deos, ou esteja consolada, ou desconsolada, ou devota, ou indevota. Busca-se a si, quem só está na Oração em quanto dura a consolação; e assim faça V. M. por tomar huma meya hora de mais a mais de tuas obrigações, em que faça este sacrificio a Deos, aindaque não cuide outra cousa mais que dizer: Senhor, eis-me aqui. E para isto basta cuidar que Deos está vendo a V. M., e que se a vê devota, lhe dê disso muitas graças: se peccadora, e miseravel, lhe peça muitos perdões. Tome para a Oração cinco cousas, que lhe servem tambem para a Communhão. E pergunte-se.

Primeira: Com que Fé, ou certeza estou, de que estou diante de Deos? E faça por crer, e dizer a Deos: Senhor, eu creio que he impossivel não estar diante de Deos. Segunda: Com que reverencia estou diante da Divina Magestade? Senhor, nenhuma. Mas se eu pudéra estar com a que estão os Anjos, Santos, e Serafins, com a mesma humildade, e reverencia estivera. Com que fim, ou motivo venho a este lugar? Senhor, venho por vos agradar a vós, e não a mim, e nem a mais ninguem, e quizera estar aqui com a tenção, com que vossa Mãe Santissima estava diante de vós.

Com que proposito estou aqui? De emendar-me, e nunca mais peccar. Senhor, de hoje em diante morrer antes, que peccar: ou emendar, ou morrer. E com quanto amor estou desta Divina Bondade, Formosura, e Omnipotencia, &c.? Com nenhum amor, meu Deos. Mas se eu pudéra amar-vos, como todos os Bemaventurados, e de cada creatura do mundo pudéra fazer hum Reyno do Ceo, assim o fizera por vosso amor.

E feito isto, fique-se em Deos, amando-o, ou considerando-o. E tire desta Oração, quando mais não seja, vergonha do pouco que tem feito por Deos, proposito de nunca mais peccar, resolução de fazer quanto puder fazer. E veja



veja se pôde seguir os Exercícios da mortificação, que dei-  
xei nesse Convento, especialmente tomar por sua conta  
humã virtude, em que se exercitar sempre, e se esmere mais,  
que nas outras. E esta seja a Santa Humildade. Faça o que  
lhe tenho dito. E não espere que Nosso Senhor lhe puxe  
pela toalha, não lhe faça outras forças, que dar-lhe este  
avizo. Mas creia sem duvida, que em se pondo nisto, lhe  
perdoa todo o passado, e que a toma por sua conta, paraque,  
aindaque seja cada vez mais miseravel, a ame, e favoreça,  
querendo que V. M. com elle tenha toda a confiança. Avize-  
me V. M. de como lhe vay. E não desanime com cousa ne-  
nhuma: que temos hum Deos, cuja misericordia he infin-  
tamente maior que nossas culpas. E como he Medico de Al-  
mas, não folga tanto de curar achaques leves, como de sarar  
os mais graves. Encommende-me a Sua Divina Magestade,  
que guarde a V. M. como lhe peço, e delejo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa,  
que, como outras muitas, lhe dava conta de sua cons-  
ciencia.

Diz-lhe no segundo paragrafo, que todo o seu mal era  
não acabar de entender, que quanto fosse maior o fastio, e dis-  
sabor, com que se puzesse na Oração, tanto seria maior o me-  
recimento: não porque este dissabor, e fastio se haja de buscar  
de proposito; mas porque quando Deos nos põem no Calvario,  
he o exercicio não só mais seguro, mas mais perfeito. Porque a  
perfeição consiste em estar á vontade de Deos, e não á nossa vou-  
tade. Por esta razão lhe aconselha mais meya hora desta Santa  
violencia.

Diz-lhe, que se pergunte a si mesma, com que Fé, ou  
certeza está diante de Deos: com que fim, ou motivo: com que  
proposito: com que amor. Porque sabia o Veneravel Padre, que



ordinariamente muitas pessoas mal mortificadas se põem na Oração, como por costuma, sem attenção actual, sem affecto, e outras circumstancias, com que devem assistir naquella acto. E por esta razão lhe diz, que se esnere na santa Humildade. Porque de todos os nossos defeitos he remedio esta virtude.

Finalmente, diz-lhe que não espere que Nosso Senhor lhe pegue pela toalha. Porque ha pessoas, que tendo luz, e desejos de aproveitar, não acabaõ bem de se resolver, e nunca sabem deste remisso cuidado, nascido da pouca fortaleza, e liberdade de espirito.

## CARTA XXVIII.

### O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Gradeço a V. M. este memorial, que me dá, do estado em que puz a meu Senhor Jesu Christo, para que quando o puzer diante dos olhos, me sirva de espelho de meus peccados, aos mesmos passos que se me inculca como lamina do Amor Divino. Oh que bom despertador, se a minha Alma andara como relógio, e aproveitara as horas, que desperdiça minha froxidão, e descuido!

Todas as mortificações, que tinha posto a V. M. lhe tiro esta semana. E todas lhe commuto, em que faça, quanto puder, por andar na presença Divina. Porque desta não fêr continua em tudo o que obruamos, nascem as ruínas, que padecemos. Quem quer bem a alguma pessoa, sempre folga de cuidar nella, e de fallar nella, quando póde. E se V. M. quier bem a Deos, nisto se ha de vêr; fallar, e cuidar nelle quanto puder. Porque como em toda a parte está Deos, achá-lo-ha em toda a parte. E não he necessario outro Oratorio, ou Templo, mais que em si mesma; pois em nós está por essencia, presença, e potencia. Queira Deos, que também por Graça, e amor perpetuo. A Enfermaria-me conten-



to que V. M. vá vêr simplesmente : os enfermos , os dias que puder : e lá menos mortificação se deve usar , a fim de contentar a Deos , alegrando os seus enfermos. Não vi o Livrinho de S. Philippe Neri , que V. M. me diz. Vêr a todos , he boni ; mas convêm atar o entendimento , e não querer caminhar por todos , no que toca á Oração ; na mortificação isso sim. Porque todas se haõ mister. Mas nesse sexto exercicio de Eusebio achará V. M. todas. Nisto de parecer com Santos me não falle V. M. mais neste mundo. Mas antes lhe encomendo , que espreite muito , com que diabos mais me pareço. Porque em quanto tenho tempo na vida para chorar meus peccados , posla fazê-lo : e mais vem quatro olhos , que dois. Já que me não póde emprestar os seus para chorar , emprestemos para vêr. O Senhor estimo muito ; mas cuido que me aproveito mal d'elle. Provavelmente irá hoje para outra parte. Peço para isto licença. E cuido que lhe faço a elle , e a V. M. alguma boa passagem ; pois o tiro de quem taõ pouco o sabe amar , para quem muito mais lhe há de querer. Applique V. M. esse Jubileo , quanto póde , pela mais má Alma , que houver na Igreja de meu Senhor Jesu Christo : que entendo me ficará em casa o proveito , e a V. M. lhe não fará damno. O que eu disse daquelle humidade , que não era muito ser pequeno entre grandes , senão muito pequenino á vista dos mais pequenos : prova-se com humas palavras , que disse Samuel a Saul , reprehendendo-o de soberbo , com o tempo em que fora humilde : *Cum parvulus esses in oculis tuis , caput in tribubus Israel factus es ?* E porque não pequeno em seu coração ? O coração de Saul era grande ; e ser pequeno á vista de quem he grande , não he muito. As meninas dos olhos são muito pequeninas , ainda que os olhos sejaõ grandes. E ser piqueno á vista de pequeninos : *Cum parvulus esses in oculis tuis* : essa he da humidade a grandeza. O nosso Capitulo encomende muito a Deos , que pende d'elle , ou a nossa refórma , ou muita parte da relaxação : e por isso intento trabalhar , quanto puder , porque se ajuste o melhor , aindaque desgoste a todos. Porque o meu intento he só contentar a hum , que está no Ceo. Peça-lhe V. M. fortaleza , e luz , paraque não erre ,





e nem desmaye com as contradicções: que de mim sou a mais fraca cousa, que tem o Mundo.

Os quebrantamentos do corpo não eraõ máos, se V. M. foubesse navegar com as tempestades. Mas receyo-lhe, que o espirito se fique com os delmazelamentos, e a Alma com os quebrantos. Esforce-se o espirito nos males desse inimigo, que quanto mais fraco, menos damnozo. Elle tem a condição dos polvilhos, que só moidos prestaõ. Deos, e a sua Igreja não deo até agora jejum de paõ, e agoa. E perfeitamente jejua, quem come huma só vez o que basta para sustento, deitando fóra o regálo: e á noite não quebre o jejum. Desta maneira quero o de V. M.

A seu irmaõ não he necessario que V. M. falle no meu sentimento, que melhor me será cuidar o peor de mim. Cancei-me com V. M. mais; porque tendo eu praça de seu Pay espiritual, não convinha mentir-lhe. E V. M. me escreveu lhe disseraõ, que eu permittia aquella diligencia. E tal não houve nunca. E assim baste-me que fique em V. M. a certeza do que lhe digo, sem que rompa fóra desta nuvem o trovaõ, que póde servir de credito. E assim lhe mando, que lhe não diga nada disto.

Peço que continue V. M., e que me encomende a Nosso Senhor: que aflag he necessario o soccorro a meu espirito miseravel: e que peça o mesmo a todas as que puder, para que todas roguem por mim a Sua Divina Magestade, qae guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E**sta Carta começa o Servo de Deos, dizendo, que agradece o memorial do estado, em que puzera a Nosso Senhor Jesu Christo: isto era, hum Registo do Senhor atado a columna; porque sabia que ainda aos mais perfeitos são ordinariamente necessarios estes despertadores mysteriosos.



No segundo paragrafo diz, que todas as mortificaçoens, que lhe havia posto, lhe tira por aquella semana: commutando-lhas, em que faça, quanto puder, por andar na presença de Deos; porque de não ser esta continua nascem as ruínas, que padecemos. Chama ruínas não só ás quedas espirituaes, em que cabimos, mas ainda ás perdas das virtudes, em que trabalhámos: que por hum descuido perde ás vezes hum Alma fabricas de muitos annos em hum só hora, se não toma a presença de Deos por remedio preservativo em todos os momentos do espirito. Diz, que não he necessario outro Templo, mais que o coração proprio. Porque, supposto que Deos está em toda a parte, quem o buscar fóra de si, achará sempre a Deos; mas achá-lo há fóra de si. E não póde haver maior ignorancia de huma creatura, que ir buscar a outra parte o que ama, podendo achá-lo em si mesma.

Diz, que bom he vér todos os Livros Espirituaes; mas que convém não querer seguir o estylo de todos. Porque desta variedade continua nasce não acabar cousa alguma. Diz, que lhe não falle em se parecer com os Santos; mas antes lhe encomenda que espreite com que diabos mais se parece. Porque em quanto vivemos nesta vida miseravel, não ha caminho mais seguro, que a lembrança de nossos peccados, de que estamos arrependidos. Porque a Contrição he hum correctivo, que faz antidoto deste veneno.

Diz, que não erão máos os quebramentos do corpo, se não fraqueassem os exercicios. E he hum ponto este, que se deve considerar com madureza, principalmente quem governa Almas. Porque nem todos os exercicios bons, são para todos bons exercicios: que supposto diz o Veneravel Padre, que o corpo quanto mais fraco, menos damnososo he ao espirito; diz isto por regra geral, como se colhe da primeira clausula, em que mostra o recesso, de que fraquece a Alma com a natureza.



## C A R T A XXIX.

*O Amor de Deos more em vossas Almas.*



Uito amadas Irmaãs em meu Senhor Jesu Christo. Chegou-me huma Carta vossa, que muito estimo. Nosso Senhor vos conserve a vida, e a graça, para que em seu santo serviço alcanceis muitas Coroas. Fazei muito pelas virtudes, especialmente pela caridade, e paciência, com as quaes, a modo de duas azas, as Almas voaõ, e ninguem sem ellas se salva. Na fornalha se prõva o ouro, e o espirito nas contradicções. Na bonança qualquer governa, na tempestade se mostra o bom Piloto. Este mundo he valle de lagrimas, e de agonias: máo final fora nelle viver em contentamento. Assim como entre espinhos nasce a Rosa, assim entre as afflicções a graça. Dai graças a Deos pelas vossas penas, que he o que mais na vida vos serve: tudo isto he traça de Deos, para que enfadando-nos deste enganoso mundo, deste penoso desterro, suspiremos pela Celeste Patria, e nella tragamos os cuidados, e os sentidos. Os bens, e os males do mundo, todos quasi são de huma cõr nos Servos de Deos; porque não estimaõ huns, nem desesperaõ com outros. Por tudo dai graças a nosso Senhor, que he Pay de Misericordia; até para nosso bem permite o nosso mal. O tempo passa, para a Eternidade se caminha, que quem traz os olhos nella, de nada do tempo gosta, tudo leva bem das mãos de Deos. Fazei-o vós assim, pois Deos vos chamou ao estado de suas Esposas, que convém que sejaõ como a Açucena entre as espinhas, e que se vistaõ da mesma libré do Esposo: que foi, bofetadas, açoutes, affrontas, escarneos, feis, Cruzes, risos, mortes. Estas paraõ na felicidade eterna, onde nos servem de joyas. Os outros bens, que o mundo estima, páraõ na infernal miseria, onde eternamente se chora. Cedo partirei, dando-me Deos vida. Pedi-lhe  
se faça



se faça em mim tua gloria, e honra. Se por lá estiver Fr. Joaõ, dai-lhe minhas lembranças. A todas estas Senhoras as mesmas. E lhe pedi me encommendem a Deos, e vos guarde, como lhe peço. Vileu 27 de Agosto de 1678.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaõs. Diz-lhes, que fação muito por todas as virtudes, especialmente pela caridade, e paciencia: com as quaes, como com duas azas, voaõ as Almas. A razão he. Porque com a aza da caridade se voa de Deos ao bem de proximo: e com a paciencia se voa do proximo á gloria de Deos. Traz o exemplo do ouro na fornalha, seguindo o mesmo exemplo. Porque a caridade se significa no fogo, e a paciencia nos golpes do martello: não tendo por segura a virtude, que se não purifica pela contradição, como só se acredita o Piloto na tempestade.

E diz logo, que neste valle de lagrimas fora muito máo signal viver com contentamentos. Esta doutrina he amarga; mas só he solida, e verdadeira. E daqui nasce, que rara será a Carta, em que o Veneravel Padre não aconselhe a mortificação, com humna notavel instancia. Porque ha pessoas espirituaes, que vivem ás vezes muito satisfeitas com humna paz superficial, que como não foi adquirida pela contradição, quando não seja falsa, he pouco segura.

Diz, que as penas, e misérias desta vida, algumas vezes he traça de Deos; para que fatigados nos desenganemos dos bens deste mundo. Isto he tão certo, que ainda mal, porque raras vezes buscamos a Deos, sem ser forçados de ste desengano.



## CARTA XXX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



M quanto V. M. tem para si, que lhe póde servir de titulo o que anim de gosto, nem quero ter esse gosto, nem que V. M. me dê esse titulo. Quizera a minha vileza as lembranças, que servem de despertador de minha miseria, não aquelles padroados, que podem ser throno da minha vangloria. Mortifique-se V. M. ainda em ser Senhora. Não cuide, que está já tão humilde, e vil, que possa ser escrava, nem tanto no estado da Innocencia, que de quatro annos sómente possa ser filha. Eu tambem tenho dado em esteril. E como para nada presto, hei mister ter huma grande Senhora, que me sustente no espirito. E para isso busco huma Religiosa desse Convento, que deve de ser grande Senhora das suas paixões, e affeições, potencias, e sentidos. E quem for Senhora desta familia, grande Senhora he: especialmente, se para accommodar-se a si, depois de senharear a todos, escolher o Palacio do nada, que he a casa dessa Senhora. E he menos que nada, se faltar a mão de Deos! Mas espero eu, que não falte, antes ajude tanto a V. M. que neste aposento do nada lhe communique o tudo, que he hum fino, ardente, e incessavel, infatigavel, perseverante, eterno, e além de tudo quanto se diz, puro, brando, forte, excessivo, vehemente, incomprehenfivel Amor de Deos, que nunca se farta, nunca se enfada, nunca cessa, sempre arde, sempre voa, sempre se absorbe no pégo immenso, invadeavel, infinito, inexplicavel, sobreprofundo além de immenso, e mais que infinito, além de sobreamavel, e incomprehenfivel bondade, bondade, bondade, bondade, e infinitas bondades de Deos. Oh meu Deos, quem não dislera mais, nem cuidára mais, nem vivêra em mais, nem amára mais, e amára mais, ardêra mais,



ra mais, servira mais, até totalmente ficar absorto, transfundido, sobrelevado, incluso, morto, tumido em vossa bondade immensa! Bendito seja para sempre tão bom Senhor. Fique-se embora, que não estou agora muito para escrever. Responda-se ao que faltou em quanto não escrevo. A Deos. Fico de saúde. A Barcellos podem ir as Cartas.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta era resposta a huma Religiosa do Convento de N. a qual o Veneravel Padre estimava muito por seu espirito. E como elle tratasse a todas com aquella policia Catholica, que se costuma, com o nome de Senhoras, esta filha espiritual sua lhe dizia, que mais merecia o nome de escrava, ou ao menos de filha. E o Veneravel Padre, depois de se humilhar a si mesmo, (que he o melhor meyo de poder persuadir esta virtude aos outros) lhe diz, que se mortifique, e crea, que ainda he Senhora. Porque não está tão humilde, como se considera, nem tão desfeita de suas paixoes, que possa ter direito ao nome de filha. E he para reparar, que quando diz escrava, não põem termo ao tempo, como quando diz Senhora. Arazão he. Porque a huma grande humildade, significada no nome de escrava, não bastão muitos de vida, se não se qualifica com huma hora da morte, bastando repetidos actos para a sinceridade do nome de filha.

Logo lhe ensina discretamente, como se adquirem estas virtudes, que he contrastando suas paixoes mesmas, e reduzindo-se ao nada do ser humano, por hum bem fundado conhecimento proprio, e que só este he o estado, em que Deos assiste em huma Alma de assento, e por huma luz soberanamente infundida, conhece que só Deos he tudo dentro daquelle nada. Porque vazio o espirito de si mesmo, necessariamente ha de ser de Deos occupado. E nestes termos, parece que o Veneravel Padre, posto tambem neste nada, se remontava com o affecto desorte, que  
diz



diz não está para passar adiante, sendo esta mesma causa a razão, que melhor provava esta doutrina.

## CARTA XXXI.

*O Amor de Deos arda em vossas entranhas.*



Irmaãos, e Senhoras minhas. Deos, que assim he servido, assim deve ser melhor. Põem-vos na sua Cruz; porque melhor he acompanhá-lo na Cruz das enfermidades padecendo, que cuidar nelle na Oração meditando-o. Põem-nos assim em todas estas angustias, para mostrar-nos, que do fundo maior de nossas misérias faz o throno de sua misericordia. Não quer Deos de vós agora outra oração, nem mortificação, mais que a paciencia com os males, conformidade com Deos, soffrimento comvosco, e a mansidão com o proximo. Deixai-vos ir por onde Deos vos leva, e não o queirais governar: dizendo, que se tivereis saude, fizereis, e aconteceréis. Porque se vós não tendes agora paciencia para soffrir tão pouco, como haveis de ter depois espirito para soffrir o mais? A perfeição não consiste em fazermos quanto queremos, senão em levar com quietação de animo o que Deos quer fazer de nós. Soffrêra de boa vontade os vossos males, porque vós os não tivereis. E pudêra ser, que os soffrera eu muito peor. Mas já que Deos me dá a mim saude, e a vós enfermidades, sirvamo-lo todós, eu lidando, e vós soffrendo. A Senhora Subpriora dareis meus recados, e a todas as mais Irmaãos. E vede quanto mais chagas tem este Christo, do que vós tendes. A Deos, que vos escolha o melhor.

Irmaão, que mais vós quer em Deos.

*Fr. Antonio das Chagas.*



## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaõs, a quem amava muito, não mais pelas razoes do sangue; que pelas de suas virtudes. Diz-lhes, que melhor he padecer a Cruz das enfermidades, que contemplar nella pela Oração. Porque sabia por experiencia, que a mortificação resignada he o chrysol verdadeiro, e seguro, onde se apura o ouro do espirito, e que sobre este fundamento edifica Deos em huma Alma seu throno. A razão he. Porque quanto mais desfazemos da natureza, tanto mais amplificamos o lugar á graça. Diz-lhes, que não quer Deos, quando estamos enfermos, que façamos outra mortificação, ou tenhamos outra Oração. E he claro. Porque nenhuma póde ser tão excellente por eleição nossa, como aquella que Deos nos elege; que tambem he nossa por conformidade. E enganão-se muitas pessoas, quando por esta razão cuidão que não fazem nada. O ponto consiste na paz, paciencia, mansidão com o proximo, e resignação, com que aceitamos as penas da mão da Providencia Divina, com que nos prova. Porque não busca em nós tanto as austeridades grandes, como a grande resignação, e humildade.

## C A R T A XXXII.

O Amor de Deos more nas nossas Almas.



Inha Irmaã, e Senhora. Sinto os vossos males, e a nosso Senhor peço a melhoria delles, e toda aquella faude corporal, que vos desejo. Se as almas se curão, facilmente os corpos convalescem. Curai a vossa Alma com Confissão, e Contrição de peccados, e com muitos actos de amor de Deos, entregando-vos cada vez mais á sua Divina Vontade, e lançai-vos toda nos braços de sua Misericordia, dando-lhe graças pelos males, tanto como pelos



pelos bens : que isto agrada muito a nosso Senhor. E sabeí ; que quando elle nos crucifica , devemos tirar-nos de todas as outras Cruzes , e fazer por levar bem a que elle nos dá.

A paciencia alegre , a Oraçãõ amorosa , e a perseverança firme , agrada muito a Deos. Exercitai estas virtudes , louvando em tudo a nosso Senhor , que vos guarde , quantto lhe peço , e desejo. O melhor brinco de sangria , que vos posso mandar , he esse papel de Oraçãõ , que servirá a todas. E o dai de minha parte á Madre Prioreza , para que o ponha no Coro , onde todas se aproveitem. O Sepulchro , com o favor de Deos , irá commigo : já está melhorado.

Irmaõ , e amigo.

Er. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a humã sua irmã Religiosa. E por ella parece que se achava enferma , e conseqüentemente com alguma afflicção interior : as quaes melhor se conhecem no tempo da enfermidade , aonde as do espirito mal se dissimulaõ na falta da saude. Diz-lhe , que se as Almas se curãõ , facilmente convalescem os corpos. Porque succede muitas vezes em pessoas espirituas , que pelo descontentamento mal regulado , que tem de si mesmas , nascido do amor proprio , naõ podendo soffrer seus defeitos , nascer-lhes certa melancolia , que causa taõ extraordinaria desordem de humores , que sendo a enfermidade no corpo , he causada de espirito. E por esta razãõ , e porque ainda nos achaques puramente , que tocaõ só á saude , a re signaçãõ , e desengano he humã grande parte do remedio : e como o Veneravel Padre tinha estas experiencias ( por haver tratado com tantas Almas ) por esta causa lhe diz , que faça humã Confissãõ bem feita , se lance nos braços de Deos , e se resigne na Vontade divina.

Diz-lhe , que quando o Senhor nos crucifica , isto he , com enfermidades , e outras quaesquer mortificaçoens , que devemos deixar todas as outras cruces , para levar melhor a que Deos



nos dá. Mas amamos tanto a eleição propria, que sempre a que não he nossa, nos parece mais pezáda, por mais leve que seja. E por isso a exhorta tanto á suavidade dos exercicios proprios.

## C A R T A XXXIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Luz não arde sem fumos, o Sol não lustra sem que alguma borrasca de nuvens lhe eclipse por algum tempo os rayos, o ouro não nasce sem fezes: e assim V. M. console-se, aindaque com imperfeições se veja defeituosa nos seus santos exercicios. O que importa, he continuá-los. Porque hum passo, que cada dia damos para diante, fará que em breve tempo nos achemos adiantados, e feito algum caminho.

Livre Deos a V. M. de largá-los, e ao menos a santa Oração. Porque quanto cuidar que se affasta della, tanto se alonga de Deos. Melhor he, ou mal, ou bem, estar chegada a elle, que dar-lhe as costas. Isto faz quem seus exercicios larga. E se he máo com imperfeições estar perto, quanto peyor será com peccados, e fugir de Deos, é pôr longe, e deitar a longe! Agora purga V. M. seus descuidos, e Deos se gloria nella pena, assim como se offendia nella culpa: e quer vêr se V. M. o busca alli; que he aturar, e accommodar á sua vontade: ou se se buíca a si; que he só estar alli, em quanto a consolação dura. Quem ama a huma pessoa, não tem maior deleite que cuidar nella, ou conversar com ella. Isto fazemos na Oração. Se V. M. quer bem a Deos, isto ha de fazer. Metta-se nas suas Chagas, e dellas fará Ermidas, onde esteja, falle, coma, viva, e ande continuamente, aindaque se ache totalmente ás escuras. Aprenda amar a Deos ás cegas. Faça contra as rebeldias da Natureza alguma diligencia: que em esta se vencendo, está vencido tudo. Esta semana visite V. M. cada dia tres vezes o

San-



Santissimo Sacramento; mas que não seja mais que com hum Padre nosso; guardando cada dia hum sentimento. Tenha o dia de Communhão silencio, em que não falle mais que respondendo o que basta. E sobre tudo use dos Rosarios do Amor de Deos a cada conta: Meu Deos do meu coração: Amor eterno meu. E encommende-me a Deos, que porque me chamo, não posso ser mais largo. A Deos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta começa o Veneravel Padre com exemplos naturaes: para mostrar (como elle dizia muitas vezes) que não ha creatura, de que não possamos tirar alguma doutrina: e assim lhe diz, que se consola, ainda que se veja com imperfeições. Porque se aquellas são accidentes da natureza, como pôde queixar-se quem sobre essas pensoens tem as da culpa?

Diz, que o que importa, he continuar os exercicios. Como quem sabia, que não ganha a Corôa, senão quem persevera. E assim lhe diz, que ao menos em nenhum caso largue a santa Oração. Porque tinha por certo, como prudente, e experimentado, que se se perseverava na Oração, antes accrescentaria, do que deixaria nenhum exercicio. E por esta causa com destreza santa particularmente lha encommenda.

Diz, que agora paga seus descuidos, querendo-lhe dizer, que os ruins habitos não se desfazem, senão pelos exercicios contrarios: que isto se entende a purgação do espirito. E por esta razão diz, que quer Deos vêr, se ella o busca a elle, ou se busca a si: onde a melhor prova está entre a nossa vontade, e a Vontade Divina. Entre as quaes não pôde haver indifferença sem repugnancia, nem repugnancia sem suspeita: que com a paciencia se purifica na perseverança.



## C A R T A XXXIV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Adre Soror N. O primeiro passo dos que amaõ a Deos, he huma resoluçã forte, e determinada a usar dos meynos necessarios para taõ alto fim. O meyo mais efficaz he a santa Oraçã. Esta para os que começã, e tambem para os que acabaõ, he pôr-se em lembrança de Deos com a possivel reverencia. Benzer-se, e fazer huma grande cortezia á Santissima Trindade, fazer hum Acto de contriçã, ou dizer a Confissã, e logo pedir a nosso Senhor a luz necessaria para estar como convem na sua presença, para examinar as culpas, para offerecer-lhe a Alma, e para melhorar de vida: Meu Deos, dai-me vossa luz para conhecer vossa Bondade infinita, e amá-la quanto posso, e para conhecer minhas miserias, e chorá-las quanto devo. Depois disto não examine os peccados, que tem feito, senão os beneficios, que tem recebido. Como agora fallando com Deos: Meu Deos, vós me creastes de nada; e deter-se na consideraçã do que era ha cincoenta annos, e de que Deos a pudêra deixar no abyssmo do nada, onde deixou infinitas creaturas, Anjos, e Serafins, que pudêra crear, e não creou. Depois o beneficio da conservaçã, e que tantas creaturas o serviraõ desde o ventre ao parto, do parto ao berço, do berço ao mundo, do mundo até agora, em que no mar os peixes, no ar as aves, na cozinha o fogo, na terra os fructos, e nas gentes tantas Pessoas concorrêraõ para a sua vida, vestido, sustento, regãlo, saude, e augmento. O que Deos não fez a tantas outras pessoas: matando humas no ventre, outras no berço, outras ao desamparo. E depois cuido o beneficio da vocaçã á Igreja, fazendo-a Christã, o que não fez a outras tantas pessoas, que deixou em Turquia, Asia, Europa, Inglaterra, &c.

Depois a particular vocaçã para a Religiaõ, que he final de predestinada, e escolhida. O que não fez a tantos,



que estaõ no mundo, nem para isso lhes deo geito, nem auxilio, &c. Depois cuide no beneficio da Redempção, em que o mesmo Deos se fez Homem, para vir morrer por V.M. O que não fez pelos Anjos, nem por muitas outras creaturas. E ultimamente cuide nos beneficios do sangue, da feição, do entendimento, da pessoa, dos auxilios, e de muitas occasiões, em que a livrou dos perigos, de peccados, e do inferno. E depois veja o retorno, que por isso tem dado a nosso Senhor, e quanto o tem servido, ou offendido, e com pena de não ter maior pena de seus peccados. Peça-lhe contrição, lagrimas, penitencia, e dor de sua ingratição: fazendo firmissimo proposito de antes morrer, que peccar. Peça-lhe tudo o que não tem, o amor, a humildade, a mortificação, para o agradar, e servir. E em quanto não temos estas coulas, quer Deos que com grande extremo lhas peçamos. E ou receba muito, ou pouco, de tudo isto lhe demos muitas graças: convidando a Virgem Maria, os Anjos, e os Santos, o Sol, e a Lua, e todas as creaturas, para que por V. M. o louvem. E no cabo faça cinco actos de amor de Deos, ainda que não seja mais, dizendo: Meu Deos, e meu amor. Ou o que já lhe ensinei: Meu Deos, em vós espero, em vós creio, e a vós mais que tudo amo, e me peza de vos ter offendido, e proponho antes morrer que peccar, tende misericordia de mim. Gaste em isto, ao menos, hum quarto de hora. Beije no fim a terra. E vá-se ás outras obrigações: fazendo, quanto puder, em andar em amorosa lembrança da Divina presença: despejando a Memoria de outras figuras, o Entendimento de outros cuidados, a Vontade de outras afeições. E se peccar, e cahir, com suave sentimento, e conhecimento de sua miseria, não estranhando as ruinas, torne a Deos, pedindo-lhe misericordia. Isto me ponha por obra, sem falta, duas vezes no dia, tendo faude. E não tenha outra casta de Oração. E lhe mando que me dê conta de como se acha. E tome cada semana huma disciplina além das da Comunidade; não estando enferma. E encomende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço todos os dias.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

NO-



## N O T A.

**E**sta Carta comprehende huma excellente direcção para as pessoas, que se resolvem a querer seguir a vida espiritual. E logo no principio contém huma doutrina tão importante, que pela não praticarem, tornão muitos atrás ordinariamente. Diz o Veneravel Padre, que o primeiro passo he huma resolução forte, e determinada; mas esta não basta, se, como logo continúa, se não tomaõ os meyoys proporcionados para o mesmo intento. Que importa querer edificar huma torre, ainda que se tenha a cal, e a pedra, se não houver andaimes, cordas, e escadas? Resolvem-se muitas pessoas com o pezo da consciencia a mudar de vida: porèm como para este fim he meyo seguir a Oração, assistir aos santos exercicios, largar a Comedia, e os intretenimentos superfluos: e não querendo abraçar estes meyoys precisos, toda a sua fabrica he imaginaria; e ao menos fundada na areá.

Diz-lhe mais abaixo, que não examine primeiro os peccados, que tem feito, senão os beneficios, que tem recebido. E falla o Veneravel Padre como quem tinha tantas experiencias. Porque a huma Alma, que está ainda fraca, não convém offerrecer-lhe o primeiro objecto, tão triste, e tão horroroso, e pezado: antes o da Bondade infinita, que incita o agradecimento, e forçando a confiança. E depois de continuar com discreta doutrina, lhe diz ultimamente, que se peccar, e cabir, que com suave arrependimento, e conbecimento de sua miseria torne a Deos, e lhe peça misericordia. Porque no mar das suas misérias humanas (principalmente quando se começã a largar as vélas) se se não navega com muita prudencia, qualquer borrasca parece tormenta, e desanima huma Alma, se não tem quem a governe com a sabedoria, com que o fazia o Veneravel Padre: como mostráráõ tantas experiencias na conversão, e perseverança de tantas Almas levantadas da culpa.



## C A R T A XXXV.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. M.*



Rmaã, e Senhora em meu Senhor Jesu Christo. Nada posso responder a este papel de V. M., que nelle não veja escrito. Estive para o cotar, e tornar a V. M., para que nelle, como em espelho, se visse, excepto faltar-lhe a V. M. o conhecimento do muito, que de Deos em vão tem recebido; pois esperava receber mais. O bom criado nunca se tem por digno da boa, ou má razão, que recebe. E o que falta a V. M. entre outras muitas poucas, he esta huma, não conhecer que tudo o que não he estar já no Inferno, he summo favor da Divina Misericordia. Por cuja causa se este conhecimento estivera assentado na Alma, tivera-se V. M. pela mais favorecida mulher, que tem o mundo. Porque vira claramente, que até os seus bons desejos de tudo o que acha da parte d'Alma, fosse, que recebeo de Deos.

As pedras se lançaõ agoa, não he porque dellas nasce, inda que corra por ellas; naturalmente saõ seccas, e duras; mas lá pelos segredos da terra lha communica o mar. E quem vê rebentar do penedo as fontes, diz: Jesus que excellente agoa corre deste penedo! Isto he V. M. hum penedo duro, e para Deos muito secco. O mar de suas misericordias lá pelos meatos occultos de sua Sabedoria, e bondade eterna, fez que vissemos alguma vez sahir, ou correr por esse penedo as ágoas de sua Graça.

Santos desejos, boas obras, mas isto tudo não nasce do penedo, não nasce de V. M., do mar nasce, de Deos procede, aindaque pela sua Alma corre. E a soberba está em parecer-lhe que V. M. deo a Deos alguma coisa nos bons desejos: não he totalmente assim. Porque até isto recebeo V. M. de Deos. *Quid autem habes, quod non accepisti? Si autem accepisti, quid gloriaris quasi non acceperis?*



Eis aqui porque, ainda que cuide V. M. nisto, não tem assentado comfigo, que essa sequidaõ, que acha, he esquecimento, em que dorme dos beneficios Divinos, para ser mais esperta esta lembrança. Sempre andarã gostosamente, dizendo: Eu não estou no Inferno! Oh que grande bondade de Deos! Summamente sou favorecida, e querida de meu Deos! Tenho-me por Bemaventurada, em quanto não estou no Inferno mettida! Senhor, bendito sejas, que me tratais tão bem, até quando a minha soberba cuida que lhe vai mal! Mas V. M. tem hum juízo muito bacharel, e huma vontade muito letrada, que se lhe vai o tempo em estudar os pontos, e saber os trincãos do espirito; e no cabo perde o fio, e deixa passar, ou erra ordinariamente o ponto sem sentir-se ainda bemaventurada naquella quietação suavissima, com que as Almas, que estudaõ por Jesu Christo, entre as Cruzes dormem, e entre os Espinhos aquietão.

Tambem vejo a afflicção, que tem nos affectos, como cuida V. M. que segue a indifferença? Se V. M. com o seu espiritual appetite tem brigas cada hora com a Divina Vontade? Se V. M. a abraçara indifferente, não havia de andar com escolhas nisto, ou naquillo, senão deitar-se a dormir sobre tudo o que vier, e sobre tudo, em que a obediencia a occupar: nem cançar-se com outra Oração nesse tempo, que fazer isto bem por amor de Deos, ainda que não sentira tudo o que fizera. Não está o negocio só na presença, com que sente a Deos, senão no grande amor, com que por elle se obra aquillo tudo, em que a obrigação nos emprega. E como se não faz isto, he falta de mortificação do espirito. E o amor proprio, que ainda vive nos braços da vontade, faz na Alma todos estes reboliços, que a desassossegaõ, dizendo com os fundos da natureza: Não tenho vida neste officio para os exercicios da graça. Considere isto. Até este amor proprio, para que se solte o espirito, e dê liberdade á Alma, cativando os appetites da natureza. E não se lhe passe o tempo na vaidade de me confirmar o que digo, podendo aproveitá-lo em obrar o que lhe aconselho. E tudo nasce de huma occulta satisfação, que V. M. tem de si propria, tocada, porém mal descoberta, com tantas luzes do Divino Es-



pirito. E folgue muito de me soffrer, que mais me soffre Deos; com tanto que se alegre de sentir ver-se cada vez mais ruim. E encomende a Deos este peccador, até que lhe possa responder. A todas essas Senhoras, minhas lembranças, que não posso mais.

A peor Alma do Mundo.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta, que escrevia o Veneravel Padre a huma Religioza do Convento de N., que de seu mesmo argumento se vê o estado grande de seu espirito, he de huma elevadissima doutrina para perfeitos, e imperfeitos. Diz o Veneravel Padre, que lhe não pôde dizer cousa, que não visse escrita na sua, (de que esta era reposta) para lhe dizer, que a perfeição não consiste em muito comprehender, senão em muito obrar. Porque parece que de algum modo se queixava esta Religioza, ou de alguma esterilidade, ou negligencia do seu mesmo espirito: e por isso lhe diz, que tem recebido em vão a mercê de Deos; pois se lembrava de si mesma, quando só havia de fazer memoria da liberalidade Divina. E por isso prosegue, que tudo o que não he estar já no Inferno, he misericordia. E por ignorarem esta devida humildade, padecem muitos espirituaes grandes perturbaçoens com o pretexto falso desta mesma virtude. E cuidando que accusaõ sua negligencia, levaõ hum appetite do gosto espirital da propria Alma. Porque se conhecessemos bem o que somos, e o que a Deos devemos, nada nos parecerá estranho, mais que o peccado; e teriamos por grande misericordia não commetter infinitos.

Prosegue esta doutrina com mais discretos exemplos das cousas naturaes, como das agoas, e dos penedos, por envergonhar a frialdade, e dureza do coração humano. E logo continúa, que a sua soberba está em parecer-lhe que Deus lhe deve alguma cousa nos bons desejos. E isto diz: porque ainda a pessoas muito espirituaes he quasi imperceptivel certa satisfação, que deixaõ na Alma, ou os affectos, ou as boas obras, se actualmente se não referem a Deos, que he o Author de todas. Aponta-lhe hum



lugar muito proprio. E prosegue, que por esta causa ( ainda que cuide neste ponto ) não tem assentado com siço, que aquella se- quidaõ era esquecimento dos beneficios divinos. E a razãõ he cla- ra. Porque sempre nos consolãramos, se tivessemos presente o que merecíamos, e o que recebemos.

Diz-lhe, que se lhe vay o tempo em estudar os trincasios do espirito, com que perde o fio: mostrando que o verdadeiro estudo ha de ser Christo crucificado. Porque como he o caminho, e a luz, se primeiro nos não crucificamos com elle, de sengane- mo-nos, que jámais chegaremos àquella alteza de Contempla- tivos.

Tambem prosegue logo: Vejo a afflicção, que tem com os officios, e que como cuida que segue a indifferença quem está tão pouco resignada, quem não morreo a seu appetite pela Divi- na Vontade. Grande doutrina he esta para as pessoas mais espiri- tuaes, que raras vezes acabaõ de vencer, não digo os appetites, mas certas virtudes, que o não saõ, quando nos impedem. Por- que não he só mal o que nos faz mal; mas o que nos não deixa fazer bem, ou fazer melhor. Obrar melhor he o que Deos quer: o que Deos quer ordinariamente, he o que não quer a nossa von- tade: a nossa vontade quer a nossa eleição: Pois qual será me- lhor, esta eleição nossa, ou a da Providencia Divina? que prin- cipalmente na Religião, e na Obediencia sem quasi huma reve- lação em contrario, não pôde ter engano? E não se entende esta doutrina só para o emprego, mas para todos os mais exercicios. Porque cuidaõ muitas pessoas, que se não tem hum grande reco- lhimento, hum attenção, e hum silencio de espirito em lugar muito solitario, que tudo he perdido. Assim pôde ser, quando o distrãhimento he voluntario, ou ainda quando nas occupaçoens, em que Deos nos põem, não procuramos a quietação da Alma, e se não vamos do fim com a tenção recta. Mas com estas circum- stancias, quanto está em nossa diligencia, não pôde haver exer- cicio mais alto, que aquelle, em que nos põem o beneplacito Di- vino.



## C A R T A XXXVI.

*O Amor de Deos arda, e ferva em vossas Almas.*



Rmaãs minhas muito queridas, e amadas em Jesu Christo. Não tenho maior gosto na vida, que t-ôas novas vossas, por isso foi grande o gosto, que me deo a nova de vossa melhoria, a qual leve Deos adiante por muitos largos annos. Dai muitas graças a Deos por tudo o que vos dêr, ou sejaõ bens, ou males; pois não ha mais alto estado, que andar huma creatura agradecendo a seu Deos, não só os mimos, os favores, os regálos, as delicias, senão os piolhos, as comichoës, as raivas, as impaciencias, as fomes, e as mais tentaçõës, que são espias, por quem Deos manda espreitar o amor, que lhe mostramos, e a paciencia, que temos. E até de cahirdes em alguns peccados haveis de dar graças a Deos; porque vos não deixou cahir em culpas maiores. E pedir-lhe logo perdaõ muito amorosamente, e aquietar o coração nas brazas, como nas delicias, e nas espinhas, como nas rosas. Porque disto nasce na Alma huma alegria de Espirito santo: que bem testemunha logo que somos de Deos, pois andamos contentes, e não trombudos com o que elle nos quer dar.

De mim vos digo, que aindaque sou mais ruim, e cada vez peor, que não quero mais razão da graça de Deos, e de seus favores, que aquelle quinhaõ, ou grande, ou pequeno, que elle me quer dar, e que vivo tão contente, ás vezes entre cobras, e lagartos, sylvados, e asperezas, como entre sabores do Ceo, e glorias do espirito. Porque o meu Deos tudo me dá para meu bem. Os agoutes são para me ensinar, os abraços para me obrigar, os bens, e males, para me provar. Não quer mais de mim, que não desgostar-me eu com o que he seu gosto, e que lhe agradeça tanto o pão de centeyo, e a broa, que ainda não mereço, como os ovos molles, e os boçados doces, que nunca merecia.

Apro-



Aproveitai-vos desta arte, e tanto se vos dará de ser tontas, como prudentes, tanto folgareis de estar doentes, como de estar saãs. Porque Deos não ha mister as vossas oraçoẽs, e as vossas diciplinãs. Tudo isto achareis em muitas figuras prostradas, os joelhos no chaõ, os olhos no Ceo, e maõs postas penitentes, e outras muitas cousas; mas tudo isto he fingimento. Porque não ha nellas espirito, nem conformidade. Quem tem conformidade com Deos, tem verdadeiro espirito; e quem tem isto, sempre lhe vai bem. Para o Natal tereis o que vos disse. Dai graças a Deos, que vos guarde, e nos ajude a todos. Dia de Santa Luzia.

Irmaõ, que muito vos quer.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a suas Irmaãs Religiosas, e em toda ella lhes aconselha huma virtude, que he o fiador de todas as virtudes. Esta he a conformidade. E assim lhes diz, que não ha mais alto estado de espirito, como agradecer a Deos igualmente quanto lhe dêr, sejaõ bens, ou sejaõ males. E he de advertir, que nem porque os fracos são mais imperfeitos, porque estimaõ mais os allivios, do que os desgostos: os austéros serãõ mais perfeitos, estimando mais os desgostos do que os allivios. Mas convém entender, que esta doutrina se não entende, quando a eleição he nossa, senão quando a consolação, ou dôr he dispensada pela Providencia Divina. Porque a verdadeira renunciação não ha de ter escolha, ainda que seja a mais amarga. Porque será menos perfeita no que tiver de mais propria.

Diz-lhes, que até de cabirem em alguns peccados baõ de dar graças a Deos, pelas não deixar cabir em maiores culpas. E a razão principal he. Porque da parte de Deos em quanto estamos nesta vida, até a permissaõ do peccado, em quanto a Bondade Divina, he meyo, que nos offerece para a contrição, e emenda:



da: assim devemos chorar a culpa, e beijar a vara, que nos castiga por esta causa.

Diz o Veneravel Padre, que nos dá Deos acoites para ensinar, abraços para persuadir, bens, e males, para nos provar. E diz finalmente, que a Deos não lhe são necessarias as suas disciplinas. Porque sem a verdadeira caridade pouco aproveitaõ obras exteriores. E porque a humildade se prova nos trabalhos, e a fidelidade nos beneficios.

## C A R T A XXXVII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Adre Soror N. Supponho que V. M. sahio Enfermeira, e espero na Bondade de Deos, que nessa, e nas mais obediencias se exercite V. M. com hum a espiritual alegria. He necessario que para fazer bem feito esse officio, em V. M. acordando peça a Deos a graça, e as virtudes necessarias, com grande confiança de alcançá-las, aindaque suasle pouco por merecê-las. Falte V. M. nesta occupação a tudo, por não faltar ás enfermãs com a caridade, e cuidado, de que ellas necessitaõ. E da parte de V. M. com huma paciência generosa, muito alegre, e modo suave, sem que nunca se mostre irada, nem pareça triste, peça a Deos estas virtudes. E nunca se recolha a dormir sem pedir perdaõ dos defeitos, e dar graças dos recibos. Entenda V. M. que cada enferma he hum Altar, onde está Christo crucificado, pedindo-lhe que trate muito delle. E quanto puder faça, porque a todas sirva de consolação, e allivio, offerecendo-lhe a nosso Senhor as desconsoações, e afflicções, que padecer neste tempo, fazendo conta, que a põem Deos em tantas Cruzes por seu amor, quantos são os sujeitos, de que encarrega a V. M. Não posso dizer-lhe mais, que falta o tempo, aindaque sobeja a vontade de  
fer-



Servir a V. M., a quem Deos guarde, quanto lhe peço. Varratojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a hum Religioza do Convento de N., e por alguma noticia, que tinha, suppunha estava eleita por Enfermeira. Diz-lhe, que espera, que naquella, como nas mais obediencias, se exercite com espirital alegria. Duas cousas são aqui dignas de advertencia, huma, que não diz nesse, e nos mais officios, senão obediencias: segunda, não diz se exercite com diligencia, senão com alegria. Arazão he. Porque muitas vezes perdemos o merecimento em muitas obras, porque as fazemos como por costume, ou por officio, o que haviamos de fazer por obediencia, ou por affecto. E porque para com Deos não merecem tanto as cousas feitas com grande acerto, como com promptidão, e vontade facil, e amorosa, e por isto diz com alegria. Diz-lhe, que ainda que falte a tudo o mais, não falte ás enfermas. Porque além de ser esta a principal obrigação em quanto após o officio comprehendia o altissimo mandamento da Caridade do proximo. E diz, que se exercite com huma paciencia generosa. Porque ás vezes são mais peizados os serviços, e favores pelo modo cançado, e desabrido, com que se fazem, do que o fora a molestia, se se não recebessem.

Diz-lhe, que considere em cada enferma hum Altar, onde está Christo crucificado, e que por aquelle trabalho, com que lhe assiste, se considere em si mesma em todas aquellas Cruzes crucificada. Oh mysterioso thesouro da Caridade, que por torpeza de nossa miseria a cada passo o desperdiçamos por nossa ignorancia!



## C A R T A XXXVIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito agradeço a V. M. estes avisos, (e isto são todas as regras de V. M.) que como regras desejo guardar, e como avisos seguir. Não faça V. M. escrupulo do que me disser. Porque pouco mais, ou menos, eu sei os que o são, e talvez tomo disto motivo para os encommendar a Deos, pois estes me aproveitaõ, me ensinaõ, me zelaõ, me advertem, e me desejaõ bom. Não importa nada que de mim se diga isto, ou aquillo. O que faço, quando Deos quer, he esminçar a minha consciencia, e me ajusto, e me alegro com o que o Mundo pratica.

No que toca á suspeita, que se tem de mim, não faço conta de me justificar mais que com Deos, e com V. M., que sabe o meu coração: os mais importa-me muito que me tenhaõ em má conta, e que eu me não desculpe, nem acredite com nenhuma. Bem sabia a Mãe de Deos, que S. Joseph, vendo-a com sinaes de Mãe, cuidava mal della, e ainda assim não se desculpou, nem se justificou, nem com Santos, pon-do a sua causa na mão de Deos. Eu só estando louco, ou desamparado da sua graça, fizera o que nesse particular se cuida de mim, que totalmente he contra o meu entendimento, e obrigação. Só com V. M. me declaro, e só o que quizeria, he, que não se fizera nisto algum peccado. As inclinações, que se imputaõ, não me daõ cuidado; maior mo deraõ as desafeições. Mas como todos me queiraõ parcial, sendo impossível se-lo de algum, se Deos me não deixar de sua mão, ou me dêr maior luz, he força que se queixem todos. Muita mercê me fazem nisto. Na verdade me parece amor. Não quero cuidar outra cousa. Eu, como posso, peço a nosso Senhor se lembre de todos. E como nem sei, nem posso remediá-los, temêra muito tudo o que fora mais, que orar a Deos.



Deos por elles. Do meu Recolhimento ficou em silencio o fructo. Porque o nada não faz ruido. Muito me soffreo n'isso Senhor. Seja elle bendito, que guarda tambem segredo a minhas culpas. Os Companheiros se recolhêrão no mesmo tempo. Eu só fiquei em humia Ermida do Sepulchro longe de todos. Meyado Settembro, com o favor de Deos, começarei a jornada. Cedo nos veremos, se Deos não ordenar o contrario, ou houver outra cousa, que dê commigo em Trás os Montes; que levo esta Provincia atravessada no coração. Quando assim seja, avisarei a V. M., a quem Deos guarde. Vi. u 3 de Agosto de 1678.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

### N O T A.

**N** Esta Carta respondia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece lhe dava aviso, de que se murmurava, que em algumas parcialidades da sua Provincia, a que ainda estava sujeito, elle se encostava a este, ou áquelle partido: do que o Veneravel Padre estava tão longe, que não somente, como elle escreve, mediante a Divina Graça, o tinha por impossivel, mas em humia igual indifferença, nem determinava dar alguma escusa, que esta he a maior perfeição, quando não ha de por meyo algum escandalo. E logo diz, que o que fazia já nestes casos, era esmuiçar a sua consciencia: querendo ensinar com esta doutrina, que quando nos accusaõ, se estamos sem culpa, toda a satisfação, que damos, seja com qualquer pretexto, não he outra cousa mais que amor proprio. E supposto que alli havia outras razoes maiores para o silencio, traz o admiravel exemplo da Virgem Nossa Senhora com S. Joseph: e diz, que o que deseja, he, que se não obre naquella materia algum peccado: ensinando, que não havemos examinar só os nossos; mas quando os não temos, dar graças a Deos, e desejar que os não cometão os outros, se queremos que seja Deos o fim, e principio de nossos cuidados.

CAR.



## CARTA XXXIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Quando sei de portadores, e posso, escrevo. E com estar neste canto, não he menor aqui o trabalho, e o exercicio, com visitas, e papeis, que quasi he impossivel vencê-los. Seja Deos bendito. Muito me alegre com as boas novas, que a Madre Abbadesa me dá de sua Sobrinha de V. M. E bons auspicios são estes principios. Deos lhe dê o augmento, e os leve ao cabo. As Aguias logo nascem Aguias, os primeiros arremessos são annuncios dos voos. Os Diamantes, ainda antes de lavrados, logo se vê que nascem com grandes fundos. Queira Deos lavrar esta pedra para a sua Igreja, e ensinar a voar esta Aguia para a sua Gloria.

A Pobreza, que a V. M. lhe fahio, não ha de V. M. entender por pobreza das necessidades do officio, senão do espirito, e da pessoa. Mysteriosa foi a sorte. Porque V. M. he muito pouco pobre de espirito, e tem ainda muitas vontades, que com cor de virtude são Remoras da graça de Deos. Porque a primeira cousa, que quer este Senhor, he que se dispa a Alma até das mesmas virtudes, que impedem a verdadeira paz. E ainda a estimação, e o caso, que fazemos dos dons de Deos, apegando-nos a elles, e não querendo viver sem elles, de que nasce logo desaffoço, e guerra no espirito. As pessoas nuas, e pobres de espirito, tão alegres se põem no fundo de sua Alma, onde está Deos, quando lhes vay bem, como quando lhes vay mal, jejuando, e comendo, rindo, e chorando. Porque não tem outra vontade, que não ter nenhuma, mais que a de Deos, entendida pelos preceitos, votos, conselhos, obediencias, e successos, onde não ha peccado. E assim examine V. M. o fundo de sua Alma em a memoria, entendimento, e vontade,



de, o amor, e odio, o gosto, e a dôr, a vergonha, e a tristeza; e o termo para onde vay isto. E quanto menos d'isto tiver, até se ficar em hum puro, nú, simplez, e divino amor de Deos, sem lhe fazerem móça as paixões, e as afeições de sua Alma, que são as acima ditas: então póde entender que he pobre de espirito. E se o for, he signal que está desatada, e livre de tudo o que he creatura, e unida com Deos. Nas outras pobrezaas reguladas, como já lhe tenho dito, não ha escrupulo.

Mysterio teve tambem o meu Conhecimento próprio. Porque alláz ando atrás d'elle, conhecendo-o, e não alcançando-o. Porque aindaque acho muito, he mais o que me foge, e não achô. Oh se quizerá Deos, que no nada achássemos tudo! Eu me contentára com me enterrar no meu nada. Peça V. M. muito a Deos me dilate para isto a vista. Farey o que V. M. neste particular me manda. Muito folgára eu, que houvera occasião de ensinar a V. M. como ha de ter a sua oração no fundo da Alma, onde está Deos, que foi elle servido dar-nos d'isto alguma luz. E quanto andamos fóra d'elle, tanto andamos em perigo. Va-se V. M. entretanto purgando, quanto puder, a Memoria de Imagens, e de figuras, o Entendimento de discursos, e de juizos, a Vontade de gostinhos, e de malicias, a Imaginação de lembranças, e os sentidos, e pensamentos, pondo-os em a custodia possivel, e seu tempo chegará, se Deos for servido, para dar algum passo adiante; pois ha tanto tempo que engatinhamos.

A minhas Irmaãs escrevi huma Carta tão terrivel, que me pezou depois de mandá-la, pela demazia; mas servir-lhes ha de escarmanto para todas as mais diligencias. O que se diz de mim não importa nada. Convém muito, que eu não dê motivo para o que for erro. Tudo o que se suspeira que he a natureza, de sejo eu, que não seja culpa, e folgarei muito que seja graça. Peça V. M. a Deos me allumie, para que não erre no officio, ainda que a pessoa erre. Mas he certo, que alguma ambição tivera das calumnias, ajudando-me Deos, se estas não prejudicárao ás Almas, que olhaõ para onde sahe a doutrina.

Eu



Eu tinha tenção de ir a essa Côrte, se me chegasse certa cousa, que espero. Não vindo, não folgarei de ir. Porque he intempestivo o tornar. Se com tudo o Padre Provincial me mandar, he certo que hei de obedecer em ir. Tenho por sem duvida, que muito cedo será a jornada, se eu tiver vida, o quando não sei.

A de V. M. ainda não está tanto ás portas da morte; que queira ser sombra da Madre Soror N., que Deos terá nos Ceos. Cá a encomendei a Deos. A sua vida era tão boa, que podemos crer estará já absorvida naquella doce abyssmo da Formosura eterna. Muito sinto vêr que andem longe deste centro, andando perto do fim da vida, algumas pessoas, a quem o demonio combate. V. M. com toda a caridade lhes applique o possivel suffragio. Vi a Carta do Senhor Conde, e cada vez experimento mais as obrigações, que lhe tenho. Faça-me Nosso Senhor agradecido, ou pague por mim o que devo. De N. não dou a V. M. noticias, porque me não aquieta o coração nas suas penitências. Encomende-a V. M. muito a Deos, para que a não engane quem a todos nós tenta.

O fallar com equivocação, não indo contra o Entendimento, não he mentira, excepto nos Juramentos, ou em Juizo: que isto he o que está condenado. A Reverenda Madre N. agradeço muito o Registo do Senhor S. Pedro. E ainda que elle me não diz nada, já sey tudo, quanto passou com ella. Estimo esta segunda lembrança sua, em quanto não vejo as suas regras, que as guardará a estimação, quanto póde, ainda que as não corresponda a obrigação, quanto deve.

Muito estimarei que se decida pela Madre de Deos a resolução de certa Noviça, que estava para outra parte. Porque tudo o que me parece melhor, desejo para a Madre de Deos. A Madre Soror N. muitas lembranças. Lembre-se V. M. muito de mim nesta festa. E entenda que he a melhor preparação, e fundo da Alma, pondo o gosto na memoria, onde está o Pay, a esperança no Entendimento, onde está o Filho, o amor na Vontade, onde está o Espirito Santo, e recolher-se neste fundo, que essencialmente está em Deos.



No coração fique o odio para o peccado, a dôr para todos os commettidos, o temor de os commetter, e a tristeza de cahir: e na consciencia a vergonha do mal que conresponde-mos a Deos, e do pouco porque o deixamos; fique-lhe ao menos este fundo. E quanto nelle mais se fumnir, e estiver sem salir para fóra por extravalação dos sentidos, mais de espirito terá. Se com tudo lhe fizer damno á cabeça, siga a sua oração commúa: ou fique em huma simplez memoria sem imagens, nem figuras. E lembre-se cada vez mais de min diante de Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Varatojo, 16. de Dezembro de 1679.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**N**O primeiro paragrafo desta Carta diz o Veneravel Padre que estima muito as boas novas, que dá a Abbadessa desta Religioza, a quem escreve, de huma Pupilla Sobrinha da mesma Religioza. E porque não passe palavra sem alguma doutrina, lhe diz, que as Aguias logo nos primeiros arremessos mostraõ que haõ de ter voos, e que os Diamantes antes de lavrados já enfiuaõ grandes fundos: querendo dizer, que as Almas, que se haõ de dar a Deos, haõ de ter firmeza, e agilidade; firmeza para não recuar, agilidade para subir. E estes contraditorios se daõ em os espiritos; pois tambem Christo mandava a seus Discipulos, que tivessem da Serpente a prudencia, e juntamente a singeleza, e simplicidade da Pomba.

No segundo paragrafo, em que responde a lhe haverem escrito, que em humas Sortes, que costumãõ tirar para exercicio das virtudes na occasião de algumas Festas, sabio a esta Religioza a Pobreza, e tirando sorte por conta do Veneravel Padre, lhe sabio o Conhecimento proprio, diz, que não ha de entender a Pobreza, pelas necessidades do officio, senaõ do espirito da pessoa: e que mysteriosa foi a sorte; porque ella tinha ainda muitas vontades. E a razãõ he. Porque para ser verdadeira pobre de espirito, he necessario que tenhamos taõ pouco de nosso,



que (como diz o Veneravel Padre) estejamos livres, para merecer até das mesmas virtudes, se Deos assim for servido. Porque a pobreza não consiste na qualidade das cousas, senão na estimação, que fazemos dellas. E chama a este embaraço Remora, porque, semlo hum peixe pequeno, suspende o curso de hum grande navio. E esta he a razão, porque alguns espirituaes se enganaõ com os dons de Deos, não conhecendo a propriedade; por que como he de virtudes, não se acutellaõ deste appetite.

Diz tambem, que mystéria teve o Conhecimento proprio da sua sorte, porque sempre andava conhecendo, e não alcançando. Porque Deos muitas vezes nos dá a luz, e por razões, que elle sabe, não nos deixa tocá-la. E tanto, que neste caso diz o Veneravel Padre: Oh se quizesse Deos, que no nada achássemos tudo! quer dizer, que nestes termos o melhor remedio he humilhar diante do Senhor.

Diz, que muito folgára de ter occasião de lhe ensinar a ter sua oração no fundo da Alma, onde assiste Deos. O Veneravel Padre sabia e sua doutrina por experiencia: e nós entendemos que he hum tocar a recolher as potencias, sentidas, e faculdades de nossa Alma, e com huma profunda attenção, e silencio passar pelas imagens da fantasia aquelle fundo, onde por humignorar mysterioso a fé viva, e perseverante, parece que venera, e toca o que não se entende, nem se alcança. Este descer, ou entrar ao fundo d' Alma, não se entende imaginariamente, nem por hum recolhimento esteril; mas como desfazendo a Alma de todas as exterioridades ficar naquelle somno vigilante, que dizia a Esposa, quando dormia, e o seu coração vigiava, por hum simplez affecto, que he mais claro, ou menos confuso, quanto tem de menos composto. E nem pareça esta oração fóra da esfera da nossa diligencia; porque ordinariamente a não alcançã muitos espirituaes por falta de mortificação interior, ou porque não se atrevem a perseverar. Mas debalde se cansará quem pertender entrar neste santuario do espirito, ao menos sem hum coração muito humilde, e bem resignado. E por esta causa lhe diz, que vá purgando as potencias de appetites, gostos, imagens, &c. O mais desta Carta continúa a mesma doutrina por diferentes pontos, que toca.



## CARTA XL.

O Amor de Deos, móre na Alma de V. M.



Om muitas Cartas de V. M. me acho, e com muito pouco tempo, e sem retiro no retiro. De que nasce, que havendo oito dias, que estou nelle, não tenho podido ler as Cartas, que são mais de quatrocentas. E as mais dellas ficáraõ sem resposta. Porque em passando do Correio futuro, nem ler, nem escrever faço conta, mais que o que toca a Missões, ou a alguma cousa muito necessária, e particular; e viver em silencio ao menos quarenta dias. Por isso tenha V. M. paciência, que também he exercicio necessario. Faça-se a vontade de Deos. E eu me recolherei na Provincia algum tempo, se primeiro me não recolher no sepulcro. Quem anda mal convalescida, não he prudencia metter-se com penitencias, com exercicio da presença de Deos, sim. Deve V. M. depois do tempo da Oração particular andar sempre com memoria de Deos, ou como Pay, ou Esposo, ou Juiz, ou Amigo, ou Mestre, &c. com huma simplez attenção de que está diante de Deos; ou, como tenho por melhor, que Deos nos está vendo com os olhos fixos. No mais, em quanto puder, conforme-se com a Comunidade. E quando se achar com alento corporal, alguma disciplina, ou hora de cilicio cada semana huma vez. Silencio quanto puder. E lhe mando, que não tenha máos pensamentos, deitando fóra todos os que lhe vierem, sem fazer juizo, com aquella palavra: *Deos, e nada mais*. Isto se entende, excepto as cousas de obrigação, ou as que muito importarem á Religião.

Não creio que esse masso traria cousa, que me assuste. Porque já nessa materia não me parece que haverá cousa, que me sobresse. No alheio desengano ponho muita parte do meu socêgo; mas não perderei o socêgo, ainda que elles



naõ percaõ o engano. Queira Deos que pare N. nesse lugar, e que nelle o visite Nosso Senhor, mostrando-lhe o erro, em que cahe, quem se governa por seu capricho, e naõ quer conselho: e a nós nos tenha de sua maõ, que em muito maiores erros cahiremos, se Deos por sua misericordia nos naõ acudir, e livrar.

Agradeço a V. M. a lembrança do dia da Ascensãõ, e dos mais, que me pertencem. E bem folgára eu que esta houvera o dia de hoje, em que faço quarenta e sette annos, taõ mal vividos, e aproveitados. Cada vez sou o peor. E se esta Não se naõ salvar nas amarras das Orações alheias, sem duvida na Costa de minhas misérias fará naufragio.

Eu em todos estes dias, e tempos quasi sempre ando em humas nevoas, e labyrinthos: onde se acaso me naõ perco, ao menos naõ me vejo, nem me entendo; e só pego de hum fio, por onde fico. Ora seja Deos louvado, que naõ posso passar daqui, e que nem aqui tenho tempo para escrever humas regras. Estas eraõ as primeiras, saõ quasi seis horas da tarde, em que ha de ir o Correio, e naõ tenho escrito mais que a V. M. Appellemos para o outro. Deponha as desconfianças, fiando-se de Deos. Obedeçamos nós sem contradicções, e venha o que vier, e encomende-me muito a Nosso Senhor, que agora me sinto muito mais fraco, que nas Missões, e ando com grande quebrantamento, naõ sei se maior do corpo, se do espirito. A Deos, que guarde a V. M. 25. de Junho de 1678.

De V. M. servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**D**iz o Veneravel Padre nesta Carta no primeiro paragrafo, que quem anda mal convalescida, naõ he prudencia metter-se em penitencias. Naõ porque naõ sejaõ sempre proveitosas de si mesmas, mas porque deixãõ em estado, que depois se naõ podem fazer algumas, quando saõ mais necessarias: ou fazem que quando importa o castigo ao corpo, seja preciso usar do regálo.



galo. Mas neste estado aconselha a presença de Deos para contrahar os vicios. E porque não perca o habito da mortificação, se lhe permite alguma disciplina, ou cilicio. Porque a nossa natureza he tão repugnante a virtude, que com a liberdade de hum dia ás vezes perde quanto trebalhou todo hum anno em huma hora. Encommenda-lhe o silencio quanto puder. Porque sabia que este he o meyo de supprir todos os outros impedimentos dos exercicios, assim porque se mortifica o corpo, como porque se recolhe o espirito.

Manda-lhe que não tenha máos pensamentos, e falla por este termo; porque escrevia a pessoa espirital entendida, e que sabia, que este preceito se entende de pensamentos ociosos, ou admittidos: e por isso chama máos pensamentos aos escusados. E he a razão, porque diz isto se entende excepto as cousas obrigatorias, ou as que importão a Religião,

Diz em o seguinte paragrafo, que não cre, que aquelle masso traria cousa, que o assustasse: isto era sobre suspeitas, que se lhe offerecia alguma Dignidade. E diz, porque no albeio de engano punha muita parte do seu socogo, que de não enganarmos bem os que nos importunão, nasce ordinariamente a importunação, que nos causaõ. Porque aindaque não queremos ser importunados, não nos atrevemos a ser esquecidos.

Mas diz logo, que não perderá o socogo, aindaque os que o importunão não percaõ o engano, que esta fortaleza depois de todos os outros meios, como ultima, he sempre a mais precisa. Diz, que em todos aquelles dias passava entre grandes nuvens, e labyrinthos, isto he de espirito. Mas diz que sempre se pegava a hum fio, por onde ficava; que era sem duvida a Fé. Porque nas seccuras, ou confusões do espirito, que Deos permite por muitas causas, o remedio mais seguro he lançar na Fé a olhos cerrados. Porque como a mesma esterilidade não dispensa outros caminhos, este nem pôde saltar, nem haver nelle algum engano.



## C A R T A XLI.

*O Amor de Deos arda , e more na Alma de V. M.*



Se fosse Deos servido que , mediante a sua Graça ; acertasse agora a miseria (naõ se sabendo governar a si) em guiar a V. M. para hum puro , ardente , efficaz , e vivo amor de Deos ! Oh Bondade imensa de Deos ! E que naõ fareis vós de milericordia , e piedade , se me soffreis a mim ! Senhora , vi o papel de V. M. Naõ posso responder , como quero. Porque entre tudo o que me falta , excepto o amor de Deos , o tempo he o menos que tenho. Mas responderei como posso.

Quanto aos tóques , que V. M. sentio nas minhas palavras , lhe digo , que naõ faça caso do instrumento , senaõ da maõ , que o move. Quiz Deos mostrar a V. M. quanto he para querido , pois até por taõ vil creatura lhe mandou esses recados. Quando as palavras ferem o coração , estas se chamam palavras de Deos , que tem a efficacia de penetrativas , até quando parecem mais brandas. O que importa he escutá-las o coração , e pô-las a Alma por obra. No que tóca á confiança , que V. M. tem , e resolução para a Confissão das culpas , parece-me muito bem , que naõ ha de haver pejo de as confessar , já que o naõ houve de as commetter ; mas dar graças a Deos , que essa facilidade nosa he milericordia sua. O conhecimento da fraqueza , e miseria propria , tambem he alicerse , e fundamento para a fabrica do espirito. Convém com tudo que naõ comecemos o edificio das virtudes com diamantes , e depois continuemos a obra com pedras toscas , e adobes grosseiros. Ao Confessor convém sempre communicar as dúvidas , e observar simplesmente os seus conselhos , aindaque naõ seja o mais apurado domestico. Porque os Letrados , aindaque se affastem de exercitar , sabem entender , e costumaõ aconselhar o que mais convém. E para



humana Alma, que anda nas mantilhas do espirito, não são ainda necessarias as Calças Imperiaes das mysticas Theologias. E mais aproveitará V. M. em poucos dias com a negação do proprio juizo, que com muito altos exercicios do Entendimento. Porque este Fidalgo, em sendo Bacharel, he necessario deitá-lo fóra, para que a vontade possa obrar ou obedecendo, ou amando, ou torcendo-se na conformidade com Deos.

Bom Livro he para tudo isto o Combate Espiritual. O que eu entendo que V. M. ha de mister, como o pão para a boca, especialmente nesse retiro, e depois para sempre, he despir a sua memoria de toda a lembrança de creaturas, fazendo por fixar, e imprimir nella a Imagem de meu Senhor Jesu Christo, chagado, e crucificado, ou como mais devoção tiver; e fazer concerto consigo, que a todo o tempo não ha de soffrer outra lembrança na imaginação. E quando vier outra, perguntar-lhe: Sois Deos? Não. Pois Deos, e nada mais. Se se lhe varrer a Imagem de Christo, e ficar em Deos com memoria de algum attributo seu, ou hum simples attenção, em que se ache preza, cercada, ou interiormente fumida, deixe-se estar. Porém se neste tempo se lhe mandar alguma cousa, faça o que se lhe manda, e o que tiver de obrigação, mortificando o desaslocego de a tirarem de Deos. Porque fica melhor em Deos. Porque melhor he a obra, que a imaginação. E conservar a paz interior, e exterior com hum quietação resignada, final he que vai bem para a perfeição. Em todas as creaturas, que vir, ou sejaão racionais, ou flores, Ceos, Estrellas, ou quaesquer outras, costume-se a dizer consigo: Tirado o que alli está de Deos, não ha nada. Porque nada era tudo, antes que Deos alli puzesse a sua Omnipotencia: logo alli não está nada, mais que o que está de Deos. E fique-se em memoria de Deos, se he flor, Estrella, Sol; entendendo que alli se he communicar hum não sei que da Divina Formosura. Se he Livro, que alli se lhe descobre hum não sei que da Eterna Sabedoria. Se he Comer, alli se põem hum tudo nada da suavidade Divina. E então erga o coração a Deos, e diga: Meu Deos, se isto he hum pinga de vossa Sabedoria, Formosura, Suavidade, &c., que



será o mais ! E daqui fique-se amando aquillo, que bruxuleou entendendo. Então, quando eu lá for, me dirá como lhe vai nisto. E não se aflombre com as culpas passadas. Porque estas não nos fazem mal, mais que em quanto dellas não estamos arrependidos. E estando-o, como são materia de maior arrependimento, são a causa, de que tiramos mais fructo, mediante o Divino Espirito. Peça V. M. a nosso Senhor me tenha de sua mão, e me dê luz, pois me fez lanterna, e que Sua Divina Magestade não permitta que, mettendo algumas Almas no Porto, dê commigo no pégo. O mais fica para os pertos. E a Deos, que guarde a V. Reverencia, como lhe peço. Setuval.

De V. M. Seryo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta começa o Veneravel Padre por huma alta doutrina, com o baixo conceito que faz de sua Pessoa. Póde ser, que para responder no terceiro paragrafo, em que diz, que quanto aos toques, que sentio nas suas palavras, não faça caso do instrumento, senão da mão, que o move: ensinando com esta advertencia, que em todos os casos havemos de passar sempre ao Creador, sem ficar jámais nas creaturas. Diz, que quando as palavras ferem o coração, são palavras de Deos. E falla pelo termo de ferir. Porque não basta tocar. Porque muitos são tocados, mas poucos os feridos. E por isso diz, que o que importa, he executar essas mesmas palavras, e pô-las por obra. Que esta differença faz a palavra de Deos, quando só toca, ou quando fere, conforme a disposiçã que encontra. Louva-lhe a resolução, e facilidade, com que se acha para confessar lhanamente as suas culpas; mas diz-lhe que dé graças a Deos dessa mesma facilidade. Porque he tal nossa miseria, que até de confessar lhanamente as culpas nos póde vir a vangloria.

Diz, que o conbecimento da fraqueza, e miseria propria tambem he alicerse para a fabrica do espirito. E diz tambem, não porque haja outro mais forte fundamento, que este conbecimen-



to proprio ; mas porque não cuidasse que isto mesmo havia já feito tudo : advertindo porém , que caminhasse com a prudencia desse conhecimento , para que começando o edificio com pedras preciosas , não viesse a continuá-lo com pedras tosecas : como succede a muitos , que como nos fervores do principio não achão contradicção na natureza , ajudaão tanto as chaminas da devoção , que consomem a materia , e deixaão exhalar aquella tenra virtude , antes que se introduzaão nella as brazas da Caridade.

Diz abaixo , que mais aproveitará em poucos dias com a negação do proprio juizo , que com muito altos exercicios do Entendimento. E diz , que em sendo Bacharel , he necessario largá-lo fóra , para que obre a Vontade. A razão he. Porque nenhuma cousa nos engana tanto , como o amor proprio , e nenhuma cousa nos encobre tanto este amor , como o conceito que de nós fazemos. E por esta causa diz , que importa desfazer do entendimento , para que obre a vontade sem engano , passando da especulação ao affecto.

Diz que he necessario despir da memoria a lembrança das creaturas , fazendo por imprimir nella a Imagem de Jesu Christo. Porque a causa de todas as nossas distracções são as imagens estranhas , que voluntariamente admittimos na fantasia. E como á vista do Sol desapparecem as Estrellas , com a continua presença , e lembrança da Imagem de Christo ( como diz o Veneravel Padre ) esquecerão as imagens das creaturas.

## C A R T A XLII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Rande contentamento tive com estas regras de V. M., e igual foi o pesar de não poder com os logos dar os agradecimentos: agora, que posso, beijo as mãos a V. M., por esta lembrança , pedindo-lhe , que diante de Deos tenha de mim alguma memoria, pois tudo he necessario á minha miseravel vida.

Todo



Todo o mal do espirito de V. M. he falta de resolução, e não tem V. M. valentia de animo, para se dizer a si; *Isto ha de ser sem duvida, ou morrer, ou não tornar atrás*: fazendo brio do amor de seu Esposo, e honra de o não desgostar com os fastios do espirito. Convent muito que V. M. se determine a ter huma, ou duas horas, (ou assentada, ou em pé, ou de joelhos) em que tenha Oração particular, e cuide na Paixão de Christo, e nos extremos, que nella fez por V. M. E comece V. M. com esta simplicidade: *Meu Deos do meu coração, ou vós me quereis, ou me não quereis para vós? Se me quereis, eis-me-aqui, fazei o que quizeres de mim. Se me não quereis, o que eu não creio, pois vos desposastes commigo, dai-me licença que me queixe de vós. Quando ha de ser isto, meu Deos? Quando vos hei de amar? Quando me hei de resolver? Quando vos hei de seguir? Quando será que eu não tenha outro cuidado, outro desejo, outro amor? He possivel que ha de poder mais a minha frieza, que a vossa misericordia! A minha froxada, e maldade, que a vossa bondade immensa! Meu Deos, como ha de ser isto? Aqui estou, fazei o que quizeres de mim.*

He necessario, que aindaque V. M. sinta na Oração muitas seccuras, ecuridoes, friezas, e confusões, não largue a Oração, aindaque lhe pareça que entao não faz cousa alguma. Deos he como a braza, que em pouco tempo se toma na mão, e logo a solta, e não se queima; mas quem a tem muito tempo, abraza-se. Muitas Almas tomão a Deos na mão de sua memoria, mas como he pouco o tempo, não lhes faz móssa a braza Divina. Oh se muito tempo a trouxerao entre mãos, isto he, no amor, e lembrança, que depressa se accendêrao!

Esta resolução, e memoria de Deos he summamente necessaria a V. M., até quando sentir maior pinguica, e negligencia de espirito. Porque estes são os dous golpes, com que a Pedra do Deserto se destilla em agoa. E isto vem a ser, que com estes dous actos abrandamos de maneira a Christo, que he a Pedra do Deserto, que elle nos communica logo o dom de abundantes lagrimas, com que as Almas se lavao de suas culpas, e por não chorá-las, primeiro falta o espirito, a devo-



devoção, o fervor, a oração verdadeira, o amor de Deos, e as mais virtudes, de que se orna a Alma.

Faça V. M. muito por se exercitar na virtude da Compunção, doendo-se de seus descuidos, froxidoes, e negligencias, sendo Esposa de Christo, e busque para isto lição, que a mova. Lea em S. João Climaco, no principio, o grão, que trata do pranto espirital: que se V. M. chorar seus peccados, e andar algum tempo compungida delles, terá quanto quizer de Deos.

As nossas Almas sem lagrimas, são como a terra sem agoa: por falta da agoa he a terra esteril, e inutil, não dá fructos, não produz flores, só brota abrolhos, e espinhos. E aindaque ás vezes produza algumas arvores fructuosas, ellas se fazem sylvestres; o fructo inutil, é imperfeito, agreste, e sem doçura, fructo em fim do Mato. Assim a nossa Alma sem lagrimas he infructuosa, não dá mais que abrolhos de vícios, estímulos de consciencia, e espinhos de escrupulos, e ruins imaginações. E aindaque produza alguma hora algum pensamento bom, não chegam á madureza da perfeição devida. São virtudes agrestes, fructas bravias, que não se põem á mesa de Deos na Celeste Patria.

Para que os olhos tenham estas lagrimas, e a Alma ande compungida, tres são os remedios: ou pôr os olhos na fealdade do peccado, que he hum summo mal, pois nos priva da graça de Deos, que he o maior bem dos bens, ou pôr os olhos no fumo do Inferno, olhando espiritalmente para a fornalha dos condenados: ou erguendo a memoria aos gostos da Celeste Patria com faudades, e anciosos desejos daquelle Eterna, e Celeste Vida, de que andamos ausentes, e desterrados neste Valle de miseria, de tribulação, e angustia. Cuid de V. M. nisto, e eu lhe fico que, a pesar dos impedimentos, que são grilhoes do demonio, se solte a Alma em lagrimas, com ellas se purifique, e lave. E para que a Oração se apure, e depois o amor de Deos se accenda desorte, que V. M. aborreça, despreze a sensualidade, e tudo o que não for Deos. Faça isso, até que nos vejamos, e então tomaremos novos exercicios. Entretanto Deos nosso Senhor dê a V. M. a saude, que lhe desejo, que ás vezes suspeito que lhe dá os males,



males, para vêr se a póde levar por mal, pois V. M. não quer por bem. Eu, tal qual sou, lhe hei de pedir com o encarecimento, que posso, dê a V. M. muita compunção, muitas lagrimas, resolução, e amor, e muito de sua Graça, e que guarde a V. M. por muito felices annos nestes Divinos empregos, em cuja comparação tudo quanto tem a vida, he engano, e vaidade.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A

**N**esta Carta, depois daquella urbanidade, com que se deve tratar a sociedade Catholica, diz o Veneravel Padre a esta Religioza, a quem escreve, que todo o mal de seu espirito era falta de resolução. E isto diz; porque sabia que a enfermidade das mais das Almas, em que humas miseravelmente morrem, e outras torpemente vivem, nasce da falta de se resolverem. Porque aquellas se não atrevem a deixar culpas graves, nem estas a emprender heroicas virtudes. E diz logo, que faça honra, e brio do amor de seu Esposo. E não se entenda, que neste modo, com que incita ao Amor Divino o Veneravel Padre, he exhortação somente. Mas porque ha pessoas, que cuidão que se não meditaõ, ou fazem seus actos com muito recolhimento, que vão contra o espirito Catholico. E este he grande engano. Porque Deos não nos deo paixão, ou faculdade, de que não possamos, ou ainda devamos usar para o servir. Desorte que havemos de mover o brio pela honra de Christo: a ira contra o peccado, a vingança no serviço da Penitencia. E como diz S. Paulo, havemos de gloriar-nos em Christo. E antes em quanto nossa Alma se mover pelo instrumento do nosso corpo, devemos cada hum de nós conforme a sua Constituição incitar, ou reprimir aquellas paixoes, que mais lhe possão aproveitar para servir a Deos melhor.

Diz-lhe, que com os fastios do espirito se determine a ter mais humna, ou duas horas de Oração, que esta differença fazem aos fastios dos corpos: que estes se curaõ com variar mantimen-

tos,



tos, e aquelles com repetir a causa do mesmo tedio. E logo prosegue com hum colloquio. Porque alenta muito nas seguidões ao espirito, e lhe diz que perseverar na maior esterilidade. Porque esta perseverança he a sustancia de todos os exercicios. E a razão he. Porque muitas vezes neste diffabor, e canção, por hum mesmo acto, como o demonio nos tenta, tambem Deos nos prova; e pelo acto contrario na perseverança vencemos a tentação, satisfazendo á Vontade Divina. E assim diz, que Deos he como braza: e com ser mais luzida, não diz como a chamma. Porque a chamma não persevera, e a braza apertada, logo faz chaga.

Prosegue, que he necessario derramar lagrimas, isto he, haver detestado bem suas culpas, e haver bem chorado as offensas feitas. E por isso diz, que por não haver chorado, falta ao espirito da devoção. Porque a nossa Alma enferma, ainda que por outros remedios, se cura como as enfermidades do corpo; se o corpo não está bem purgado, os melhores manjares, mais suaves, e saborosos, lhe parecem amargos, e desabridos. A Alma, da mesma sorte, em quanto se não purga pelas lagrimas, e penitencia, e tem esfragado o appetite, em nenhuma meditação acha sabor, ou suavidade. Com a mesma exhortação continua admiravelmente esta Carta o Veneravel Padre.

## C A R T A XLIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Nosso Senhor dê a V. S. mui alegres annos, para que continuando na perfeição como quem começa, se apure o espirito na gloria, e honra de Deos, como quem acaba.

Eu fico para servir a V. S. melhorado de humas fraquezas, que me deraõ na cabeça. Porque parece que ainda faltava esta ruina sobre tantas. Desejo merecer a V. S. o favor, que faz na Concordia, lembrando-se de mim, e de meus Companheiros tão necessitados todos nestes labirinthos dos espiri-



espirituales soccorros, com que V. S. nos val. A Missão de Coimbra está quasi acabada. Daqui passaremos para mais longe. Se Deos nos der vida, iremos (acabadas estas tarefas) agradecer a V. S. de mais perto a meicé, que nos faz: e agora folgára eu de imitar, ou acompanhar a V. S. no agazalho, que faz a meu Deos neste tão soberano Mysterio da Incarnação. Peça-lhe V. S. por esta Mulla maliciosa, que ainda assim se deseja chegar a Deos.

Cá me lastimou a pena, e perda da Senhora N. Mas Sua Divina Magestade sabe o que nos está melhor. O Senhor D. N. busquei agora de novo esta Festa. Disserão-me que se tinha ido a Bussaco. Nos penedos se acha agora melhor a Deos, que nas Cidades: e por isso poderá achar-se neste penedo. Mas sou de casta mais dura. Rogue V. S. por todos a Deos, que fazemos o mesmo, taes, quaes fomos, por V. S., e pela Senhora N., e pelo Senhor N. Em cuja companhia guarde a V. S. muitos annos, como lhe peço, e desejo Coimbra 4 de Janeiro de 1677.

De V. S. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

#### N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Senhora, Viúva, Titular, de qualidade, e virtude. E depois de lhe dizer o estado em que se achava, e agradecer-lhe o favor, que lhe fazia, diz que folgára de a imitar no agazalho, que faz naquella sagrado Mysterio a Deos nascido, e que lhe peça por aquella Mulla maliciosa: isto he, considerando-se elle a si mesmo hum daquelles ditos Brutos, que assisraõ no Divino Presépio. E como o Servo de Deos não dizia sem tenção coisa alguma, seria paraque espreitasse, se a suavidade daquella consolação a fizera esquecer da grande humildade, com que devia considerar tão grande Mysterio, como ver entre dous Brutos a Deos humanado.


Diz que buscára a certa p.essoa, que lhe disserão havia ido a Bussaco, e que naquella occasião melhor se acha a Deos entre



entre os penedos ; isto he , no retiro. Porque taõ grandes misericordias não se contemplaõ bem entre os tumultos , mas no silencio das fêras , na quietação dos penhascos , e na sinceridade dos humildes Pastores , cuja paz não interrompe o ruído das vaidades.

## C A R T A XLIV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

 Raças sejaõ dadas a Deos , pela licença , que se deo a V. M. , e por me dar esta hora capaz de fazer estas regras. Fico melhorado , seja Deos bendito : porẽm , mais , ou menos , repetem os vertigios , excepto de hontem para cá. As fontes , muitas pessoas dentro , e fóra me persuadiaõ que as fechasse ; mas como eu as cheguei a abrir , não abro chagas para as fechar. Faça-se a vontade de Deos , ou succeda bem , ou mal. O Padre Guardiaõ me trata , como se eu fosse hum Fidalgo mui mimoso , não me deixando ir a nehum acto de Comunidade , e fazendo-me comer gallinha : é assim me mandáraõ os Medicos , que tivesse regimento por muito tempo ; mas este especial , por quinze dias , em que não tenho provado cousa alguma mais , que o que me ordena a Medicina. Quer Deos que isto me custe pouco. Porque até os meus appetites se tem feito fastio . e assim não tem V. M. que temer que haja pouco cuidado nos meus allivios. Porque as muitas larguezas , que todos me aconselhaõ , saõ o meu escrupulo. Mas como he conjuração de todos , não quero ser singular na contradicção. Tudo isto se cura melhor com a esperança , que tenho , que Deos me dará forças , e saúde , para que em Outubro chegue a essa casa. E se este Senhor me tirar antes a vida , eu quero a sua vontade , como for mais gloria sua. E sobre a pessoa , que lá fallou o que V. M. sabe , o melhor he encommenda-lo a Deos , achando razaõ até a quem a não tem , para mortificar



ficar o nosso Entendimento, e aquietar a vontade, que sempre busca por onde se vingue, até nos que tratao da perfeição. Todos os que nos affligem, nos provaõ, e os maiores amigos, que temos, são os que tomaõ por sua conta crucificar-nos: e assim os devemos estimar, como instrumento de Deos para nosso bem, aindaque nos pareçaõ mal. Propo-nho encommendar a Deos a pessoa, em que V. M. me falla. Deos a livre de tudo o que for sua offensa. Sobre a Oração de V. M. me parece bem trazer presente a Jesu crucificado, ou do modo, que V. M. tiver mais devoção. E em quanto não puder ser continua esta memoria, hum Passo de sua Paixão seja a meditação de V. M. ou para se compungir, ou para o imitar, ou para se admirar, ou para se resolver, ou para descansar nella, e nelle. Este he o melhor espelho do proprio conhecimento, e o melhor despertador de nossos descuidos, não fazendo mais penitencia, que seguir, e acudir á Communidade, em quanto puder.

Darei os parabens ao Profello, que nos deo grande contentamento, e edificação. V. M. me encommende cada vez mais a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e pedi-rei toda a vida. Varatojo.

De V. M. Servo inutil, e mais obrigado.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa pessoa Religiosa, alguns mezes antes de sua morte, mas andando já muy trabalhado de seus achaques, e havendo aberto as fontes. Diz, que aindaque muitas pessoas lhe diziaõ que as fechasse, que elle não abria chagas para fechá-las; fallava debaixo dos limites da razão, e da obediencia, e não do appetite. Porque pouco depois cerrou huma destas fontes, porque assim lho mandou o Medico, a quem obedecia sem juizo proprio. E se diz, que chagas, que chegou a abrir, não era para as ficher; he quando se não segue mais damno que a pensão, ou molestia do sentimento.



to. Porque sabia, que abertas são grande remedio contra a inflexibilidade de paixões rebeldes.

Diz, que seus appetites se tem feito fastio. Nem debalde até certos termos fizeram tanta eslimação dos achaques os Santos. Diz, que o seu escrupulo estava na largueza, com que o tratavaõ; mas que como todos o persuadiaõ, não queria contradizer, por não ser singular. Assim mostrava o Servo de Deos, como nem nas enfermidades se ha de permittir todo o regalo ao appetite. Porque pelo achaque do corpo não chegue o contagio ao espirito; mas regulando-se pela obediencia, e pela vontade alheya se segurava da Propria.

Diz, que achemos razão até a quem a não tem, para mortificar nosso entendimento. Este exercicio não he impossivel, aindaque seja difficultoso. Porque de ordinario não achamos razão a quem nos mortifica, mais pela repugnancia da natureza, que pela evidencia de nosso juizo. E por esta causa prosegue a aquietar a vontade, que sempre busca por onde se vingue.

Diz, que todos os que nos affligem, nos provaõ. Esta he huma virtude taõ justificada, que todos temos esta experiencia. Os fracos descobrem a fragilidade do barro, os ruins a dureza do ferro; mas os virtuosos os altos quilates do ouro.

## C A R T A XLV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Adre Soror N., e Senhora minha. Agora a toda a pressa pego na penna, para dizer a V. M. o que sinto nos seus particulares. E seja o primeiro, que será muito ociosa cousa o retiro, se se não descartar de todo o pensamento, que não for Deos. E costumar-se a isto com a Oração de aspirações, que he trazer sempre o coração elevado á memoria de Deos, sem usar para isto mais que de huma, ou duas palayras, como agora: *Meu Deos, Amor eterno meu, nada mais que vós.* E defender-se de todas



as mais memorias , como de qualquer ruim pensamento. E em quanto não fizer isto com tanta força , e violencia , que lance tudo o mais fóra , não terá paz na sua Alma , nem virá suave , e mansamente Deos a ella , nem poderá haver-se bem em meditações. E nenhuma lhe são agora tão boas , como a simplez memoria de Deos , e querer por seu amor mortificar as mais memorias , juizos , conceitos , raivas , desconfianças , dezejos , e impaciencias , que são a lenha do sacrificio , que Deos espera , se para elle a vontade se torna. Continúe V. M. esta simplicidade. Entregue-lhe todas as suas tristezas , affagos , e melancolias , sem buscar consolação , nem allivio nas creaturas : e em pouco tempo tornará a ser valida de Deos. E se durar a seccura , e a tempestade , ainda que perca o allivio , não se perca o animo. Porque ninguem póde perder o amor de Deos , senão quem quizer. E o amor de Deos verdadeiro he querer amá-lo , e de-sejar contentá-lo , e fazer o possivel por mortificar as paixões , até que todas fiquem em espiritual silencio. O tempo , que puder ter para se divertir , lea , e lea Vidas de Santos , ou o Combate Espiritual , ou o Amor de Deos de S. Francisco de Sales , ou o Padre Puente. E tome os seus exercicios por exercicio , que são excellentes , na forma que aconselha o Prologo. Affente V. M. comfigo ter duas horas de Oração , e medite em qualquer Passo da Paixão de Christo primeiro. E se se lhe escorregar a memoria , e não puder meditar ; vá-se logo ao amor , e gaste o tempo nessa ociosidade , pedindo , offerecendo , e dando graças a Deos. E o mais do tempo amando-o , aindaque seja sem fabor , froxa , fecca , e friamente , mortifique cada dia hum sentido , excepto o do Tasto. Porque não está ainda para cilicios , diciplinas , e asperezas. Use do retiro. Trate com poucas pessoas de dentro , e menos de fóra , mais que o preciso , e necessario. Traga nas mãos as Contas por memoria de que Deos a está vendendo : e vá nisto perseverando. O exercicio de assistir ás Missas , e recolher ás Ermidas he muito bom. O que importa mais que tudo , he aquelle ponto de não buscar consolações nas creaturas , por maior que seja a tristeza , e melancolia. E ancianará em aspirações de Deos , vazando a memoria de todas



as imagens, figuras, lembranças, &c. E quando lhe parecer que não tem feito nada, então saiba que a sua Oração foi boa. Particularmente cada dia pelas Contas dirá trinta e tres vezes até dia da Natividade de Nossa Senhora: *Meu Deos, e meu amor, tende misericordia de mim.* Sua Divina Magestade guarde a V. M. quanto lhe peço por muitos annos. Varatojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, filha espirital sua. E conforme se collige da mesma Carta, parece lhe havia dado conta de alguma esterilidade de Oração, e affectos, que sentia, e que desejava retirar-se; isto era a certas Ermidas, que tinhaõ na Cerca, ou Claustro, onde faziaõ seus exercicios.

Diz-lhe, que ociosa cousa seria o retiro, se se não descartasse de todo o pensamento, que não fosse Deos. Porque importa pouco que separemos a presença da communicação das creaturas, se as não separamos da nossa memoria: e antes em certo modo serve de maior impedimento a liberdade da imaginação para o espirito, que he mais facil este trato á fantasia, que o trato mesmo de pessoa a pessoa.

Diz, que use na Oração de aspirações, e com poucas palavras. A razão he. Porque no tempo, em que a Alma sente estas seccuras, as grandes fabricas, levadas á força, servem mais de embaraçar o discurso com pouco proveito, que de algum allivio. E por isso lhe diz, que nenhumas meditações lhe são tão boas como as simples memorias de Deos; isto he, huma vista recta tirada desde o coração áquella Bondade infinita, sem deramar por discursos a intenção dos affectos: que aindaque neste estado se levantão tambem, como á força, sem alguma suavidade, não são menos agradaveis a Deos, que prôva a fidelidade das Almas por estas mesmas seccuras. E este levantar a Deos o espirito por este esylo ( não como a peços, senão como a voos,



sem mais arrimo que a Fé ) não só he mais seguro , e mais meritório , mas he o melhor remédio nas esterilidades do espirito.

Porém diz o Servo de Deos , que sacrifique todas as suas paixões. Porque esta resolução he mais necessária , e principalmente neste estado , para este exercicio. E a razão he. Porque como este modo de levantar-se a Alma a Deos não he por passos , senão por voos ( como acima dissemos ) quem anda , ( isto he , quem medita ) a cada passo pôde sacudir hum impedimento ; mas quem voa , e se levanta sem aquelles meyoas , he necessario desatar-se primeiro dos embaraços todos. E em tudo diz , que procure meditar em algum Passo da Paixão de Christo Senhor Nosso ; porque além de ser elle a luz , e o caminho para perfeitos , e imperfeitos , esta ha de ser sempre a baze firmissima , sobre que o amor se ha de levantar. E por isto diz , que quando não puder meditar , recorra logo ao amor , e que gaste o tempo nesta santa ociosidade. A qual de dous modos se entende : ou quando Deos sem meyoas proximos faz que a Alma se levante sobre si mesma , e desazida da imaginação , fixo o affecto naquelle Bem soberano , como a Aguiã o faz com a vista no Sol : e assim quando parece que está ociosa , he altamente occupada.

Ou quando Deos para provar a fidelidade nos tira a luz , e a consolação , e ainda deixa em escuridade , e como impedidos os meyoas naturaes , e mais ordinarios , ( onde he necessario usar só da Fé ) e com perseverança exercitar fielmente a humildade , a conformidade , e a paciencia , para que o Senhor ache a fortaleza , que em nós procura.

Diz , que o exercicio de assistir ás Missas , e habitar as Ermidas , he muy conveniente ; mas o que mais importa , he não buscar a consolação nas creaturas. A razão he. Porque habitar os lugares solitarios , e assistir aos Sacrificios , no tempo em que Deos parece que se retira de humã Alma , he como humã demonstração do sentimento , e como quem anda batendo á porta ao Senhor , e pedindo-lhe esmola , sem querer de outra parte o allivio de sua pena. Esta he a razão , porque se não ha de buscar a consolação nas creaturas , principalmente no tempo da esterilidade.



## CARTA XLVI.

O Amor de Deos arda no vosso coração.



Inha Irmaã, e Senhora. Muito me alegro com vossas novas; e assim será sempre que mas concedais tão boas, como eu delejo.

Com grande gosto fico do que vós tendes do vosso estado: e se já vos agrada, quando cavais na mina, e thesouro, que será quando o achares? Perguntais-me, como tereis Oração? Cuidei eu que já vós sabieis como se ella tinha. Ter Oração, Irmaã, não he outra cousa, que ter muito amor de Deos, ou desejar muito ter-lho. E o principal, em que consiste este amor, he no exercicio de todas as virtudes: isto he, ser casta em palavras, obras, ou pensamentos; ser humilde, e mansa, mortificando todas as vanglorias com desprezo de vós mesma; ser muito soffrida, levando com paciencia, e silencio tudo o que por palavra, ou obra de outrem vos molestar: ser muito amiga de estar só, para cuidar só em Deos: e finalmente fazer concerto com elle de terdes vós cuidado d'elle, para que elle tenha cuidado de vós.

Este cuidado, que haveis de ter de Deos, he cuidar nas suas perfeições, na sua bondade, na sua formosura, na providencia, com que fez tudo, e com que acode a tudo, e sobre tudo no seu amor; pois este por amor de vós o trouxe do Ceo á terra, da terra á Cruz, da Cruz á sepultura, e ultimamente da terra ao Ceo, para vos ensinar com sua vida o que haveis de fazer por elle; pois a vossa Alma do Ceo veyo, quando Deos a creou, e de Deos sahio para a terra de vosso corpo, da terra de vosso corpo convém que vá pela rua deste mundo, que he a Rua da Amargura, até o Monte Calvario, onde he necessario pôr-vos na Cruz da mortificação; se Deos vo-la der no trato das creaturas, não queirais



outra ; se vo-la não dér , necessario he que a tomeis vós. Porque sem Cruz não podeis ir ao Ceo. Nesta Cruz haveis de morrer , para estar morta nesse Convento , que he a sepultura ; e nessa sepultura haveis de resuscitar o dia , qne morreres , para dahi subir aos Ceos nos braços de Christo , e nos Córos dos Anjos.

Cuidai pois nisto , quanto puderes. Porque se tiveres este cuidado , e não cuidados do mundo , Deos o terá de vós , quando menos o cuidares. Fazei muito caso d'elle , fiando-vos d'elle naquillo , em que desconfiais de vós. Porque isto não se faz com as nossas forças , senão com as que nos dá o Espirito Santo ; e para no-las dar , he necessario que façamos da nossa parte alguma cousa ; isto he , fazendo alguma força aos nossos appetites , e inclinações , que tanto se apartaão da vontade de Deos , quanto mais andaão á nossa vontade. Para o exercicio do amor de Deos , fazei muito por metter na cabeça esse papellino , que lá vos deixei , e não digais a Deos mais nada. Porque isto vos basta para vos accender. E não vos desgosteis , se logo não ardeis. Porque a lenha , que está molhada , não lhe pega o fogo depressa ; he necessario que primeiro pouco a pouco se vá enxugando , seccando , e dispondo para arder. Guardai esta Carta , e vede bem o que aqui vos digo , fazendo conta que o Espirito Santo vo-lo manda dizer ; porque deseja que o chegueis a obrar. Entretanto encommendai-me a Deos , e perdoai-me por seu amor todo o escandalo , que tereis de mim. A' Madre Soror N. minhas lembranças.

Irmao , que mais vos quer em Deos.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a humã Irmaã sua, Religiosa , e que pouco tempo antes tinha tomado o Habito. E parece-lhe havia escrito a consolação , que sentia no novo estado. Diz-lhe , que considere qual será a alegria de achar o thesouro , quando só de cavar na mina he tanto o contentamento. E fallia com



com muita propriedade por esta metáfora. Porque entendesse que era terra, onde cavava, e que isto he trabalhar na penitencia, para haver o ouro, que pertendia: que assim se entende pela caridade. Chama-lhe mina, não só pela riqueza, mas porque para se chegar ao thesouro, que tem nas entranhas, he necessario romper a rocha da natureza, e depois purificar o metal na fornalha da mortificação, e finalmente aperfeiçoá-lo com o pincel das virtudes.

Diz, que ter Oração não he outra coisa, mais que ter a Deos muito amor. E fallava absolutamente do fim. Porque logo vay discorrendo em que consiste este amor, e caridade; que são os exercicios virtuosos, e a consideração das perfeições, e beneficios Divinos. Porque não entendesse que a Oração consistia unicamente em muito discorrer, e meditar cousas de muita suavidade, com que a natureza mais se deleita, do que reforma; senão que era necessario muito mortificar-se, muito trabalhar por adquirir as virtudes, combater vícios, e desfazer máos hábitos.

Diz, que confie muito de Deos, naquillo em que desconfiar de si mesma. E isto, porque Deos não falta a quem se humilha, e também se retira de quem em si põem a confiança. Diz, que não se ha de desgostar, se logo não arder. Porque a lenha, que está molhada, não arde depressa. A razão he. Porque para se desfazerem os máos hábitos, que forão feitos em huma Alma por muitos actos, sem milagre não pôde ser de repente, he necessario longo tempo de exercicios contrarios aos mesmos vícios: isto se entende com a graça ordinária, perseverando com fidelidade, e paciência.



## C A R T A XLVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Enhora Soror N. Notavel consolação tive com estas regras de V. M., que na verdade as estimo, quanto posso, senão chega a ser quanto devo. Já eu tinha notícia de tudo o que V. M. me avisa, e encomenda, como me he possível, a Deos a alma de sua mãe, que Deos terá em Gloria. Grande alegria tive tambem com a resolução do Senhor Irmão de V. M., que Deos leve a diante, como espero, e peço a Sua Divina Magestade. V. M. na sua com a Senhora sua Prima continuem, que na Bondade Divina confio ha de fazer grandes servas suas, e dar-lhe ainda nesta vida muitas felicidades d'Alma, que concede aos que por seu amor deixão a vaidade, e engano deste mentiroso mundo, que tudo he dislabores, e perigos. E só no serviço de Deos, e desengano da vida se achão os verdadeiros postos dos predestinados, a vida passa, e he breve, o mundo vaõ, o tempo escasso, a morte certa, o juizo terrivel, o quando duvidoso, a Gloria eterna, a Eternidade tão larga, e só se pôde suspirar por esta eterna vida, por aquella Celeste Patria, pela infinita Gloria, em cuja comparação toda a do mundo he nada, pois não tem mais que humas felicidades caducas, e huma agradavel mentira, que em tormento acaba.

Encomendo muito a V. M. a santa Oração, e a memoria de Deos, para que sempre traga presente o amor da infinita formosura de Deos, e de sua Bondade immensa, e que neste amor affogue todas as memorias, amores, e pensamentos, que lhe passarem pela imaginação, fazendo cellas de sua Alma as cinco Chagas de Christo, onde se metta, e recolha, sempre que possa, pedindo a Sua Divina Magestade a faça, e ensine a morar em seu coração santissimo.

Ame



Ame muito o ser desprezada, e que ninguém já do mundo lhe faiba o nome. Seja muito humilde para todos, muito obediente, assim a sua Mestra, como a Preladas, e Prelados. Tenha muita charidade com as enfermas, muito amor ao Côro, ao silencio, ás virtudes, e ao desengano de tudo, especialmente á Virgem Senhora nossa. Faça por commungar com grande pureza, e devoção. Seja amiga de todas, particular de nenhuma, que as particularidades gerao desaffoço, e outras muitas paixões, e males. Recommende-me muito á Madre Soror N. sua Mestra, e a sua Prima. E sobre tudo me recomende a Deos, até que Sua Divina Magestade se sirva de que eu chegue a esse Convento, que será cedo, se elle me der vida. E eu, tal qual sou, posso afirmar a V. M., que, com quanto extremo posso, me não esqueço de rogar a nosso Senhor faça a V. M. tão grande Serva sua, como eu desejo ser de Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. por muitos, e felices annos. Ao Padre Fr. Quintino darei as lembranças de V. M. E fei que ha de estimá-las muito. Agoas Bellas.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa. E depois de lhe dizer que havia encommendado a Deos a Alma de sua Mãe, e que se alegrava com a resolução de hum Irmão seu, que parece elegera mais perfeita vida; vay discorrendo pelas razões, que temos neste mundo, para abraçarmos o desengano. E he de advertir, que sabendo tão bem o Servo de Deos as regras da polcia, não interpõem algum termo, ou discurso entre o fallar na morte da Mãe, e a melhora do Irmão desta Religiosa (sendo cousas tão diversas.) Pode ser, porque na sua opimaõ não fazia grande distincão, ou differença entre a morte, e a vida: ou para que entendesse, que depois que tomou aquelle Religioso estado, se devia considerar no numero tambem dos mortos, para lhe não serem estranhos aquelles successos.

Diz,



Diz, que lhe encomenda muito a santa Oração, e a memoria de Deos. Azação he. Porque sem esta Divina presença não ha Oração muito proveitosa. Porque o fogo divino he semelhante ao fogo ordinario em quanto á materia, em que se accende, que se não se sopra, não arde. Porque ainda que prenda alguma hora, como a lenha he verde, e por qual quer descuido se apaga, não pega no tronco, só queima as ramas, e não faz brasas, ainda que faz levareda. E o effeito da boa Oração he deixar no entendimento a luz, e no coração o calor, e pelo decurso do dia a lembrança da Divina presença, com a qual se faz a Oração successiva.

Diz, que ame as virtudes, e especialmente a Virgem Senhora Nossa. O que devia dizer, por lhe estimular mais o fervor. Porque na verdade não sei de que possa picar-se hum Cristiano, e particularmente humia pessoa Religiosa, salvo de parecer que he necessario exhortá-la a que recorra ao amor, e protecção de Maria Sacratissima, não tendo nós outro bem, outro amparo, outra consolação, allivio, e remedio, senão este, em que Deos quer depositar por sua Bondade infinita suas immensas graças, e suas incompreensiveis misericordias.

## C A R T A XLVIII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Correyo passado não escrevi a V. M. por me faltar tempo. Estimo as melhoras de V. M. quanto devo. Nosso Senhor leve a diante a saúde corporal, e augmente a espiritual, para honra, e gloria sua; e dê a V. M. muy felices Annos no espirito, que no tempo pouco importa que sejaõ mais, ou menos. Eu tambem cá tive meus desconcertos de cabeça, e de corpo, mas quando tive eu nella, e nelle concerto? Foi isto mais sensitivo, por isto pareceo mais extraordinario. Tudo parou em vestir tunica, e comer gallinhas: e com isto vou continuando; por que



que o trabalho da Missão ainda não vai diminuindo; mas ha mais de dez dias, que não prego, nem estou para isso. Não tenha V. M. dó de mim, porque não se póde dizer o grande, que de mim tem o Padre Guardião, os Medicos, e toda a terra. Bem para o corpo nos tem ido em Coimbra; ao espirito quizera eu que lhe fora bem.

Bem entendo V. M. o que seria de mim na falta de N. E certo que me lastimou muito do pezo, que ficou naquella casa. E he lastima o que me escrevem. Porém Deos he maior que a nossa miseria, e a tudo acudirá sua infinita Misericordia. Eis-aqui huma das serventias dos longes: outra he para as divisoões, que não podem ter remedio. E não ha para que nesses pertos eu sirva de retablo. Deixe V. M. dizer de mim, que bem diz quem diz mal. E o que mais me serve, he, que assim se falle de mim. Eu não faço conta de intrincheirarme como quem se põem em defensão, aindaque lá se me façaõ tantos reparos. E só me fará mal, que isto me não faça aballo, ou para sentir minhas culpas, ou para ter alguma mortificação, que offerecer a Deos. Em fim sou Alma de pedra, onde não faz móssa a tempestade, aindaque seja rija. Peça V. M. a Nosso Senhor me dê hum coração brando, para que não viva tão duro. Tambem me deo vontade de rir, de se dizer que fui fóra da Provincia sem obediencia. Acho muita graça nisto. Porque tem mil galantarias esta moralidade da minha vida. No que toca aos gastos do officio, tirar a vaidade, competencia, extravagancia, e o mais que modestamente se faz. Eu o tenho por caridade, e ao menos consolação Religiosa. E não tenha V. M. escrúpulo na esmola, que lhe dá seu Irmaõ, quando he necessario; assim como o póde ter, quando for superflua.

Se V. M. não escreveo á parenta, escreva-lhe por consolação poucas regras. E se repetir as Cartas, fôrte-se á frequencia dellas; salvo em materia de importancia. Cure as suas chagas, que Deos se serve de que não as tenha, para melhor o servir. E quando os remedios não valhaõ, então será bom o soffrer. Cure-se, sempre que for necessario, pois neste Convento o trabalhar he preciso. Impaciencias, que não cegaõ, e aborrecimento mais do modo, que da pessoa, ou



ou virtudes, são tempestades, para que nos havemos de pre-  
venir; mas não ruínas, com que nos hajamos de inquietar,  
ou turbar. Agora o representar faltas alheyas sempre he des-  
prezo com complacencia do erro alheyo: e nisto he bom vi-  
giar, que o diabo he subtil. Em todas as mais mortificações de  
lidar, escrever, soffrer impaciencias, e descuidos, andar áler-  
ta por não perder o merecimento, que este estima Deos mais  
que a Oração, que em outra hora por vontade propria se faz.

A Vileu não irei, senão pela Quaresma: a Aveiro pas-  
sarei daqui, e a outras terrinhas Beira mar. De lá para a Pri-  
mavera passarei ao Porto, donde me chamou o Senhor Bis-  
po. E estarei tambem de vagar, se Deos for servido. A La-  
mego irei, que de lá me chamaõ: como tambem me chamaõ  
de Braga, e Guarda: e a tenção era não vir sem ir a todos,  
dando-me Deos vida. Dos acertos, e acções do Senhor Bispo  
me alegro. As ignorancias do Bispado são como sombras,  
em chegando a luz desaparecem. Em elle chegando, e vi-  
sitando a sua Diecesi, como he obrigação, tudo isto se acaba-  
rá; mas he necessario costureiros desta tarefa. Porque mais  
aproveitaõ nisto as Missoes em huma semana, que as visitas  
dos Bispos em hum anno. Da Madre Soror N. me lembrei,  
como pude. Recommende-me V. M. a todas essas Senhoras,  
especialmente ás enfermas. Nas minhas Communhoes tem  
V. M. o quinhão, que lá saberá no outro mundo. O que  
V. M. me dá, estimo, quanto não sei declarar. O Anjo por  
si se faz estimar, e não era necessario este memorial; pois  
já cá estava outro de V. M. Mas muitos são necessarios a  
quem anda em tantos perigos: e por isto não sahe do meu  
Breviario; menos a minha Santa Theresa, que com as feri-  
das daquelle dardo envergonha as poucas, que tenho por  
esta via. O Senhor S. Francisco de Sales não faltou, como  
amigo, nesta occasião: não falte V. M. tambem em conti-  
nuar, como sempre, a mercê, que me faz, que lhe deoje  
merecer, ainda que nada meu tenha valia. Encômmando-lhe  
muito a paciencia, simplicidade, sujeição, mortificação de  
juizo, e o ardente amor de Deos, que guarde a V. M. como  
lhe peço. Coimbra. De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.



## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa. E depois de lhe dizer que estima as suas melhoras de saúde, e que lhe deseja os augmentos da caridade, diz que tambem elle trouxera desconcertada a cabeça, e o corpo; porem que a sua nunca tivera concerto. E porque o achague agora foi mais sensitivo, pareceo mais extraordinario: para nos dizer, que sentindo tanto qualquer dôr (sendo hum accidente) não reparamos em que temos por natureza a enfermidade, podendo estar o maior achague em nos não sabermos doer da saúde.

E diz, que deixe dizer delle, porque diz bem quem delle differ mal, e que não faz conta de intrincheirar-se: isto he, escusar-se, ou defender-se. Não era a tenção do Servo de Deos querer adquirir merecimento á custa do defeito do proximo; mas sabia que raras vezes nos escusamos, sem que direita, ou indirectamente arguamos, quando nos defendemos. De que nasce fazer com bom pretexto, e por amor proprio crescer o damno, que a Caridade atalhára pelo soffrimento. E como isto eraõ discursos, que fazião alguns Religiosos da sua Provincia, com quem ainda eslava incorporado, não podia fazer juizo da tenção albeya, sem que ao menos se inferisse a semrazaõ, com que o arguião: e por isso sem dizer outra cousa, respondeo: Da-me vontade de rir, dizer que fui fora da Provincia sem obediencia: E tem mil galantarias esta moralidade da minha vida. Porque onde he ridicula a censura, consequentemente ha de molestar a defeza. E nestes termos, se do silencio se não segue algum damno, mostra o Servo de Deos que o meyo mais proveitoso he fazer da calumnia galantaria; mas de tal modo, que não pareça desprezo: que ás vezes pôde ter este risco, e por huma paciencia artificiosa cabir em huma soberba occulta.

Diz, que no que toca aos gastos do officio, que tire a vaidade, a competencia, e extravagancia. Porque parece que esta Religiosa tinha occupação na Casa. E prossegue, que nestes termos o que modestamente se gasta, o tem por caridade, ou consolação Religiosa. A razão he. Porque acudindo ao officio com medida, e modestia, a largueza regulada he o fim para que os

Pre-



Prelados põem em alguns cargos certos sujeitos. Demais, que aindaque devemos mortificar a nós mesmos, não devemos mortificar aos outros; isto se entende, do modo que diz o Veneravel Padre: e assim accrescenta, que não faça escriptulo da esmola, que lhe dá seu Irmão, sendo-lhe necessaria; como o deve fazer sendo superflua.

Diz, que o recomende muito a todas as Religiosas, e particularmente ás enfermas. Porque sabia o muito que val diante de Deos o padecer nesta vida; que he o unico preço, com que se compra a eterna, e o chrysol onde o ouro, pela paciencia, e enfermidade se purifica.

## C A R T A XLIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Enhora minha. Este Padre bem se pôde levar, mas este Senhor não se pôde soffrer. Nunca mais me falle em Senhor. Porque os monturos não servem mais que para o cisco. Tudo o que não he isto, não diz bem nelles. Eu sou hum miseravel monturo, em que assentaõ muito bem os desprezos, muito mal esses tiples das estimações. Vamos a outra cousa, que nem nisto se pôde fallar. Longes, e pertos assim he que o mesmo são para nós. Porque o lugar, que V. M. tem na minha memoria diante de Deos, nem os pertos o fazem mais chegado, nem as distancias lhe tiraõ os bons longes. Se eu tenho benção, que dar, já V. M. não tem que pedir. E eu de novo só tenho que lhe offerecer o parabem dessa Roda, que a Fortuna pudera invejar, se nas que estaõ fóra do mundo tivera que fazer. O que aqui he para admirar, que sendo ella taõ viva, seja a linguagem taõ morta: com tudo me pareceo bem, que fallando-me V. M. por papel, se valesse do caminho, não dos rodeyos. E se aqui se deitaõ a rodar os allivios com resignação, as esperanças com silencio, e as fadigas com paciencia, não he pouco o que temos feito. Hum a simplez memoria de Deos,



Deos, que V. M. conserve nestas occupaçoẽs, desejando conformar-se, e dar gosto á Divina Magestade, basta para que V. M. aproveite neste exercicio, onde sem escrupulo podem parar todos os mais exercicios da mortificaçaõ, a quem prefere a obediencia, quando com ella se encontra. A pureza da intençaõ em tudo, a renovaçaõ dos propositos encomendado a V. M. muito a miudo. Porque agora está em prova, que he mais que em muda. Os exames á noite desta pureza, e como lhe vai na obra, são necessarios. O acerto, e dita, consiste em fazer bem o que Deos nos mette nas mãos; que isto he cingirmos outro final de caminhar a perfeitos. Que em quanto nos cingimos, e nos governamos pelas nossas inclinaçoẽs, (ainda que sejam fantas) são exercicios de novatos. Agora não temos Confessionario, para que appellar. Porque se interpôs hum impossivel, que se não deixa vencer. E creya V. M., que está isto muito longe de ser medo de Bispos, nem susto de já lembrar para isso. Porque ha muitos dias que estou desaffogado neste particular. Com tudo o meu parecer era, e he, não apparecer em públicos, nem na Côrte, até isto não estar provido. Mas já disse a V. M., que obedecer até aos despropositos, he o meu destino, como não seja acceitar Mitras, nem Anneis de ouro, ou cousa contra a minha consciencia. Não acho desculpa na réplica, ou na tardança, por isso vim logo, ainda que me foi custoso. No que tóca aos votos de huma Religiosa, quem os negar com malicia, ou com desprezo, pecca contra justiça, se ella he capaz; e contra a charidade, ainda que o não seja, pelo desprezo, e malicia. Mas não peccará, nem levemente, quem consultando o seu entendimento votar lisamente conforme a sua consciencia: que fazendo isto, não peccamos, ainda que erremos em materias de votos. Do Hospicio de Alente não quero nada, mais que fazer o que me mandaõ. Se me mandarem, irei para elle; se não, nada farei. Porque nesta vida o meu negocio he o nada. Queira Deos que seja tudo para maior honra, e gloria de Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. como lhe peço, que a ninguem desejo mais todos os bens de Deos.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

NO-



## N O T A.

**E**sta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa, dizendo que o nome de Padre bem se pôde levar, mas que o de Senhor se não pôde soffrer: isto era tocante ao estylo, com que se tratava, confessando de si, que era hum monturo, onde só está com propriedade o cisco.

Diz, que nelle sô os desprezos assentaõ bem, e que deixe aquelles tiples das estimaçoens. E com razão chama tiples ás vaidades. Porque, ainda as que mais suavizaõ, são vozes, que sempre se teme que mudem.

Diz, que os longes, e pertos são a mesma cousa. Porque a memoria na presença Divina faz das ausencias presenças: paraque entendesse, que todo o outro desejo de estar mais perto, ou mais longe, (não sendo preciso para algum negocio justo) mais he appetite do affecto, que verdadeira concordia do espirito. Diz, que lhe dá o parabem da Roda, aonde por officio assistia, e que a Fortuna tivera que invejar, se nas que estão fora do mundo tivera que fazer. Isto dizia, paraque tivesse entendido, que havia de estar naquelle officio, como se estivesse fora do mundo.

Prosegue, que lhe pareceo bem, fallando-lhe por papel, se valesse do caminho, e não dos rodeyas. Porque ha pessoas tão mysteriosas, que se não he cara a cara, (e ainda com mil ceremonias) não acabaõ jámais de se declarar, e talvez no que não vai nada. E de ordinario nasce, ou de pouca humildade, ou de pouca liberdade de espirito.

Diz, que a pureza da intenção, e renovação dos propósitos lhe encomenda muito, porque está em prova: e que a dita he fazer bem o que Deos nos mette nas mãos. Quer isto dizer, que a perfeição não consiste em mais altos, ou mais extraordinarios exercicios. Consiste em dar bõa conta do que nos encarrega a Providencia Divina. E nesta parte se enganaõ algumas vezes pessoas de muita caridade. Porque como não se empregão em grandes cousas, cuidaõ que não fazem nada. E tem razão, se nestas menores não obraõ com tanta exacção, e cuidado, como nas grandes.



## C A R T A L.

O Amor de Deos more na Alma de V. Reverencia.



Eu Padre Guardião. Sempre as novas de V. Reverencia são para mim de grande gosto; por isso sempre as desejo procurar com igual affecto. Dê Nosso Senhor a V. R. muito alegres Festas, e a todos esses Religiosos, a quem me recomendo, e peço a benção.

Bem sei o zelo, e amor, com que V. R. deseja os meus augmentos. Mas como Nosso Senhor me deo luz, e conhecimento, de que não presto para nada, não convém que eu tome carga sobre meus hombros, não sendo elles para tamanho pezo. As arvores muito carregadas quebrão, e cahem: as náos com demaziado pezo, aindaque seja de ouro, vão-se ao fundo. Eu arvore miseravel, com fructos defiguaes ao que sou, que poderei esperar, senão a minha ruina? E sendo barquinha tão rota, e fraca, que esperarei de mim, senão naufragio? Melhor me acho com os meus piolhos, mais seguro estou com os meus remendos, e quero mais hum cantinho de huma pobre cella, em que siga a meu Padre S. Francisco, que os maiores Titulos, e Senhorios do mundo *Elegi abjectus esse in domo Dei mei, magis quam habitare &c.* V. R. me encomende muito a Deos. E porque o possa fazer com mais causa, lhe mando por memorial essa Veronica. Espero que nos vejamos, se para outra parte nos não mandar a Obediencia, a quem não faço conta de faltar, excepto de me fazerem Abbade. Porque não está desta côr a minha consciencia. Entretanto encomende-me V. R. a Deos, que guarde a V. R. como lhe peço. O Novico, a quem V. R. tirou as informações, he o poitador desta: vai dar as graças; porque o Padre Provincial as houve por boas.

Fr. Antonio das Chagas.



## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos em resposta a hum Guardião de certa Casa, que parece lhe fallava em alguma Dignidade: que como consideravaõ em sua pessoa tanta prudencia, todos com bõa tençaõ, e zelo desejavaõ vê-lo empregado em tudo. Mas o Veneravel Padre, a quem Deos havia dado luz, como elle mesmo diz, e tambem graça para saber conhecê-la, e fortaleza para observá-la, qualquer Dignidade recusava; que todos estes movimentos são necessarios para chegarem a effeito os Divinos auxilios. Porque muitas pessoas vemos tocadas da inspiração, e por não escutarem com attenção, e desejo de entender ser beneplacito divino, a deíxaõ passar como luz de relampago, sem que a Alma receba perfeita noticia. E outros, que recebendo a luz clara, porque se não fazem bastante força, e vencem a repugnancia tibia da natureza, não tiraõ mais proveito que hum conhecimento da verdade clara, mas esteril para o aproveitamento. Porém como o Servo de Deos não tinha outro cuidado mais que o de ouvir, observar, obedecer á vontade Divina, e tivesse entendido que só pelo exercicio de Missionario Deos o chamava, estava tão firme em seguir a Divina Vontade, que com nenhum pretexto mudaria de proposito: e assim responde nesta Carta com santo desengano, que Nosso Senhor lhe deo luz para vêr que não prestava para nada, e que não convinha tomar sobre seus fracos hombros tão grande pezo. E traz o exemplo das Nãos, e das Arvores. Porque ordinariamente humas quebraõ, e outras se voltaõ com o grande vento. E o mesmo effeito faz nos imprudentes o vento da vaidade: e por isso diz, que quer mais hum cantinho, que os maiores Senborios do mundo. E acaba, dizendo: Não está desta cõr a minha consciencia. Porque ha consciencias, que se vestem de cores, e querem que vista as mesmas a caridade, não havendo outras para a Alma, mais que a branca, ou negra; isto he de graça, ou de culpa.



## C A R T A L I.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Enhora minha. Já estimára que V. M. tivera inteira faude, para que de mais perto lhe dêsse o parabem, e lhe dissesse outras cousas necessarias. V. M. fez bem no que disse a N., e em não responder a esse Padre, a quem eu responderei em o vendo. Tenção tenho de fazer aquella advertencia, em quem V. M. me toca, sobre N. Nosso Senhor a leve a diante em seus bons intentos.

Eu creyo que V. M. conhece lhe fallo verdade, e com a mesma lhe digo, que de nenhuma pessoa do mundo faço maior confiança, que de V. M. E presuppuesto isto, vamos ao que importa.

Cada vez me move mais Nosso Senhor a que inteiramente de todo este mundo não queira nada, mais que a sua gloria, honra, e bem das Almas. E qualquer destas duas cousas peza mais que todos os outros bens do mundo. E o demonio, que intenta destruir esta (a meu vêr) obra de Deos, em traje de razão, e caridade, faz por introduzir aquellas conveniencias, que são desdouro da palavra divina, e interdito para o bem das Almas. E como conheço isto, digo a V. M. com toda a verdade, que tenho grande receio, que, ou por via dos Companheiros, (a quem tenho ordenado com todo o aperto não tratem dos meus particulares mais que eu) ou de outra alguma pessoa se teça alguma tea do demonio, em que se enxovalhe, ou perca esta opiniaõ-zinha, que se tem do zelo de Deos: fundado neste, digo que eu estou resolutos a não impedir o bem de meus parentes, pois impedindo o de qualquer proximo pecco gravemente. Mas estou muito mais resolutos a não procurá-lo por nenhuma via: que isto fora hypocrisia fina, e cavilação azê-lo secretamente; antes se se me dêr conta, póde ter



perigo a troco de que a palavra de Deos tenha credito. Nisso quero dizer, que se V. M. entender (segundo sua consciencia) que faz bem em favorecer a meus Irmaos em alguma cousa, siga a inspiração de Deos, mas não mo diga. Porque se mo disser, poderá ser que o impida. Porque assim me parece que convê n. E saiba tambem, que lhe não hei de agradecer este beneficio. O primeiro: porque V. M. com isso, e com todo o mundo, me não paga o desejo, que tenho de vê-la na perfeição. O segundo: porque quero que entenda, que nesse negocio, se fizer algu na cousa, nada faz por mim. Tenho-me explicado. Entretanto vá-se V. M. com a obediencia aos remedios, com paciencia para si, com caridade para o proximo, e com a possivel conformidade, e presença para Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo de V. M.

*Fr. Antonio das Chagas.*

# N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa, de quem fazia grande confiança. Diz no segundo paragrafo, que cre que conhece a verdade, com que lhe falla, e que com a mesma lhe assegura, que de nenhuma pessoa faz no mundo mais confiança. E continúa, o que presuppuesto, vamos ao que importa. Era o Veneravel Padre prudente, e sabia bem, que para afirmar hum acto da vontade propria, era necessario segurar primeiro a confiança alheia.

Diz, que cada vez o move mais Nosso Senbor a que inteiramente não queira nesta vida mais que sua gloria, e honra, e o bem da salvação das Almas: e que teme que o demonio, que deseja destruir esta obra, faça por introduzir em traje de Caridade certas conveniencias, que são desdouro da pala vra Divina: isto era, que desejando muito o Principe ajudar aos parentes do Veneravel Padre, e persuadindo-o todos, que elle se não podia oppôr, nem fazer diligencia em contrario sem escrupulo, e prejuizo de terceiro: e por outra parte considerava, que se



se se entendesse, que qualquer graça era feita por diligencia sua, (naõ porque fizesse caso de estimação propria; mas porque se alguem cuidasse que elle attendia a alguma conveniencia de seus parentes) podia prejudicar a palavra de Deos aquelle credito, que por huma grande exacção para o proveito das Almas tinha adquirido. E nestes termos, entre escrupulo, e entre a caridade (como entre duas tálas) segue o meyo da indiferença. E por isso profsegue, que elle naõ impede o bem de seus parentes, mas que esta resolutõ a naõ procurá-lo de nenhuma sorte. Porque fora hy-pocrisia, aindaque o fizesse secretamente. Porque entendesse-mos que, sem esta verdadeira sinceridade, tudo o mais são pretextos para cobonestar com alguns casos certa ambição do amor proprio.

Diz, que se entender que faz bem em favorecer a seus Irmãos, que o faça, mas que lho naõ diga: e que tambem entenda, que lhe naõ ha de agradecer esse beneficio. Porque o bem, que lhe deseja, lhe naõ paga com todo o mundo, nem o faz por elle, pela razao que a cima insinua. E dizer que lhe naõ paga com todo o mundo, he porque de todo o mundo naõ fazia nenhum caso, pois só em Deos punha o seu affecto: e que tambem entenda, que se naquelle negocio fizer alguma cousa, nada faz por elle; quer dizer, que naõ esperasse que lho agradecesse. De tudo isto se segue a estimação, que devemos fazer de qual-quer acto de caridade, e o pouco cuidado, que devemos pôr nas conveniencias das cousas do mundo, para quem deve estar morto, naõ só aquelle, a quem Deos elege para pregar a sua divina palavra; mas todo o que faz voto de seguir a Christo, como fizeram tantos Varoens Santos, e os mesmos Apostolos: estes pre-gando nas Praças, e nos Pulpitos, e aquelles, orando nos Clau-stros, e nos Desertos.

De V. M. Servo humil.

Tomo I.

L3

CAR-



## CARTA LII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre, e Senhora minha Soror N. Chegou o Donato a tempo, que eu estava de purga, e me succedeo tão bem, que fico com conhecida melhora. Seja D. os bendito por tudo. E o seja tambem, se a melhora não perseverar, e o mal outra vez vier. Porque se recebemos os bens das mãos de Deos, os males porque os não receberemos? Não temos outro bem verdadeiro nesta vida, mais que padecer, e amar, e unir-nos com a Divina Vontade: e assim nunca estarei peyor que quando me faltar este bem. Louve V. M. a Deos por tudo o que lhe deve, e por tudo o que lhe succeder sem culpa. Porque nunca se navega tanto como com a tempestade, se se não perde o rumo: e todo o mar he caminho.

A Madre Soror N. dê V. M. da minha parte o parabem da morte de sua Sobrinha: que para bem he naquelles annos a morte. E senti-la, sendo expressa vontade de Deos, he falta de Religião, e de Santidade. Porque como diz a Escritura: Ao justo nada o entristece: *Non contristabit iustum quidquid acciderit ei*, &c. Seja esta regra para a Portaria; pois ás vezes podem por ella entrar, e sair cousas, que nos podem entristecer. E serve isto tambem nas Cruzes, e nas enfermidades. Graças, e mais graças a Deos, que he a melhor linguagem de suas presenças. E esta encommendo muito a V. M. Tambem lhe encommendo a Madre Soror N., e todas as mais, que se valem dos dictames de V. M. E lhe peço me não falte V. M. com suas Orações, quanto o desejo merecer a V. M., a quem Deos guarde. Varatojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO-



## N O T A.

**E** Sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa. E depois de lhe dizer como havia passado com melhoria, pela qual dá graças a Deos; com tanta differença, que diz, que então estará verdadeiramente e enfermo, quando não est. ver verdadeiramente resignado. E accrescenta, que nunca se navega tanto como com a tempestade, quando se experimenta sem culpa: isto he, que nas mortificaçoens se purifica o espirito, e adquire o merecimento, se a pezar da natureza repugnante se levaõ com resignaçãõ, e humildade. E por isso prosegue: Todo o mar he caminho, se se não perde o rumo: isto he, o soffrimento, e o fim, que he o divino beneplacito.

Diz que de a certa Religiosa o parabem da morte de buma Sobrinha de poucos annos de idade. Porque senti-la, sendo de Deos vontade expressa, onde não havia suspeita de não estar a graça, he falta de Religião, e de Santidade. Arazão he. Porque o Religioso, ou quem deseja viver pelos dictames do espirito, não só está obrigado a não dar lugar ao menor acto de culpa, mas nem ainda aos movimentos da natureza: isto he, fazendo-lhe sempre a guerra, que só por conta de Deos corre a victoria. E prosegue, que esta seja a regra, que siga em todas as coizas, em que achar repugnancia: paraque entenda, que até á morte em tudo ha de andar com este cuidado, quem se resolver a viver menos para o corpo, que para o espirito; que os progressos da guerra entre a natureza, e a graça, não podem parar senão nos termos da vida.



## C A R T A LIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito Reverendo Padre. Amigo, e Senhor meu. Colhe-me esta Carta de V. M. a tempo, em que apenas posso fazer-lhe estas regras, por causa de sahir á manhaã a começar a Missaõ deste Povo, e fazer dous Sermões no mesmo dia, e nenhum delles está feito: com outras muitas cousas, que sempre se me apparelhaõ para a ultima hora. Mas se nesta podia ter algum allivio, era ver-me com boas novas de V. M., e assim será, sempre que ellas sejaõ como desejo. Todos estes acontecimentos, que a V. M. lhe fizeraõ horror, e medo, se me fazem a mim mysterio, e assombro; pois ainda nesses casos vemõs o fructo, que se tirou, e o conceito, que se fez de V. M., como a mim já me haviaõ dito tudo. E parece que o demonio quer apagar as luzes de sua Igreja, seccando-se V. M. para pregar, ou vestindo-se, e levando-se desses medos. Se visitando mais ao modo do seculo, fez V. M. tanto aballo nos Povos, tanta edificação nos seculares, que fora vendo a V. M. com hum Habito de S. Francisco, deixando isso que tem do mundo! Além de que, o que a V. M. lhe succedeo nos pulpitos, he cousa, que, pouco mais ou menos, a todos nos tem succedido, especialmente em quanto não se faz habito de fallar sem estudo. E eu me perdia a cada passo. Mas fazendo habito disto, nenhuma cousa custa. E este se poderá fazer primeiro em muitos Povos pequenos. E depois de repetidas as materias, que bastaõ poucas bem sabidas, se faz tudo com facilidade.

Em fim, isto tem segredos, que se não podem digerir de tão longe. Eu não tenho revelações de Deos, nem nestes casos appello para tanto. Porque me basta a razaõ do estado mais perfeito, e menos perigoso, quando mais não fora, e estar



e estar vendo que Deos costuma summamente mostrar-se agradecido a qualquer sujeito, que nesses exercicios anda. Eu já não vou a Gouvea. Porque me pede o Senhor Bispo da Guarda que vá lá em direitura, porque até dez de Setembro se partirá para as Caldas: e antes disto queria ver-se comigo. Por cuja causa parto para lá mais cedo. He preciso gastar ainda este anno por estas partes, e tornar aqui em Abril, ou Mayo, se Deos me dér vida: se acaso algum superior successo, ou obediencia me não arrebatarem para outra parre. Muito sentirei que em tanto tempo não seja possível ver-me com V. M. ao menos. E tambem farei muito porque o recolher-me seja por Coimbra. A N. não mostrei perplexidade, como elle diz: antes lhe disse a causa, porque o castigava Deos, que era não tirar-se de Freiras. No seu negocio, em que elle, e sua mulher sabem a verdade, ahí não teria eu que dizer: o mais, he certo que nem ainda homens mundanos lho podiaõ aconsellar. He cegueira miseravel, que de hum erro se caya em outros, até despenhar no Inferno! Mas tarde passarei por lá. Entretanto encomende-me V. M. muito a Deos, e a estes Companheiros, que se offerecem a V. M. com grandes saudades suas. Vaõ as Cartas, e venhaõ-me sempre novas de V. M. E não se defaníme; porque toda a nossa confiança não se funda em nossa sufficiencia, senão na Bondade Divina: *Sed sufficientia nostra ex Deo est.* E não posso ser mais largo. A Deos, que guarde a V. M. Viseu.

Amigo, e Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a huma pessoa Ecclesiastica, a quem desejava trazer para o Seminario (como succedeo com effeito.) E depois de lhe dizer a razão, porque lhe não escreve mais largo, continua: Todos estes acontecimentos, que a V. M. lhe fizeraõ horror, e medo, se me fazem a mim mysterio. Esta he a razão, porque raras vezes podemos fazer  
juizo



juízo seguro nos negocios proprios, e particularme nos que to-  
 cao ao espirito, onde os interesses, ou os enganos são mais de-  
 licados. E prosegue: Pois nesses casos vemos ainda o fructo, que  
 tirou, e o conceito, que se fez de V. M. Isto he, segundo se  
 colhe, que esta pessoa se devia perturbar em algum Sermão, de  
 que se lhe seguio confundir-se, e ao auditorio admirar-se. Por-  
 que pela estimacão da pessoa fariao juízo que não fora sem my-  
 sterio. E se fizessesmos esta consideracão em muitos casos, não ti-  
 vera a nossa consideracão mal mortificada a injuria por damno,  
 que nos concede a graça para remedio de tantos defeitos occultos,  
 em que Deos nos quizera humilhados.

Diz, que estas cousas tem segredos, que se não podem  
 digerir de tão longe, e que não tem revelaçoes, que lhe ba-  
 stava a razão de estado mais perfeito. Parece queria insinuar-lhe  
 o Veneravel Padre, que entendia que aquelle enfado, ou des-  
 gosto do amor proprio, fora querer Deos humilhá-lo, e em fim  
 dispô-lo, como quem lhe dava mais hum golpe: com o qual por  
 meio da santa humildade se lembrasse do pensamento, que tra-  
 zia de tomar o Habito da Religião Serafica. E por não entender-  
 mos, ou não querermos entender que esta he a linguagem, por  
 onde Deos nos falla ordinariamente, deixamos passar tantas  
 inspiraçoens, e auxilios, sem mais effeito, que haver de dar  
 conta delles no Tribunal supremo.

Diz, que a certa pessoa não mostrara perplexidade, e que  
 antes lhe differa, que o castigava Deos por não tirar-se de ami-  
 zades de Freiras. Esta clausula he tão conforme á razão Catho-  
 lica, que sem os lamentaveis exemplos, que em tantos casos  
 Deos tem permittido para castigo de escandalosos erros, se não  
 devem attribuir a outra cousa os damnos, que experimenta, do  
 corpo, da vida, da fazenda, e da Alma, quem se arroja,  
 ainda que levemente, a tão escandalosas culpas.



## C A R T A L I V.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Adre Soror N. Em se abrindo ao Espirito Santo a porta, logo entra; e se não entra de todo, lie porque ainda não removemos todos os obstaculos. Continúe V. M. nesse andar, que como for tempo de correr, eu terei cuidado. Assim escura, fecca, e miseravel, como se achar, se ponha aos pés de Deos como souber, dizendo-lhe as suas misérias, e suspirando pelas Divinas misericórdias. E depois de formar, ou crer as presenças, gaste o seu quarto de hora, ou o tempo, que tiver, na Oração, quanto puder em actos de amor de Deos, de contrição, de admiração da Divina Bondade, e em desejos ao menos de seu amor, e enxotar más pensamentos, e divertimentos, ter guarda quanto puder nos sentidos, fazer por trazer em paz a Alma nas Divinas memorias, prender quanto puder a lingua, fazer guerra ao corpo, amar a obediencia, e ao desprezo de si mesma. Mostre-se amorosa a todas, mas buscar a solidão em quanto puder.

Estimo esta noticia. Esperanças tenho de que esta primeira victoria nos assegure muitas, em que Nosso Senhor dê por premio de humas dobrar as forças para outras. Agora ir a diante. Continúe, como puder, e souber melhor, a Oração, e exercicios, e a mortificação desta paixão mais vehemente, até que Deos seja servido de nos trazer, para que de mais perto possamos ver o que falta. E se entretanto houver cousa, que a V. M. lhe faça escrupulo, dê-me conta. E encomende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O.



N O T A.

**E**sta Carta escreve o Servo de Deos a certa Religioza. Começa dizendo ; que em se abrindo ao Espirito Santo a porta , que logo entra : e que se não entra de todo , he porque ainda não removemos todos os obstaculos. Arazão desta doutrina he : porque o querer ( o que se entende abrir ) he mais facil ; mas o remover he muy difficil. Todos queremos receber o Amor Divino , que consiste em huma simplez vontade , muitos lhe abrem as portas , ( que se entende o exercicio de algumas virtudes ) mas remover obstaculos , que he arrancar raizes , aballar os fundamentos dos edificios , que levantou o gosto , isto he de raros. E por isso prosegue : Continue nesse andar , que como for tempo de correr , eu terei cuidado. Sabia o Veneravel Padre que era necessario dispôr os humores , para que quando fosse tempo pudes-se purgá-los. E por isso diz , que escura , secca , e miseravel , e como souber , se ponha aos pés do Senhor , a quem , invocando suas misericordias , repita suas misérias. Porque nesta perseverança se cozem , e dispõem os máos humores da Alma , para que queira lançá-los fora a Graça Divina.

Diz que estima a primeira victoria, isto he, algum acto de virtude, com que Deos tinha ajudado esta Religiosa, e que espera que esta acção lhe assegure muitas. Arazão he. Porque como estes primeiros movimentos são puramente graciosos, porque estando cabidos, não podemos levantar-nos de nós mesmos; quiz dizer-lhe por este estylo, que se se humilhasse com perseverança, quem lhe deo esta, lhe daria muitas outras victorias.



## C A R T A LV.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. M.*



E será Deos servido de dar poder ao diabo para metter na cabeça a V. M. que se perde pelo caminho do Ceo, depois de lhe fingir que se podia salvar pelo caminho do Inferno!

Irmaã, e Senhora. Tome por exercicio não sair da Paixão de meu Senhor Jesu Christo, ainda que lhe seja muito custoso cuidar, e socegar nella. Aqui achará hum espelho, onde em cada chaga ache suas culpas. Porque o que em nós são culpas, em Christo são chagas. Mas de tal modo signaes, que fez a nossa offensa, que são juntamente remedio, e cura das nossas Almas. Por estas portas ande, por portas essa pobre Almazinha pedindo esmola á Divina Misericordia; bata com o coração, que he a melhor aldrava, bata com os affectos, com os suspiros, e até com as sequidoës, e misérias. Bata, e diga a este Senhor: Esmola pelo amor de Deos para huma Alma peccadora: Esmola, meu Senhor Jesu Christo, para esta tão pobre Alma: Esmola, meu Deos, e Amor do meu coração: Esmola de misericordia para esta vossa tão vil, tão ingrata, e tão ruim creatura. Tome isto por exercicio destes oito dias, sujeitando-se simplesmente pelo amor de Deos a este tão breve modo de Oração, ainda que de presente haja cahido em grandes faltas. E se a metterem de portas a dentro, abraçe a quem a metter, e deixe-se ficar, sem fazer mais que amar, e receber o que lhe dêr este Senhor. E zombe das carrancas, que lhe fazem seus escrupulos, e pensamentos: que tudo isso são gigantes de palha, e machinas armadas no ar, que nos assombraõ com apparencias; porèm tomadas ás mãos, são nada na realidade. Entenda, que nenhuma cousa já agora lhe faz ser tão boa, como haver sido tão má.



Os Reys da terra não gostão da caça mansa, as feras sylvestres, indomitas, e mais ferozes, e bravas, estas são o seu regalo, e o seu deleite. E que cuidava V. M.? Que fazia Deos o maior caso dessas Santinhas, que la estão em companhia de V. M.? Não he assim. O Rey dos Ceos folga de as ter; mas o que estima caçar he ella Alma, fera tão embrenhada em vaidades, tão sylvestre por mettida no bosque deste mundo, dos enredos, e embaraços da Alma. Ande pelo amor de Deos. Ande dessa desconfiança para diante. Tenha hum coração tamanho como a sua antiga vaidade. Não se assombre com as carantonhas, que faz o amor proprio, quando vai morrendo, em sinaes de que são termos, com que vai acabando. Oh se foubra, (Irmaã da minha Alma) oh se foubra o que suspeito que lhe quer Deos! Endoudeça de amor por esta immensa Bondade. Ah meu Deos, mostrai-lho vós, pois aindaque agora chora, não me acaba de crer amim! Gaste o tempo, que essas confusões lhe furtaão, em hum disparate espiritual, com que sempre esteja dizendo na Alma aquella suava doudice: *Meu Deos do meu coração, meu chagado Jesu Christo, meu Amor crucificado, tende dó, e misericordia de mim. Tende dó, e compaixão desta pobre Alma.* Também não faça caso de que lhe faltaão forças para a batalha. Porque isto he soberba, e não humildade. Quem lhe dêr o auxilio, lhe dará também as armas para a victoria. Deite-se nos braços de Deos, e aperte os punhos da resolução de nunca o deixar: que elle fará o mais que falta por fazer.

Bem aviado estivera Deos, se as minhas forças, ou as de V. M. havião de fer as que só vencessem! Coitados de nós, se elle nos não armasse, e defendesse! Continuamente, ainda que mil vezes caya em a hora em misérias, como filha de Adam, torne logo a Deos, que como a causa he sua, quem soffreo a V. M. descuidada, como a não favorecerá rendida? A sua mesma maldade he a maior Carta de favor, e recommendação para Deos. Diga-lhe: *Mil vezes, Senhor, se mil vezes como fraca cabir, mil vezes me tornára para vós, para essa condição de Pay, para esse amor de Esposo, e para essa Bondade de Amigo. Porém, meu Deos, antes*  
*morrer,*



morrer, que peccar. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E** Sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa de virtude, que governava espiritualmente, e que padecia (segundo se collige) trabalhos interiores, com que Deos costuma provar aquelles, que quer favorecer. Começa dizendo: Se será Deos servido de dar poder ao diabo para metter a V. M. em cabeça, que se perde pelo caminho do Ceo, depois de lhe fingir que se podia salvar pelo caminho do Inferno! É supposto que em rigor o caminho do Inferno he só o peccado mortal: com tudo ha encruzilhadas de appetites, e sendas de vaidades, humas vezes apagadas, outras torcidas, que sem as percebermos, nem fazermos juizo para onde vamos, se nos não levaõ directamente ao Inferno, lá nos vaõ metter no caminho: como pelo contrario o demonio pelos escrúpulos, as apprehensoes, temor servil, e o amor proprio faz ás vezes que hum Alma páre no caminho do Ceo, ou entre em suspeita de que vay errada, paraque assim deixe a estrada segura. Estes são os termos, em que o Servo de Deos falla. Porque pela culpa grave ninguem ignora para onde caminha. E por esta causa lhe diz, que medite na Paixaõ de Christo Senhor Nosso. Porque para os espiritos especulativos, quando se sentem inquietos, o remedio melhor são os exercicios praticos: quero dizer, os Mysterios da Paixaõ, e da Vida de Christo: onde pela imitação se anima a emprender as virtudes a Alma, e pelas finezas dos mesmos Mysterios se consola, e alenta o espirito. E diz, que aindaque lhe seja muito custoso cuidar, e socegar-se, que persevere. A razão he. Porque as Almas, que estão habituadas aos exercicios puramente intellectuaes sem usar de imagens, ou figuras, acbaõ difficuldade para tornar áquelles principios, os quaes (conforme o estado, em que se achava esta Religiosa) lhes eraõ necessarios para segurar aquella inquietação do espirito, que fluctuava na variedade do pensamento: e por



e por isso lhe diz, que recorra áquelles sagrados Mystérios, rogando, e pedindo.

Mostra-lhe, como as tentações, e afflicções, não só vencidas, mas batalhadas, são signaes da Graça. Porque na nossa mão não está o vencer, mas muita parte do resistir. E se ha resistencia, fazemos o que Deos nos manda, e o que lhe agrada: e por consequencia, não ser tentado não he merecimento proprio; mas padecer, e pelejar, e perseverar, este he o signal verdadeiro do amor, e agrado Divino.

Diz, que a sua mesma maldade he a maior Carta de recomendação para Deos; isto he, que a nossa miseria he o objecto de sua misericordia, e que aindaque sejamos tentados, e alguma vez feridos, se nos levantamos, e recorremos a Deos, gemendo, e suspirando por seu amparo, então aquelle coração amoroso se mostra mais abrazado, e mais compassivo, quanto estamos mais humildes, e necessitados. E por isso dizia Job: Pequei, Senhor, que quereis que vos faça? Como se differa: Já vosso amor tem por onde dilatar vossa misericordia. Como pela mesma razão chamava Santo Agostinho feliz á culpa.

## C A R T A LVI.

O Amor de Deosobre na Alma de V. M.



Minha Reverenda Madre Sora N., e Senhora minha. Duas de V. M. me chegaõ a dar-me as boas festas, que antes de chegar a Lagos não tive este allivio. E são tantas as occupaões, e o tempo tão pouco, que aindaque me recolhi aos Padres Capuchos, para que hontem de tarde, e esta manhã pudessem responder; a todas será impossivel. E agora começo a entender com V. M., para que não seja a quem eu falte.

As vezes faz Deos espelho dos males do nosso corpo, para que conheçamos os males da Alma. Dita he ter vista para o conhecer, e a Deos se ha de pedir a resolução, que fal-



ta para curar, e aproveitar. Bem de graça tem a Madre Soror N. no que me manda dizer do ouro por fóra, e azougue por dentro. O azougue serve para deitar fóra as escorias; bem será, que os dentro se purifiquem desorte, que não deixe o azougue do amor de Deos nenhuma escoria da valdade. O ouro por fóra também ensina, que aquillo, que o mundo mais estima, deve de estar já fóra de quem entrou na Religião. E se para curar o corpo, foi necessario este remedio, para curar o espirito bom será o azougar o cuidado, e dourar o sentimento: que ás vezes se desdoura este com a impaciencia, e perde as vivezas aquelle com o descuido da Alma. Não considero eu nella estas fezes. Mas bom será que este retabolo se retoque, para que se avive mais a pintura, e a similhaça de Christo. Diga-lhe V. M. também, que estimei muito a felicidade de não darem aquelles baixéis á costa, porque lhes temia naufragio. E sendo tanta a tormenta, bonança parece, se escapalle só com feridas! Quererá Nosso Senhor, já que não vemos na praya os mortos, que todos os que tenhaõ risco cheguem a porto seguro, e se conservem na resignação dos vivos.

Já eu tomára que chegasse o tempo promettido: mas será preciso deter-me. Porque he muy dilatado este Reyno, e cheyo de Póvos, e esta jornada no es burla para dós vezes. E Sua Divina Magestade dê a V. M. muy alegres Festas. E se forem tristes com as Chagas, as conformidades dos corações humanos saõ alegrias ao Divino. E tudo isto ha de ter termo, ou nesta, ou na outra vida. O mundo he breve, seja o soffrimento dilatado, e o amor de Deos comprido, que não há outro remedio no padecer, mais que fazê-lo amor, e amar quanto puder ser. E ao som da disposição faça V. M. seus exercicios: que em quanto a saude falta, não pôde haver regra certa; mais que amar, e conformar com Deos o possivel. Perdoe-me, que não ha tempo para mais, que faço esta a toda a pressa. Encommende-me, quanto lhe mereço, a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço, e lhe pedirei toda a vida. Lagos.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*



aquella simplicidade de ter a Deos presente, (salvo se elle a dêr por outra maneira) que então tambem não fará mal. E se o fizer, bendito seja Deos.

Não achei cá o papelinho da Madre Soror N., a quem tenho por grande Religiosa. E peço a V. Reverencia me encommende muito a ella, para que me encommende a Deos. A mulher da Beira he mais simplez que V. M. E se todos tiveramos simplicidade, quasi natureza fora andar na presença de Deos. Mas os nossos bicos revoltos, e presumpções de Aguias, paraõ em condição de Morcegos.

Muito me alegro com o que me dizem do Padre Fr. Luiz Pinheiro. Só me peza que o não oução Fidalgos. Mas Deos sabe os seus segredos: e elles tambem devem saber o que para salvar-se lhes he necessario.

Os banhos provavelmente me poriaõ na cova, segundo cá me dizem os Medicos. O leite, que V. M. mamou estes dias, como se converte em substancia, nos promette boa cabeça. Quando V. M. não tire dahi grande entendimento, tire huma boa vontade de se não apartar da disposição do Altissimo, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Varatojo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Cbagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa. Começa louvando a Bondade Divina, por lhe dar a ella o que mais lhe importa, que era luz do que lhe agradava. Porque sem esta luz particular ás vezes cuidamos que he de Deos agrado, o que he tudo amor proprio. E por esta razão diz abaixo, que peça a Deos fortaleza: isto he, para se não deixar persuadir das lisonjas, com que nosso mesmo affecto nos engana, quando não he clara a luz Divina.

Diz, que toda a alegria do espirito he divida. Porque esta alegria he huma piedade compassiva, com que Deos vay alentando nossa fraqueza. E assim prosegue, que se pedirmos com humil-



humildade, nos dará Graça, com que se vençã os impossiveis. Diz, que ás vezes he tão poderosa a resignação, que faz que a execução se suspenda: quer dizer, de alguma molestia, que nos ameaça. E dá a razão. Porque Deos se contenta com o animo. Isto parece tão certo, que creio, que se aquella infinita Bondade algumas vezes não suspende o acoite, he de pura misericordia, por ver se nossa maldade se emenda, ou nosso coração se resigna.

Diz, que no estado, em que se achava esta Religiosa, lhe convinha mais resignação, que Oração, mais alegria, que tristeza. Porque no tempo da esterilidade, e seccura, ou outra qualquer interior molestia, melhor ora quem se renuncia: e Deos então quer de nós mais os actos praticos, que os especulativos. E a alegria he o signal mais seguro da resignação verdadeira. Mas prosegue, que a Oração, que tiver, seja sem impeto, e com jocego. Porque neste estado até se haõ de moderar certos movimentos do espirito. Porque aindaque de si sejaõ bons, são mais para o tempo da bonança, em que a Alma não padece a tormenta, onde só se ha de procurar por hum attenção humilde hum paz amorosa; isto se entende da parte da creatura: que por isso prosegue: Salvo se elle a desse por outra maneira; quer dizer, por algum movimento sobrenatural.

Diz, que certa mulher virtuosa da Beira, em que lhe fallava, era mais simplez que ella; e que se todos tivessemos simplicidade, que quasi todos andamos na presença Divina. Do que se segue, que as demasiadas especulaçoens, com que buscamos a Deos, como fundados em nossa diligencia, he hum dos maiores embaraços deste alto exercicio. E a razão he. Porque como o fundamento mais sólido desta Divina presença ha de ser a Fé, quem mais se arrima ao discurso, mais se aparta deste fundamento. E por esta razão diz, que nossas presumpçoens de Aguias paraõ em condição de Morcegos: quer dizer, que de querer examinar os rayos do Sol, nos succede cegar-nos na luz, que nos havia de allumiar.



## C A R T A LVIII.

*O Amor de Deos arda , e ferva na Alma de V. M.*



Om grande gosto lí este papel de V. M. E entre os allivios , que tive nesta jornada , foi este hum dos maiores. Seja bendita eternamente aquella Magestade immensa , e aquella Bondade infinita , que deo o principio , e porá o fim a esta obra , toda sua , e de V. M. , para que onde tem que chorar , e sentir a natureza , tenha muito mais de que triunfar a Graça.

Naõ temos nesta peregrinação da vida outro mais certo final do bem , que caminhamos , que fazer o que naõ queremos. Isto houvera de ser se npre, para que sempre se achasse em nós a vontade de Deos , que só se acha onde se naõ acha a nossa. Ella he quem lhe parece que tem fios mui agudos para ferir a folha , com que o papel he todo para curar. Mas ou em V. M. seja vaidade , ou naõ seja essa resolução , naõ cuide no que he. Ponha os pontos , em que o faz por amor de Deos. E a olhos fechados , ou abertos , vamos para diante , sem gastar o espirito nos temores , pois nos he necessario para os extre nos. E aindaque os Santos faziaõ por renunciar , o que V. M. naõ quiz , quando V. M. o for , lhe aconselharei o mesmo. Mas agora trabalhe , e ande , que temos hum Deos , que gosta muito de nos naõ ver parar em o começado querer. O que importa he , que V. M. , pois começou isto , mediante a Graça de Deos , acabe comfigo , mediante a Divina Graça , naõ cuidar já se no passado fazia bem , ou mal : e só com hum santo descuido de si mesma se ponha ingreme em Deos , ou nas suas Chagas , fazendo por naõ ter outro cuidado. Que se os que estão ao lado dos Principes da terra , o fazem assim , que n he do lado do Principe do Ceo , e está tan cerca de la Persona , porque o naõ fará ?

Irmaã , e Senhora , ( deixe-me chamar-lhe assim ) agora fim ,



sim, agora creio que V. M. he Ireira. E faiba que suspeito, se continuar esta resolução, (como espero em Deos) que entendo que será desse Convento a melhor. Porque até agora era a peor d'elle. Mas Deos não sei que teima tem com os ruins, se choraõ quatro lagrimas, que a hum suspiro se víra, a huma lagrima se entrega, a hum soluço se abranda, a hum eis-me aqui meu Deos se chega, a hum meu Deos da minha alma dito com a ponta do espirito se nos mette no coração; a hum Deos dos meus olhos, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, amor eterno meu, desejo eterno meu, suspiro eterno meu, saudade eterna minha. Bendito sejais, eternamente vos louvem todas as creaturas, pois até os affectos, com que vos buscamos, são geitos, que vós nos dais, para que vos achemos. Cá vos metteis, e vos encobris: já estais no coração, e parece que desappareceis: alli estais tendo mão na alma, que parece que não estais.

Irmaã da minha alma, não estou agora para lhe responder. Perdoe-me, que outro dia será peor. Mas faiba, que em quanto a vida durar, tal qual sou, não hei de deixar de servir a V. M., e pedir a Sua Divina Magestade, com quanta força tenho, ou fraqueza, a leve muito adiante na sua vocação. E não faço muito nisto, pois vejo huma creatura tão má, e ingrata como V. M. ser tão querida de Deos, e tão favorecida. Bendito seja Deos, que não se lembra já de nada do passado em qualquer arrependimento presente. E peça muito a Nosso Senhor me tenha da sua mão, que o escoregar cada vez he mais, aindaque a Graça de Deos não he cada vez menos. A Deos. E o Ceo, os Anjos, e a Mãe de Deos, e o meu Senhor Jesu Christo a guarde, e encha de sua Graça, até dar-lhe a sua Gloria. Amen.

De V. M. Servo mão, e sem proveito.

*Fr. Antonio das Chagas.*



## N O T A.

**E** Sta Carta, que o Serco de Deos escreve a certa Religiosa, começa mostrando a eslimação, que fez de ter novas suas. E fecha este paragrafo dizendo, que onde tem mais que sentir a natureza, tem muito de que triunfar a Graça. E esta he em realidade a estrada real, por onde devemos caminhar á virtude. De que se segue, que naturalmente, onde não ha grande mortificação, não pôde haver santidade. E por esta razão continua, que não temos nesta vida outro mais certo signal do bem, a que caminhamos, que fazer o que não queremos. E a isto chama fazer a vontade de Deos. Porque como a nossa vontade tem hum taõ grande propensão ao vicio, em nenhuma cousa podemos unir-nos tanto á Divina Vontade, como em contradizer nosso mesmo appetite: que não só nos arrasta o affecto, mas nos persuade o discurso.

Diz, que ou seja, ou não seja certa resolução vaidade, não cuide no que he. Porque ordinariamente destas reflexoens voluntarias nascem as presumpçoens, e vanglorias. E por isso prosegue: Ponha os pontos em que obra por amor de Deos a olhos cerrados, ou abertos: quer dizer, ou sejamos, ou não sejamos tentados. Porque a tentação não faz damno, faz damno o consentimento. E diz, que vá a diante sem gastar o espirito em temores. A razão he. Porque estes temores ordinariamente são pusilanimidade, que com humildes pretextos não fazem mais que perturbar, e impedir o espirito. Porque a humildade verdadeira não tira, antes anima a confiança.

Diz, que aindaque os Santos fazião por renunciar, o que ella não quiz fazer, que quando for Santa lhe aconselhará o mesmo. Porque entendamos, que os exercicios mais proprios, não são os mais altos, senão os mais conformes ao tempo, e ao estado, em que se acha o espirito. E diz, que não cuide no passado, se fazia mal, ou bem, que cuide em Deos, e se descuide de si. Porque aquellas vistas reflexas fóra do tempo nascem só do amor proprio.

Diz, que se perseverar, que suspeita que será a melhor Freira daquelle Convento. E a razão, que dá, he haver sido a peor



peior delle. E não pareça isto encarecimento, senão huma alta philosophia do espirito. Porque além de grandes exemplos, e que parece que com os maiores peccadores se empenha mais a Divina Bondade, as mesmas forças, que resistirão a Christo, (se obedecem á Graça) mais formidaveis serão ao demonio. Prosegue com huma exclamação da Bondade Divina, com que o Veneravel Padre affervorado se inflammava no mesmo, que persuadia: que se entende melhor, ou se sente na sua Carta.

## C A R T A LIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito Reverenda Madre Abbadessa, e Senhora minha. As arvores, quando estão mais cheias de fructos, estão mais carregadas; os rios, quando acabão no mar, enchem-se de mais amarguras; o Sol, quanto se põem no Occidente, carrega-se de mais sombras. E aindaque V. M. não seja arvore mui fructifera, nem rio do Paraíso, nem Planeta do Ceo, pôde, faltando-lhe as perfeições destas creaturas, ter os defeitos neste cabo desse officio, que para V. M. he Outono, aindaque seja Estio, he mar, aindaque pareça regato, he Occidente, aindaque seja Meyo dia. Ora animar, que Deos se serve desses trabalhos, e até desse amoroso desacego, com que ou por obediencia, ou por charidade, ou por outra qualquer razão de espirito sente muito esses descuidos. O que importa he, que a tenção seja cada vez mais pura, e deiforme á humildade mais fimplez, e á charidade mais forte.

Respondo a essas Filhas de V. M. E folgára que V. M. lera a Carta de Soror N., pedindo-lhe que lha mostrasse. Queira Nosso Senhor que tudo seja seu. V. M. fez bem em pelejar com ella, aindaque tivesse maiores raptos. Se melhorar, sou de voto que V. M. a ponha na Communidade, e que na Enfermaria, se pudér, metta a Soror N., que se  
 não



naõ perde nada na prova. E aindaque tenha appetite, poderá ser que a occupaçaõ lhe aproveite. E se a ha de ter algum dia, porque naõ agora? Se V. M. ficar livre nessa eleiçaõ, necessario será que tomemos novo caminho, e que haja Estrella nova. Naõ creio que se resolva em Roma o tirarem todas as Freiras da Fraderia: sendo que eu o tenho por conveniencia de huns, e de outros. Mas seja o que quer que for, sempre estou ás ordens desse Convento. Parecia-me bem, ter prevenidos os Estafetas, que podem chegar de França, depois de V. M. naõ Prelada, e vir parar aquella ordem ás mãos de quem naõ pertence, e pôr o demonio nisto algum estorvo: por isso faço este aviso, para que V. M. estude como ha de ser a cautela.

Estimo que chegassem os Senhores Condes com faude. Das tentaçõs do Lourical se despeça V. M. de todo. E naõ lhe passe mais isto pelo pensamento. A occupaçaõ he tanta, que eu naõ posso nem ler as de V. M. para responder a todas. O Padre Fr. N. he o portador, e dará largas novas de nós. E a Deos, que entretanto guarde a V. M. quanto lhe peço, e pedirei. Varatojo.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**sta Carta escreve o Veneravel Padre a huma Religiosa Abbadessa de certo Convento, que parece havia aproveitado nos exercicios do espirito. Começa mostrando-lhe com grande elegancia por exemplos, que os beneficios, e as luzes, que de Deos recebemos, assim como saõ bens de inestimavel preço, saõ muito para nos pôr em grande cuidado, pela negligencia com que delles usamos, devendo crescer os serviços conforme o Senhor repartio os Talentos. E juntamente como esta Religiosa estava para acabar aquelle officio, advertia-lhe por este modo, como devia examinar, e purificar-se dos defeitos, em que podia haver cabido naquelle tempo de Prelada. Onde, quanto a independencia he mais ampla, há de ser a conta mais estreita. E se quando se pertendem



dem as occupaçoens, se fizesse bem esta conta, pôde ser que não foraõ as superioridades tão desejadas. O que se não entendia neste Convento, onde se se pudesse arguir a diligencia, era só na pertençaõ de exclusiva.

Prosegue animando-a com a Divina Bondade, para que a confiança purificasse o temor, que lhe podia causar a advertencia: que esta he a regra, ou a medida, com que se devem regular os affectos da Alma.

Mostra-lhe como se purificaõ as obras exteriores com tençaõ recta, humildade, e simplicidade. Azaõ he. Porque a pureza da tençaõ faz que Deos seja o fim, e o principio; a humildade exclue o amor; e a simplicidade he quem em todas as obras com o proximo justifica qualquer inadvertencia, que sem alguma maldade não pôde ser culpa.

Diz, que fez bem em pelejar com certa Religiosa, ainda que tivesse maiores raptos: (seria por ventura algum movimento do espirito, que sabio ao exterior.) E supposto que algumas vezes se não possaõ reprimir, sempre a reprehensaõ da Prelada serve de cautela, por evitar alguma tentação de vangloria. Porque o demonio, como não pôde entibiar estes fervores, procura que, como a panella que ferve com muito fogo, se derramem de forte, que se se não sopraõ, se perdem.

Diz, que se ficasse fóra da eleição, que se havia de fazer das Officiaes da Casa, que era necessário tomar novo caminho, e Estrella nova; isto era, mais recolhimento, e mais efficazes exercicios. E falla por caminho, e Estrella: para que entendamos que a luz ha de vir de cima, mas que a diligencia ha de ser nossa. Porque muitas Estrellas, que são as santas inspiraçoens, recebemos sem fructo; porque não andamos caminho novo. Cada inspiração, que nos vem do Ceo, he hum nova Estrella, e cada passo, que damos na virtude, he hum novo caminho. Mas nada importará que nos dê a luz nos olhos, se nós no caminho da perfeição não dermos os passos.



## C A R T A L X.

*O Amor de Deos more na Alma de V. Reverencia.*



Ste papel de V. R. me busca na Serra da Arrabida, e me acha pouco menos que nos Campos de Troia; não aquella, a quem o incendio desfez em cinzas, mas outra, a quem o mar tem submergi-do em areas.

Tanta ruina padecemos ás vezes por accendidos, como por areados; tantas pelo fogo, que nos abraza, como por hum mar, que nos cerca. Porque se naquelle ardor he o maior perigo, neste a frieza não vem a fer menor damno. Chegado, ou mal escapado de Troia, onde me ví areado com minhas culpas; porque lá me devia mais advertir-me este dia, que a Arrabida: apenas me deraõ o papel de V. R., ( que estimo quanto devo ) e ao mesmo passo, em que sinto, que V. R. não esteja, como eu cuidava, pobre de espirito, pois tem proprio para mandar, não querendo nada para ter.

Deixemos isto, e vamos aos medos, com que V. R. me escreve. E bem faz, que as cousas más não se podem tentar sem medo; mas já este pudera estar perdido, pois sabe que neste mundo não sirvo mais que de espantalho. Aqui cheguei a Setuval, para ver se podia dar principio a hum Recolhimento, que desejo para certas mulheres. Brevemente entendendo que deixarei este povo. Porque em taõ pouco tempo não se pôde fazer muito. E he necessario recolher-me algum tempo. Se antes disto passar a Lisboa, ( como suspeito ) que será em breves dias, lá nos veremos, e fatisfaremos a tudo com o favor de Deos. Não fallo no que devo a V. R., e a essa Comunidade toda, senão em responder ao menos, que para o mais não tenho que satisfazer, se Deos não dér o cabedal.

V. M. ainda se me desculpa. E aindaque seja com a verdade, sempre isto cheira ao que he; que he hum amor proprio



prio muito bem parecido, e por isso muito bem agasalhado. Bem se vê isto em não poder cuidar no Inferno. Se eu a governára, neste lugar a havia de metter algum tempo. E pudera ser, que abaixo de Lucifer achasse o seu lugar. Bem pudera folgar de se considerar aqui; pois S. Francisco de Borja (que foi mais Santo que V. M.) lhe não pesava, com toda a sua santidade, de considerar-se neste lugar aos pés de Judas. Mas V. M. tem hum natural muito mimoso, e terno. Não se atreve? Oh que má palavra para huma Alma, que tem amor de Deos, não se atreve! Isto ha de dizer? Atreva-se por amor de Deos a andar pelo meio desses condenados, dizendo: Bendito, e louvado seja Deos, onde vir seu santo nome mais blasfemado. Aprenda a investir com o demonio. E não seja tanto de manteiga, e de açúcar, que se derrera com huns sumozinhos do Inferno.

Bem apparellhado está Deos, se sempre com as pappinhas doces do seu amor, e favores, deixar engatinhar a V. M. Traça he isto de querer sempre andar ao collo das Divinas misericordias. Ande, corra, que já he tempo. E dê alguma gloria á Divina Justiça. E quem he V. M. para querer estar ociosa em Deos, comendo apar dos Serafins, como se houvera trabalhado muito? Porque, quer já deitar-se a dormir sobre o peito de Christo, tendo tanto de que se acordar na froxidão presente, ou no amor proprio passado? Em fim, falta-me agora tempo. Lá chegará a hora, e então muita novidade teremos. Queira Deos que entretanto não venha alguma praga sobre as novidades. Humildade, humildade, que disto falta-lhe muito. Ahi vai esta Carta para huma Religiosa, que não sei quem he. Ha muito que devia ter feito esta resposta. A outra pessoa, que se foi, ou vai para o Deserto, responderei hoje, se puder; senão, cedo, sendo Deos servido, o farei.

Ao Senhor Conde N. respondo. A Carta do Senhor N. me consolou muito. Seja Deos bendito, que faz estas maravilhas, para que nellas soletremos suas misericordias, e sua Bondade immensa. A todas estas Senhoras me recommende V. R. E peça que continuem suas Orações, que eu, tal qual sou, não falto. E como para nada presto, espero na Bondade



de Divina, que tome a paga por sua conta, e guarde a V. M. com todas as felicidades da Alma, e da vida, que lhe defejo. Tudo o que da sua mão lhe vier, tenha pelo mais conveniente, não só á salvação, mas á perfeição. O não sobressaltar de nada, he sinal de amar a Deos, qae me guarde a V. V.

De V. R. Servo inutil,

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escreveo o Servo de Deos, havendo estado algum tempo no sacro retiro da Serra da Arrabida. E achando-se nesta occasião em Setuval, que havia sido em outros annos Theatro publico, onde representára por sua vida licenciosa as escandalosas tragédias de sua Alma: por cuja causa diz, que a Carta desta Religiosa, a quem respondia, o achava pouco menos que nos Campos de Troya: e tambem porque deste nome ha hum sitio visinho áquella famosa Villa diz, que não daquella Troya, a que o incendio desfez em cinzas, mas outra, a quem o mar tem submergido em aréas, alludindo este effeito pela mesma metáfora ás suas culpas. E por isso diz, que tanto padecemos ás vezes por accendidos, como por areados. E usa de sta fraze, porque por ella nos costumamos accusar de confusos. Mas quam difficuloso será de julgar a differença de effeitos, que fariaõ em seu espirito aquelles dous sitios, ou o da Arrabida, onde entre os silencios daquella soledade mysteriosa se remontaria sua Alma á contemplação das grandezas Divinas; ou no mesmo lugar de seus damnos entre a confusão de seus erros, onde pelo estímulo de agudos remorsos se abateria sua Alma á contrição amarga de seus delictos. Mas creyo, que nem a mesma experiencia pôde medir bem estes effeitos, que só a si deixou a Sabedoria Divina reservados.

E depois de dizer como determinava fazer brevemente jornada, diz que ainda se desculpa, e supposto que seja com verdade, que cheira a amor proprio. A razão he. Porque todas as vezes, que a satisfação não faz outro nenhum effeito, mais que



que justificar-nos, ( como he verdadeira, pôde ser licita ) mas não conduz a perfeição a Alma, que só se fortifica entre a calumnia. E estas desculpas sem outro fim são melindres, com que se consola nossa natureza.

Diz, que este amor proprio he bem parecido, e por isso bem agasalhado. E este mal tem os bons pretextos, que como são especiosos, fazem que sigamos com apparencia de virtude, o que he puramente nossa vontade.

Reprebende-a de se achar com difficuldade de meditar no Inferno. E supposto que ha sujeitos, a que a frequencia destas figuras asperas, e desabridas, pôde fazer mais damno, do que proveito; com tudo ordinariamente causão fastio, por que não dão gosto, e he necessario procurar desfazer este mimio. Porque também parece melindre, que atrevendo-nos a merecer o Inferno por huma Eternidade, nos não atrevamos por hum instante a cuidar nelle.

Chama má palavra, a dizer que se não atreve. E com muita razão. Porque quando huma pessoa, que se tem por espiritual, dissera que se não atrevia por humidade á contemplação das grandezas Divinas, alguma escusa tivera; mas á consideração daquellas, que merece por suas culpas, parece injustiça, se não he soberba.

Sobre esta materia lhe vay fazendo huma correccão com muita suavidade, e galantaria, mais exacta, e verdadeira. Porque as consolaçoens, se Deos as der, devemos recebê-las com humidade, mas não pertendê-las, ou desejá-las, e principalmente quem aspira á perfeição pela caridade.

E acaba de tratar esta materia repetindo-lhe duas vezes, humidade, humidade. Ob se fossemos verdadeiros humildes, como sem tantos meos se veria nosso espirito levado desde o mais baixo do pó, e da terra, á alteza da Gloria, e desde os pés do demonio aos braços de Christo! que não menos que com estas consolaçoens, e favores trata o Senhor aos coraçãoes humildes.



## C A R T A LXI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Eu Amo, e Senhor. Estimo este papel de V. M. quanto devo, e agradeço-lho muito. Porque sempre me faz proveito a conversação de V. M. ou por presença, ou por escrito. Bendito seja Deos, a quem se deve tudo.

O Sepulchro fica melhorado, e eu não sei se peior á vista do sepulchro. A minha cabeça serve de espelho á minha Alma, e me prega cada dia, que o que peccáraõ os desvanecimentos, se paga em vagados. Seja louvado o Altissimo, que tanto me tem soffrido.

Aindaque tive conselho para cerrar as fontes, tenho por mais seguro obedecer aos Medicos, como aos Prelados. Só temo ser mais discipulo de Galeno, que de Christo. Mas já não hei de cerrar estas bocas, que me dizem por chagas o que sou em misérias.

Bom he conhecer os inimigos. E diz a Escriitura, que maiores são os domesticos. O seu conselho, como he mais de estado, que de espirito, ensina o que havemos de fugir, e a luz do Ceo, que nos dá a conhecer este engano, quão agradecidos devemos de ser a Nosso Senhor. Quem he Milhano, tráz os olhos nas cousas pequeninas da terra: quem he, ou o dispõem Deos para Aguiá, fira os olhos no melhor do Ceo. Nosso Senhor dê a V. M. sua verdadeira luz, para que veja os laços, de que todo o mundo he rede, e toda a vida enredo. Se no meyo desses labyrinthos perdemos o fio, não pizamos os erros, os enganos, e as vaidades do mundo, de que Deos livre a V. M., pois por seu amor anda mettido nelle, e com poucas esperanças minhas de tirar fructo de algumas dessas companhias; porque os filhos de Babylonia não gostaõ das conversações de Jerusalem, e mais se lhes vaõ



os olhos no mesmo, que conhecem que he erro, que no que sabem que he importancia, verdade, e desengano. Só duas cousas acho, que ha boas nesta vida, amar a Deos, e padecer por Deos. Mas esta linguagem não soa bem entre cabelleiras. Nosso Senhor por sua misericordia allumie tantas Almas, que amaão a cegueira, e adoraão a malicia, e cuidaão que fazem muita mercê a Deos na hora da morte, em querer a misericordia de Deos, e que a este Senhor lhe he muito necessario não ter para elles justiça. Grande mysterio tem, que nos venhaão em Romance as Missas de Grecia, quando ouvimos taõ tristes endechas de França. Livre Sua Divina Magestade a Portugal das pestes, que tememos: que estas se pegaão mais facilmente, que a saude d'Alma. Estes Companheiros se recommendaão a V. M. E eu peço me encomende muito a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. por muitos annos para o servir.

Servo inutil, e Amigo.

*Fr. Antonio das Chagas.*

# N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum amigo, de quem estando no seculo em algumas occasioens militares havia sido companheiro; mas que o não soube acompanhar a elle na guerra do espirito.

Diz, que sempre a sua conversação por presença, ou por escrito lhe fazia proveito, e que bendito seja Deos, a quem se deve tudo. E com esta ultima clausula fortalecia a humildade propria, e atalhava a vaidade alheia. Porque ás vezes nos pequenos de scudos faz o amor proprio os maiores roubos.

Diz, que o Sepulchro fica melhorado, (isto era certo Religioso deste nome, que estava enfermo, e que não sabe se elle está peor á vista do sepulchro. Porque andava muito maltratado de humas vertigens; e por isso diz que paga em vagados seus desvanecimentos, e que a sua cabeça serve de espelho á sua Alma. Escrevia a huma pessoa, que andava na Corte. E supposto



que com alguma advertencia, onde o vento da vaidade remoinha, não pôde haver (fora da grande cautela) abrigada segura. E para se conservar sem poeiras o espirito, he necessário não sabir de si mesmo.

Sobre cerrar, ou não humas fontes, que tinha, diz que teme mais ser discipulo de Galeno, que de Christo. Porque he tão lisongeiro este amor da vida, que com bons pretextos faz ás vezes que ponhamos tanta attenção na saúde do corpo, que deixamos cabir em maiores enfermidades o espirito. E como por hum imperceptivel idolatria da nossa fraqueza não tomamos mais cuidado, que do miseravel idolo feito de pó, e de lodo, e por esta causa diz, que não quer cerrar aquellas bocas, que lhe dizem por chagas o que he em misérias. E observa que lhe dizem por chagas: para que entendamos, que não ha verdade mais segura, que aquella, que segundo a natureza mais nos amarga.

Diz, que bom he conhecer os inimigos, e que a Escripura nos ensina, que os maiores são os domesticos, e que o seu conselho, como he mais de estado, que de espirito, nos mostra o que devemos fugir, e a luz do Ceo no lo dá a conhecer.

Isto era. Porque parece lhe havião propoſto a esta pessoa alguns amigos certas occupaçoens politicas, uteis, e especiosas, de que se escusára com resolução desenganada. E prosegue, que quem he Milhano, traz os olhos nas cousas pequenas da terra; mas que no melhor do Ceo fita os olhos, quem Deos creou para Aguiã: mostrando-lhe por este modo quem sempre fora: e que depois de ter a luz dos auxilios, não só devemos apartar as vaidades do cuidado, mas até do pensamento, fixando-o no Sol Divino. E por isso prosegue. Nosso Senhor dá a V. M. a verdadeira luz, para que veja os laços, de que o mundo he rede, e toda a vida enredo; desorte que em nossa mesma vida nos arma o mundo os miseraveis laços, em que cabimos prezos.

Diz, que tem poucas esperanças de que tire algum fructo de algumas daquellas companhias; isto era, de outras pessoas do mesmo estado, com quem tratava. E dá a razão. Porque os filhos de Babilonia não gostão das conversações de Jerusalem. E não diz, que não se aproveitaõ, senão que não gostão. A razão he. Porque nos espiritos fracos quando lhes falta o gosto, nenhuma força tem a razão, ou o entendimento. Esta he a arte,

por



por onde o demonio, relaxando os appetites, procura ganhar as vontades.

Diz, que nesta vida não ha mais bem que amar a Deos, e padecer por Deos; mas que esta linguagem não joa bem entre cabelleiras; quer dizer, entre vaidades, presumpçoens, e vanglorias. Porque se não podem ajustar mortificaçoens, e deleites, amor do tempo, e da Eternidade. E prosegue: Cuidaõ que fazem muita mercê a Deos na hora da morte, em quereirem a Misericordia, e que ao Senhor lhe he necessario não ter para elles justiça. Fallava de certa confiança temeraria sem caridade, ou penitencia, em que por cega ignorancia toma a morte na culpa a muitos, que não quizerão apartar-se della na vida.

## C A R T A LXII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. Para bem seja o novo officio tão suspirado, e desejado de V. M. Eis-ahi a vontade de Deos. Queira elle que conheça V. M. já que o direito daquella he o avesso da nossa. E se a de V. M. estava tão avessa deste officio, he certo que o queria Deos. E como V. M. deseja (sem saber como) fazer a Divina Vontade; sendo esta, (como tenho dito) he certo que V. M. desejava, e suspirava por esse officio, quando mais fugia delle. Oh segredos da Bondade Divina! Esse he o deserto, em que Deos procura ficar o espirito deserto, e solitario sem a consolação dos allivios da Natureza, ou dos que dicta o proprio Entendimento. Oh que consolações lhe espero! E aposto eu que já tem algumas, tendo padecido algumas tempestades. Esteja certa que V. M. não terá o que suspira até de todo não estar naquella negação, em que totalmente se não quer allivio de nenhuma creatura: e depois assente bem sobre esta negação a indifferença de venha o que vier: e sobre esta indifferença a paz interior



de faya o que sahir, diga-se o que se differ: e a paz será gloria, e chegará a ser uniaõ, se não fazendo caso de cousa alguma no meyo de tudo, ou bom, ou máo, ou áspero, ou rigoroso, pondo-se no seu nada, louvar a Deos, e dizer: Nada sou, nada quero, nada desejo, mais que a meu Senhor Jesu Christo, e esse crucificado. E junto de hum Deos crucificado por mim, como convêm que eu esteja sem padecer por seu amor! E se padecer, e amar, tendo-se por indigno disto, viva sempre na Alma, e na boca, o *Louvado seja Deos*. Creio que pôde V. M. estar sem sobrefaltos de ver-me nessa terra, antes daquella occasiaõ. Porque ha muitos tempos, que se estudou este ponto. E ainda indo a essa terra, será por pouco tempo: que a agoa apodrece, se não tem exercicio; e nos campos faz fructos, nas Cidades lamas; assim a Doutrina Evangelica. Aconselhe-me V. M. sempre o que entender he necessario, e util. Porque com isto me paga o desejo, que tenho de seu aproveitamento. E não farei eu quem desperdice os avisos de V. M. E sempre vem mais quatro olhos que dous, se os quatro não são cegos,

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum Religiosa, que temia ser eleita em certo officio, em que depois foi occupada. Começa dizendo, que o desejava, pela mesma razãõ que o temia. Porque como a causa era não desagradar á Divina Vontade, e o effeito mostrava que aquella era a vontade Divina, implicitamente pretendia o que repugnava. E porque entendesse, que ainda quando parecia mais justificada, havia de ter a sua escolha por suspeitosa. Porque escondida nos melhores pretextos, como Aspid, se dissimula nossa natureza: E por isso prosegue: Oh segredos da Bondade Divina! querendo mostrar por este modo quam cega he nossa ignorancia, e quam piedosa aquella alta Providencia, que nos favorece com o que nos nega, e quando nos empenha, nos assegura. E a este estado chama Deserto; quer di-



zer, sem aquelles arrimos sensiveis, que são mais de allivio para o amor proprio, que para o espirito.

Diz, que esteja certa, que não terá o porque suspira, até de todo não estar naquella negação de si mesma, em que totalmente se não quer o allivio de nenhuma creatura: sobre a qual negação assenta bem a indiferença, e venha o que vier, a que se segue a paz interior, e seja o que sabir; isto he, ficando em hum acto de renunciação perseverante, fundado sobre a santa humildade. E por isso accrescenta, pondo-se no seu nada.

Essa doutrina he de alta perfeição. Porque não só exclue certos arrimos, com que o espirito se ajuda da Natureza, mas ainda a alguns interiores, que aproveita a certas Almas. Porque o Servo Deos não falla nestes termos em creaturas pelas consolaçoens baixas, e grosseiras, senão de movimentos, que por meyo da imaginação ajuda, e affervora o affecto, e de que necessita os espiritos fracos. E Deos não costuma communicar-se intimamente, senão áquelles, que prova pela seccura, e esterilidade. E por isso diz, esteja certa que não terá o porque suspira; que era a unão de Deos com a Alma, em quanto não tiver aquella fortaleza fundada sobre a Fé escura, mas fructuosa.

Diz, que se vier á Côte, será por pouco tempo. Porque a Doutrina Evangelica he como a agoa, que apodrece sem exercicio. Paraque entendamos, que aquelles, que Deos elege para este ministerio, se não correm, não rega, e não lava, e em vez de alimentar peixes como rios, cria, e cria como charcos. E por isso diz, que nos campos faz fructo, e nas Cidades lama. E porque tambem ordinariamente anda debaixo dos pés nas Côrtes. E não he assim nos campos, que inunda as hervinhas, symbolo dos humildes.



## C A R T A LXIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uito Reverenda Madre Abbadesa, e Senhora minha. Venho do Sermaõ. E depois do exercicio, e diciplina, o descanso, que tomo, he pegar na pena, para dar a V. M. as graças destas regras suas, que são hum dos grandes allivios, que tenho nesta vida. Deos pague a V. M. o cuidado, que tem de me fazer mercê. Tambem eu, aindaque máo pagador, desejo ser agradecido, quanto posso, pois o que devo não he possivel.

Arraste V. M. a sua Cruz, aindaque a não possa levar, mas não a deite de si; porque se perde nos arrojamentos, quanto se tem medrado no espirito. Bom foi dizer algumas cousas daquellas que se respondêraõ; mas com impaciencia não sería bom: quanto he mais rigoroso o Inverno, tanto melhor parece nelle a serenidade; e a do Veraõ não he tão aprazivel: assim não he tão bom conservar-nos sem perturbação no tempo sereno, como quando as contrariedades nos embrulhaõ o tempo. Tudo tem sua hora, e como esta chegar, já V. M. sabe o que deve fazer. E pôr nas mãos de Deos he o melhor acerto; pois seguir os proprios dictames, nos mette em casa ás vezes o precipicio. V. M. está agora, como arvore do Inverno, sem huma folha verde de alegria, ou consolação, despida de todo o exterior allivio, mas agora se recolhe a virtude ao interior, para que com crecidas forças se renove o espirito nas Primaveras da Alma, em que tudo espero em Deos que florea. Não desmaye V. M., que essas mesmas inundações, que para a paciencia parecem lago, para os merecimentos são rios, que os criaõ.

Muy bem me parecêra que o Padre Fr. Jacintho acceitára essa alliviação. Porque a suavidade do seu natural tem para os allivios do espirito grande geito. E razão he, que

desaffo-



desaffoguem os animos, especialmente quando são para a perfeição os allivios. E he tal a sua virtude, que entendo que servirá de grande augmento a todas as que o communicarem: como o mar, quando se communica com os rios, não he tanto para sumi-los, como para augmentá-los, e por isso sempre crescem na maré cheia. Se V. M. lá o vir, peça-lhe me encomende a Deos, que hoje o hey mister mais que nunca. Porque tambem a tarefa cresce. E no mais não faça caso de espantelhos do merecimento, que póde ter paz por tudo. E acabe de beber o trago. Porque os rios quando se unem com o mar, maiores amarguras tem. Agora he o tempo da prova, e sem estes golpes, e martelladas não se faz a joya de Deos. E quando a natureza anda affligida, não se deve affligir mais com mortificações; appellar para a Oração, isto sim. E ainda que toda seja féis, lembrar que isto teve Christo Senhor Nosso, quando teve a mais alta Oração na Cruz. Dar por tudo graças a Deos: que se V. M. estive-ra muito consolada, não houvera quem a desapegára das creaturas. E Deos lhe ensina, que só nelle se haõ de buscar as consolações. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

Esta Carta escreve o Servo de Deos a huma Religiosa, Abbadessa de certo Convento. Começa dizendo-lhe, que depois dos exercicios espirituaes, que fazia aos Povos, tomava o de escrever por descanso: mostrando, que quem trata da perfeição do espirito, ha de ter hum exercicio por allivio de outro. Diz, que arraste a sua Cruz, aindaque a não possa levar; mas que a não deite de si, porque se perde nos arrojamentos, quanto se tem medrado no espirito. He a razão. Porque o demonio quando não póde relaxar a vontade, procura destruir a confiança, com que perdido o animo, ganhe pela fraqueza, o que não póde pela malicia.



Diz, que bom foi dizer algumas cousas daquellas, que se responderão; mas que com impaciencia não seria bom. Suppõem-se, como esta Religiosa era Prelada, que fora alguma correção mais severa; e como a natureza se se não regula, ordinariamente envolve a paixão na justiça; por esta causa diz, que não seria bom com impaciencia.

Prosegue, que quanto he mais rigoroso o Inverno, tanto parece melhor nelle a serenidade; quer dizer, que o merecimento não está em conservar a paz, quando nos não dão motivo para alterar o animo; porque isto he natureza, ou commodidade; mas em ter o coração igual entre as contrariedades he que consiste a virtude. Diz, que tudo tem sua hora, e que pôr na mão de Deos, he o melhor acerto. Porque o seguir os proprios dictames nos mette ás vezes em casa o precipicio.

Esta hora parece que era alguma grande perturbação interior, que sentia esta Religiosa; e quando estas não são ordinarias, o melhor meyo he humilhar, e ter paciencia. Porque assim se obriga a Bondade Divina, se fazem os habitos, e se tira o merecimento; como succede o contrario, se se dá lugar ao tumulto, que levanta no espirito o amor proprio. Diz, que está agora como arvore do Inverno, sem huma folha verde de alegria, ou consolação. E seguindo a mesma metáfora, continúa, que espera que na Primavera da Alma se renove com crescidas forças.

Oh doutrina verdadeiramente Celeste! Entre os homens ao padecer se segue o cabir. Não he assim na ordem soberana da Providencia Divina. As esterilidades, as lagrimas, as seccuras, as perseguições, e affrontas são os melhores annuncios, e os mais certos fiadores da paz, da alegria, do gosto, e da tranquillidade. E por esta razão, dos trabalhos, que esta Religiosa padecia, tirava o Servo de Deos esta consequencia.

Falla logo no muy Reverendo Padre Fr. Jacintho, cujas virtudes foram tão veneradas, e conhecidas em todo este Reyno, que me não atrevo a dizer dellas em tão pouco campo, quanto me inflava a razão, e persuadia o affecto. Diz finalmente, que nam faça caso de espantabos do merecimento, que pôde ser, que passe por tudo, e acabe de beber o trago: isto he, que resolvendo-nos a dar-nos de todo a Deos, não acabamos de nos dar a Deos de todo; porque o amor proprio sempre anda buscando pretextos,



textos, huma vez o exemplo, outra o escandalo, já o bem do proximo. E ainda mal, porque tantas vezes tomamos por motivo a vontade de Deos para fazermos a nossa vontade. E tudo isto succede, porque a nossa resolução, ou he condicional, ou só especulativa, e não chega inteiramente á pratica, por causa de nossa fraqueza, que por hum certo fastio, e relaxação da vontade não se atreve tanto a rumiar virtudes, como a engolir appetites.

## C A R T A LXIV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uitas respostas devo a V. M. Irão em podendo. Esta serve só de dizer, que recebi todas as de V. M., que estimei suas boas novas, que fico com saude, e melhor atégora do que se cuidava de Viseu. E assim vejo, que os Bizouros se tornáráo Borboletas, pois lhe mando a V. M. estas boas novas. Até agora temos por aqui muitas pazes não esperadas, em materias graves, muitas Confissoes, que he o melhor, muita Oração, e diciplina todos os dias, que tem sua graça, e eu saõ, e bem disposto. Louvado seja Deos. Mas não se alegre muito com isto, que póde ser que em outro Correio lhe levem novas de que sou morto. Mas o que V. M. póde ter de consolação, he saber de certo, que ainda não sou Profeta, nem tenho esperanza de o ser. Faça-se a vontade de Deos, que he o que importa. V. M., aindaque seja Quaresma, durma seis horas nas vinte e quatro, coma o que lhe dêr a Comunidade, e o mais que for necessario, e tome por agora, e sempre, os conselhos do Padre Fr. Jacintho, que tem grande prudencia, especialmente em tempos tão rigorosos para esse Convento. E não he necessario accrescentar as Cruzes, quando sobre nós apparece a mão de Deos. E lá virá tempo, em que nos vejamos. Perca os sustos das minhas tortidas fóra do Reyno, que eu sou





sou hum dos convertidos de V. M. Encomende-me muito a Deos. Acuda a seu officio, aindaque não tenha tanta Oraçaõ. O que importa, he fazer tudo bem. Muita paciencia, caridade, silencio, e espreita das malicias, e raivas da natureza, e muita graça para todas essas santas Irmaãs, brandura no exterior, nunca ira, sempre resignaçãõ, e cada vez mais de amor de Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo. Viseu, 12. de Março de 1677.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**N** Esta Carta ( depois que o Veneravel Padre dá a esta Religiosa, a quem escreve, as noticias dos effeitos, que faziaõ as Missões por aquellas partes, e de que elle passava de saude ) lhe diz, que por esta ultima nova se não alegre, porque em outro Correio lhe podia ir a de que era morto. Para lhe ensinar com esta doutrina, não só o pouco fundamento, que devemos fazer na bõa saude, e na mesma vida; mas porque aprendesse a apartar o affecto do mesmo que podia ter mais consolação, e allivio. E diz-lhe, que se pôde consolar, de saber de certo que ainda não era Profeta. E isto dizia o Veneravel Padre, porque costumava dizer muitas vezes, que entendia não seria já a sua vida muy dilatada. E se pôde crer, que o diria instado do desejo, em que se inflammava de ir louvar a Deos na Bemaventurança. Porém tão conforme com a Vontade Divina, que logo diz que ella se faça, que he só o que importa. Diz-lhe, que, ainda que seja Quaresma, durma seis boras. De que se cohe, que ha tempos, em que se devem coarctar as commodidades á natureza, e só se devem permittir com alguma necessidade, como succedia a esta Religiosa. E por esta razão lhe diz, que siga os conselhos do Veneravel Padre Fr. Jacintho, cuja santidade, e prudencia foraõ exemplares de altissimas virtudes.



## CARTA LXV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Om dous papeis de V. M. me acho ao mesmo tempo. E necessario era que fosse o allivio dobrado, para quem não tem assim o espirito. Pague Nosso Senhor a V. M. a consolação, que me deo, já que não pago, aindaque me parece que devendo tanto a V. M. he a pessoa, a quem menos devo. E como he isto, codo se saberá. Porque cedo chegará o dia do Juizo. E ha mais de mil e seiscentos annos que dizia Christo Senhor Nosso, que havia de ser cedo. Com tudo não foraõ estes allivios tão dourados, que se não descobrissem pirolas, sabendo que a V. M. lhe foi mal: que assim se enfarinhaõ os humanos bens, a casca de cor alegre, e o cascabulho amargoso. Mas se Sua Divina Magestade assim o quer, eu folgo tambem de que seja assim. E lhe dou graças pela doença, como agora pela melhora, cuja noticia li primeiro. O que importa agora muito, he tratar da saude, e não fazer nenhuma penitencia do corpo absolutamente, senão aquella, para que a Madre Abadesa dê licença. Ha Veraõ, e ha Inverno, huns tempos de huma cor, e outros de outra. Eu me ponho agora da parte, com que V. M. folga. Se lá chegar algum dia, pôr-nos-hemos entãõ da parte, com que V. M. se molesta.

Naõ houve perda nos exercicios, aindaque se não ajustassem ao tempo. Porque aindaque seja o melhor ajustar ao costume da Igreja, menos valeria em V. M. o feitio da vontade propria, que o desfeito pela obediencia. Que se fizesse a festa, como eu desejava, estimo. Porque aindaque seja tudo, como lá dizem, mette-se-me em cabeça, que lhe não está mal, que seja como eu desejo. Estas cousas, em que V. M. me falla, não entendo. E muito mais, vendo que V. M. me trata como homem grande, podendo crer de mim, que  
tenho



tenho consolação, de que em toda a parte a gente humilde me chame o Fradinho. Os velhos folgamos que nos chamem moços. Não lhe escorregue a V. M. mais fallar-me nestas grandezas. Porque os que são já grandes, desconfiaão de que zombem delles: e eu como grande peccador, só nisto quizera soffrer a zombaria, e consentir a grandeza. Emende-se V. M., e tome o conselho da Madre Abbadesa. Veja que he hum sopro, e que á luz hum sopro a mata, o fumo fica, arrefece a cera. Também he tenção minha, que tudo o que for da boa razão, em quanto eu estou longe, o faça V. M. nos leus exercicios, e me dê por addivinhiado nas disposições dos allivios, não no multiplicar dos excessos. A morte da Madre Soror Fabiana, que Deos terá na Gloria, me parece que não senti muito, venerando-a tanto. Em Béja soube disto. Fiz o que pude pela sua Alma. Creio que seria pouco necessario. Seja Deos bendito. Aprenda V. M. de suas virtudes, e veja-mô-la em V. M. ou resuscitada, ou repetida.

Sobre o que V. M. me diz daquella visita, que eu fiz a pessoa grande, foi preciso ir áquelle lugar por hum negocio de consciencia. E depois de estar lá, pareceo bem não me vir sem despedir-me da pessoa principal. O que com ella passei, bem sei que o sabem já muitos. E sei tambem por onde se romperia. Porque não foi cousa, que só se communicasse a mim. Não se sobresalte V. M., aindaque eu entao me sobresaltei. Socegue, que eu tambem estou socegado. E já me não vou tao longe, como alguma hora cuidei. Erao espirros, tirou-me Deos o catarro, e tenho nesta parte o coração quieto. Porque estou tao resóluto, que a pé quedo não temo já todo o mundo. Seja Deos bendito! que nelle he tudo o que posso, aindaque seja cada vez mais fraco commigo. Fradinho me quero, e aindaque seja não da mão furada, pareço-me com elle nisto. Bendito seja Deos. Agora será preciso ir a essa Corte mais tarde. Porque acho que entre estas brenhas ha para Deos mais caça, quanto ha para Deos mais feras. E entre estes montes achamos minas de Almas, com que não he necessario ir á India. Lá virá algum dia, se Deos quizer, em que o relampago appareça, e desappareça.

sup. Peço a V. M. que se não descuide de mim: sendo que até



até agora creio, que foi affaz o cuidado. Porque as minhas memorias me affirmavaõ isto. Agradeço a V. M. muito esta Laminia. Porque esta veyo de molde para me lembrar de mim, assim como outra que trago, para me não esquecer de V. M. Só huma differença tenho deste ultimo retrato de minhas culpas: e he, que com aquellas teas de aranha, em que está de assento, não curo minhas feridas: que como são tão grandes, não se curaõ com cousa aerea: que isto são as maiores cadeiras do seculo. Mais depressa se curaráõ com a consideração do fogo daquelle poço, em que por meus peccados estarei mettido. Ajude-me V. M. a sahir de mim, e a metter-me todo com Deos por via destas creaturas, que são via para mim. E esteja certa, que a ninguem desejo ser mais agradecido diante de Deos. Porque também conheço, que a ninguem sou mais obrigado. E a Deos, que he huma multidão de Cartas, a que escrevo, e tenho hoje que acabar nesta terra a Missão. E alguma cousa se furta ao somno, por se satisfazer a tudo. A Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo, e lhe dê muito boas Festas, e Annos. Moura, 12. de Janeiro de 1676.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

Torno a dizer a V. M., que lhe não dê pena o que em mim se falla. Porque he esta a materia, em que nem peço, nem me he necessario conselho para o não: e fora necessario não só o poder do Mundo, mas o poder do Ceo, para o fim. Salvo se Deos me defamparar: o que não espero de sua infinita misericordia.

N O T A.

**N** Esta Carta, que o Veneravel Padre escreve a certa Religiosa, a quem devia affectos de muita caridade, começa agradecendo-lhe a lembrança, que tinha delle. E afirma-lhe, que he a pessoa, a quem deve menos: querendo dizer-lhe por este modo, que a nenhuma encommendava a Deos com mais efficacia. E por-



E porque assim mais lhe pagava , era ella , a quem menos devia. Diz , que o que importava , era tratar da saude , ( porque havia estado muito doente ) e que não fizesse nenhuma penitencia corporal , senão aquellas , para que lhe desse licença a sua Abadeſſa. Porque considerava , que sem muita prudencia lhas não daria.

Diz , que ha Verao , e ha Inverno , e huns tempos de hum cor , e outros de outra , e dá cor ao tempo. Porque o considera conforme veste as plantas , e a terra. Paraque pela parte que nos he mais propria , nos não esqueçamos de nossa fragilidade , e inconstancia. E diz , que se põem da parte , que ella deseje , Porque era esta Religiosa muito debil , e costumava dizer com santa humildade , que folgava quando lhe não mandavao fazer penitencia. Diz , que certas cousas , em que lhe falla , não as entende. Porque devia dizer-lhe alguns louvores , e não se satisfaz com detestá-los ; mas accrescenta que lhe não falle mais nelles. Para ensinar que a verdadeira humildade não só se contenta de os não querer , mas ainda de os não ouvir.

Diz-lhe , que veja que he hum sopro , ( assim lhe chamavao por sua debilidade a esta as outras Religiosas ) e que á luz hum sopro a mata , o fumo fica , e arrefece a cera. Em lhe chamar sopro , a argue da lisonja , com que o tratava. E por este effeito , que poderia matar a luz , que Deos lhe dêra , entrar-lhe o fumo da escuridade , e a cera da devoção esfriar-se , e endurecer-se , que não dizia nenhuma palavra sem tenção alguma. Continua sobre certos particulares pertencentes á Missão , em que andava. E diz , que se não sobresalte : isto era , pelo cuidado que dava a algumas pessoas certo pensamento , que teve o Servo de Deos , de ir fóra do Reyno , entendendo , que entre a Gentilidade faria ao Senhor mais serviço.

Diz logo , que seria preciso voltar á Côte mais tarde ; porque naquellas brenhas achava para Deos mais caça. Não diz só que ha mais , senão para Deos. Bem sabia por experiencia , que não faltao na Côte aquellas feras , de que falla , e ainda mais bravas ; mais faltavao á emenda : e por isso diz , que acha minas de Almas faceis de lavourar , aindaque brutas , e tanto melhores , quanto vay da ignorancia sincera á dureza maliciosa. Diz , que estima certa Lamina , que era hum Emblema de hum pecca-



peccador assentado sobre huma cadeira de teas de aranha , e que pendia sobre hum poço de fogo : e diz , que assim são todas as cadeiras do seculo. São teas de aranha , que prendem as miseraveis moscas , que se assentaõ nellas. E diz , que não curaõ estas teas suas feridas : dizendo por esse modo , que para grandes peccados são necessarios remedios fortes , e mais violentos. Porque depois de taõ graves culpas nos não enganemos com a penitencia ligeira.

---

## C A R T A LXVI.

*O Amor de Deos more nas vossas Almas.*



Rmaãs , e Senhoras. Ha muito tempo que nem tenho novas vossas , nem vos escrevo. Porque o trabalho de minhas Missoes não dá lugar a outra couza. Mas em toda a parte me lembro de vós , e vos desejo boas , e vós encommendo a Deos. E assim cuidando muitas vezes em vós , me tem parecido avizar-vos , que vos não mettais em cousa nenhuma , nem de governos , nem de zelos , mais que tratar simplezmente de vossas Almas. E se alguém vos perseguir , ponde-vos da sua parte. E se disserem mal de vós , louvai-o , e dizei que diz pouco. O que vos importa em taõ miseraveis tempos , he preparar-vos para a conta , que cada hora vos póde Deos pedir ; pois podeis morrer cada hora. Desentendei de officios , em que não podem ter remedio , antes crescem os perigos. E com o zelo do serviço de Deos fazei por apartar de vossos olhos , e pensamentos as vidas alheias , ou sejaõ más , ou boas , fazendo conta de não metter-vos em nenhuma , pois não quereis cahir nos mesmos erros. Tudo mais a experiencia mostra , que não serve para cura , senão para renovar a chaga. E não deve ter chegado o tempo de acabar-se a ira de Deos. Antes o que eu temo , que está para vir muito cedo huma grande ira de Deos sobre todo o mundo. E folgára que todos estiveramos  
appa-



apparelhados , e guardando a Ley de Deos , que he amar a Deos , e aos nossos proximos , ou sejaõ bons , ou maõs , pedindo a Nosso Senhor por todos, e totalmente affastando do nosso juizo os procedimentos , e culpas alheias ; e que só nos fique o bom na memoria.

Guardai a vossa Regra , a Ley de Deos , segui as Comunidades , fallai a todas , não offendais a nenhuma , nem vos offendais de ninguem : á gente de portas a dentro seja aonde se estenda mais a vossa jurisdicção. Aos mais prégaí com o exemplo , não com as vozes , nem conselhos , senão vo los pedirem. E encommendai-me muito a Deos , que vos guarde , quanto lhe peço , e desejo. Ahi vos envio estas Veronicas , e Registos : encommendai a Deos quem vo los deo. Declaro , que tudo o que aqui digo , tambem digo á Madre Soror Francisca , que como Irmaõ a trato. O Padre Fr. Manoel se vos recommenda a todas. Eu parto para a Beira. E cuido que andarei largo tempo por lá. Em Leiria , Coimbra , Viseu , Guarda , e mais Bisposados vizinhos , até que Deos queira que venhamos. A meu Cunhado , Irmaõ , e Sobrinhos , minhas lembranças. A Deos , que vos guarde muitos annos. Lisboa , quinze de Outubro.

Vosso Irmaõ , que muito vos ama em Deos.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escreve o Veneravel Padre a suas Irmaõs , em quem por suas virtudes tinha notavel confiança. E he para advertir , que para lhes dar hum conselho tão santo , e seguro , diz primeiro , que cuidou muito , sendo elle hum Padre de espirito tão experimentado : paraque considerem aquelles , que são directores , a facilidade , com que resolvem materias tão importantes , e profundas , que não vay nellas menos que a salvação das Almas.

Diz logo , que se alguém as perseguir , se ponhaõ da sua parte : e se dellas differem mal , comrespõdaõ com louvor. Paraque



raque entendamos , que este he o unico modo de merecer , e de vencer , e que tudo o mais , para quem trata de espirito , jaõ pretextos para contentar o amor proprio , por huma satisfação de certa soberba occulta , que com capa de justiça se agazalha na Alma. E a razão , que dá , he : que o que lhes importa , he preparar-se para a conta. Como se differa , que particularmente as pessoas Religiosas não só hão de dar conta de culpas , mas que nellas he culpa não trabalharem muito por serem perfeitas.

Diz , que desentendaõ de officios , em que não pôde haver remedio , e antes crescem os perigos com o zelo do serviço de Deos. A razão he. Porque no tempo , em que Deos permite as desordens para castigo , ás vezes he necessario não fazer mais que chorar , e abaixar os hombros. Mas ha muitas pessoas , que com o pretexto de reformadores , e remediar difficuldades , não fazem mais que cevar a ambição propria , accrescentar os damnos , e dar mais occasião aos castigos.

Diz , que amemos os proximos , sejam bons , ou sejam máos , affastando de nosso juizo as culpas alheias. A razão he. Porque muitas vezes tomamos por pretexto o delicto , para aborrecer o sujeito. E por isso diz , que affastemos seus procedimentos do juizo , que he quem faz as especulaçoens , e discursos , e que só o bem nos fique na memoria , como huma imagem simplez , e sincera , sem esquadrinhar na tenção alheia o que talvez não fazemos na propria. E pareceo advertir de caminbo , que repararemos em que aconselhando-nos os Padres , que andemos sempre na presença de hum dos Mystérios da Vida de Christo Senhor nosso : respondemos ás vezes , ( e pôde ser que cuidando que por aproveitados ) que não podemos formar , ou fazer persistir na imaginação figuras , sendo-nos tão facil formá-las , e tê-las dos defeitos alheios , e com tantas circumstancias , não só huma hora , mas toda a vida.



## C A R T A LXVII.

*O Amor de Deos more , e arda no coração de V. M.*



Uito Reverenda Madre Abbadessa , e Senhora minha. Agora se lhe não aperte a V. M. o coração com tão pouco , porque ainda agora começa. Em Nosso Senhor Jesu Christo espero , que lhe ponha a Ordenação ás costas , que isto he a sua Cruz , pelas muitas vezes , que sacudio o seu jugo , ou que não quiz aquietar nelle. Costume-se a comer viboras , faça o estomago a cobras , e lagartos , como S. Pedro ; que para isto lhe entregou Deos o lançol da Religião. E ninguem se purga com manjar real , nem com marmelada de çumos. Tenha hum pouco de animo. E se o quer ter , traga sempre aquelle meu Amor crucificado , que para lá lhe mandei. E olhando para elle , de quando em quando , coteje as suas amarguras com as do meu Senhor Jesu Christo : e verá o pouco que soffre , á vista de quem soffreo tanto por amor de V. M. O merecimento está em sentir muito , em padecer muito , como seja á boca fechada , e não rompa a impaciencia ; como se conforme a Alma , aindaque se esteja consumindo a vida. Raivas , e comichoës por dentro , se não são queixume , ou desabrimiento por fóra , são grandes merecimentos. Quem mais quieta vive , não he quem merece mais , senão quem tendo mais cousas , que a desinquietem , em todas se conforma. Hora isto muito bem se diz , e muito mal se faz , me dirá V. M. De tudo podemos tirar bem. Se se faz bem , louvar a Deos , que he misericordia sua : se mal , humilhar-nos diante de Deos , tirando por fructo o conhecimento da miseria nossa. Eu farei o que V. M. me manda , no particular de encomendar a Deos essas creaturas ; mas receio , que se Deos uão puzer á minha Oração os defensivos de sua clemencia , venha algum garrotinho de novo pelo mundo , que nos ponha em maior



maior angustia. De todas livre Deos a V. M. , e guarde por muitos annos , como lhe peço , e defejo.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa , Abbadessa de certo Convento , que parece lhe dava conta de afflicçoens , e molestias , que sentia. Diz-lhe , que ainda agora começa , e com galantaria , para animá-la : que espera que nosso Senbor Jesu Christo lhe ponha a Ordenação ás costas , a qual he a sua Cruz. E com muita propriedade : para que entendamos que esta he a regra Nivel , e a harmonia , com que se deve governar a Alma Catholica. Diz-lhe , que se costume a comer viboras , e faça o estomago a lagartos , e cobras. Porque assim se representaõ as difficuldades á Natureza , em quanto se não costuma a soffrer desenganada. E diz , que se costume. Como se dissera , que poderia ser que lhe fosse necessaria a paciencia toda a vida. Arazão he. Porque quem se não resolve sem clausula , e sem condição , ou Deos lhe não levanta a vara , ou a resolução he suspeitosa. Traz-lhe o exemplo da visão de S. Pedro , em que Deos lhe mostrou em hum lançol todos aquelles bichos. E póde ser , que como o lançol he mortalha , e as savandijas nossas misérias , que com este documento lhe dissesse o Veneravel Padre , que quem quizer servir a Deos , ha de resolver-se a trazer penalidades até á morte.

Diz-lhe , que tenha animo , e se o quer ter , que traga sempre os olhos em Christo crucificado. E diz , sempre. Porque de nós trazermos tão pouco firmes os olhos naquelle amorosissimo objecto , e os viltarmos a cada passo aos Idolos de nosso gosto , nascem tantas misérias , como padece o coração humano. Diz , que o merecimento está em sentir , e padecer muito , como se cale a boca , e não rompa a impaciencia , se conforme a Alma , ainda que se consuma a vida. Porque muitas pessoas ha , que soffrem , mas não merecem. Porque ás vezes fazem mais



*damno com o que murmuraõ , ou respondem , do que tiraõ de proveito com o que soffrem : e fazendo que beba o caliz a vida , derramaõ toda a amargura por impaciencia dentro de sua Alma.*

## C A R T A LXVIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Uy Reverenda Madre, e Senhora Soror N. Já não sinto os males de V.M., porque como são de pena, em que a Alma se purifica, e o espirito se melhora, sendo, a pesar dos remedios, tão continuados, creio que são vontades de Deos, e que quer Sua Divina Magestade levar a V. M. pela estrada da paciencia á Patria da Bemaventurança; ou ao menos ao fino do amor de Deos. Ou quer purgar nessa fornalha as fezes, e escoria, que ainda tem esse ouro de V. M. E bem se vê que os tem, pois ainda não socega na determinação Divina, que na frequencia dos achaques se mostra. Faça V. M. não sómente cella, mas Côro da Enfermaria. Porque deitada o pôde louvar; prostrada na enfermidade, e na cama, o pôde servir: que não se agrada tanto Deos da disposição do corpo, como da resignação do espirito. Obedeça V. M. aos Medicos. E se Deos quer que V. M. coma gallinha, agradeça a Deos tê-la tão mimosa. Não se agaste contra o mesmo mimo: que não he boa paga a carranca, e a caramunha, e o desafacego continuo do regálo, ou prova continua, com que Deos visita a V. M. Se as presenças de Deos foraõ os cuidados de V. M., facilmente com estas memorias conhecêra aquellas visitas, e abraçára V. M. com mais amoroso agazalho o que quer affastar de si, como violento martyrio. Cedo espero, se Deos me der vida, ao menos lá para o fim do anno, estar perto desse Convento: e para entãõ se guardaõ os desaffogos, que os longes fazem mal a muitos allivios. Encommende-me V. M. a todas



das essas Senhoras. E Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço. Vileu, 6 de Agosto.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa achacosa, cuja enfermidade parece que persistia. E diz, que já não sente seus males. Porque como entende serem dados por Deos, aindaque são de pena, já de proveito para sua Alma. E a razão, que dá, para entender que são providencia particular, he vê-los continuados, a pezar de remedios. Esta advertencia he tão necessaria, que por fazermos tão pouca reflexão nella, cabimos em tantas impaciencias, e temos tão pouca conformidade, como se não creramos a Providencia Divina. E por esta causa continúa: Bem se vê que esse ouro de V. M. (isto he a virtude) ainda tem fezes. Porque não acabava de crer, e por consequencia, de se conformar. Porque ha pessoas, que jámais se desenganaõ de cobrar a saude, e aindaque seja irremediavel o achague, multiplicando remedios, diminuem a vida, e inquietaõ a Alma; e Deos, que attende mais ao purgar o espirito, que ao alongar a vida, faz que a dór persevere, até que obedeça a conformidade.

Diz, que faça não só cella, mas Córô da Enfermaria. Porque succede a pessoas virtuosas ter huma inquietação com bons pretextos, sendo amor proprio, que lhe faz perder nos achaques o merecimento, que não tiravaõ de outros exercicios, e affligindo-se, porque não assistem á Missa, á diciplina, e ás horas: como se soffrer febres, e padecer dores com paciencia por eleição de Deos, não foraõ mortificações, e orações mais altas, que as que elegemos por nossa vontade, consolação, e saude. Diz, que se as presenças de Deos foraõ seus cuidados, que por essas memorias conhecera que eraõ suas aquelles visitas. A razão he. Porque de não termos sempre a Deos presente, nasce toda a escuridade, e da escuridade o escrupulo, e do escrupulo o desajsocego.



## C A R T A LXIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

**N**uito Reverenda Madre, e Senhora minha. Estando para pegar na penna, e escrever a V. M. estas breves regras, chega o Correio. Estimo suas novas, e me alegre, aindaque não sare a correr, que convalesça a respirar, e que as indifferenças comecem, por onde as enfermidades acabaõ. Seja o espirito robusto nas resoluções do animo, que não importa nada ser fraco o corpo nas penitencias, e exercicios. A fonte do merecimento está na Alma, e assim a vontade nos basta, aindaque a saúde se perca, e o corpo nenhuma cousa obre. Dê-me V. M. essa vontade fôra, que eu me obrigarei a que seja santa, aindaque coma gallinha pela Quaresma. E será muito má Christã se a não comer, se a necessidade continuar. Porque falta á virtude da justiça, que dá o seu a seu dono, e deve dar ao corpo o que he necessario ao corpo; assim como a Alma a Deos o que lhe deve a Alma. Tenho para mim que he vontade de Nosso Senhor que V. M. tenha por penitencia não fazer nenhuma, e conhecer que não presta para nada, e que Nosso Senhor não quer nada do que V. M. quer fazer, senão do que elle pelo successo mostra que he sua vontade. Coma durma, e não faça extremos, que sempre são perigosos. E ter rendido o entendimento a Deos, e a qualquer pessoa por elle, não he menos que ser a vontade rendida. Tempo virá, em que possa ser mais largo. Os olhos vejaõ, e não vejaõ; os ouvidos ouçaõ, e não ouçaõ. O que importa, he pômo-nos na mão de Deos, e deixá-lo obrar. Faça-se livro. O livro, se o dobraõ, dobra-se; se o viraõ, vira-se; se o fechaõ, fecha-se; se o põem a hum canto, se o abrem pelo meio, deixa fazer o que quer quem o tem na sua mão: e assim devem ser as Almas obedientes, E lá virá tempo, em que Deos nos mostre



*Fr. Antonio das Chagas.* 215  
mostre quanto isto val. A Deos, que guarde a V. M. Viseu,  
13 de Março.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## XXI N O T A

**E**Sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa, que havendo estado enferma, parece convalescia com difficuldade; porém que procurava vencer as repugnancias da natureza, por conformar-se com a vontade Divina. E por isso lhe diz, que se alegra de que aindaque não sare a correr, convalesça a respirar, e que as indifferenças comecem, por onde as enfermidades acabem. Isto he, que se com fortaleza se renunciar, logo fará pouco caso da dor. E diz, que sendo o espirito robusto, que pouco importa que seja fraco o corpo para as penitencias, e exercicios. Porque como o Demonio conhece tão bem o preço da resignação, principalmente nos achaques, e dores, procura inquietar o animo com o desejo de exercicios mais altos; paraque perdendo a conformidade pela tristeza, e não podendo obrar outra cousa pela enfermidade, por este apparente cuidado perca hum, e outro merecimento. E por esta razão lhe diz o Veneravel Padre, que lhe tomara ver aquella vontade fora, e que logo fora santa, aindaque comesse gallinha, e que faria muito mal; se a necessidade continuasse, e a não comesse. Porque faltaria a virtude da justiça.

Estes são os termos, em que a humia Alma faz muito dano a falta da liberdade do espirito, difficullosa de entender, e muito mais de praticar. Arazão he. Porque como o amor proprio he quem propõem, sempre ao discurso he necessario hum grande cautela para não cabir no extremo. Porque humas vezes nos alargamos, parecendo-nos a necessidade justificada, e he liberdade não de espirito, mas da natureza; e outras nos restringimos contra a necessidade precisa, porque a exacção nos lisongea, e não he espirito, he prização de escrupulo. O melhor meyo para fugir destes douts extremos, he seguir com confiança a resolução alheia; mas se não ha modo de seguir esta regra, diga-se a ra-



zão recta a si mesma o que differa outra pessoa, se no mesmo caso a consultára. E desta sorte tambem se rende o entendimento proprio, como seguindo alheio exemplo.

## C A R T A LXX.

O Amor de Deos more na Almas de V. M.



Adre Soror N. Sinto saber que os males não fizeraõ o que eu queria; mas não podemos deixar de sentir no que Deos quizer. Seja este Senhor muito louvado; mas faça-se o que elle for mais servido. Ainda assim, em quanto não temos certeza que lhe desagrade, podemos com toda a instancia pedir para o proximo a faude, e a vida. Tenha-a V. M. como eu peço a Deos. Se dos meus desejos se fizeraõ vidas, saudes, e perfeições, santidades, e uniaõ de Deos, tudo isto V. M. tivera. Mas sempre será melhor o que este tão bom Senhor lhe dêr. Leve-o V. M. bem; isto he, abraçar o que vier com a vontade interior; que das mãos de hum Deos tão bom nos não pôde vir mal. Sua Divina Magestade agradeça a V. M. o que eu lhe não posso pagar: e nos dê luz a todos, para não viver ás escuras diante do Sol. Este tem V. M. presente. E para aqui servem as Latinidades: *Cum ipso sum in tribulatione.*

Se lá correr a maré do Espírito Santo, e ventar algum fúspiro para a Celeste Patria: diga-lhe V. M. que levante da face da terra este pó, com tanto que me não fique no ar. Se por cá passar, o que posso fazer, he offerecer tudo o que posso por V. M. a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. como lhe peço. Amen.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

Nova



*Nova sint omnia, corda, voces, & opera.* Não ha melhor exercicio para a saude, e ainda na enfermidade, que entender V. M. que Deos a está espreitando, e dizendo: Quero ver se esta me ama, ou me não ama: Se me soffre, ou me não soffre: Se se esquece, ou não se esquece de mim. Senhora, he impossivel não estarmos na presença de Deos, porque he impossivel ir, ou virar para parte alguma, onde não estejamos dentro de sua immensa Divindade. Os olhos, com que vemos a Deos nesta vida, he noite escura, e tudo são sombras, ou andar ás apalpadellas: são as memorias, que temos de Deos, lembranças, com que nelle estamos. Signal de pouco amor he ter huma pessoa presente, e não pôr os olhos nella. Signal de pouco amor de Deos, tê-lo presente em toda a parte, e não levantar para elle os olhos da memoria. Esta memoria he a vara, com que se mede o amor. Se o amor he muito, a memoria ha de ser muita. Deixe-se estar olhando para elle, em quanto puder, com simplicidade de espirito, sem se aballar. E Sua Divina Magestade fará da sua creatura o que lhe parecer. E não falte em dar as graças a Deos.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa, que parece lhe havia escrito lhe continuavaõ alguns achaques. E depois de lhe dizer que os sente, diz, que em quanto não sabemos que o Senhor se desagrada, podemos com toda a instancia pedir para o proximo a saude, e a vida: para que entenda, que sem esta condiçãõ expressa, não ha petiçãõ, que não seja defeituosa. E supposto que tacitamente se deve suppôr esta clausula, he necessaria, e convém á perfeiçãõ expressá-la.

Diz, que com tudo abraçe o que lhe vier da mão de Deos, com vontade interior. Porque muitas pessoas, como vem a natureza rebelde, parece-lhes que perdem a conformidade; sendo pelo contrario. Porque, se nas tentaçõens, e achaques da Alma sentir, não he consentir; e mais merece quem mais resiste: Se nos males do corpo se conforma a vontade pelo entendimento, então os actos da conformidade não são menos puros.

Diz, que para este tempo serviaõ as Latinidades. Porque  
costu-



costumava algumas vezes esta Religioza repetir-lhe alguns lugares da Escripura. E por este modo lhe ensinava, não só que he mais facil dar documentos, que executá-los; mas como que a punha por sua propria doutrina em obrigação de ter paciencia. Diz, que se por la correr a maré do Espirito Santo, (isto he devoção, e fervor) peça a Deos que o levante a elle da terra de suas misérias, com tanto que se não fique no ar. Não diz, que o não deixe, mas que não fique. A razão he. Porque aindaque para nos levantar, quando estamos cahidos, só o faz de si mesmo o divino impulso; se depois movidos nos não levantamos, he só nossa a culpa; nós he que ficamos. Porque Deos não nos deixa. E por esta razão não diz o Veneravel Padre, que me não deixe, senão que eu não fique. Diz, que o melhor exercicio, que ha para a saúde, e para a enfermidade, he entender que Deos tem em nós continuamente os olhos; isto he, que nos está provando. A razão he. Porque esta consideração faz, que usemos bem da saúde, abracemos a molestia, conservemos a graça, e choremos a culpa. Porque se em todos estes casos nos lembrarmos com fé daquella Divina presença, que nos assiste, como inquirindo a menor acção nossa, he quasi impossivel que não viva composta nossa Alma, e ajustada nossa consciencia.

## C A R T A LXXI.

O Amor de Deos more na Alma de V. S.



Inha Senhora. Chegámos com faude a esta terra, chegáramos os Livros, e chegou tudo. E tudo estimo eu menos que este papel de V. S. E por tudo lhe beijo as mãos. Tal sou, e assim he, que os meus escritos não sómente são como arvore sem fructo, mas como folhas sem proveito; que servem só para o vento da vaidade. Mas já era tempo que esta não fizesse mal a V. S., pois V. S. mesma confessa, que está já em tal estado de perfeição, que as reprehensões lhe servem de con-



conserva, e os titulos be amargura. Ter o amargo por doce, e o doce por amargofo, e isto por amor de Deos, he grande perfeição. E por isto o deo Nosso Senhor por regra a Santa Catharina de Sena, dizendo-lhe quasi as mesmas palavras assima ditas. E por isso poderá fer em mim destreza não dar a V. S. doutrinas, para que assim lhe receitasse lofnas: mas não foi essa a minha advertencia; pressa foi tudo. Agora me diga V. S., olhando para o fundo da Alma, se está já no estado de Santa Catharina de Sena: que poderá fer tenhamos algumas confisloões novas para purgar as fizes d'Alma, que nella quasi invisiveis ficaõ. Contentara-me eu com que V. S. com toda a simplicidade considerára no que a miudo communga, e que trouxera na sua memoria aquillo de meu Padre S. Francisco: *Senhor, quem sois vós, e quem sou eu?* Grande espelho acha a miseria de nossas Almas na consideração da Bondade, e Pureza Divina, quando V. S. se não possa aborrecer, quanto deve, caminhahdo a Deos pela displicencia propria.

Caminhe á uniaõ de Sua Divina Magestade pela complacencia, e recreação da Gloria, amor, e formosura de Deos, e do infinito gosto, e amor, com que sempre se estaõ amando, e gozando aquellas Divinas Pelloas. Recree-se nisto, e nos incomprehensiveis dons, que este Senhor deo á Humanidade de meu Senhor Jesu Christo, á Virgem Nossa Senhora, e aos mais Anjos, e Santos. E sempre que possa, deixe-se ficar, fimir, perder, sobrelevar, submergir totalmente, absorver naquelle Pégo, Oceano, Abyssmo da immensa, eterna, infinita, e incomprehensivel sobre a infinita, além de immensa, e muito mais que incomprehensivel, e incomparavel gloria, Bondade, formosura, inexplicavel infinidade de infinidades, de amor, e de amabilidades immensas. Bendito seja Deos, e infinitas vezes bendito. Não posso agora mais que agradecer a V. S., quanto posso, a mercê, que fez ao Padre Fr. N. no negocio de seu Sobrinho. Elle escreve a V. S. Estes Companheiros lhe beijaõ a maõ. E eu, como taõ obrigado, farei em todo o tempo por não viver esquecido diante de Sua Divina Magestade do muito que devo, e espero dever a V. S.,  
a quem



Eez V. M. o que devia em desaffogar a consciencia, e em não perder a occasião de se mortificar no que lhe podia doer. Se quer ser perfeita, lembre-se do que sempre, ou muitas vezes, lhe tenho dito. E he, que com resolução faça aquillo que não quizera fazer. As nossas repugnancias são a vontade de Deos. E assim, para que esta se obedeça, não ha cousa como fazer o que á nossa repugna, e para o que vier, estar armada de resolução. Porque amar a Deos a medo, he ter espirito de espantinho. E não convem essas cobardias para quem ha de vencer o Inferno. Só aos meninos espantaõ cocos. Os que já são grandes, folgaõ muito de comê-los. Goma V. M. não só tormentos, mas infernos, e diabos, que digeridos, e postos no seu lugar fazem muy grande proveito. E he necessario mostrar ao Inferno, que d'elle não fazemos caso. E isto he o Ruybarbo, com que se curaõ os máos humores do animo, que tem cahido por fraqueza. V. M. tem hum espirito triste, que sempre anda com os embrulhamentos de estomago. Seja mulher, que já he tempo. Olhe para muitas meninas, que lhe foraõ adiante. Encomende-se a ellas: a huma Santa Ignês, e outras desta estofa, que val mais que a seda de V. M. Não ponha o juizo em esquadrinhar, se melhora, ou peiora. Feche os olhos, e diga a tudo: Ou bem, ou mal, nós havemos de ir a diante. Por conta de Deos corre o successo, pela de V. M. o defeito: e não enjeitar a occasião, em que o pôde pôr por obra, Raro he o Soldado, que ganhou victoria, sem lhe custar algum sangue a batalha. Os valentes levaõ na cabeça. E assim calamocados, ou feridos dizem: Ou ir a diante, ou morrer na empreza. E a Deos, que guarde a V. M. na sua cozinha, e nesses tiçoës se atice o amor de Deos, e ja santa humildade, taõ necessaria á soberba de V. M.

Servo inutil de V. M.

*Fr. Antonio das Chagas.*

NOTA.



## N O T A.

**E** Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que parece que por obediencia tomara alguma occupação dos Officios da Casa, e estava com cuidado de deixar o maior recolhimento de seus exercicios. Diz, que quem deixa o Deserto, ordinariamente torna ao Mundo; mas que não succede assim a quem ama a Christo Senhor nosso. Arazão he. Porque quem o ama, não vay voluntario, e quem vay pelo servir, não deixa o Deserto. O ponto está, em que havendo de entrar no mundo por amor de Christo, não nos sirva o Senhor de pretexto para entrar no mundo. E por isso prosegue, que espreite a sua vontade, para que examine a tenção, e esquadrinhe o appetite. E que se o achar com Deos, aindaque seja ás seccas, e ás escuras, que lhe dê muitas graças. Arazão he. Porque huma Alma, que sabe do retiro, costumada á paz, e luz, e ao silencio, estranha muito a occupação, ou trato com o negocio: e aindaque seja de Deos, parece-lhe que tudo vay perdido.

Diz, que fez o que devia em desaffogar a consciencia, e em não perder a occasião de se mortificar no que lhe podia doer. Arazão he. Porque muitas pessoas desaffogão o espirito com mais allivio, que merecimento. Porque em sentindo qualquer escrúpulo, ou outro cuidado, mais buscão a communicação, por não poder soffrê-lo, que por mortificá-lo. E finalmente busquemos quantos meynos pudermos, sigamos estes, ou aquelles caminhos, não havemos de achar fiador seguro para os movimentos de nossa Alma, senão a mortificação prudente, mas exacta, e perseverante.

Diz, que amar a Deos a medo (isto he tibiamente) he ter espirito de espantalho: que como não tem resolução propria, não faz cousa alguma, e sempre se derruba para onde o vento o inclina: parece huma cousa, e he outra. Diz, que coma Infernos, e Diabos. Porque bem digeridos, e em seu lugar, fazem grande proveito. Isto he, que não havemos de ter hum espirito affeminado, e molle, e apprehensivo, senão forte, determinado, e robusto. Porque demais de havermos de estar apparelhados para soffrer as seccuras, esterilidades, falta de devoção,

ten-



tentaçoens , e todos os trabalhos interiores , e exteriores , vivendo unidos a Deos pela caridade : ha Almas tão crianças , e pessoas tão melindrosas , que humas dizem , que não se atrevem a meditar na morte , outras no Inferno , ou de considerar no diabo , e outras invençoens , que são minimices do espirito. E se se não desprezaõ estas moluras , e fraquezas , oh como será amargo ouvir a hum Confessor , ou a hum Medico , dizer que he chegada a hora , ou ver naquelle conflicto hum , e muitos diabolos. O que Deos ás vezes permite por seus justos juizos.

Diz , que tem hum espirito triste , que sempre anda em embrulhamentos de estomago ; isto he , segundo o mesmo pensamento , pouco costumado a desagradaveis objectos , da morte , do Inferno , do conhecimento proprio , e em fim das asperezas , que soffrem em paz os espiritos robustos , que costumados , como os fortes estomagos , a todos os mantimentos , como tem muito calor para digerir , da peor iguaria tiraõ bõa substancia.

## C A R T A LXXIII.

*Irmaã Soror N.*



Fogo do Divino Amor se accenda nas vossas entranhas , e dellas se erga aquelle fumo celestial da divina penitencia , que dando-nos nos olhos d'Alma , nos faça chorar amargosa , mas docemente as vaidades , e os enganos desta miseravel vida. Irmaã , e Senhora , louvado seja Deos , que neste gosto , que vos mette no coração , mostra que vos vay desfazendo as nevoas de vossa ignorancia cega , como dizendo-vos , que pouco a pouco ha de ir allumiando-vos , até que sahindo das trévas escuras do que não sabeis , deis com elle de repente crucificado , e vos abraceis com elle ardentissimamente , chorando muito todo aquelle tempo , que o não visteis no vosso coração , onde o tendes crucificado. Mas ainda tem alampada de fogo eterno : e por isso ainda ás escuras alloprais. Pois ,  
Irmaã ,



Irmaã, com entranhaveis, e ardentissimos desejos, soprai essas faisquinhas breves, que tendes na Alma. Porque assim como o fogo natural se accende a sopros, assim o sobrenatural se accende a suspiros. E em qualquer devareda, que se levante nas vossas entranhas, com a luz, que este fogo tem, descobrireis o thesouro escondido, que está dentro de nós. Porque o tem como enterrado dentro de si, quem com algum esquecimento vive sem cuidar nelle: &c.

VIXXI A T 123  
Vosso Irmaõ.

Fr. Antonio das Chagas.

omine rem ob. N O M T V A.   
E Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a sua Irmaã Religiosa, parece que no principio, em que tomára aquelle estado. E dando-lhe ella conta da luz, que Deos lhe dava: que sem estes resplandores não se póde conhecer bem a verdade: lhe diz, que o Fogo do Divina Amor se accenda em suas entranhas, para que o fumo da penitencia lhe faça derramar verdadeiras lagrimas. E usa desta metáfora do fogo, e fumo, com grande acerto, para similitude de huma Alma, que começa a detestar suas culpas. Porque assim como no madeiro verde, quando se principia a introduzir o fogo, são menos as chammassas, que o fumo; e quando arde por huma ponta, lança certo humor pela outra: Assim no coração, onde começa a arder o Divino Amor, como repugna pelos máos habitos aos soberanos auxilios, se levantaõ fumaças da culpa, e da natureza; até que o calor da Graça se introduz nelle de sorte, que todo se abraza no fogo da caridade. Mas diz, que sobre aquellas breves faiscas, que Deos lhe pôs na Alma; isto he, com grandes suspiros, e ardentes desejos do Amor Divino. Porque aindaque estes primeiros movimentos são dados puramente pela soberana liberalidade, he necessario que logo que somos prevenidos da Graça, concorra effeiva a nossa diligencia. Porque muitas vezes por omissão nossa, e nosso descuido, se malograõ estes santos auxilios, e Deos os retira, como queixoso de nossa ingratação, e torpeza, servindo-nos só de maior



confusão para a culpa; e condemnação para a pena; ficando mais enterrado o thesouro, de que falla o Veneravel Padre, que com a Graça Divina, e nossa diligencia se descobre ardendo, e cavando; cavando no conhecimento proprio, e ardendo no Amor Divino.

## C A R T A LXXIV.

*O Amor de Deos mcre na Alma de V. M.*



A eu merecia a V. M. conhecesse do meu animo quanto agradeço, aindaque não pago, o muito que a V. M. lhe devo; pois he certo que o meu descuido perigára em maior mar, se V. M. me não tirára do pégo, e me não ensinára com seus avisos a sondar o fundo deste golfo, em que por hum ponto fazem ás vezes naufragio todos os acertos. E posso affirmar a V. M., que só no dia do Juizo será possivel saber a estimação, que faço deste favor, e luz, com que V. M. me encaminha; e a grande obrigação, em que vivo á sua Charidade.

Muito estimo as noticias, que V. M. me dá. Porque com ellas detenho, ou apresso os passos. Quizera ter grandes alviças, que dar a V. M. da boa nova, que me deo na sua penultima, de tres que recebi de V. M. Vem a ser, da resposta do Padre Geral. Porque della colho, que se não ha de dobrar ao contrario, e que lhe não parece mal, que ande agora ao longe neste exercicio: e assim faço de conta de ir andando deforte, que lá chegue, quando os estrondos se acabem, e se tenha feito tudo o tocante á nossa Provincia. E se não fora necessario fallar-lhe para algumas cousas, que convem aos Companheiros, e ás Missões, não fora no seu tempo á Côrte. Parece-me tambem conveniente não escrever-lhe em materia alguma. Porque a do Convento, lá está o Padre Provincial, que mostra que nisto se empenha. E já lhe escrevi muitas vezes. E agora o repeti de novo, que se não



naõ fazer como convém, naõ se falle nelle. E eu naõ terei nenhum pesar em ir continuando as Missões ao largo, em quanto puder, e for necessario. E assim me parece o mais acertado naõ chegar aos pertos, senaõ já tarde.

Agradeço muito a V. M., que assim me aconselhe os longes. Porque tudo o mais seria pouco amor aos acertos. E mal servirá para os alheios, quem errar nos proprios. Tempo virá, em que eu tenha a ferventia, que a Madre de Deos póde querer de mim para os seus allivios. Os agoras são inúteis, e sem algum proveito. As razões do Padre Provincial são mais pareceres de quem me ama, que de quem me conhece. E como o amor tem suas cegueiras, pouca luz basta para vêr as nevoas, e as faltas de vista. Naõ cesse V. M., sempre que seja necessario, neste meu particular de levar a diante o que lhe parece que me toca, que assim convém ao serviço de Deos: e assim se acabará de desfazer, e desvanecer alguns nublados, que são mais poeiras, que nos cegaõ com a terra, que sombras, ou cousas do Ceo; ao que eu entendo. As cautélas muitos dias ha que as julgo necessarias, sendo ao meu natural muy violentas. Porque aindaque a malicia he crespa, o meu fallar naturalmente he lizo. E por isto, como naõ cuido que me espreitaõ, naõ fallo com resguardo. Se se fez mysterios de eu dizer, que já naõ queria Hospícios; porque entendia que se viviria com mais observancia nos Conventos: e nos que eu aconselhava, assim he; nos outros, Deos o sabe. Se eu quizerá outra vez Hospícios, depois de ter razão para naõ querê-los, tambem me chamariaõ vario. Naõ he máo que me ponhaõ taõ poucas notas, como estas. E se he variedade mudar de conselho, alguns lhe chamaõ prudencia: e aindaque eu a naõ tenha nisto, para Deos a tençaõ me basta.

Para os Sermoões Deos faz a obra, por mais que eu erre. Em quanto Deos quizer fazer fructo, o peor semeador basta. Mas tambem tenho por bem naõ perder culpavelmente a opiniaõ, que serve a Deos. Aindaque no interior haja batalhas, em todas fixar a vontade em Deos, que o appetite naõ pecca, senaõ a vontade, nem o que faz a natureza, senaõ a malicia, ou a culpavel negligencia. Continue



o Combate , e o Eschio , que eu nem hum , nem outro posso lêr , nem observar em Eschio somente por aquelle exercicio , que Deos sabe , e me he mais facil para alguma pretensão de Deos , accomodando aos tempos o espirito , e os exercicios , e tudo muito mal. Aconselho a V. M. que , sempre que possa , conserve o rodeio das figuras : que V. M. não he tão santa , que tenha Oração continua. E a Fé , e amor de Deos , aindaquê he melhor , como são meramente espirituaes , facilmente passam , e esquecem , e deixam vazia a Alma , que se enche entao de varias cousas , que não são Deos , nem espirito. E se acham o encaicho da figura de Christo crucificado , não fazem tanto damno. Demais , que essa Fé , e amor , nos que não são perfeitos , gera huma invisivel vaidade , de que já são Santas Catharinas. E vejo que Santa Theresa , S. Bernardo , e S. Boaventura , nunca deixaram a Imagem de Christo ; excepto quando o mesmo Senhor dentro de si os levava por essa Fé , e caridade , e depois ficavam naquella memoria , na verdade imaginada , como cada hum a tinha. E eu sei pessoa , que até com os olhos abertos , anda , como que se vira este Senhor crucificado , ou chagado. E nesta lenha material se conserva o fogo do amor. E para saber se V. M. tem grão mais alto , não posso de tão longe fazer algumas perguntas , donde o conheça. Não duvido que possa haver quem seja mais perfeita sem isto : mas de V. M. não o cuido ainda agora.

Agradeço a Medida , e offereço todos os annos de minha vida , que estiver fóra do Convento , a Missa do Anjo Custodio , por tenção de V. M. E não lhe digo o mais , que offereço ; porque não ha paraque. Basta dizer , que tudo he divida , a quem offerece tanto por mim. V. M. respondeo bem na materia das Cartas de favor para os Bispos. Causa ridicula he essa. E muy doudo , ou nescio feria eu , se fizesse tal : nem em tal se me fallou. Deos nosso Senhor os dê a quem for servido , e não a quem os deseja : que na verdade deseja a sua ruina , e olha-os como honra , e não como carga. Em mudanças de Mosteiros já se me tocou. E já respondi , que eu me não mettia em alguma cousa dessas. Lá se avenham , que em quanto eu não sei de certo que posso aproveitar



veitar com os meus conselhos, não me metto mais que no que me toca a mim. Isto he em materia, que V. M. não sabe. Em outra, que suspeito, se entender que he serviço de Deos, direi o que entender; pois vejo que o que lhe disse se cumprio. E poderá ser que seja vontade de Deos. Mas em quanto não estou certo, uso do mais seguro, que he remetê-los a outros.

Eu vim de Viseu a Linhares, daqui a Mello, dahi a Conto, dahi a Gouvea, dahi a Vinhó, dahi a Santa Mari-nha, dahi a Cea, dahi á Boa Vista, dahi á Oliveirinha, desta a S. Martinho, daqui a Louraó, daqui ao Espinhal, daqui a Agoas Bellas. E em todos estes Póvos, e Conventos préguei todos os dias. E tivemos muito trabalho, por serem os ajuntamentos muitos, e as Confissões, e exercício contínuo; mas chegámos, aindaque cansados, com saude a esta terra. Foraó as legoas cincoenta e seis, pelo pé da Serra da Estrella. Daqui irei a Abrantes, Sardoal, Punhete, Tancos, onde espero Cartas de V. M. Se vier pelo primeiro Correio, depois deste, aindaque sejaó duas regras, escreva-me o que lá vai, que importe. Continúe V. M. as cozinhas com mais humildade, que discrição. Porque o demaziado entendimento facilmente cahe em tudo. E no fogo não quizera eu que V. M. cahira, como despropositada, senão como advertida. Tudo porém se póde offerecer a Deos, que até dos nossos despropositos podemos fazer sacrificios, se os sabemos fazer merecimentos, convertendo-os em graça. A Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço. Addivinhe, como costuma, que eu não me atrevo a ler esta pela pressa. Agoas Bellas 28 de Outubro de 1678.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

#### N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Religiosa, que sendo filha espirital sua, lhe fazia algumas advertencias, como elle lhe encomendava; ou obrigado de sua mes-



ma humildade, ou porque sabia verdadeiramente, que em todo o estado são uteis estes despertadores. E por isso diz, que se ella o não ensinára com seus avisos, que pôde ser houvera feito naufragio. Para que entendamos que não ha palavra dita em ordem ao bem de nossa consciencia, que não seja hum auxilio do Ceo, de que Deos nos ha de pedir estreita conta. Prosegue sobre cousas tocantes á sua Provincia, a que ainda estava unido: mostrando juntamente que naquelle tempo entendia não convinha andar perto da Córte, aonde não vinha, senão de necessidade, não propria; porque as suas consistiaõ só no remedio das Almas. E porque parece que reparavaõ algumas pessoas em elle mudar de opiniaõ sobre a eleição de certos Hospícios, diz, que aindaque conhece que neste mundo ás vezes he necessario fallar com cautela, que além de que procurava que fossem suas palavras sinceras, que ao menos lhe bastava que fosse a tenção recta, e verdadeira. Azação he. Porque Deos Nosso Senhor, que móve seus instrumentos, sem dizer a causa de seus juizos, não quer que hum Religioso dê conta de quantos movimentos tem seu espirito. E talvez nem lhe dá essa luz a elle mesmo: como vimos em muitos Santos, e particularmente a Santa Theresa, obedecer a olhos cerrados contra seu mesmo discurso.

Diz-lhe os exercicios, que ha de continuar, e que trabalhe por conservar a presença de Deos, particularmente por figuras; isto he, dos Mysterios da vida, e morte de Christo Senhor nosso imaginariamente. Porque não he tão perfeita, que sem ajudas de figuras possa perseverar recolhida. E demais de que o Veneravel Padre procurava sempre humilhar aquellas Almas, que governava, dava esta doutrina a pessoa, que entendia como havia de usar della, e que sabia passar da materia á forma. Por exemplo: Se andasse na presença do Senhor atado á Columna, que não havia de ficar naquelle pateo entretida no material do successo por huma vista esteril, e quasi infructuosa: mas tendo outras vezes especulado na Oração o mysterio, passaria hora da memoria ao affecto, hora do affecto á memoria, a causa, o progresso, e a pessoa. Porque algumas vezes entre os maiores concursos se sentem deste exercicio altissimos movimentos. E não diz nisto o Veneravel Padre, que a presença de Deos por fé, e essencia não seja a mais pura, e elevada, quanto he menos composta:



sta : antes isto ensina , quando diz a esta Religiosa , que não he ainda tão perfeita. E neste mesmo termo mostra , que a queria humilhada , ensinando-lhe por este modo , que sem descer primeiro em si muito , não era capaz de subir a exercicio tão alto. Demais de que esta presença , de que falla , era para o discurso do dia , no qual , e no mesmo recolhimento , ( como diz logo com os exemplos dos Santos ) que este ha de ser sempre o primeiro objecto , em quanto Deos não move a outros puramente intellectuaes o espirito. Cuja materia toca o Veneravel Padre em outras Cartas mais particularmente , como se verá a diante.

## C A R T A LXXV.

Meu Irmaõ , e Senhor.



S vossos malés , e tristezas sinto , como quem vos deseja a melhor saude , e vos quizera ver com muitos gostos. Não vos escrevi atégora , porque a falta de portadores , que ha nesta terra para esta , he mais facil de sentir que de crer : até que por esta via , que me apontais , me resolví a não vos ter queixoso , quando me deixais obrigado. E sempre que por esta , ou qualquer via me seja possivel solicitar vossas novas , farei , não só diligencia para alcançá-las , mas pertençaõ de merecê-las.

Agora , meu Irmaõ , moralizemos esses males , e consideremos essas penas. Porque se a causa , de que nascem , são de cousas , que faz o tempo , ou se experimentaõ cá no mundo , haveis de considerar que estas são as glorias daquelles que a Deos se resolvêraõ a seguir. E ainda assim , não chegaõ a ser merecimento do premio , que se ha de alcançar. Assim o diz o Apostolo : *Non sunt condignæ passionibus huius temporis ad futuram gloriam , quæ revelabitur in nobis.* Se são afflicções do espirito , porque vos entregais com excesso a algum religioso exercicio , sabeis que tambem nelle ha contradições. Porque nem sempre Deos se deixa achar de quem



quem melhor o seguir. Assim o clamava a Espôsa dos Cantares, por quem se entende huma Alma Santa: *Quæ sivi illum, & non inveni.* E nem sempre Deos nos quer ouvir. Assim o lamentava David: *Clamabo per diem, & non exaudies.* Se isto pois succede aos Justos, que esperavaõ os peccadores? Necessario he, como diz S. Paulo, servir a Deos com humildade, com lagrimas, e até com tentações: *Serviens Domino cum omni humilitate, & lacrymis, & tentationibus.* E estes são os que Deos escolhe para Morgados do seu Reyno. Estes são os melhores Soldados, com que Deos nas batalhas do mundo busca os triunfos da Igreja.

A flor, que nasce melindrosa, e vive tão delicada, que hum Sol com a luz a secca, e hum ar com o bafô a derruba, sustenta-se com os mimos do rego; porém o tronco, que robusto se oppõem no monte ás tempestades, com a aspereza se exercita, e com os rigores se prova. Esta vida, que hontem foi, e á manhaã não poderá ser, e que já hoje vay passando: Que he mais, que huma flor, que se murcha? Que he mais, que huma luz, que se apaga? E que he mais, que huma sombra, que foge? *Præterit figura hujus mundi.* Como Não, que não sente o curso do caminho, que vay fazendo. Como Setta, que em hum instante traspassa os pontos, a que tira. Como Ave, que em hum momento penetra os ares, a que voa.

Se pois, Irmaõ, e Senhor meu, cousa do mundo vos molesta, não vos admireis. Porque no mundo não se achão Bemaventuranças. Nesta vida de peregrinos, onde somos só passageiros, não se vive como na Patria, que he centro dos Bemaventurados. Lede as Bemaventuranças, e vereis as ancias, e penas, em que Deos pôs a sua Gloria. Veyo Deos ao mundo a fer exemplo: *Ego sum via, veritas, & vita.* E considerai, como o quiz ser: Nasceo pobre, viveo perseguido, e morreo crucificado. Sirvaõ-vos estas tres razões de perpetuo memorial, para que com este despertador não queiramos da presente vida, mais que o que dizia Santa Theresa: *Domine, aut pati, aut mori.* Murmure-nos embora o mundo, que a Christo chamou feiticeiro. Faltem-vos embora os bens do seculo, que são mentira dos humanos.



nos. Não nos falte aquella paciência, com que os que sofrem, se coroaõ. Porque, se o que foi, já não he: se o que ha de ser, ainda não chegou: e o que está sendo, vay passando: Por hum momento, que se passa, por hum instante, que se vive, porque se ha de perder hum bem, que por eterno nunca falta? Porque se ha de buscar hum mal, que por eterno sempre dura?

Se pois dizia aquella Apostolo: *Gloriamur in tribulatione*: gloriai-vos vós nessas penas. Porque nos nossos corações devem andar sempre repetidas estas palavras de S. Paulo: *Mibi autem absit gloriari, nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi: per quem mibi mundus crucifixus est, & ego mundo*. Mais vos fora dizendo a penna, se houvera tempo para mais: e se vós o não houvereis mister menos. Ahi vos vay o meu Paraiso, onde achareis quanto quizeres. Mettei-vos nelle com o espirito, que todo he azas para Deos. E logo vos achareis igual, assim nos bens, como nos males. Porque isto com o amor de Deos he huma das maiores perfeições. Fugí muito do que for vangloria, porque não percais de Deos o que buscares nos homens. E muito mais de parecer triste. Porque isto he signal de hypocrita: *Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine, &c.*

Se vires que alguém obra mal, de nenhum modo o murmureis; mas antes logo para com Deos usai daquellas palavras: *Ab occultis meis munda me, & ab alienis pace servo tuo*. Sede amigo do silencio. Namorai-vos da solidão, que esta achareis na vossa cella. Conversai com Deos na Oração. Cuidai no ser do vosso estado. E poupando com moderação a vida, achareis que na paz do espirito, e só neste socego da Alma viveis já Bemaventurado. Agora encommendai-me a Deos, que eu faço o mesmo por vós. Aos amigos mil recommendações, até que eu possa visitá-los. E mandai a minha Mãe procuração, ou a Bento Rodrigues, para tomar posse da Capella de vosso Irmaõ, como antes do tempo, que professa: pois não he razaõ, que quando a não queirais vós, a não queirais para vossas Irmaãs, de quem todos devemos desejar o remedio; pois não tem outro abai-xo de Deos, mais que o que de Deos podem esperar. E a

Deos,



Deos, que não posso mais. Vidigueira ultima Oitava de 1663.

Vosso Irmao, que mais vos quer.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a seu Irmao, havendo pouco tempo que havia tomado o Habito. E depois de lhe dar a razao, porque lhe não escrevera: que até entre os bons Irmaos são ás vezes as satisfações necessarias; diz, que examine as causas das molestias, de que parece se lhe queixava. A razao he. Porque, ou estas sejam puramente do animo, ou do espirito, se se lhe não procura arrancar a raiz, importa pouco curar o effeito: antes succede algumas vezes, como á planta, que podada arrebenta com maior força. Porém os appetites, e as vontades, são como filhos do coração, que se criáram ao peito, e querendo tirar o damno, não nos atrevemos a tocar no motivo.

Prosegue, mostrando com lugares da Escriitura, que se as mortificações são dadas por cousas humanas, que he necessario soffre-las. Porque este he o caminho mais seguro, que Christo Senhor nosso abriu por entre çarças, e espinhos, á satisfação, e ao merecimento. E ainda diz, que não he totalmente digno do premio; isto he, se o fim não he dirigido a fazer puramente a Divina Vontade. Diz, que se estas causas são afflicções do espirito, nascidas de algum excesso mais fervoroso, que entenda, que nem sempre Deos se deixa achar de quem o procura seguir: isto he, querer aquella devoção, e sabor, que ou nos principios aos fracos concede por sua brandura a piedade, ou por seus occultos juizos; e para outros fins communica aos fortes, e aproveitados.

E diz, que he necessario servir a Deos com humildade, com lagrimas, e com tentações. A razao he. Porque pela humildade, se padece sem queixas; pelas lagrimas, se satisfazem as culpas, e pelas tentações resistidas, se fazem das virtudes os habitos, e se adquirem os merecimentos. Continua esta doutrina com grande verdade, e discrição, com exemplos, e com dou-



doutos lugares. Porque as Almas tenras importa dar-lhes o pão molhado no mel, e no leite. Diz, que fuja muito do que for vangloria, e de parecer triste, e que não murmure. Porque com estas tres cautélas se conserva, e compõem o homem, que começa a servir a Deos. Porque como estes tres vícios, hum descarega no coração, que he a vangloria; outro no rosto, que he a tristeza; e a murmuracão na boca, e na lingua: compondo a lingua, coração, e rosto, está aparelhado, e disposto para entrar aos exercicios do espirito. Porque este he o tempo, em que são mais necessarias a paz, a alegria, e o silencio.

## C A R T A LXXVI.

*O Amor de Deos more nas nossas Almas.*



Eu Padre Fr. Jorge. Estimo as novas de V. R. quanto não digo. Espero que Deos me dê algum tempo, em que mostre mais ao perto quanto as festejo: e assim será sempre, que eu saiba de V. R. corresponde á sua vocação, que foi de ser Santo; e ainda não he qual deve ser. E se estas humildades por eserito não fahem de todo o coração, hypocrisias são finas, que se vestem da libré dos Santos, para beber a estimação das virtudes. Não creio eu de V. R. isto. Mas se o faz de todo o coração, até esse conhecimento o refira a Deos, de quem vem tudo o que he bom, e chore o mal, que lhe agradece seus divinos beneficios: e até se não ter por peor que todos, tenha-se por soberbo.

A Regra de meu Padre S. Francisco, primeiro que tudo, se fundou nesta santa humildade; e a outra columna na fantissima pobreza, que consiste não no exterior, senão no interior de não desejar nada, aborrecendo toda a afeição, ainda áquelle pobre uso, que nos he necessario. Por isso veja este interior, e corresponda no exterior ao menos. Porque não o fazer assim, he ser hypocrita. E aindaque em outras

vir-



virtudes devemos ser recatados , na santa pobreza devemos ser publicos. Porque he fundamento da nossa Regra. E quem disto não for muy observador , aindaque o vira fazer milagres, não crêra que era filho de meu Padre S. Francisco : que nem para esmolas quiz tocar o dinheiro , que achou na estrada. Bem supponho , que em V. R. haverá esta , e muito maior observância , e mais tendo por seu Mestre ao meu Padre Fr. Jacintho , a quem V. R. me recomende muito , que estimo sua melhoria. E se Deos for servido , alguma hora me irei aproveitar de sua presença. A' manhaã parto para Serpa. A Carta do Padre Fr. Balthazar para V. R. remetti ha dias, por via do Padre Fr. João dos Prazeres ; se me não engano. E tinha eu para mim , que já estava entregue. Farei diligencia , por saber se se remetteo. E farei tudo quanto posso , aindaque seja nada tudo , por servir sempre a V. R. A quem peço muito me encomende a Sua Divina Magestade, e me recomende aos amigos. E a Deos , que guarde a V. R. como lhe peço , e desejo. Béja de Novembro 4 de 1673.

Irmao , e Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

Naõ tenho tempo de mandar o Regimento , que está por trasladar , mas em podendo , o farei. Fr. Diogo , e Fr. Domingos , que foi seu Mestre , se recommendaõ a V. R.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a certo Religioso , sujeito de letras , e virtude : e que havendo exercitado a occupação de Deputado do Santo Officio, tomou o Habito da Religião Serafica na sua mesma Provincia. Diz-lhe , que se alegra muito com as suas novas , e que assim será sempre que saiba que corresponde á sua vocação , que foi de ser Santo , e ainda não he o que deve ser. E por este modo ensina que os homens , que entraõ na Religião por inspiraçoes , e auxilios ; e que por esta luz mostrão desprezar o mundo , não só estão obrigados a dar hum mediano



diano exemplo, ( que esta obrigação he de todos os Catholicos em qualquer estado ) mas a caminhar ao cume da perfeição pelo mais aspero das virtudes. E esta he a de que falla o Veneravel Padre.

Diz-lhe, que ainda não he o que deve ser. Porque supposto que assim somos todos, em quanto vivemos neste mundo, onde até a ultima hora temos que trabalhar no edificio da nossa Alma: Com tudo diz-lhe a elle particularmente, para que se acoutellasse de alguma satisfação dissimulada, com que o demonio procura fazer as boas resoluções menos meritorias. Diz-lhe, que se aquellas humildades por escrito não eraõ de todo o coração, que eraõ finas hypocrisias. Porque em outro Religioso, que se criasse na Religião de menino, poderia ser modo, ou habito, em que se cabe sem fazer discurso; mas em hum sujeito, a quem chamára a verdade, e o desengano, não ha aquelle descuido. E se não he sinceridade, leva artificio.

Diz, que até se não ter por peor que todos, se tenha por soberbo. Esta doutrina me parece não era só para este R. P., mas para todos igualmente. A razão he. Porque nós bem podemos de nós mesmos fazer juizo, e do proximo só a Deos he reservado: desorte, que sabendo de certo os nossos peccados, não sabemos a gravidade dos alheios. Mas com huma differença: que communmente basta que tenhamos para nós esta verdade, sem ser necessario puxar por ella. Porém áquelle Religioso convinha meditá-la com grande cuidado, até a assentar em seu coração, e em seu discurso. Prossegue, mostrando a obrigação da Regra, que professára, e a differença, com que se devem praticar estas, ou aquellas virtudes. Porque de se não fazer esta distincção, se seguem imperfeições grandes. Porque ha virtudes, que não só em hum Religioso, mas em todos os Christãos devem ser publicas, como são as tocantes á Regra, ás Constituições, e aos Votos, e no secular os preceitos geraes pela Igreja postos, e os Mandamentos. E se havendo occasião estas não forem publicas, será dar escandalo. E pelo contrario as particulares se devem obrar com recato; menos em algum caso de exemplo, que tambem he obrigação nos Catholicos.



## C A R T A LXXVII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Adre N. A Graça de Deos quando vem a algumas Almas, e lhes manda primeiro suas inspirações, he como os Senhores, que vão pelas estradas, e mandaõ seus criados prevenir o aposento. Chega o criado á estalajem, e diz: Ha aqui aposento, onde se agazalhe hum Fidalgo esta noite? Ha pouzada conveniente para descansar aqui? Se a Estalajedeira he vil, e pouco cortez, e tem a sala cheia de Caldeireiros; pelos não desinquietar, e deitar fóra, responde: Não ha pouzada. Vay-se o criado, e busca outro aposento. E se o dono he entendido, tudo despeja, varre, affeita, e orná, para agazalhar o Senhor. Deita fóra tola a canalha, que lhe embarça a casa. Chega o Senhor, e enriquece-o. Assim a Graça de Deos, quando manda seus criados, isto he, suas inspirações, e auxilios a Almas mundanas, que tem a casa da vontade cheia de Caldeireiros do Inferno, não acha agazalho nellas. Porque os peccadores se dão por bem achados com a canalha dos vícios. E tudo nasce, de que não são dos Cortezaõs do Ceo. Mas os que são do Ceo, despejaõ a Alma de cuidados, e não só para Deos trataõ de ter o aposento desembaraçado; mas tambem para todas as inspirações a casa muito livre. Desgraçados daquelles cegos, que deitaõ de si a Graça de Deos, que os vem a vêr, aonde as vocações Divinas não achão, nem tem entrada. Não faça escrupulo de fallar com Deos, e achar-se com elle, quando se vir nua, e despida das virtudes, que deseja. Porque esse pejo, que a Alma sente, entãõ lhe serve de gála, que o Senhor se enamora, com tanto que dalli a diante faça por andar melhor vestida.

Entenda pois V. M., que essas inspirações são huns recados mudos, e despertadores vivos, que chamaõ á presença



ça de Deos seus affectos , e que já he tempo , em que a froxidaõ se não vista de desculpas , e a ingraticidaõ de offensas. Veja o que fora querido , e melhor tratado hum Deos , que não deixa a V. M. quando se pudera ausentar esquecido. Faça o que elle lhe ensina, pondo-se em qualquer lugar em sua presença. Ame ; quando não , chore. Chore ; e doa-se, quando não ama. E faça por lembrar-se sempre dos divinos beneficios ; fazendo de todas as creaturas memorias de Deos , paraque todas a espertem , todas a acordem. Muitos ha , que trataõ a Deos , como a fonte : ella com o ruido os chama , com suas doces agoas os deleita , bebem , recreaõ-se nella , e logo lhe daõ as costas. Não seja V. M. assim. Chegue-se á fonte , pois com seu espirital estrondo a convida , beba , regale-se nella , mas não lhe perca a lembrança. Saõ as costas da Alma os descuidos. Olhe para ella , veja , e veja-se , que saõ os olhos da Alma as memorias. Oh que sou má , imperfeita , e não mortificada , me diz V. M. Assim a quer Deos , paraque no profundo valle de suas misérias faça throno de suas misericordias. Além d'isto , se V. M. miseravel deixar de amar a Deos , como , sendo peor , no descuido espera ser boa ? Boa se ha de V. M. fazer pouco a pouco pelos conhecimentos de má ; e quanto por mais ruim se tiver , tanto a Deos parecerá melhor.

Deos he espelho , põem-se-lhe diante. Grande signal de estar alli Deos , ter-se V. M. por taõ feya. Porque he signal , que nesse espelho se vê. Quando se tem em melhor conta , nasce de que o espelho lhe falta. Use V. M. os Exercicios , que lá mandei , quando puder : que de cousas simples se fazem as purgas melhores. E se quer aproveitar , aproveite-se da Obediencia. A inveja dos Servos de Deos he santa. Inveja-as a todas , festejando seus augmentos. Imitte-as no que he possivel , e será como ellas. Não he o Tórno o que faz o mal , a curiosidade sim. Mortifique a curiosidade , e tome tudo o que ouvir por motivo de lembrar-se de Deos. E fique-se nelle. Nos mais exercicios continúe V. M. , que a carreira não se vê se foi boa , quando começa , senão quando acaba. E entenda que de tudo o que fizer por Deos , não lhe ha de vir mal , senão pelo que não fizer. Amor , e  
mais



mais amor de Deos, ou morrer, ou amar: e fazer tudo por seu amor, e por dar-lhe algum contentamento: que o seu maior amor em nós, he querê-lo, e nada mais que fazer sua Divina vontade. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como eu lhe peço, e peça-lhe que a mim me guarde.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

### N O T A.

**E** Sta Carta escreve o Veneravel Padre a certa Religiosa, exhortando-a ao exercicio das virtudes, por hum exemplo, aindaque commum, e ordinario, muito natural, e muito proprio para o intento. E estes são os que mais facilmente persuadem ao animo, porque correm sem artificio. E depois que continua mostrando com tanta clareza, como recebemos, ou não admittimos a Graça, diz, que os que são Cortezaões do Ceo, isto he, que attendem a fazer a vontade Divina, despejaõ a Alma de cuidados, não só para Deos, mas tambem para todas as inspiraçoens. Porque muitas pessoas procuraõ guardar os Mandamentos, e fazer das virtudes hum exercicio ordinario; e com tudo não crescem na perfeição do espirito; porque não abrem, ou despejaõ o aposento ás inspiraçoens, e auxilios, com que Deos lhes bate á porta, chamando-os á vida mais alta, e mais perfeita. Estes não se adiantaõ, como pudérãõ, e tambem tem seu perigo, mas não são desgraçados, como aquelles, que lançaõ de si a Graça, a quem o Servo de Deos chama cegos.

Diz, que não faça escrupulo de fallar com Deos, quando se vir despida das virtudes, que deseja. Porque aquelle pejo, que sente, lhe serve de galla, de que o Senbor se enamora. A razão he. Porque este pejo he humildade, e confusão nascida do conhecimento de nossa miseria, e he a primeira disposiçãõ, que Deos busca nas Almas. Mas porque este conhecimento pôde ser só nascido de hum abatimento de espirito esteril, e infructuoso, continua dizendo, que com tanto que dalli em diante faça por andar melhor vestida; isto he, o proposito de trabalhar nas virtudes, com que adorne sua Alma.

Diz,



Diz, que entenda que estas inspiraçoens são huns recados mudos, e huns despertadores vivos, que chamaõ á presença de Deos seus effectos. Chama-lhe recados mudos; porque fallão no coração, e não se ouvem, se não se escutaõ em silencio, apartando ao menos o affecto do tumulto, e do arruido dos cuidados vaõs, e esbrondosos. E diz despertadores vivos; isto he, para quem os ouve naquelle silencio: que para quem assim os não admitta, nem são vivos, nem despertadores. Diz, que faça o que Deos lhe ensina, pondo-se em sua presença, paraque entendamos que, sem estarmos attentos, mal poderemos ser ensinados.

Diz, que muitos trataõ a Deos como a fonte, que bebem, e se recreaõ nella, e logo lhe daõ as costas. Falla o Veneravel Padre de pessoas espirituaes, a quem Deos dá alguns sentimentos, por ver se lhe prende os cuidados; mas como não buscaõ mais que a consolação do amor proprio, só perseveraõ em quanto dura o allivio. Diz, que quanto mais por ruim se tiver, tanto a Deos parecerá melhor, e que Deos he o espelho, em que vê seus defeitos: isto he, que vejamos em Deos o que lhe devemos. e conheceremos em nós o mal que pagamos: e confessando sua misericordia, e nossa miseria, entaõ lhe seremos agradaveis, quando formos humildes. Diz, que a inveja dos Servos de Deos he santa: mas prossegue logo, que festejando seus augmentos. Porque esta inveja sem aquella alegria he suspeitosa, e não tem outro final de ser santa, senaõ he o contentamento, que tem juntamente do bem, que se inveja no proximo. Diz, que não he o Torno o que faz mal, senaõ a curiosidade. Parece que esta Religiosa se affligia de assistir na Roda. Porque ordinariamente attribuiamos a outras cousas os effectos, de que nós temos a culpa; principalmente quando a occupaçaõ he dada pela obediencia.



## C A R T A LXXVIII.

*O Amor de Deos more , e arda em nossas Almas.*



Rmaãs muito amadas em meu Senhor Jesu Christo. Hontem o ultimo de Settembro recebi feis massos juntos de Cartas vossas , que estavaõ retardadas nesta Côrte , por sennaõ saber onde eu estava. Tive grande consolaçaõ com as novas , que me dais ; e assim como o soube, dei muitas graças a Deos; porque me corriaõ por cá diferentes novas. He necessario entender , que a vida de huma Religiosa , he huma vida crucificada, em quem Nosso Senhor Jesu Christo vay estampando , e esculpindo a sua Morte, e Paixaõ ; sendo as tintas as virtudes , com que huma hora a paciencia , outra a mortificaçaõ , a caridade , o sofrimento , o zelo , e todas as mais virtudes se haõ de vér em quem em Christo crucificado se transformar. E para isto viesdes á Religiaõ. E para poder gloriar-vos nisto , e ter fortaleza nas penas , e serem estas as nossas maiores glorias , he necessario que tragais na memoria a Imagem de meu chagado Jesu , e que de quando em quando pondo os olhos nelle , e nas suas penas , vejais quanta differença vay dellas ás vossas , e daqui tomeis animo para entender , que he este o verdadeiro caminho , e quanto for mais , mais pressa vos daõ para vos chegar á uniaõ de Deos , e ao cume de santidade. E por isso os Santos amavaõ muito a seus inimigos , conhecendo claramente que esses saõ os instrumentos de sua perfeiçaõ ; assim como as limas , que roem ; martellos , que golpeaõ ; fornhalhas , que abrazaõ ; saõ instrumentos do ouro para chegar a ser joya.

A vida he breve , a Eternidade comprida , as perfeiçoẽs acabaõ-se , o premio eternamente dura. E se a santidade de meu Senhor Jesu Christo naõ subio ao Ceo , sennaõ padecendo ; eu , e vós , como poderemos subir sem fazer esca-

cada



cada de padecer? Esta he a Cruz, que nos manda levar. Diante vay elle com a sua Cruz, para nos dar animo com seu exemplo. Até morrer tratai de não desfamar: que será grande desgraça perder em hum ponto, o que em tantos annos mereceo. Esta he a verdadeira Oração. Porque os outros descansos com meditações, e orações gostosas muito á nossa vontade, são chimeras da vaidade, mais que Orações. Vede o que diz o Senhor, que nos não dá tentação sobre nossas forças, e que a paciencia nos chega á perfeição, e nos faz tomar posse das nossas Almas. E por isso o mesmo Senhor diz: Bemaventurados os que padecem pela justiça: isto he, por serem justos, e por defender o que he justo; porque delles he o Reyno do Ceo. E em outra parte: Então sois bemaventurados, quando de todos sois perseguidos, e vos chamão malditos, mentindo quem vo lo chama. Não diz: Então sois bemaventurados, quando estais em descansos, extasis, e consolações. O caminho já o achastes. O que importa, he ir por elle. Áspero parece: porém mais áspero será o Inferno por huma Eternidade. Ay daquellas, que por aqui forem! Que estas são filhas da maldição de Deos. Mas ainda assim, offerecei vossas orações, e sacrificios pelas que vos parecem peiores. Porque em quanto estamos nesta vida, capazes estamos, ainda que com a misericordia de Deos, em havendo verdadeira emenda, sejamos Santos. Por isto em cada pessoa os vícios aborrecei-os, mas as creaturas de Deos amay.

Ponde os olhos em mim, e vereis a mais má Alma, que tem o Mundo. E ainda assim me não engeita Deos: antes me anda dando tempo de penitencia, para me salvar. Vosso Irmão foi para o Algarve: até o Capitulo ha de estar lá. Mas he pouco tempo. Não appelleis para elle, senão para Christo. A elle recorrei, com elle vos aconselhai, pondo-lhe na oração diante o desamparo, que tendes de quem no mundo vos guie. Lembrai-vos de vosso Pay, meu Padre S. Domingos, e vosso Anjo da Guarda, e Nossa Senhora. E antes morrer, que fazer cousa mal feita. Das infamias, e affrontas, que vos fizerao, vos faz Deos a vossa corôa. Breve he o tempo. Cedo vos pezará de não ter padecido mais. A paciencia sabe a não perdeis, por sentir muitas ondas de ira; senão



por consentir em algum desejo de vingança. Nem vos alegreis no mal, que póde vir a quem vos não quer bem: antes senti suas misérias espirituaes, muito mais que todos os males corporaes. Vede, que conta Blofio, que em tres para quatro mezes chegou á perfeição huma Religiosa, por offerecer a Deos todas suas obras por quem a perseguiu.

Santa Ifabel de Ungria, sendo filha de Rey, e sendo lançada do Reino por seus vassallos com tanta infamia, e desamparo, que ninguém a quiz agazalhar, passando a noite em huma casa, onde se recolhiaõ porcos, e offerecendo em Oração á Deos suas boas obras por seus perseguidores, appareceo-lhe Christo, e disse-lhe: Nunca tanto me agradará todas tuas Orações, como esta, que fizeste agora. E alli lhe fez grandes favores. Continuar, e calar, e esperar da Bondade de Deos, que não desampára aos seus, pois não desampára as viboras, as cobras, e as serpentes; antes de todos trata, e a todos ampara. Eu vim para esta Córte a convalescer de humas febres cezoës, e sangrias, que tive em Setuval desde os principios de Settembro: e por isso não tenho começado a prégação de Lisboa: que com o favor de Deos começará no fim deste mez. Já estou melhor. A' manhaã me recolho, e me sumo huns vinte dias para o estudo. Pedí a Deos me tenha de sua mão. E se elle me levar a parte, donde vos possa ajudar com alguma cousa, não me esquecerei. Entretanto encommenda-me a Deos, que vos guarde, como lhe peço, e desejo. Hoje o primeiro de Outubro de 1674.

Irmaõ inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**sta Carta escreve o Servo de Deos a suas Irmaãs Religiosas. E depois de lhes dizer que tinha muita consolação com suas noticias, lhes diz que o que lhes he necessario, he entender que a vida de huma Religiosa verdadeira ha de ser huma vida crucificada. E diz logo, que considerem, como amavaõ os Santos



tos a seus inimigos : mostrando por este modo, que a perfeição da Cruz propria está em ser dada pela mão alheia. Porque , supposto que muitas vezes he necessario que a nossa eleição faça a nossa Cruz : com tudo não sei que tem a nossa escolha , que sempre a faz mais suave , por pezada que seja. E pôde ser que por esta razão nos não manda Christo elege-la , senão tomá-la. E porque nos não fique duvida , diz primeiro que se ha de negar quem o houver de seguir. Porque parece não o imita , quem só toma a Cruz , e segue o caminho , se antes se não nega a si mesmo. Diz mais abaixo , que a vida he breve , e que as perseguições se acabão. E não entendo que dizia isto o Veneravel Padre tanto pelas consolar , quanto pelas instruir. Como se lbes dissera : que se dessem pressa , porque se não sabiaõ aproveitar-se , passaria o tempo de padecer , e morrer.

Diz que esta he a verdadeira Oração. Porque certas meditações á nossa vontade , aonde se não mortifica , antes se consola a natureza , são chimeras , e enganos , com que nos lizongea o amor proprio. Arazão he clara. Porque se o Reino do Ceo padece força , de necessidade nos havemos de fazer violencia. E esta sempre he mais esforcada , quando menos se arrima á eleição propria. E por esta razão profegue logo com os que Christo chama Bemaventurados : e estes se fazem nas enfermidades , nas perdas , nos desgostos , e prova dos inimigos , se tudo levamos com paciencia , e soffrimento. Traz logo aquelle exemplo de Santa Isabel de Ungria , e diz , continuar , e calar. Arazão he. Porque parece que quem não cala , não continúa. Porque ha pessoas , que podendo soffrer a outras , se não sabem soffrer a si mesmas : e lbes he mais facil de receber no coração huma ferida , que dilatar huma palavra na boca: por onde , desaggravando a queixa , se faz a mortificação pouco meritoria.



## C A R T A LXXIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Uito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. V. M. buscou no retiro consolação, e desaffogo, e por isso não achou o que buscava no retiro. Se buscára Cruz, que he onde Deos se acha, achára não só a Cruz, mas a Deos, que he fonte de toda a nossa consolação. O remedio, que isto já agora tem, he dar graças a Deos por tudo; pois sempre se colhe ahi algum proprio conhecimento de nossa propria miseria. E não he pequeno fructo. Deos quer que V. M. vá pela estrada dos escolhidos, e dos valentes: muita cutilada, e golpes de desconfortações são todas para nosso bem. Porque nellas, se persistirmos, bem mostramos a Deos, que não buscamos allivio, senão sua Divina vontade. E esta, quanto mais ás seccas o servimos, mais merecimentos nos concede. Cuidava V. M. que neste recolhimento logo se havia de pôr na Essencia Divina, e andar lá pelos attributos de Deos, fugindo da Paixão de Christo. E Nosso Senhor não quer isto: senão que amemos muito a Christo crucificado, que o tragamos nas nossas Almas impresso. E o modo, com que se faz isto, he andar crucificado tudo: crucificado o coração sem allivio, crucificada a vontade sem consolação, crucificada a memoria, os olhos, os mais sentidos, sem ter algum refugio. E eis-aqui como se anda em Christo crucificado. Assim andava S. Paulo. Mas he necessario que haja valor, para que no meyo deste Deserto, em que tudo he secco, tudo serpentes, tudo soledades, se não suspire pelas cebólas do Egypto; isto he, qualquer allivio, ou consolação de creaturas, e que ingrementem em Deos constituamos todo o nosso ultimo fim, e busquemos nelle o summo Bem. Além disto, o que Deos mais quer de nós, he que examinemos o que somos, e o como estamos. Como agora  
fallar



fallar V. M. com a sua Alma, e dizer-lhe: Alma, estais já santa? Memoria, Entendimento, Vontade, estais já purgados de vossos vícios? Olhos, ouvidos, estais já santificados? E se o não estão, ainda ha vaidades no fundo da Alma com alguma satisfação de si mesma, e gosto occulto de parecer humildade, de enganada, virtuosa.

Estas são as nuvens, que se oppõem ao Sol. Estas as paredes, que se interpõem entre a Alma, e o Esposo. Estas as espinhas, eervas ruins, que não deixão nascer o trigo. Mas ainda que ache muito disto, não se desconsola: que não ha Ouro sem fezes, Sol sem eclypses, Tela sem manchas: quer Deos, que assim se purguem tantas vaidades, e soberbinihas, como V. M. tinha neste corpo, e dentro dessa Alma. Por isto com duas azas ha de voar agora: a primeira he penitencia, e a segunda graças a Deos: tendo-se por indigna de padecer, e parecendo-lhe pouco o que padece por Deos. E ainda que o fazer isto lhe pareça violento, faça-o como puder, que Deos o aceita, e as Almas são como as arvores, que no Inverno estão como mortas, mas lá vem o tempo, em que dão seu fructo. E o quando, he quando convem. V. M. o ha de dar, mas ha de ser quando tiver mais humildade do que tem agora. E tambem espero que a tenha; porque tudo dará Deos, que he bom Senhor, que assim paga, ainda que o sirvamos mal.

Não se cance V. M. muito nos retiros. Siga as Commu-  
nidades. Visite as enfermas. Affente-se no Côro, e esqueça-se nelle o que puder. Não falle, nem escreva a ninguem, como se morrêra para todos: e assim lho mando; porque assim convem. Não se queixe de nada, nem se desculpe. E se chorar, e sentir, rebente diante de Deos. Não ande V. M. com essas mortes ás costas; traga a de Christo diante dos olhos. E faça muito, por me não querer Profeta. Porque, se fizer estes reparos, no que lhe digo singélamente, não lhe escreverei, nem fallarei. Porque Deos não me tem dado este dom. V. M., e eu, e todos, podemos morrer cada hora. E para bem devemos com esta certeza andar aparelhados para todo o tempo, e desta sorte obrar muito, vendo que he pouco o espaço, que temos, ou para a satisfação, ou



para o merecimento, ou para a caridade. Lea por esses Livros, que são bons. E o Directorio he cousa excellente: muitos tempos o trouxe comigo. As repugnancias he o melhor, que V. M. tem. Porque se as não tivera, tivera pouco merecimento. Vencê-las he triunfo: deixar vencer dellas, froxidão, e desmazelamento. Se eu lá estivera, fora peor. Lá está Deos. Chame-o, falle-lhe, e trate-o como Pay, e Amigo, que á cabeceira, e ao lado, e a diante, e atrás, e ao redor, e em toda a parte anda em continua espreita, e presença de V. M. Aproveitar dos thesouros he o que importa. Pouco serve ter a botica em casa, se nos não valemos della. Quando lá for, fallaremos nos mortos. Agora o que importa, he crucificar os vivos, e tapar a boca ao diabo, que não tenha que nos dizer no dia do Juizo. E quando V. M. deixar todo esse mundo, não só achará Fr. Antonio para a ajudar a V. M. na jornada do Ceo; ao mesmo Deos achará. Elle guarde a V. M., e lhe dê todas as felicidades da Alma, que lhe desejo. Deserto de S. Jeronymo 7. de Agosto.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa. Começa dizendo, que pois buscou no retiro consolação, e desafogo, por isso não achou o que buscava no retiro. Porque parece se havia algum tempo apartado para se applicar á contemplação, e ao recolhimento. E por praticarem mal esta doutrina, são tão raras as Almas, q não só não chegam ao estado da perfeição, mas nem a conseguir a virtude da indifference, tão necessaria para a uniaõ com a Vontade Divina. Muitas pessoas buscam o retiro, e cuidando que buscam a Deos, se buscam mais a si mesmos. Porque já se consideraõ em paz, em silencio, gostando da luz soberana por meditaçoens muy puras, e altas, com huma devoção, e lagrimas muy saborosas, e ainda com grande consolação das mesmas penitencias. Em fim, com huma consciencia tão pacifica,



fica, e hum a consolação tão gostosa, que menos que o Ceo, não ha suavidade mais para appetecida. Isto não he buscar a Deos; porque não he seguir a Christo: he seguir o amor proprio, e buscar o descanso. Este modo de Cruz não he da que o Senhor falla no Evangelho: Se primeiro nós não negarmos a nós proprios.

Diz, que o remedio, que tem, he dar graças a Deos; isto he. humilhar-se, para que voltando sobre si mesma faça a Cruz de sua imperfeição propria: que esta he a desfeiza, com que sabem pelear contra os Demonios a confusão, e a humildade, com que pelos auxilios da graça tem havido tantas quedas ditosas. Diz, que com tudo he necessario não suspirar pelas cebôlas do Egypto. Arazão he. Porque hum coração mal habituado entrando em hum exercicio aspero, e secco, se não fechar com fortaleza bem as portas aos pensamentos vaõs, e perigosos, que são como colas das lagartixas, que ainda se não vem depois de cortadas; entre o reboliço daquelles cuidados, nem se torna a compôr o espirito, que Deos busca em silencio: isto he, apartado dos affectos, não só vistosos, mas escusados.

Diz, que se não cance em retiros, que siga as Communidades, mas que não escreva, nem falle a ninguem: que não se queixe, nem desculpe, como se morrera para aquellas cousas. O Veneravel Padre era grande Piloto da navegação do mar do espirito. Diz que em retiros se não cance, e logo manda-lhe usar do retiro mais exaeto, e mais forte. Porque como entendia que lhe era necessario, mudou-lhe o modo, e não a substancia; para que a apprehensão não concebesse algum tédio. De que nasce às vezes certa desconfiança tão perigiosa, que tem feito cabir muitas Almas. E alguma vez pôde ser culpa de quem a governa. Diz, que as repugnancias, com que se achava, eraõ a melhor cousa, que tinha. Porque sabia que esta Religiosa estava resoluta, ou a sopportá-las, ou a soffrê-las. Porque assim como nós fracos, e principiantes são perigosas, nos aproveitados são de grande merecimento. E o exercicio, com que insensivelmente se fazem os bons habitos, não ha outro caminho, sem ser milagroso, para conseguir as virtudes, senão he o rigor das difficuldades.



## CARTALXXX.

*O Amor de Deos more, e arda na Alma de V. M.*



Ada vez me acho mais obrigado á memoria, e cuida-  
do, que V. M. tem de mim. Deve de ser, porque  
Sua Divina Magestade sabe que hey mister todos  
estes soccorros para a batalha, em que ando, e to-  
dos estes apistos para a fraqueza, em que vivo. Pague Deos  
a V. M., que eu já não acho outro caminho para desempe-  
nhar-me, mais que o impossivel de fazê-lo sem appellar para  
Deos. No que tóca ás palavras da Escritura, se se dizem  
com sentidos mãos, e profanos, tem hum Breve contra si,  
que os prohibe. Se acaso se dizem, não he peccado; não o  
fendo aquillo sobre que se dizem. Salvo, quando a vaidade  
de as dizer, as faz repetir. E ainda então não passa de ve-  
nial. Se he com bom intento, e sem vangloria, podem-se  
ás vezes usar. Os Latins he vicio, de que V. M. não deve  
usar.

Para esta Ascensão todo o amor he pouco, e nenhuma  
saudade he muita. Folgára, que das presenças deste Myste-  
rio tirára V. M. todos estes dias huma grande saudade, e  
com ella na Alma, nos sentidos, e pensamentos andasse até  
passar este dia, dizendo: *Meu Deos, e minha saudade, quan-  
do será possível que esta saudade acabe na vossa vista? Quan-  
do, quando, meu Deos?* E o mais, que dêr o Espirito Santo.  
Não faça penitencias do corpo; salvo as que dêr a Obedien-  
cia, se as houver: na Alma todas as mortificações, que a di-  
vertirem disto. Nos olhos, nos ouvidos, no fallar, faça as  
mortificações, que puder. Entendo que os silencias, e os re-  
tiros são a conversação, e o lugar, onde se acha, e se trata  
com Deos. Por isso elle dizia á Alma, que á solidão a leva-  
ria. Esta he a solidão, onde V. M., quando lhe falte a pre-  
sença, lhe não faltará a saudade, que até nas presenças mo-  
ra :



ra: que sente as ausências até nas vistas: que como são nesta vida imaginarias, ou só certezas da Fé, ausências são mais que vistas. Consiste esta solidão em viver V. M. em hum Deserto, que se chama memoria de Deos, tão só, tão deserta de tudo o mais, que nada mais passa pela memoria. E o amor faz com que esta se despeje, e fique totalmente solitaria de lembranças de creaturas com humas palavras muitas vezes repetidas: *Deos, e nada mais.*

Para o Espirito Santo use V. M. antes Quarta, e Sexta de cilício, quanto ao corpo; retiro, quanto á Alma: crendo por Fé, que aquelle Fogo Divino em faiscas abrasadas lhe cahio no coração, e que cada huma levanta huma chãma no espirito, a que diz: *Meu Deos, e meu amor, amor eterno meu, desejo eterno meu.* E ande interior, e exteriormente, quanto puder, com esta abrasada noticia: crendo que huma faísca espiritual he a Formosura Divina, outra a Omnipotencia, outra a Bondade, outra a Sabedoria, outra a Misericórdia, e assim os mais Atributos de Deos. Mas quando cerre a memoria na Essencia Divina, estendendo a Alma, deixe ir o espirito nesse fogo, nesse abrasado desejo de se unir, ou entrar com Deos, ainda que sesuma, se absorva, se transfunda, se anniquille, e desapareça, sem deixar nada de si: e sobre tudo accommodando-se passiva, ou activamente á obra do Espirito Santo.

Depois de passar este tempo, se não adoecer, tome huma disciplina cada semana, de mais a mais das que houver na Comunidade; e faça por andar, hora no quarto, hora no quinto exercicio do Eschio; até que nos vejamos, ou V. M. saiba donde lhe posso escrever, ou ter novas de mim. Daquella pessoa, que acaso me visitou, porque hia fazer huma diligencia, não tive mais novas, nem mandado, nem a sua visita pedia isto. Com que he chimerico, quanto neste particular se sonha, e cuida. No que V. M. póde estar certa he, que com a Bondade Divina não me quebranta nada do que nisto disserem de mim de mal. Defenda-me Deos do que disserem de mim de bem: que como de Deos espero o que tenho que esperar, deste mundo não quero nada; e por isso desejo desprezar igualmente o seu bem, e o seu mal.

Peça



Peca V. M. a Deos, que seja sempre assim; se assim he maior gloria, e honra de Deos.

Todo o mais que V. M. me recommenda, tal qual sou, o farei, desejando os prestimos, que não tenho, para satisfazer ás obrigações, com que fico. Os Livros, em que V. M. me falla, se se acharem, peça-os, e ponha-os na Livraria. O Directorio de S. Francisco de Sales, traga-o consigo sempre: o Eschio para os exercicios. E quando tomar horas para algum divertimento, lea por aquelles, que tenhaõ as materias, em que V. M. se exercita. Lea tambem pelo Andrade, que os exemplos são ás vezes esporas do espirito. Quererá Sua Divina Magestade, que se renovem por muitas vezes os annos, e o espirito, com que V. M. começou em dia de tão grande Santo. E pois em esse trouxe Deos a V. M. á Religião, faça, em memoria sua, porque seja a Fé, huma das principaes virtudes; muito amiga sua.

Não he pequena haver-me soffrido até agora; maior será daqui adiante. Offereça V. M. alguma por mim a Deos, que não me contento com os suspiros; não porque elles sejam cousa de ar, senão porque esse, e muito mais fogo de Deos hey mister para accender as minhas friezas, e froxidoes. Onde quer que estiver, hey de escrever a V. M. em podendo. Se faltar, soffra-me desprimoroso, pois me não engeitou maldito. E tome por sua empresa fazer-me dos abençoados de Deos, ao menos quanto em si he, e por suas Orações. A Madre N. agradeço as lembranças, e offereço minhas recommendações. E por ella, e por V. M., quanto posso, offereço minhas miseraveis Orações, e desejos, que tenho de vêr a V. M. no mais alto estado da perfeição, a que espero leve Deos a V. M., e a guarde por muitos annos em sua Graça, como lhe peço, e desejo. Sacavem, dia de S. Bernardino.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*



## N O T A.

**E**sta Carta começa o Seruo de Deos, dizendo a esta Religiosa, a quem escreve, o muito que lhe está obrigado, e que Deos sabia quanto necessitava daquelles soccorros, que consistião em Oraçoens, e avisos: ensinando por este modo, que os beneficios, que recebemos das creaturas, os devemos attribuir á liberalidade Divina. Assim tambem recorre ao Senhor, para a satisfação, e a paga. Diz logo, como pôde, ou deve trazer os lugares da Escritura, e que os Latins he vicio, de que não deve usar. Não impede, que algumas vezes os possa repetir, e por isso desusar. Porque hum Religiosa não he hum Cathedratico de Medicina, para andar continuamente com textos, e vocabulos Latinos na boca. E estes são os termos, a que o Veneravel Padre chama vicio a esta frequencia.

Diz, que para aquella Festa da Ascensão, que dalli a poucos dias se celebrava, que todo o amor era pouco, e nenhuma saudade era muita. E falla por estes dous termos de amor, e saudade. Porque ha pessoas, que se tem por espirituaes, e exercitaõ as virtudes, e celebraõ muito os sagrados Mysterios; mas taõ pouco saudosas, que desejaõ viver ainda nesta vida alguns annos. E por isso dizia o Grande Gregorio Lopes, que era vergonha, que huma pessoa, que se dava ao espirito, desejasse viver neste mundo.

Prosegue com hum Direcção interior, cuja disposição he o retiro, e o silencio. E este retiro, e silencio verdadeiramente consistem na memoria, e na vontade. Porque a vontade se põem o silencio, lançando della o desejo do trato das creaturas, e na memoria se acha o retiro, affastando as imagens vaãs, e escusadas, que occupaõ a fantasia. E purgadas com fortaleza estas duas potencias, ficam lugares dispostos para tratar a Alma com Deos por meyo da Graça. E he este o modo de sentir as inspiraçoens, receber as luzes, e entender a soberana vontade.

Respondendo sobre certa cousa, de que parece o arguiaõ, e em materia, que lhe não vinha á memoria, diz, que esteja certa, que o não quebranta dizerem delle mal; que o defenda Deos do que differem de bem. A razão he: Porque dizerem mal, que



que não obrava, era merecimento, que conseguia; e este merecimento deve de ser de nós muito estimado; porque he sem alguma diligencia adquirido. E porque he sem diligencia nossa, parece dado pela liberalidade Divina. E diz, que Deos o defenda do bem, que differem delle. Porque sabia o Veneravel Padre, que na guerra do espirito, menos penetrantes são os golpes do ferro, que os tiros do agrado: e como o espirito nesta República he o soberano, o seu maior perigo se dissimula na lisonja, e no valimento.

## C A R T A LXXXI.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. M.*



E chegada a hora, em que Deos he servido que me parta. Bem quizera eu nella dar satisfação a muitas obrigações, que tenho a V. M. Mas em tão estreito tempo apertada ha de ser a hora. Madre Soror N., aindaque eu fora para muy longe, o papel, e a tinta faz das ausencias pertos. E onde quer que eu esteja, não estou apartado, se estamos em Deos unidos, como linhas no Centro, ou rayos no Sol; distantes sim. Mas para essas distancias, que não são de mar em fóra, tambem ha remedio. E assim quando a V. M. lhe seja possivel, ou necessario dar-me novas suas, não se esqueça: que em toda a parte se haõ de fazer tão bom lugar, como sempre tiveraõ. O nosso fallar ordinariamente he por papel, e tinta; por isso ao perto, e ao longe tudo he o mesmo: e como em Deos he tudo, nada he o longe. Somos como os rios, que pela terra com grande distancia correm divididos, mas no mar estaõ juntos. O que importa, he que vivamor de tal maneira sem culpa diante da presença Divina, que nada nos aparte della. Porque estando nesta vida em Graça, e vivendo nas divinas memorias, seguramos agora as presenças, e na Eternidade as vistas.

Isto



Isto basta nesta materia. E aindaque o ausentar doa, da dor se ha de fazer pouco caso; da conformidade com Deos, muito, respeitando, e venerando seus decretos, a que desejo obedecer: paraque não só aqui, alli, acolá, e em toda a parte façamos nosso officio, como o Sol, que não amanece para huns, senão para todos, igualmente se communica aos montes celestes, e aos valles da terra mais profundos, e fumidos; necessário he, que eu o faça com as Preghações, V. M. com as Orações: lá posso eu achar a V. M. nas ajudas, que me ha de dar, encommendo-me a Deos, e aquellas Almas, que necessitaõ mais do esforço de suas Orações, para me não esquecer (se isto se pôde dar.)

Levo este Memorial sagrado, que com tantas espinhas reprehende, que eu queria a vida de flores; salvo se for flor desta, que se pôs nos valles do mundo, para nos levar ao Ceo. E se para elle, que he Sol de gloria, o mundo foi valle de lagrimas, não convêm que a nós, peregrinos, e ausentes da Celeste Patria, a vida seja campo de alegrias, ou prado de contentamentos; especialmente a mim peccador, que tanto offendi a Deos. E assim asseguro a V. M. que como couza sua, e não minha, guardarei esta cópia de meu Senhor Jesu Christo, para o não dar a ninguem. E com o retrato de meu Senhor Jesu Christo não só espero me não permitta esquecido, mas confio em sua Bondade immensa me traga tão registado, como de sua misericordia espero. E como faço o mesmo officio por V. M., o que peço para hum, para outro peço; desejando sempre que em sua graça estejamos todos em hum.

No entretanto as generalidades, que V. M. ha de guardar, são muita paz, e caridade com o proximo, muita mortificação interior, e exterior, e muito desprezo de si: consigo muita oração, amor, memoria, e reverencia com Deos. Esta presença, e lembrança Divina lhe encommendo mais que tudo. Porque esta nos faz outros. O fogo no ferro se continua, veste-o de sua libré, dá-lhe as suas condições: era frio, e ja queima; era negro, e ja lustra: era feio, e ja he formoso: era duro, e ja se acha brando. E se isto faz o fogo no ferro, que fará Deos em huma Alma, que, aindaque seja  
como



como ferro, Deos he mais que fogo. *Deus noster ignis consumens est*: diz a Escriptura. Use daquella simplicidade: *Meu Deos, e nada mais*. Isto dito em qualquer parte, ou occupaçaõ, faz huma suave, gostosa, e summamente doce presença de Deos.

Nas mortificações a minha tenção he, que V. M. continue as que lhe dei, com a cautela, e prudencia, que convêm, se houver doença, ou achaque, ou grave occupaçaõ. Nos exercicios de Eschivo o que já tenho dito de quinze dias cada hum, excepto o ultimo, em que V. M. se ha de ficar toda a vida. O que imporra, he a pureza da intenção, que faça tudo por gloria, e honra de Deos. Porque elle o merece, e a quer assim, e como quer, e quanto quer. O desprezo de si mesma, que he virtude rara, mais a exercite V. M. nos soffrimentos, e em não dar desculpas, e escusas, que em mortificações exteriores, e extraordinarias, e não encomendadas, ou mandadas por pay espiritual. Buscar as cousas de humildade, isto sim, e com alegria, e bom animo. Tambem no mais seguir as Communidades, as obediencias, e fóra de seus actos, retiro, silencio: muita caridade com as enfermas, e compaixão com os affligidos; esquecer-se quanto puder do mundo. E se lhe ouvir os eccos, e as misérias, rogar a Deos pelos peccadores, dando graças a Deos por todos os bens, e males da pena, que succederem, e orando porque se acabem males de culpa, que são offensa da Bondade Divina.

Não se cance V. M. com os meus achaques; porque como não cessão algumas vezes, em quem não cessão os peccados, sendo os meus cada vez mais, razão he que, para despertadores meus, não sejaõ cada vez menos. Troque V. M. esta petição em rogar a Nosso Senhor, que se multipliquem, se assim he Sua Divina Vontade, e que em todas as mais cousas, que puderem provar-me, cresçaõ as afflicções: com tanto que por misericordia sua a paciencia, e conformidade cresça. Não ha tempo pare mais. Espero que para isto ser á vontade, seja eternidade o tempo. Entretanto a Deos, que guarde, e conserve a V. M. em Sua Divina Graça, como lhe peço, e desejo, e pedirei, e desejarei sempre. A Deos. Em dia de Santa Catharina.

Servo miseravel, e inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

NO.



## N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos estando de partida para a Missão, despedindo-se de certa Religiosa, de quem era Director de espirito. E depois que lhe assegura se não descuidaria sem embargo da distancia, diz, que os que estão em Deos unidos por graça, estão como linhas no Centro, e como raios no Sol: para nós dizer o como em Deos havemos de estar. Porque as linhas, que se tiraõ do Circulo ao Centro, todas são rectas: e assim he necessario que caminhemos para estar naquelle Centro divino. Porque importa pouco que sejamos da circunferencia com bons desejos, se não continuamos ao fim por caminho recto, e direito. Assim havemos de ir de nós para Deos, se queremos sabir como os raios do Sol; isto he, de Deos para as creaturas, puras, e luzidas em todas as obras. Se subirmos como linhas rectas, sabiremos como luzes resplandecentes.

Diz, que aindaque a ausencia doa, que só se ha de fazer caso da conformidade. Porque nesta fragoa da dor se purifica esta virtude. Donde se segue, que nos não devemos perturbar das repugnancias, que achamos na natureza, como succede a pessoas escriptulosas. As virtudes são plantas plantadas no cume dos montes, tem as raizes nas pedras, e os ramos se conservão ás tempestades; e por isso são poucas as que perseverão firmes. No valle se criaõ as flores, e o orvalho os alimenta, mas hum Sol as murcha. E por esta razão diz mais abaixo o Veneravel Padre, que leva aquelle Memorial sagrado, que era huma Imagem de Christo Senhor nosso, que com tantas espinhas reprehende, que elle queira vida de flores. E supposto que logo prossegue: Salvo se for aquella Flor dos valles do mundo: he pela mesma razão, que assim lhe chama a Escriitura. Porque desceo do Jeyo do Pay a soffrer as tempestades de nossas misérias.

Continua, dizendo-lhe genericamente como ha de governar-se no uso das mais ordinarias virtudes, e que sobre isto lhe encomenda a presença divina. Porque parece impossivel errar, e perseverar, andando na divina presença; como conservar sem ella a pureza da Alma. Porque este he o sello, que o Senhor mandou que tragamos no peito, e por escudo no braço. Diz,



*que esta memoria obra em nossa Alma, como o fogo no ferro, para dizer que ha de ser continua. Porque se o ferro se aparta do fogo, não só torna a ser frio, e duro, mas perde a graça, e fortaleza: como succede á nossa Alma sem a divina presença.*

## C A R T A LXXXII.

*O Amor de Deos more, e arda na Alma de V. S.*



Enhora. Muitas vezes desejei responder a V. S., mas parece fatalidade, que cresçam os estorvos, quando crescem os desejos. Poderá ser que seja destino, o que parece acaso; para que V. S. tenha que offerecer a Deos huma paciencia mais, sempre que em mim ha hum agradecimento menos. Bendito seja Deos. E louvemo-lo em tudo: e tambem nessas mortes, e enfermidades, que nessa Côrte começaõ a prégar por obra; porque não ha quem queira entender por palavra. Notavel tentação tive (póde ser que fosse inspiração, e que eu a entenda mal tambem) de apparecer nessa Côrte com hum Christo, e com huma Caveira na mão: mas o tempo, a rouquidaõ, e outros reparos, me aconselhaõ ainda agora os retiros: que, como já não póde ser do modo que eu desejava, serãõ tambem em outra parte, onde eu queria. Não póde ser em S. Bernardino; porque me não fica á mão para a costura, que poderei ter neste pôvo em hum Recolhimento de mulheres, que se intenta, e em hum Oratorio, que em Almada se facilita. Dentro de breves dias, antes da Congregaçaõ, irei buscar a V. S. E entãõ satisfarei por junto, o que agora não posso, a tantos beneficios de V. S., a quem beijo a mão pelas Veronicas, que forãõ excellentes. Nas minhas Ave Marias continuo. Não se esqueça V. S. nas suas. Não seja causa de faltar-me com suas Oraçoẽs, considerar o pouco, que valem as minhas, e o nada, que eu valho, e sou: antes por isso me deve V. S. commendar mais a Sua Divina Magestade, que guarde a

V. S.



V. S. como lhe peço, e desejo. Setuval 25. de Junho de 1674.

De V. S. Servo, e Capellaõ inutil.

IIIXXXI

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E**sta Carta escreve o Servo de Deos a hum Senhora. E começa sobre não haver podido responder-lhe a algumas Cartas, dizendo, que os impedimentos, parecendo acasos, podiaõ ser de fñino, paraque tivesse mais que soffrer em seu descuido. E de não fazermos juizo particular, de que se não mova cousa alguma sem ser ordenada pela Providencia Divina, succede muitas vezes perder o merecimento de muitas virtudes, humas da paciencia, outras da cautela, e as mais da conformidade. Diz, que Deos seja louvado por tudo, e tambem em algumas mortes, e enfermidades, que naquella occasiã havia na Corte. Porque com çavaõ a prégar por obra, o que se não queria entender por palavra. Porque entendessemos, que ordinariamente atraz das inspiraçoens, e dos auxilios, quando não se admittem, manda Deos o açoute. Diz, que teve tentaçã, e que pôde ser fosse inspiraçã, de apparecer com hum Christo, e huma Caveira; isto era, prégar a verdade na mesma Corte; mas que alguns reparos lhe aconselhavaõ ainda os retiros. De que se segue, que nem todos os movimentos do espirito se haõ de abraçar logo: e que a eleiçã mais segura he da razã recta pela doutrina ordinaria. Isto se entende, quando as circumstancias, o conselho, ou a efficacia dos auxilios não movem a mesma razã a seguir em se, e como a olhos cerrados, o Divino impulso.



## C A R T A LXXXIII.

*O Amor de Deos ferva, e arda na Alma de V. M.*



Everenda Madre Abbadessa, e Senhora minha. Folgo que V. M. me dê as ultimas novas suas, que são mais desassombradas; aindaque mais invejo as daquella Freira, de que lá foi hum retalho, ou para reliquia da inveja, ou para cura da hypocrisia. Que me diz daquellas cousas? Que lhe parece aquillo? tendo seu dono para si, que lie a peor Alma do mundo. Já quantas Abbadessas ha no mundo não fazem nada: he caldo de graãos doces a sua mortificação maior. E podendo fazer dos venenos triaga, fazem dos remedios peçonha. Senhora, entenda que neste mundo não tenho achado que haja cousa boa, mais que amar a Deos, e mortificar-nos a nós, ficando humildes sem presumpção do que temos feito. Eu conheço muitas Almas desejosas da perfeição, e muito boas. São como gallinha cheia de varejas: a gallinha por si he boa, mas com aquelle recheyo, não ha quem possa prová-la, aindaque goste muito della quando lhe falta este adubo.

Destas he V. M. huma. Hum peito excellente, de que Deos muito gosta; mas as varejas das vaidades, dos juizos, das diabruras, dos brios, y trecientas cosas más, são causa (será engano meu) de que o Senhor tenha algum fastio. Agora varejas fóra, e mortificações para dentro. Não quero muitas penitencias nas Religiosas dessa vida. Não desejo que fação muitas cousas. Desejo que desfaçam. Devemos ser caramellos, paraque Deos nos goste, quando dá gosto o caramello, quando se desfaz todo. Na mesma agoa da frieza, com que V. M. se acha, se póde pela paciência, e conformidade desfazer a malicia, mortificar a natureza para os sabores da Graça, e vencer as paixões da tristeza, raiva, e melan-



melancolia, que nascem das seguidões, fastios, lidas, que em qualquer estado, ou oração se virem, ficando quieta de puro mortificada, ou no que temos por mal, ou no que em Deos nos parece bem. Tambem convém não querer advinhar sobre as nossas melhoras, nem cuidar se crescemos, ou se minguamos. O que importa, he trazer os olhos no que temos por desfazer, com resolução de acabar, ajudada da Divina Graça. Ora seja Deos louvado, que nem no barco as Consiões cessaõ. Sua Divina Magestade guarde a V. M.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum Religioza, Abbadessa de certo Convento, a qual parece batalhava na guerra do espirito. Porque aonde apertava mais os cordeis o Veneravel Padre, era o signal de estar alli a virtude. Diz-lhe, que estima suas novas mais desassombradas, aindaque invejosa de certa Freira, de que parece lhe havia mandado algumas noticias de sua perfeição, tendo juntamente outras grandes virtudes sobre muita humildade. E por isso diz, tendo para si seu dono, que he a peor Alma do mundo. E a ninguem pareça que ha nisto engano, ou artificio, senão realmente: como Deos dá mais luz áquellas Almas, conhecem com toda a clareza a miseria propria, e que os bens são puramente liberalidade da Divina Graça, e que com elles pudera crescer mais qualquer outra creatura. E esta tão delgada vista não alcança Almas muy imperfeitas. E he a razaõ. Porque se não tem em tão ruim conta.

Diz com galantaria, que a mortificação de quantas Abbadessas ha no mundo he caldo de graõs doces: para dizer-lhe, que era necessario humilhar-se. Porque a mortificação ha de ser como a Estroloquia, que he mais efficaz a que mais amarga. E por isso diz, que podendo fazer dos venenos triaga, isto he, dos trabalhos



balhos merecimentos, faz dos remedios peçonha. Porque parece se queixava de alguma esterilidade, ou outras molestias exteriores. Diz, que entende, que no mundo não tem achado outra cousa boa, mais que amar a Deos, e mortificar-nos a nós, e ficar sem presumpção disto mesmo. E em estes tres pontos consistem todas as fabricas, todos as methodos, e finalmente quantos exercicios ha, e pôde haver para o espirito. A razão he. Porque o fim de todos ha de ser Deos. O modo he mortificar-nos. Porque como o maior obstaculo, he o amor proprio, a mortificação he mais como negativo, que nos leva ao fim tirando o impedimento. A humildade he a conservação, e sal, que preserva da corrupção as virtudes.

Diz, que conhece muitas Almas desejosas da perfeição, mas que são como gallinhas cheias de varejas, que sendo bom este mantimento, este recheio o faz ascoroso. Assim succede a alguns corações, que ainda que amam a Deos, passados aquelles fervores, dão também lugar ás moscas da vaidade, com que perdem o gosto, e sabor, que Deos lhes podia achar. Diz, que não quer grandes penitencias nas Religiosas daquella vida, isto he, das que caminham por exercicios interiores, e não que façam grandes cousas, senão que se desfaçam como caramello na agua: quer dizer, que a frieza, e melancolia, e outras molestias se resolvessem em mortificação interior, humildade, e conformidade. Porque desta sorte os mesmos appetites são meios de adquirir as virtudes. Diz, que também não convém querer addivinhar sobre as nossas melhoras. Porque ha Almas por amor proprio tão apprehensivas, que sempre estão fazendo juizo de seu aproveitamento. E isto não he buscar a Deos, he buscar-se a si mesmas. Porque aonde vai o cuidado, alli está o affecto.



## C A R T A LXXXIV.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Rmaã, e Senhora. E ha quem faça caso de Fr. Antonio? Bendito seja hum Deos tão bom, que assim deixa enganar a gente com a peor Alma, com a mais má creatura, que tem o mundo! Bendito, e louvado seja este tão bom Senhor! Que fizera este Senhor por quem o amára muito, se estes favores faz a quem o agrava tanto! Ah meu Deos! Mas não digo bem em chamar-vos meu: Que sendo vós tão bom, como vos pôde ter por cousa sua, huma Alma tão ruim, como a minha! Mas que hey de dizer, meu Deos do meu coração, da minha Alma, da minha vida? Meu vos hei de chamar. Meu offendido, meu aggravado, e sempre maltratado de mim. Mas sempre meu remedio, sempre meu bem todo, sempre minha esperança, e sempre gloria minha. Ah meu Deos, e com que pouca dor do meu coração digo meus peccados! Quem duvida, que se eu tivera dor, já não tivera vida!

Ora seja Deos bendito. Passou a levareda. Vamos ao que importa. Duas Cartas de V. M. tenho a que responder. E a cada letra quizera eu ter muito com que pagar: mas tudo falta, excepto o desejo de servir a V. M., e que logre muito boa saude, para servir a Deos. Mas se esta faltar, não falte disso: que nas enfermidades se acha mais depressa a perfeição, que na saude. Porque he maior cousa acompanhar a Deos na Cruz, que meditar nella. E a cama serve de Cruz, onde a paciencia dá azas, a conformidade voos, ainda que não haja outra alguma oração, mais que huma entrega resignada na vontade de Deos. Seja elle bendito, que por todos os caminhos nos deixou modos, e nos facilitou meyos para nos unir consigo, tendo os seus deleites maiores em vi-



viver comnosco , principalmente nas afflicções , que são o leito , onde dorme , e as flores , em que descança. Com tudo , se Deos foi servido que os achaques já passassem , não se esqueça V. M. de seus propósitos , e exercicios. E me parece , que especialmente deve V. M. tomar hum pouco de tempo , em que totalmente se esqueça de toda a vida passada , quanto ás culpas , e que ponha todo o seu cuidado em cuidar na immensa bondade , e misericordia de Deos, no muito que soffre a peccadores amancebados , blasfemos , sacrilegos , ladroes , e mal acostumados , e a bondade com que lhes espera penitencia , lhes dá vida , saúde , fazenda , honra , e no cabo se contenta com hum pequei do coração. E por este caminho salvou hum Ladrão com huma lagrima , com hum suspiro , com hum pucaro de agoa , como fez á Samaritana , e a outros peccadores. Não só cuide isto , mas aquella condição benigna , que está dando de comer , e beber ás cobras , e lagartos , aos sapos , e ás savandijas da terra , aos peixes do mar , que não lavaõ , aos animaes da terra , que não semeaõ , e ás aves do Ceo , que não trabalhaõ , ás flores do campo , que não fiaõ : e todos vestem , comem , vivem , e se alegraõ na providencia , e cuidado deste Senhor , que o tem de todas , como se fora todo para cada huma. E desta bondade , com que trata de creaturas , que não são imagens suas , argúa o que fará a huma Alma , que para elle vive , e que de todo o coração torna para elle ; aindaque não seja mais que com hum suspiro froxo , com hum desejo surdo , com hum pranto frio. E por fim de contas , erga essa Alma a Deos , e abraça-a com este Senhor , fazendo passadigo de suas Chagas para o coração , que deixou portas abertas a quem quizer entrar por ellas , até o seu coração , que a ninguém engeita , a todos quer , a todos chama , e põem seus olhos em todos : pois elle disse que era como Sol , que nasce para máos , e bons ; como chuva , que cahe sobre flores , e espinhos , e chove sobre justos , e injustos. E nesta memoria , nem para bem , nem para mal se lembre de seus peccados , como cousa que não fora. Porque na verdade , aindaque fossem os maiores do mundo , nada são , e nada , e menos que nada a respeito daquellas misericordias , onde se somem ,



mem, e se absorvem, como faísca breve, que cahio no mar, como argueiro leve, que arrebatou o vento, ou como palha vaã, que consumio o fogo. E assim se fique amando, ardendo, pasmando-se, adormecendo-se, sumindo-se, e aborvendo-se nesta Bondade infinita. E nem faça outra coisa, até que nos vejamos: que será cedo. Sua Divina Magestade guarde a V. M. como lhe peço. Setuval, 27. de Junho.

De V. M. Irmão, e Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**E**sta Carta, que escreve a huma Religiosa, começa o Vencravel Padre admirando em sua miseria a Bondade Divina. E continua com hum amoroso colloquio entre estes dous extremos, deixando bem claramente ver-se, que o enternecer-se se lhe seguiu de humilhar-se. Porque não ha disposição mais adequada para receber a soberana Graça, que o verdadeiro conhecimento da propria miseria.

Diz, que nas enfermidades se chama mais depressa a perfeição, do que na saúde. Porque he maior causa acompanhar a Christo na Cruz, que meditar nella. Isto he, porque a meditação he meio para a imitação. E quem não imita a Christo, não pôde ser perfeito. E daqui se colhe a causa. Porque muitas pessoas, que meditando toda a vida nos sagrados Mysterios, andão tão pouco no caminho do espirito, que como não querem chegar ao fim, sempre estão nos meios. Assim o ensinou o Senhor, que pregando, ensinando, e orando, só na Cruz achou que estava consummado aquelle altissimo negocio de nossa Redempção, e remedio.

Diz, que seja Deus bendito, que por todos os caminhos nos deixou modos de nos unir comfigo: isto he, que, se quizermos, não ha nesta vida nenhum estado, em que não possamos ser perfeitos. Que por isso disse o Senhor, fallando de todos: Que quem quizesse hir apoz elle, que tomasse a sua Cruz, e o seguisse. Porque entendessemos que, se queremos tomá-la, todos a tinhamos.



nhamos. Diz, que se os achaques passarem, que torne aos seus exercicios, occupando algum tempo na consideração da Divina Bondade, e que nos soffre. Paraque entendesse, que para conhecer de alguma sorte alguma Divina Misericordia, he necessario ponderá-la a vista de nossa maldade, e miseria. Porque a este espelho vejamos a horribilidade de nossos delictos. E descrevendo como a Divina Providencia acode ás creaturas insensiveis, diz que argua o que fará por huma Alma feita á sua similhança, que se converte, que o chama, e o busca. Para que pela obrigação conhecesse qual era a divida, e pela divida a ingratidão, e descuido do coração humano.

Diz, que levante sua Alma a Deos, e que unindo o coração proprio com aquelle coração amoroso, nesta união se não lembre de seus peccados. Azação he. Porque neste exercicio de amor, e de confiança, a que ás vezes nos chama a moção divina, e a consideração das culpas, são como vapores, que se levantão da terra, e como nuvens de trovoada intempestiva, que não só priva da luz do Sol, mas faz confusão, e estrondo; e alguma vez destróe os fructos, que o Sol soberano quer sazonar no espirito.

## C A R T A LXXXV.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Cheguei a este Povo antehontem, e nelle me achei com esta Imagem de meu Senhor Jesu Christo. Bem digo, que então me achei. Porque cousa tão perdida, só quando se vê com Deos, ou com huma sombra sua, se póde dar por achado. Achei este Senhor, e logo me perdi por elle. Tão bem me pareceo, que se esta Imagem sua se fizera dos meus desejos, ou da minha Idéa, menos bem me parecéra. Entendi certo na perfeição da escultura, e no primor dos pinceis, que se fizera das imaginações de V. S., ou da sua devoção. E se eu tivera cores



côres tão vivas nesta tinta de morta côr , para retratar o meu gosto , como elle tem para reprehender o meu espirito , e a minha froxidão , não foraõ com tão pouca alma estas regras , como eu tenho em todas as minhas cousas. Por tudo , huma , e muitas vezes , beijo o chapim a V. S. não menos pela Cruz , que não he grande , para a que costume mostrar ; sendo tão pouca a que me atrevo a sentir. Todas as mais Cruzes , como tem mil graças , que lhes pôde faltar de estimaçãõ em mim , nem de similhaça com as letras de V. S. ! Deste modo soffro eu que V. S. aos seus papeis chame carga de Cruzes. E tambem o estimarei , com que V. S. conheça a minha fraqueza ; que até huma Cruz de tinta , e papel , apenas pôde aturar. Ora , minha Senhora , escreva-me V. S. , e soffra-me que tão poucas vezes lhe escreva. Porque entre os desconcertos da minha vida , e as faltas , que faço ás minhas obrigações , he esta a menor falta. Vamos agora ao que V. S. me diz , dizendo tanto mal de sua vida , que fora se V. S. foubera a minha ! Diz V. S. que he huma descuidada , huma tal , e qual. Creio que sentirá V. S. por dentro , o mesmo que diz por fóra. Porque não sendo isto assim , grande perigo corre-mos. Porque não ha vaidade mais fina , que aquella , que se veste da mesma côr da humildade. Perigofo extremo he este. Se confessamos o que somos , bem , e verdadeiramente : até os Santos se acharãõ miseraveis. E estes são os que melhor se conhecem. Porque são como a agoa clara , onde se vem os argueiros , as arestas , e as palhinhas , que tem por dentro. Os ruins , como são agoa turva , não mostraõ , nem vem os troncos , as pedras , e os atoleiros , de que estão cheios. Porém se dizemos o que sentimos de nós , com gosto de que se saiba que o sabemos nós sentir , e gosto de que isto se cuide ; aindaque o não sintamos , já por aqui anda o que quer que he desta negra vaidade , que tudo tífna , e nos escurece tudo. A lêm disto , humas cousas se dizem , porque se sabem dizer , sem se chegar a sentir ; outras , porque de senti-las nasce o dizê-las. Creio eu que pois V. S. sente a sua insensibilidade , não está tão morta nas froxidoões , que seja a tibieza culpa , mais que natureza. Porque quem dá acôrdo de si , já não parece que dorme. E quem tanto entra em si para



se conhecer, já lhe passou o desmayo, em que se viciahir.

Minha Senhora, o que a V. S. lhe importa, he hum paz consigo mesma no meyo desses conhecimentos de sua miseria, aquietar até o sentimento de não ser melhor, folgando de não ser mais. Porque Deos assim o quer. Porque esta quietação nasce de conhecermos, que quanto podemos medrar, de Deos nos ha de vir. E o bom servo come a reção, que lhe daõ; ou seja grande, ou pequena, se ha de contentar. Enão querendo ser mais Santos que o que Deos quer que sejamos, havemos exercitar-nos em todas as virtudes, como se na nossa diligencia estivera o conseguí-las. E com esta quietação de espirito não estranhar as faltas, que temos nellas; antes dar graças a Deos nas faltas: pois dellas nos fez espelhos, em que vejamos quem somos, e memorias da Bondade Divina, que nos não engeita faltando ao que devemos ser.

Este socego d'Alma tambem he hum grande dom de Deos; mas ajuda-se muito da nossa parte andando, deitando fóra tudo o que nos desinquieta; porque he demonio, e abraçando tudo o que nos aquietta espiritualmente, que he Deos, he hum genero de Bemaventurança, que nesta vida nos dá a gostar humas sombras da outra; principalmente se neste exercicio se emprega o nosso cuidado em humas laudades do Ceo, em hums suspiros da outra vida, em humas lagrimas deste desterro, em hum dislavor das glorias do mundo, que nos veste de fel todas as suas vaidades, cobrindo-nos de hum espiritual açúcar todas suas amarguras. Isto póde V. S. ter no meio do seculo, fazendo tudo o que faz por amor de Deos, soffrendo-se a si propria, como soffre a outros; pois he miseravel, como elles, e mais que muitos. E gastando em actos de amor de Deos, ou sejaõ vivos, ou mortos, ou froxos, ou intensos, todos os espaços de só, e ainda de acompanhada, furtando-se para Deos. Não largue V. S. a santa Oração, que com as boas obras da caridade, e mortificação, (ainda que a de V. S. não seja muita) costuma vestir de azas até os espiritos de chumbo, e corações de bronze. Nem se esqueça V. S. desta miseravel Alma, tão miseravel, que até  
em



em dizer isto cahirá em vaidade , se Deos a não livrar , e tiver de sua mão. E eu, tal qual sou , torno a assegurar a V. S., que , aindaque não pago , não faltarei no que posso , em commendar sempre a V. S. a Sua Divina Magestade , que guarde a V. S. como lhe peço , e desejo. Alcacere , dia de S. Gregorio de 1673.

De V. S. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**E** Sta Carta escreve o Servo de Deos a huma Senhora. E como sabia por experiencia, que, para o fim de ganhar Almas, convinha fazer ainda no estylo distincção de pessoas; por esta causa se achão algumas Cartas escritas com grande politica, como introduz esta. E prosegue, dizendo, que se achára com huma Imagem de Christo nosso Senhor, que parece lhe havia mandado, e que só se achava, quando se achava com Deos. Para que entendesse que todas as outras grandezas de estado, lugar, ou sangue, eraõ vaidades. Continúa, que lhe parecera aquella cópia tão primorosa, que a julgára feita da devoção, e imaginações de sua Senhoria. Porque reparasse a attenção, veneração, e respeito, com que devia meditar os Mysterios Divinos.

Diz, que cre que sentiria o mesmo, que lhe escreve, que eraõ confissoens humildes de sua fragilidade. Porque não sentindo por dentro o que mostrava por fóra, grande risco corria: que a vaidade mais fina he a que veste os corações da humildade. Arazão he. Porque quando o vicio, como he veneno, toma o delgado ar da virtude, não só communica o contagio com mais facilidade, mas, dissimulando o damno, mata com o mesmo remedio. Chama agoa clara aos virtuosos, onde se vem os menores argueiros. Porque nelles não ha artificio, correm igualmente como agoa viva da fonte, e ou por entre flores, ou por espinhas, mostra o que tem nas entranhas. E diz, que os maliciosos são agoa turva, onde se não vem troncos, são como alagoas, parecem na superficie prateados, mas como são agoas mortas, e turvas, não tem mais que lodo, raás, e cobras.

Diz,



Diz, que se dissermos o que sentimos com gosto de que se saiba, aindaque sintamos o que dissermos, que já anda por alli a vaidade, supposto que a não começamos. Isto he certa ligeireza de espirito, pouco fundado no conhecimento proprio, que, não podendo conter-se no crescimento de qualquer virtude, se deixa exhalar logo que começa a server, desorte, que por causa da fraqueza propria occasiona o vazio da Alma. Diz, que muitas cousas se dizem, porque se sabem dizer, sem se chegarem a sentir. Isto succede tambem algumas vezes sem malicia só por ligeireza, principalmente a espiritos leves, que costumão dizer quanto se lhes antoja. São como canos de repuxo, que correm com artificio, que aindaque párao as rodas, sempre fica a agoa nas mesmas vias, que depois corre com o primeiro impulso. Assim estes espiritos costumados a fallar tudo, parece que sempre lhes fica que fallar na boca: desorte que por costume dizem, o que muitas vezes não sentem.

Diz, que o que importa, he ter paz consigo mesma no meyo dos conhecimentos de sua miseria, e aquietar o sentimento de não ser melhor. Arazão he, porque aquella inquietação não nasce de caridade, senão de amor proprio. Não sentimos o que não trabalhamos, senão o que não recebemos. Porque se nos affligisse o nosso descuido, trabalháramos por emendar o defeito. E se não podemos, de que nos affligimos? Desorte, que a conclusão deste ponto consiste em que devemos exercitar as virtudes, quanto estiver em nossas forças, mas contentar-nos em paz com a graça, que nos dispensar a Providencia Divina. Diz, que não largue a Oração que ajudada da mortificação, aindaque não seja muita, obra maravilhas. E supposto diz, que aindaque a mortificação não seja muita, aqui falla da corporal. E bem se colhe. Porque acima lhe aconselha que desfaça vaidades, que se soffra a si, e aos outros, e juntamente que suspire, que chore. E porque tambem a mortificação exterior, nas pessoas, que forão criadas com mais regalo, aindaque seja menos forte, por causa do sujeito que a recebe, sempre he mais sensivel.



## CARTA LXXXVI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Adre N. Acho-me com muitas dividas, e começo pela derradeira. Nas Laminas para aquelle fim, e em todo o mais aslejo devoto, não ha para que haver escrupulo. Dessas Cruzes, que lá estão, lhe peço a V. M. que, para consolação, dê huma da minha parte a N. E as mais de Caravaca, que achar, se lhe parecer, dê em meu nome ás outras pessoas; pois com tão pouco se consolação, e se espiritação. Bem me parece que V. M. ande nessa obediencia, e não falte a ella, e que não olhe se a gabaõ, ou vituperaçãõ. Porque só nos olhos de Deos convêm parecer formosa; e em todos os mais não he tão seguro o applauso, como a calúmnia, com tanto que a paciencia se não converta em tristeza, ou raiva, que he signal de que o fim não he de Deos.

A sequeidaõ natural não he culpa, a voluntaria sim. Vigiar sobre natureza, que se deixa ás vezes arrastar das paixões, e dos appetites. Em quanto V. M. está no officio, me parece que basta huma hora de Oração pela manhaã cedo; ou menos, se a occupação for muita; á noite huma hora. Lea V. M. todos os dias ao menos outra hora, se a occupação der lugar. E seja a lição, Vidas de Santos, Obras de S. Francisco de Sales, do Padre Puente, Alonso Rodrigues, Eusebio, e qualquer Espiritual, não variando muito, antes levando ao cabo algumas. Examine no cabo da semana em meya hora, o que declinou, ou cresceu em toda ella. Renove tambem nos principios das semanas os propositos, e desejos da perfeição. Não mude de Oração, se Deos a não levar acima. Faça muito porque as suas meditações, e amores sejam na Paixão de Christo: que se perdem milhares de Almas dadas á oração, por dizerem, já não posso meditar na

Pai-



Paixeão. E são raras as que nella tem amor de Deos. E a causa he, por não emendarem imperfeições, e vaidades, E as castiga Deos nestas seccuras. E outras vezes; porque precisamente nella se achão Escribas, Fariseos, e Algozes, que mettem medo a quem não ama como a Magdalena. E isto são as tentações, obscuridades, e mais distrahiimentos, que succedem na Oração. Estes são os Phariseos, a que se ha de perder o medo: e por isso não vão a diante muitas creaturas, que querem Orações de sobrado, e eirado, onde tomem ar, e vento: e tudo se lhes vay em passatempo de espirito, e de espiritos fracos. Envergonhe-se do pouco que padece, e do menos que ama o padecer. Encarcerar os sentidos, e degolar as paixões. Ainda assim não durma menos de cinco horas: e faça porque não sejaõ mais de seis. Nas conversações, que não forem de Deos, ou de algum bem espiritual, ou pertencente ao estado, ou ao officio, ou calar, ou retirar. Nas visitas dos parentes, metter sempre Morte, Juizo, Inferno, Ceo, conta, vaidade do mundo, e desprezo da vida, amor de Deos, e do proximo. E nisto mesmo ande V. M. viva, e para o mais morta. Exercite-se nestas, ou naquellas virtudes mais necessarias ao tempo presente, á saúde mais conformes, e ao espirito mais importantes. E encomende-me a Deos. Cilicio tres horas cada semana, quando quizer, huma Estação em cruz, diciplina de hum Misere-re outra vez, hum jejum com alguma mortificação, não a pão, e agoa. Isto tudo, se não estiver achacada, ou enferma. E declaro, que em nada he minha tenção obrigar a peccado, aindaque sempre seja imperfeição.

Agradeço a V. M. muito as Communhoës. E tambem lhe pagarei como posso. Mas não quero que se desfaça tanto, que se empobreça de todo por mim. Acerca do que V. M. me diz, não tenho que responder nos meus particulares, mais que louvado seja Deos. E no que toca á jornada de Lamego, não he cousa tão certa, que não tenha muitas dúvidas. E quando Deos queira que lá cheguemos, infallivel he, que primeiro, ou terá chegado, ou passado o Verao. Porque está diante Leiria, Coimbra, e Viseu, por onde precisamente me hey de deter. Se Deos nos der vida, tambem chegare-



mos lá. E estimarei eu muito, que seja estando já em sua casa o Senhor Bispo, de quem espero as instrucções, e direcções. E então he certo, que tambem primeiro havemos de pedir licença: como faço em todo o Bispado, aonde os Prelados me não chamaão. E por isso agora escrevi ao de Coimbra. O que plantamos, e dispomos, como instrumentos miseraveis, são cousas commúas. Porque a minha pregação ordinaria, he começar lembrando o fim, paraque fomos creados, e os fins, a que a malicia humana se tem constituido: persuadir logo á Penitencia, Confissão, Satisfação, paraque se vão fazendo desde o principio; depois mostrar como está offendida a Ley de Deos, a fealdade do peccado, castigos, se não ha emenda, e remedios para quem os quer ter: Morte, Inferno, Juizo, Ceo, patrocínio da Virgem, e devoção do Terço, ou Côroa, Paixão de Christo, Vias Sacras. A todas estas cousas precede, nos Poyos pequenos principalmente, a Doutrina Christã, e a noticia necessaria dos Mysterios de nossa Fé. Planta-se Oração Mental, frequencia de Sacramentos, paz, e observancia da Ley de Deos; penitencias, devoção de Nossa Senhora, e Chagas de Christo. Fazemos por dissipar todos os peccados; mas especialmente os odios, lascivias, occasiões, cobiças, soberbas, dissensões, ou discordias.

Se lá formos, e o Senhor Bispo estiver lá, elle será o Norte, que nos guie, e nos advirta o que melhor lhe parecer. Não se doa V. M. das Neves, e Sôes, que se haão de passar. Porque as Missoes tiveraão pouco prestimo para os Missionarios, se lhe não déraão que padecer. E Deos he tão bom, que tudo isto faz lá leve, e aprazivel, menos de meu máo trato. Porque todo o meu escrupulo (fállo como quem está diante de Deos) he o bom trato, que dou a este miseravel corpo, devendo, ou pôr-lhe o fogo, e tormentos do Inferno neste mundo, castigo assaz pequeno de meus horrendos peccados; mas desculpo-me commigo mesmo, buscando no serviço de Deos razões contra este odio, que me devo ter. Bendito seja Deos, que tanto me soffre.

Nunca disse, que trazer as Contas em a Corda era peccado venial, excepto o trazê-las por enfeite: mas he certo



que disse que o tinha por cousa muito indecente, e que não era alli o seu lugar, senão, ou nas mãos, ou no pescoço, ou na manga. Fôra daqui, confesso que me parecem mal, e que tenho por indecoroso o modo. V. M. as traga ao pescoço hum mez, salvo se lhas mandarem tirar; ou na manga, ou nas mãos: ou as tenha, como intenta. Sobre o que dirão de que approvo, de longe, ou perto, isto, ou aquillo, não vay nada. Porque o dizerem não posso eu impedir. O terem fundamento, he o que me póde estar mal, ou bem. Absolutamente tenho já mostrado, que me não hei de metter em nada de governos. Se vier o Padre Géral, poderá fer que venha tomar-lhe a benção. Vay a Carta dessa Senhora. E o que me parece que V. M. lhe diga, se he ainda tempo, que se aconselhe com seus pays espirituaes, e que não tome para as suas resoluções motivos do Mundo, senão de Deos:

Naõ tenho de presente tristeza, mais que de meus peccados; e de muitos, que nesta Corte vejo sem remedio, e com muitos fundamentos temo o castigo: peçamos todos a Deos a misericordia; porque de sua ira temos bastantes signaes. Naõ he isto para papel: por isso me não alargo. Eu agora não prego em Lisboa, sendo allaz necessario; mas talvez seria para dobrada condemnacão dos ouvintes. V. M. siga o Roteiro, que lhe dei. E em tendo qualquer achague, ou molestia do corpo, não faça couzas penaes. E pague, se puder, com mais hum quarto de Oração. Naõ folguei com esses cumprimentos. Tenho já humá memoria, que me basta, e não quero que commigo as couzas de V. M. percaõ a opiniao de singulares. Encomende-me a Nosso Senhor. Viva para o amar, e padecer muito por Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. como lhe peço por muitos annos.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum Religiosa. E começa dizendo: Em laminas, e todo affeyo devoto não ha para-



para que ter escrupulo. Porque, se não levaõ outro fim, mais que o culto Divino, só no mesmo escrupulo pôde haver erro. Diz, que ande em certa obediencia com exacção, sem olhar se a gavaõ, ou se a vituperaõ. Porque esta vista reflexa, ainda que seja appetecendo o desprezo, tambem pôde levar consigo muito amor proprio: que ás vezes perde por carta de mais, como por carta de menos, se não he de cautela bem bruxuleado. E com ter vista recta no que se obra, se escusa este perigo.

Diz, que a sequidaõ natural não he culpa, mas he culpa a sequidaõ voluntaria: isto he por certa torpeza de espirito, que por não soprar com a meditaçaõ o discurso, e ferir com a ponderaçaõ o affecto, não se accende no coração o Divino Fogo. Diz, que medite na Paixaõ de Christo Senhor nosso: e que pelo não fazerem, muitas Almas se perdem. Isto he, deixaõ os exercicios, por não acharem a consolaçaõ, e sabor, que buscavaõ nelles. E profegue dando a razãõ. Porque não emendaõ imperfeicoens, e defeitos: e assim as castiga Deos com seccuras, e esterilidades. Toda esta doutrina vem a parar em hum ponto de fundamento mais solido da conservaçãõ do espirito, que he a mortificaçaõ. E por isto diz que se enfastiaõ de achar na Paixaõ Fariseus, e Algozes: quer dizer, pouca suavidade. E na Cruz só pôde achála, quem se crucifica. Azaçaõ he. Porque a mortificaçaõ he como o Cato, com que se curaõ as chagas da boca, que em quanto se não desfaz, amarga; mas desfeito, deixa gosto, bom sabor, e bom cheiro. Assim a mortificaçaõ, em quanto dura, he aspera, e forte, mas cura as chagas da culpa, e de pois deixa consolaçaõ, e suavidade.

Diz, que muitas pessoas querem Oragaõ de sobrado, e ei-rado, onde tomem o vento: isto he, certas meditaçoens a seu gosto, com que a natureza, ou a curiosidade recreaõ o appetite. De que procede hum engano, principalmente a quem não tiver bom Mestre de espirito. Porque estas consolaçoens sensiveis pare-ce que são alguma cousa, e de ordinario são passatempos, cujos effeitos se alcançaõ na prõva da paciencia, e principalmente da humildade. O ponto, como diz o Servo de Deos, consiste em degolar paixoens. E falla pelo termo de degolar. Porque, se pu-dessemos, deviamos fazê-lo desorte, que não pudessem tornar a reviver. E por isso diz, que só para isto ande viva, e para tu-



do o mais morta. Continua descrevendo o modo, com que fazem as Missões por aquellas Comarcas. E diz, que se não doa delle. Porque fallando diante de Deos, todo o seu escrupulo está no bom trato, que dá a seu corpo. E pelo serviço de Deos se desculpa comfigo mesmo. Oh quem pudéra sentir, e fazer sentir a muitas Almas, que cuidão que fazem alguma cousa! Esta confissão tão sem artificio deste Varão Apostolico, que fazendo huma vida asperissima, e nestes nossos tempos ae hum raro exemplo de penitencia, diz que tem escrupulo das commodidades, com que se trata. O certo he, que elle punha os olhos na culpa, que o confundia: e alguns de nós põmo-los na vaidade, que nos lisongea. E reparo em que se escusa comfigo com aquelle mesmo trabalho: paraque vejamos não tomemos o serviço de Deos por pretexto para usar do que nos persuade o amor proprio.

## C A R T A LXXXVII.

### O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Adre Soror N. , e Senhora minha. Doo-me de V. M. até quando de mim me não doo. Porque vejo que V. M. me paga em tomar por sua conta as minhas penas. As corporaes tem muita melhoria. Seja Deos bendito. As da Alma não sei já quando a teráõ. V. M. faça o que póde em offerecer a Deos a sua Cruz. E aindaque o corpo a arraste com repugnancia, se a vontade com a ponta da Alma a abraça, não se chama a afflicção resistencia Deos não quer dos enfermos o mesmo que dos saõs. Os enfermos com huma pouca de paciencia, aindaque pareça forçada, dão muitos passos no seu adiantamento. O mar, aindaque esteja bravo, e com tempestade desfeita, sempre tem caminho. O negocio he, saber usar das vélas, e dos remos. E em quanto nos não affogamos, he signal que nos não perdemos. As mesmas misérias offerecidas a Deos, e ef-



fas faltas de Oração, e mortificação, como mostraõ a necessidade d'Alma, são petições de misericordia. Ponha V. M. diante de Deos as suas misérias, aindaque seja com breve meditação, deitada, ou encostada, como puder. E não se lhe dê dos gastos da Comunidade, e da afflicção das Freiras; que ella he a obrigação de todas. E o que a V. M. lhe importa, he alegrar-se de não prestar para nada, e no conhecimento de sua grande miséria, para que nella, como em espelho claro, veja a Bondade Divina, que a soffre, e o amor de Deos, que ainda assim a quer, e estima muito que V. M. com hum suspiro lhe dê hum breve, mas amoroso, e humilde agradecimento. Sua Divina Magestade guarde a V. M.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Veneravel Padre a huma Religiosa de certo Convento. E depois de a introduzir com a cortezia, que costumava, diz: V. M. faça o que puder em offerecer a Deos a sua Cruz; isto he, que tivesse conformidade nas molestias, que padecia. Porque não ha mais agradavel sacrificio a Deos, que o da paciencia, E por isso prosegue: que aindaque o corpo arraste a Cruz com repugnancia, se a vontade com a ponta da Alma abraça a afflicção, não se chama resistencia. Porque cuidão muitas pessoas, que como não tem consolação sensivel nos trabalhos, que não tem nelles merecimento. Sendo pelo contrario, pois sem sentir pouco, se pôde merecer. E por isso diz o Servo de Deos, que não he resistencia, se a vontade com a ponta da Alma abraça a molestia. Esta ponta da Alma he hum querer independente de toda a sensibilidade, que está entre as afflicções, como ás tempestades o tronco secco no cume do monte. Que pôde ser, se não se conservára tão firme no valle, estivesse cheio de ramas, folhas, e flores.

E em verdade, que não sei entender huma cousa, que anda introduzida em algumas pessoas espirituaes, e que me parece



hum pernicioso abuso dissimulado, a que chamaõ consolação. Porque, que se recebaõ as que Deos dêr, com muita humildade, e confusão propria, crendo que as dá, porque sem ellas nosso affeição não perseverára, ou para outros fins, que vio sua alta Sabedoria, muito justo fora, e ainda se deve usar destes allivios com regularidade, e medida: Mas humna pessoa, que se offerece a Deos cada hora, e que tem por luz, verdade, e caminho a Christo crucificado, e a Fé por baze, e fundamento de seus exercicios, com que razão lhe pôde passar o desejo de consolaçoens pelo pensamento? Eu não sei que esta consolação seja outra cousa, mais que appetite, amor proprio, e natureza, ou certa sensualidade do espirito, que muitas vezes com capa de devoção conserva com grande subtilidade humna gula de appetite espiritual, com que muitas Almas se enganaõ. Porque da parte da creatura a verdadeira consolação consiste na Cruz, na fidelidade, e na perseverança, não fallando em aquellas, que Deos concede. Porque elle sabe os fins para que as reparte. E finalmente, ou nos allivios, ou nos trabalhos, como diz o Servo de Deos, o que importa, he saber usar das vélas, e remos. Porque se fossemos sábios Pilotos, conduziríamos nosso espirito no mar deste mundo para as consolaçoens, pegados aos remos, e largando as vélas para os trabalhos.

Diz, que se alegre quando vir que não presta para nada. Oh se fossemos verdadeiros humildes, como entenderíamos bem esta doutrina! Porém certa sombra, com que nos escurece nossa natureza, faz que vejamos esta verdade confusa. Porque se estivessemos reduzidos áquelle nada de estimação propria, e vissemos como he agradavel a Deos este nada, nenhuma cousa (como não houvesse peccado) nos consolára mais que nossa miseria, vendo como tira a si mesma a Divina Misericordia.



## C A R T A LXXXVIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

Uito Reverenda Madre Soror N., e Senhora minha. Não tornaõ para V. M. os seus papeis; porque ainda não he tempo. Eu defejo ser o portador: e já havia causa para o ser, se a disposição Divina, e esta cabeça ruim não foraõ causa do vagar. Deos não quer a V. M. á sua vontade; por trabalhos a quer: que até agora muito bõa vida se levou, e mui bons bocadinhos do Ceo comêo. Tenha amor a Deos. Não nomee este Senhor daqui por diante, senão pelo Altissimo, com huma profunda reverencia da Alma, e conhecimento breve de sua propria vileza. Seja agradecida aos Divinos beneficios: que por ingrata os não tem recebido maiores. Já he tempo de não ser menina, senão mulher forte. Aflastemos o animo das espirituaes delicias. Suspiremos pelas Cruzes mais severas. Huma tem V. M. que padecer, maior que as que até agora. Vista-se de alentos. Peça a Deos auxilios. Arme-se de esforços: que abraçada esta com suave, alegre, quieta, amorosa, e humilde resignação, ficará claro o que atégora esteve escuro. Na Roda convêm alegria, charidade, paciencia, ira nunca. Louvado seja o Altissimo sempre. Queixa, e caramunha, de nenhum modo. Contenda, em nenhum caso. E em fim, graças, e mais graças a Sua Divina Magestade, que guarde a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E** Sta Carta começa o Servo de Deos, dizendo a esta Religiosa, a quem escrevia, que não tornavaõ os seus papeis; por-  
que



que ainda não era tempo : isto era tocante a seu espirito. E se nos negocios politicos, na Medicina, e na Guerra, he tão necessario o saber quando he tempo, que será no governo das Almas, que com tanta facilidade tomaõ muitos á sua conta, sem luz, ou experiencia, querendo huma vez levá-las do estado de principiantes aos exercicios de perfeitas, e outras detendo-as de modo, que já-mais chegaõ a este estado !

Diz, que elle havia de ser o portador, senão foraõ a causa do impedimento a enfermidade de sua cabeça, e a disposiçaõ Divina. E adverte juntamente a disposiçaõ Divina, e a sua cabeça. Porque ha pessoas com tanta presumpçaõ de resignados, que quasi sempre esperaõ milagres. sem attender ás causas segundas : e outras, que parece fiaõ tão pouco da Providencia Divina, que tudo pertendem conseguir pela diligencia propria.

Diz, que a não quer Deos á sua vontade, que por trabalhos a quer. Esta doutrina parece geral. Porque como nos trabalhos consiste o merecimento, este he hum dos maiores signaes dos predestinados. Porém particularmente escolhe Deos a algumas Almas para o estado da perfeiçaõ nesta vida, e ajudadas da Graça as traz em continua guerra ; e aindaque estas recebaõ grandes luzes, e grandes incendios da caridade. Não debalde compára a Escritura o amor ao Inferno, e á Morte. He verdade que, segundo as demonstraçoens dos que padecem estes deliquios amorosos, não trocáraõ estes amaveis tormentos pelos maiores gozos do mundo. A razãõ deve ser : Porque como a natureza he objecto tão desproporcionado á Graça ; da abundancia, com que não póde a natureza, goza mais amplamente a Alma : e como entãõ a sensibilidade não he meyo da recreaçaõ do espirito, por isso se não trocára por outro qualquer gozo este tormento. Mas o certo he, que estas Metafisicas soberanas mal as poderãõ explicar, ainda os que as chegaõ a sentir. O mais desta Carta continua o Servo de Deos, exhortando esta Religiosa a abraçar a Cruz, resignada para soffré-la, e resoluta para levá-la.



## C A R T A LXXXIX.

*O Amor de Deos arda, e ferva na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Recebi este, e o passado, Carta de V. S., de que faço a estimação, que posso, se não basto para igualar a que devo. Por ambas beijo o chapim a V. S. E quizera estar mais perto, para responder a tudo. Porque a esta sorte de letras melhor se satisfaz á vista, que a responder.

Senhora. Havendo de fallar verdade, mui bem me parece a inclinação de V. S., bem os seus exercicios, as suas obras bem. Mas não acho no uso delles, que V. S. se faça toda aquella violencia, com que fidalgamente se serve a Deos. Toda a perfeição das obras consiste não só no bom fim, a que as dirigimos, senão também no excellente modo, com que as obramos. O modo he huma liberdade de espirito muito senhor de si, com quem a mesma vontade tem seu martyrio, e o entendimento encontro. V. S. nem se martyrizava ainda, nem se encontra muito por dentro, aindaque pezeja por fora. Ha isto mister huns temperos, de que só he boa cozinheira a mortificação. Eu não tinha muito prestimo para isto; porque carrego sempre a mão de hum sal, que mui pouca graça tem; só commigo não. Por isso quero agora tratar a V. S. como me trato a mim. E assim, minha Senhora, façamos alguma cousa por melhorar: e seja embora pouco. Entenda V. S. com o seu entendimento hum pouco de tempo, e defenda de tudo, e quebre-lhe os brios, e vezes, sequer huma vez no dia. Ponha hum porteiro ás palavras, que não sayão, cada vez que querem, pela porta fóra. E ponha hum fiscal na razão, para que tema mais o que a razão lhe agiganta para o mostrar, que tudo o mais que nega para o não dizer. Nenhuma cousa deita a perder os silencios, como ter o juizo por madrinha sua a razão. Exercite-se



te-se V.S. em torcer esta potencia, endireitando-se com ella. E perdoe-me a mim os atrevimentos, que vaõ em traje de ayílos, pois o não podem ter sendo conselhos meus, e dados a V. S. Bendito seja Deos.

Tambem beijo o chapim a V. S. por estas Cruzes, que muito estimo, e pelo Christo, que estimarei mais. Folgára que esse Senhor viesse muito enlanguentado, e que viesse. Eu me vou encontrar até principios de Novembro com o Padre Provincial em Alcacere. Se fora possivel que viera, estimára-o muito. Folgára tambem que as Cruzes foraõ de humas canas muito leves; que me parece que vem da India. Porque eu não sou homem de muito pezo, aindaque V. S. me tenha em tanta conta. A pressa, com que estou, e com que agora me inquietaõ, me não deixa ser mais largo. Deos quererá que mui brevemente, ou ao menos não muito tarde, possa ver de mais perto a V. S., a quem peço muito encommende a Deos esta pobre Alma. E Sua Divina Magestade guarde, e conserve a V. S. em sua Divina graça, como eu lhe peço, e desejo.

De V. S. Servo, e Capellaõ inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum a Senhora de muita qualidade, e espirito. E depois de a tratar com aquelle obsequio, que se deve a similhante pessoas, diz, que a sua inclinação, seus exercicios, e suas obras tudo lhe parece bem; mas que não acha que faz a si mesma a violencia, de que necessita. Porque a perfeição não consiste só no fim do que queremos fazer, senão tambem no modo, com que o devemos obrar. Porque para serem perfeitas as nossas obras, devemos fazê-las, como se fossem as ultimas, e as ultimas, como se fossem as mais importantes de todas. Porque algumas vezes, como aquelle, que se dirige a hum sitio, e por se recrear, deixando o caminho, faz varios giros, e varios passeios, desorte que aindaque vá ao lugar destinado, he como esquecido do fim, e divertido a seu gosto: assim algumas



algumas pessoas dirigindo a Deos seus exercicios, são feitos tanto a sua vontade, e por estylo, que perdem a maior parte do merecimento. E por esta razão prossegue o Servo de Deos, que com o verdadeiro modo de obrar tem a vontade o seu martyrio, que padecer. E diz, que aindaque se não martyrisa, nem se encontra por dentro, bem que peleje por fóra: quer dizer, que supposto que quer fazer a vontade de Deus geralmente, he sempre a satisfação de sua vontade, onde ha hum engano grande do amor proprio, o qual he a mesma razão, com que lhe dá o pretexto. E por isso continua, que mortifique o juizo. Porque como a vontade se governa pelo entendimento, se nos não negarmos a nosso discurso (sendo sempre inclinado ao nosso appetite) imperceptivelmente faremos a nossa vontade.

E daqui vem a inteiroza do fallar, a liberdade de eleger, e a promptidão de seguir. De maneira, que ou devemos mortificar o dictame proprio, ou seguir o alheio. E supposto que ha muitos casos, em que de necessidade nos devemos governar a nós mesmos: a regra geral he, no que for duvidoso, escolher sempre o mais amargo. Mas como não he muito facil a pratica deste exercicio, continua o Servo de Deos que faça alguma cousa por melhorar, aindaque seja pouco, e que entenda com o seu Entendimento, e de tudo o mais desentenda. E esta he toda a difficuldade desta pratica. Porque os juizos orgulhosos, e promptos, em pessoas principalmente que forão criadas com presumpção, e liberdade, são tão difficeis de reduzir, como reduzidos são meyo para aproveitar. E por isso continua, que ponha hum porteiro ás palavras, e hum fiscal á razão: dando a entender, que de ordinario os maiores enganos são aquelles, que sabem justificados pelo proprio entendimento.



## C A R T A CX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



É Nosso Senhor a V. M. muito alegres Paschoas, e toda aquella graça, e consolação, que em minhas pobres Orações lhe peço. Anime-se V. M., e dê muitas graças a Deos, por sentir as suas tentações. Porque o senti-las he bom, e só o consenti-las he máo. E se não passou de levareda, com que ardeo a natureza, não se perdeu a Graça. Porque para isto requiere consentimento do espirito, e deliberação do animo. E se V. M. o não teve de folgar com a vontade interior do que passava na parte exterior, nada lhe fez mal; antes lhe deixou o bem do temor de Deos. O fogo, que arde nos arrabaldes, não queima a Cidade, que está murada, aindaque esteja perto della. Cidade he a Alma, muró he a Graça, arrabalde he o Corpo. Mas bom he vigiar sobre onde se accende o fogo, e donde nasce; se da falta da mortificação, ou dos sentidos, ou das potencias da Alma; e segundo forem os erpes, assim sejaõ os defensivos. E não se esqueça em suas Orações de mim. Porque aindaque em Mayo nos vejamos, cedo poderá ser que nos veremos. Entretanto encomende-me muito a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

Esta Carta escrevia o Servo de Deos a certa pessoa, que parece lhe communicava sua consciencia. E depois de lhe dar as boas Festas, diz que se anime, e dê muitas graças a Deos por sentir tentações. Porque senti-las he bom: como seria máo

con-



consenti-las, pois fora peccado; e senti-las sem consenti-las he merecimento. De tal sorte, que hum dos mais evidentes signaes da Graça, he a tentação resistida. A razão he clara. Porque como o homem de si não pôde fazer cousa boa: Hum acto tão excellente, como he o da resistencia a huma inclinação tão natural, e maliciosa, como pôde deixar de ser hum grande favor da Bondade Divina!

E prosegue: Se não passou de levareda, com que ardeo a natureza, não se perdeu a Graça. Porque este arder da natureza sómente, com que não concorre a vontade, he hum combate, por onde merecendo se fazem os melhores habitos: Como se passassemos huma ave, depois de depennada, pelas chammas para acabar de consumir aquelle pello, que a mão não pode arrancar; com que não só fica limpa, mas mais livre da corrupção, e mais enxuta. Assim a nossa Alma pelos combates das tentações mais fortes se fortifica, e dispõe para maiores batalhas. E continúa o Servo de Deos, que em quanto o fogo anda pelos arrabaldes, não queima a Cidade, que he o nosso Espirito, o arrabalde o Corpo, e a Graça o muro. Esta regra, de que só o consentir he delicto, e sentir só he merecimento, he infallivel, e approvada pelos maiores Mestres. Mas não está a meu ver aqui a difficuldade. Porque se soubessemos no calor das tentações distinguir o sentir do consentir, não fora muito difficil de conservar a paz interior. Porém a tribulação, e os assaltos são ás vezes entre tanto fogo estrondos, e fumo, que apenas pôde huma pobre Alma tomar as armas, nem sabe como sustentar-se a si mesma. E daqui nasce o escrupulo, e diúvidas. E para estas fora bom achar alguma regra.

E se me he permittido, direi o que entendo. E he, que passado o rigor do conflicto, o que differa a outra pessoa, se me pediria conselho, achando-se no mesmo estado, isto me differa a mim mesmo. Tambem he de advertir, que o sabermos se consentimos, ou não consentimos, não faz menor, ou maior o peccado. De que se segue, que este desejo não he charidade, he amor proprio. Porque se fosse amor de Deos verdadeiro, sem nos attribularmos, fariamos o exame, que moralmente pudessemos. Confessariamos o que julgássemos. Aceitariamos com humildade a penitencia. E ficariamos em Deos com grande confiança.



## C A R T A XCI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Não serve de nada vir a esta Casa, e não escrever, nem fallar. Só serve para dar graças a Deos, que até dos allivios faz próva. Não se estremeça V. M. com os sonhos. Chore mais os desacordos de meus peccados; pois, tendo tantos, os choro tão pouco. O ir para fóra do Reino, he cousa sem fundamento, o para fóra mysterioso.

Agradeço a V. M. as Communhoës, e mais offertas, que faz a Deos por mim. E poderá ser que essas me tenhamão maõ. E alláz me são necessárias. Se eu posso pagar, quanto faço he pouco. Mas tudo isto he de V. M. do modo que lho posso applicar: e do que me tem dado, com ninguem quero repartir.

Naõ sei que possa fazer por V. M., que seja mais que o que o faço. Mas se em mim póde haver este mais, assim o farei. E conserve-se V. M., como diz, sem voz antes, nem depois, e sem coração de susto, pondo a Alma em o possivel fogo. E se Deos occupar a V. M. em outro exercicio, elle dará forças: que não faz Deos nada de meyas, nem imperfecto.

Do que se disse dos tres predestinados; não ha tal. O que digo he, que sei de certo, que no auditorio esta huma Alma em grande perigo de perder-se, que se reze por ella huma Ave Maria. Calo quem he, que sou eu. E ha muitos effeitos bons. A clareza, com que fallo, aindaque parece mal, eu, e os Confessores sabemos quanto bem faz, e quanto enfada ao demonio. E os do seculo, que não sabem disto, bom he que não gavem tudo, e que se embaracem neste pouco, para que menos reparem no muito.

Siga os seus exercicios, como lhe tenho dito, ou como  
Nosso



Nosso Senhor melhor lhe inspirar, até que eu possa com mais vagar fallar a V. M., que agora não tenho tempo : e tudo á pressa não tem efficacia. A Deos , até que possa.

Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# NOTA.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a hum Religiosa , cuja consciencia governava. Começa , que nem serve de nada vir áquella Casa , e não escrever , nem fallar : e que só serve para dar graças a Deos , que até dos allivios faz prova. Porque da doutrina , que costumava , e como o mais era só consolação sem trabalho, por isso diz, que Deos até dos allivios faz prova : para que entendamos o uso , que dos allivios fazemos.

Diz , que se não estremeça com os sonhos , e que chore mais seus peccados. Parece que esta Religiosa temia , ou havia ouvido que o Servo de Deos queria ir para fóra do Reyno, por esta razão diz , que aindaque não tem fundamento , fora o sonho mysterioso. Porque estas cousas espiritualizadas sem superstição , mais sinceramente servem ás vezes de estímulo para as virtudes.

Diz , que se conserve sem voz antes , nem depois , e sem coração de susto. Porque calar antes , não he tanto , porque he só reprimir hum impulso : mas perseverar calando , he soffrer hum martyrio. E por isso diz sem susto , pondo a Alma em o possível socego.

Diz , que a clareza , com que fallava , fazia muitos efeitos bons, aindaque parecesse mal. Isto era a certas pessoas do mundo , tão ridiculamente exactas , que se não escandalizarão de ver commetter na praça hum peccado escandaloso , e repararão em que sinceramente mostre do Pulpito hum Pregador Apostolico aos ignorantes ás culpas , em que cabem : e muitas vezes , porque não as conhecem. Cujos bons efeitos sabia o Servo de Deos , pela experiencia , que fazia dos que ouviam a sua doutrina , mais para se reformarem , que para o arguirem.



## C A R T A CXII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Endito seja Deos , que assim foi servido ! Levou para si hum Anjo , e tirou a V. M. hum Idolo ; porque desapegada de tudo , do que no mundo amava , ficasse mais capaz de amar a quem no Ceo quer a V. M. Dê-lhe muitas graças : que esse he o dote melhor com que essa filha pôde ir para a Gloria. E os bens deste mundo falso , e enganoso , dita he não chegá-los a possuir , mais que para os desprezar. Em sua Mãe de V. M. , e em seu Filho peço ao Senhor se faça a sua Divina vontade ; e que se para consolação de V. M. não necessarios , lhos empreste mais algum tempo.

No que tóca á sepultura , he vaidade que V. M. lhe queira dar outra a sua Filha , mais que essa Igreja da Piedade. E ao tempo , em que vemos na Côrte os Marquezes , e Condes na morte pedirem huma vil sepultura fóra da Igreja , como tendo-se por indignos della ; ( isto fez o Conde velho d'Atouguia ) não he razáo que V. M. pobre , e espirital deseje pompas , nem memorias , nem particularidades. A terra assim como toda he casa commúa para a vida , assim he aposento commum para a morte : qualquer basta. E não deve V. M. estar tão melindrosa de espirito , que a recee sepultar á vista. Lá fóra eu , e alguns Frades a sepultá-la ; se as occupaões gravissimas do Capitulo nos não trouxeraõ a todos embaraçados. Mande V. M. os Clerigos da terra , que fação o enterro. E fie-se de Deos , que ha de acudir , quando importar. Entretanto encomende-me a Nosso Senhor , que guarde a V. M. como lhe peço , e desejo.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O.



## N O T A.

**E** Sta Carta, que o Veneravel Padre escreve a certa Senhora, parece que em occasião, que lhe morrera hum filha, começa: Bendito seja Deos, que assim foi servido! Levou para si hum Anjo, e tirou a V. M. hum Idolo. E he certo, que não ha Idolos mais perigosos, que aquelles, que amamos com mais justificados pretextos. Amar os filhos, não pôde ser injusto, pois Deos nos manda amar os proximos; o damno esta no pegamento, com que amamos. E como até em os filhos o excesso he erro de vontade com cor de virtude, como se não sente o remorso, não procura a razão regular o cuidado. E por isso prosegue o Servo de Deos: paraque desapegada (isto he, daquelle affecto que a trazia preza) ficasse mais capaz de amar a quem no Ceo quer que lhe de muitas graças.

Diz, que os bens deste mundo, dita he não chegar a possuí-los, mais que para desprezá-los. E este chamar-lhe dita, he como se differa, huma particular graça. Porque para dar de mão aos bens deste mundo em seu principio, e desprezar os alvoroços, com que nos lisongea a novidade de hum contentamento, são experimentar o amargo do desengano: esta valentia de espirito não cabe em nossa miseria sem hum grande auxilio da Graça Divina.

No que toca á sepultura, prosegue, he vaidade, que lhe queira dar outra, mais que em certa Igreja, que parece era a mais vizinha, ou a sua Parochia. E verdadeiramente, que he estupenda a fragilidade humana, que á vista de alguns sepulchros, tão cegamente erigidos, considero, não só vaidade, mas hum certo medo nascido de hum indigna fraqueza, cujo horror parece que se lisongea daquellas cinzas douradas, para lhe não serem na consideração tão molestas. Porque não sei outro effeito destas extravagancias escandalosas, mais que serem hum cortina para impedirem a verdade do desengano aos vivos, e hum grave pezo, que alguns deixaraõ fabricado para cabir sobre si mesmos depois de mortos. E por esta razão acaba o Servo de Deos, que não seja tão melindrosa de espirito, que recee sepultar á vista aquelle objecto. Como se differa, que aquelle vaõ culto não era



*mais que dar huma cor ao allivio proprio , com protexto de obsequio inutil para o defunto.*

## C A R T A   X C I I I .

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Pressa não dá tempo para mais , que dizer a V. M. o muito que estimo este seu papel , e que só estimei mais a puzera de seu espirito. Ainda isto de sahir como hum rayo aos propositos , são huns fumoszinhos do mundo. Eu tenho a culpa , que pondo a madeira tão verde ao fogo , que ainda não está puro , fiz que donde podiaõ sahir levedas , sahissem fumaças. Os effeitos , que V. M. sente nas minhas palavras , obras são de Deos , que com o lodo dá vista. Seja elle muito bendito ; e dê a V. M. saude corporal , e espiritual , como lhe peço. Porque elle póde fazer que seja para seu serviço huma , e outra saude. Quando não queira , faça-se a sua vontade. Louve-o V. M. nella. Que feitas as diligencias da Medicina , devemos louvar a Deos na enfermidade , ou achaque , como pajem de Deos. E aindaque seja feio , e aspero , veni para seu serviço a dar o seu recado : e he , que tenhamos santa paciencia , e que vejamos quem somos. Porque entao muitas soberbinhas , e impaciencias , que estavaõ solapadas por dentro , sahem para fóra na raiva , na afflicção , e na tristeza do espirito : cuja perfeição consiste no avesso do que queremos. Continúe V. M. o favor , que me faz de encommendar-me a Deos , que para si faz. Mais agradaveis são a Deos as Orações pelo proximo , que por nós mesmos. Estas cheiraõ a amor proprio , e aquellas a amor de Deos. Este Senhor he quem paga por mim. E assim não fará V. M. tanto , que não seja mais o que por isso receba. Esta tambem foi boa fumareda. Louvado seja Deos.

Acerca do que me ficou no tinteiro , digo , que me parece



rece melhor, que V. M. se contente com os pés de Christo Senhor Nosso; porque melhor he para V. M. que Christo lhe dê com os pés no coração, e não que tenha o coração de Christo a seus pés. Assim ha de ficar, se lá se metter, sem elle a chamar. Faça elle o que for servido.

Essoutra mortificação, se he humã, que eu suspeito, não lhe dê a V. M. cuidado. Porque não tem fundamento. Se he outra, offereça-a a Deos, que lhe dá hum proveito mais em cada consolação de menos. No nome de V. M. não fallo. Porque ainda V. M. está mais verde que a Madre Soror N. Lá iremos: então fallaremos. No mundo era isso de obrar os nomes, signal de grandeza: por onde alguns tomá-rão tres nomes, como Marco Tullio Cicero. E os escravos, e gente vil tinham hum só nome. Não se soffria mais. E como V. M. quando deixou o mundo, deixou o fastoso dos nomes, e sobrenomes, e escolheu o vil dos desprezos: quanto desprezar mais da grandeza, com que nasceo, mais serventia terá na pequenez a humildade, a que se dedicou.

Faça V. M. por não adoecer de todo. E sobre tudo faça por agazalhar com amor a vontade de Deos, que se mostra no successo. E peça a todos, que me encommendem a Sua Divina Magestad, e que lhe lembrem muitas vezes este Pecador: que, tal qual he, quanto pôde offerece por V. M. a Deos, que guarde a V. M. como lhe peço, e desejo: &c.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas:*

N O T A.

**E**sta Carta, que o Veneravel Padre escrevia a certa Religiosa, começa dizendo, que estima muito aquelle seu papel, e que só estimára mais a pureza de seu espirito: para que examinasse, se o papel dizia o mesmo que sentia o affecto. E porque sabia quam facilmente mudaõ de natureza as palavras, em tão pouca distancia como vai do coração á boca.

Diz, que ainda isto de sabir como hum rayo aos propósitos,



são hums fumoszinbos do mundo. A razão he. Porque supposto que a execução dos effeitos se deve seguir á deliberação dos propósitos, sempre o acceleramento suppõem coração alterado: de que se infere menos resignação, que amor proprio. E por isso lhe chama fumoszinbos do mundo. Diz, que elle tem a culpa. Porque pôs a madeira verde ao fogo, e fez, que donde podiaõ subir levaredas, sabissẽm fumaças, isto era para humilhá-la: querendo dizer-lhe, que não estava ainda em estado para muito elevados exercicios, que, conforme as suas disposições, de outros menores tirára mais proveito; porque eraõ mais proporcionados a seu espirito. Diz, que os effeitos, que sente de suas palavras, são de Deos. E este tempo, que nos pudéra parecer confiança, he humildade. Porque achava, que de si mesmo em suas palavras não podia haver cousa bõa.

Diz, que se Deos lhe não dê saude, que o louve na enfermidade. Porque, feitas as diligencias da Medicina, devemos ter o achaque por favor da Providencia. E isto he tão certo, que se nos não escusára a nossa fraqueza, e ignorancia, nestes termos qualquer queixa pudéra ser culpa. Porque Deos não nos ha de mandar dizer sua vontade por Anjos, senão por effeitos. Porque fazendo da nossa parte o que somos obrigados, não ha caso, em que se não mostre a vontade de Deos nos successos.

Diz, que melhor he que Christo Senhor Nosso lhe dê com os pés no coração, do que ter o coração de Christo a seus pés: isto era a respeito de certas Meditações muy elevadas, sem entrar nellas a imaginação, nem formar figuras, que aindaque sejaõ as mais perfectas, com tudo nem são para todo o estado de espirito, nem para todos os tempos. E por isso prosegue: Se lá se metter, sem elle a chamar, ha de ficar de fóra. A razão he. Porque se huma Alma quer subir de si mesma áquella contemplação quasi passiva, que era a de que o Servo de Deos fallava, ordinariamente fica de fóra, isto he, sem o fructo de hum, e outro exercicio: de hum, por querer entrar, onde não era chamada; e de outro, por não seguir o que mais lhe convinha.



## C A R T A X C I V .

*O Amor de Deos more nas vossas Almas.*

Inhas Irmaãs, e Senhoras. Nosso Senhor entendo que vos quer fazer Santas. Não percais a occasião, que tiverdes. Porque aindaque a tenção seja grande, o auxilio ha de ser igual. Aindaque vos affrontem, vos injuriem, vos espanquem, soffrei por amor de Deos: que tempo virá que folgueis de ter padecido. Mas se o levarés com paciencia, mais soffreo por vós vosso Esposo Jesu Christo. Não está mal á Esposa vestir-se da libré de seu Esposo. E isto, aindaque custa muito á natureza, não se perde a Graça, se com humildade se leva, e se diz de coração: Seja Deos em tudo louvado. Elle abrirá caminho, para que tudo se ponha em bem. Peço-vos muito vos não esqueçais do fim, com que entrastes nesse Convento, tratando da santa Oração, Charidade, Mortificação, e principalmente do Amor de Deos, e da Virgem Nossa Senhora. Nosso Irmão Fr. João se partio Sabbado desta terra com faude. Vai com desejos de ver-vos, em podendo. Aqui lhe fizeraõ grandes honras os melhores de Portugal. Pedi muito a Nosso Senhor lhe dê verdadeira humildade, conhecimento de sua miseria, agradecimento das misericordias de Deos. Eu, se elle me der vida, parto para o Algarve esta semana. Rogai a Nosso Senhor seja para gloria sua. Elle vos guarde.

Irmão, e Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A .

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a suas Irmaãs. Começa dizendo, que entende que Deos as quer fazer Santas, e que não percaõ a occasião. E supposto que Deos quer fazer Santos a todos,



todos, e para todos está com os braços abertos; a razão, porque não somos todos Santos, he porque deixamos passar a occasião sem effeito. E quantos houverão de ser Santos, se não deixáram perder tantas inspirações, e tantos auxilios. E pôde ser que fossem os ultimos aquelles, que não abraçámos: e que não abraçá-los, seja a causa de serem os ultimos. E como esta profunda materia das dispensações da Graça a reservou só para si a Sabedoria Divina, he necessario não deixar perder occasião alguma, sobpena de poder ser qualquer dellas a derradeira.

Diz, que soffraõ pelo amor de Deos tudo, e que tempo virá, que folguem de haver padecido. Huma das maiores causas de nossas tibiezas, he a pouca Fé, com que padecemos nesta vida alguma molestia. E por isso diz o Servo de Deos, que tempo virá, em que estime pela vista clara da experiencia, a que agora refusamos, aindaque verdadeira, pela Fé escura.

Diz, que lbes pede muito, que se não esqueçam do fim, paraque entráram naquelle Convento. E daqui se segue a razão, porque tantas pessoas aproveitaõ tão pouco em todos os estados. Porque aindaque tem bõa tenção, e bons desejos, como se esquecem do fim, supposto que tenham alguns exercicios, nunca passaõ dos meios.

Diz, que a seu Irmaõ, que parece havia estado na Córte, lbe fez grandes honras o melhor da Nobreza. E prosegue: Pedi muito a Deos lbe dê verdadeira humildade. Porque sabia quam venenosa he qualquer gloria deste mundo apparente, sem o verdadeiro correctivo da Santa Humildade.

## C A R T A XCV.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre, e Senhora minha. Já lá vai o Inverno, e chegou a Primavera. Dispa-se V. M. das tristezas, e encha-se de espirituaes alegrias; pois as presenças de Lucifer se trocáram em presença de Deos, e as Endoenças do animo em Alleluias do

Espi-



Espirito. Resuscite o gosto, respire o desmayo, e revivão os allivios. E no meyo das Cruzes tornaõ-se as Espinhas ro-  
sas, e os Cravos boninas; pois servem ao merecimento para  
corôa, aindaque para o corpo sejaõ martyrio. Lembre-se  
V. M. que se Nosso Senhor lhe dá que padecer; isto he o  
que nesta vida tomou para si. E as Esposas comem da igua-  
ria de seus Esposos. E não fora bom que V. M. estivesse no  
Tabôr, quando o medita no Calvario; elle padecendo, e  
V. M. rindo. Indaque nos não possamos alegrar, quanto ao  
corpo, seja ao menos quanto ao animo, ou ao desejo: que  
isto he possivel. As Almas amigas de Deos, saõ como a Açucena entre espinhas, que servindo-lhe de lancetas verdes,  
a cada sopro do Ceo a atravessaõ, e lastimaõ. Mas aquelle  
mesmo rigor, que para a Açucena he ferida, para o Ceo  
he fragrancia: e servem como de bocas, aindaque mudas,  
para encarecer paciencias, e attrahir misericordias: que saõ  
os brincos de sangria, que nos dá a Bondade Divina. Ofereça V. M. as suas penas, sem mais fadiga dos cuidados, e  
pensamentos, que dizer: *Deos me está vendo: Deos me está  
espreitando: e eu não sei se o amo.* Diga isto com mais ternu-  
ra do espirito, que sentimento. Porque mais se ha de curar  
com o amor, que com a dor; menos com as queixas de si  
mesma, que com as branduras. Com Deos use deste cordial,  
mansa, e suavemente, ao geito do estado da natureza. E  
espere que não ha de faltar a Divina Graça: que se tarda,  
he por nosso proveito. Como V. M. até mais não querer, até  
depois da doença passar. Não faço nenhum escrupulo do re-  
galo. Porque maior peccado he em V. M. a penitencia, em  
quanto não tem inteira saude: que eu sem febre, nem frio  
comi agora dous dias gallinha: e não me confessei, nem tive  
escrupulo disso. E he impertinencia reparar em cousas de com-  
mer, quem não pôde jejuar, nem sarar. Trate V. M. de sua fau-  
de: que Deos quer que trate della. Durma sempre que possa.  
E não tenha mais Oração, que esta simplez memoria de Deos,  
e a conformidade, e alegria d'Alma possivel com sua Divina  
Vontade. E lembre-se de mim diante de Deos, que guarde  
a V. M. quanto lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.



## N O T A.

**E**sta Carta, que o Servo de Deos escreveu a certa Religiosa, comprehende com muita erudição grande doutrina. E porque parece havia estado enferma, e conseqüentemente attribulada, começa dizendo-lhe, que após as tempestades do animo (isto he, o que havia padecido de molestias, esterilidades, seccuras, escrupulos, tibiezas, e outras afflicções, que costumão padecer aquelles, que Deos quer provar) o mesmo Senhor dá as bonanças do espirito, que he a paz, a tranquillidade, a consolação, a liberdade, e finalmente outras luzes suaves, com que recrea as Almas devotas; assim como as plantas, que depois do rigor aspero, e frio do Inverno, lograão na Primavera entre fragrança, e alegria, quanto padecerão pela aspereza. Assim entre favores, e combates leva Deos os espiritos, que elege para as cousas maiores; humas vezes levantando-os pela confiança; e outras, abateendo-os pela humildade.

Diz, que aindaque se não possa alegrar, quanto do corpo, que ao menos o faça quanto ao animo, e desejo. Bem sabia o Veneravel Padre, supposto que diz, ao menos, que o mais que póde fazer huma Alma nas afflicções do espirito, com a Graça ordinaria, he ter firme o desejo, e o animo. Porque a alegria sensível nos mesmos trabalhos, ainda depois de grandes provas, a não concede Deos a muitos. Mas desta sorte aconselhando-lhe o que lhe convinha, a deixava sempre nos termos da Humildade santa.

Diz, que offereça a Deos suas penas, sem mais fadiga, que dizer: Deos me está vendo: Deos me está espreitando. Isto he, que considere não só que Deos a vê com aquella vista universal, com que vê todas as cousas, mas com a tenção piedosa, com que examina aquelles, que ama. Porque de não penetrarmos bem esta verdade, ou não deixarmos que nos penetre, se segue a repugnancia, com que padecemos, e a pouca alegria, com que nos conformamos.

Diz, que melhor se ha de curar com o amor, que com a dor: isto he, com fazer actos de Amor de Deos, e não com certa amargura, que com bons pretextos nasce de amor proprio. E

suppo-



*supposto que prosegue , que vá ao geito da natureza , não quer isto dizer segui-la , senão encaminhá-la. Porque muitas pessoas , que directamente se procuraõ oppór a seu natural sem prudencia , vem a destrui-lo de sorte , que se não pôdem servir delle para a Caridade. O que não succede a quem com cautela sabe usar de sua suave , e segura doutrina.*

## C A R T A XCVI.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*



Adre Soror N. , e Senhora minha. He tempo , de que V. M. se lembre do muito que deve a Deos , e se aproveite de seus auxilios. Deos da parte do Ceo chove as misericordias sobre os montes , e sobre os valles. Os valles aproveitaõ-se , porque recebem , e entranhaõ em si o que do Ceo lhes vem ; os montes ficaõ amaldiçoados , estereis , e infecundos. Porque por mais que o Ceo lhes chova , tudo facodem de si , e se ficaõ , como antes , soberbos , asperos , e seccos. Deos quer a V. M. Queira V. M. a Deos. Não lhe manda fazer penitencias. Quer o coração , o amor , o cuidado , o commercio , e desvelo : e que por agradá-lo soffra V. M. os males , as penas , e as borrafcas , que lhe vierem. Agora que deixo de escrever a muitas pessoas , creyo que me veyo de Deos o impulso , para dizer a V. M. isto , a quem peço me encomende ao Senhor , e senão envergonhe de nada , mais que de não resolver-se a servi-lo , e passar inutilmente o tempo. Sua Divina Magestade guarde a V. M.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

## N O T A.

**E**sta Carta escreveo o Servo de Deos a certa Religiosa. E começa dizendo: que he tempo , de que se lembre do muito que deve a Deos. E não diz isto , porque não seja sempre obrigaçã este



este cuidado , mas porque quando Deos nos chama , entrão se de-  
ve affervorar mais o affecto. E por isso prosegue , que se aprovei-  
te de seus auxilios. A razão he. Porque muitos se contentão com  
sentir as inspiraçoens , mas porque se não aproveitaõ dellas , re-  
cebem em vão a graça , que lhes bate ás portas. E assim continúa  
com o exemplo da chuva , que cabe nos montes , e valles , mas pe-  
las disposiçoens differentes , huns , e outros a recebem , com dif-  
ferente sorte.

Diz , que queira a Deos , pois Deos a quer. Clausula he  
esta para grande confusão nossa. Que nos queira Deos sem o per-  
juadirmos , e que seja necessario persuadir-nos que queiramos  
a Deos ! E praza ao mesmo Senhor , que ainda assim o busque-  
mos. E diz , que lhe não manda fazer penitencias : mas o que  
lhe pede , he o coração , o cuidado , o commercio. E he necessario  
entender , que não ha de ter o commercio , quem lhe não dêr o  
coração : e não lhe ha de dar o coração , que não tiver o commer-  
cio. Este commercio he a Oração , e este coração he o amor. E sem  
amor mal se pôde orar : como sem orar mal se pôde querer : que  
nas conciliaçoens do espirito , não pôde haver muito trato sem  
muito affecto , nem muito affecto sem muito trato.

## C A R T A XCVII.

O Amor de Deos more na Alma de V. M.



Uito Reverenda Madre Abbadessa, e Senhora mi-  
nha. Cheguei a S. Bernardino, porto onde venho  
a reparar-me dos meus naufragios. E como nelles  
sempre se fazem votos, e promessas, não posso dei-  
xar de satisfazer á Madre de Deos, as que lhe te-  
nho feito. Lá vai este Quadro de papel , não como taboa de  
milagres, salvo se for como algum da Penha de França, que de  
cobras, e lagartos consta; mas como memoria das minhas obri-  
gações , que não podem desconhecer-se as que devo a V. M.  
Vai tambem a buscar-me novas de V. M. , que sempre terão



no estimadas, o que lhes faltar no merecidas. Diga-me V. M. como lhe vai, e como passaõ essas Religiosas, que de todas estimarei as novas, as orações, e as lembranças. Eu por aqui me passo, sem saber ainda como vivo; pois não aprendo dos troncos, e dos penedos, o que pelos olhos me ensinaõ. Olho para esta soledade, e assim no Ceo, como na terra, no ar, e nas mais creaturas sobejaõ os motivos para espiritar-me, e crescem cada vez mais as razões de entristecer-me, pois me aproveito taõ mal do que pudéra fazer-me bem. Seja Deos louvado, que ainda assim me não nega os allivios, ainda quando lhe espediço os remedios. Olho para estes penedos, a quem o mar açouta, e os vejo com paciencia firmes, com constancia immoveis: e parece que reprehendem a minha fraqueza, e a minha levidaõ taõ grande, pois falta a huma Alma a virtude, que lhe sobeja a hum penedo. Olho para o mar, aindaque inchado, ruidoso, soberbo, e embravecido: vejo ás vezes, que fazendo-se do Ceo espelho, se faz do Ceo retrato. Porque aindaque se lhe vá huma onda, e se lhe venha outra onda; em fim lá tem suas horas, em que se lhe imprimem grandemente as cousas do Ceo, e se mostra da sua cor. Eu miseravel, por mais quieto que me veja, por mais em remance que viva, não sou assim, pois ainda me não vejo escultura daquelles celestes bens; e aindaque de-sejo o debuxo, não sei fazer-me retrato. Olho para o Ceo, e alegro-me de ver hum lugar, em que Deos não he offendido; antes sumamente louvado. Oh se assim fora o mundo todo, se todos foramos assim, que gloria, que bemaventurança houvera nas nossas Almas, sendo para Deos huns Ceos, onde sempre fora louvado, e nunca offendido! Mas ay de mim, que tenho que chorar o avesso, e não sei o que será de mim! Olho para os troncos, e vejo que com ancia sobem para o seu Creador, e a pezar da folha, e verdura, com que a terra os veste, e orna; da verdura fazem alma para crescer, e das folhas azas para subir. E eu peccador miseravel, mais que os troncos duro, mais que os madeiros secco, só para cepo sirvo, só presto para o fogo. Vejo as hervinhas bailando a cada sopro do Ceo, e que abaixando as cabeças, estaõ sempre em *Gloria Patri*. E eu nascido das hervas, mais peço-



peçonhento que todas, não dou a Deos a gloria, que lhe pudéra dar, só presto para settas, que ao Ceo podem ferir. Olho as flores, que com cheirosas fragancias estão perfumando o Ceo, quando naturalmente espiraõ. E eu, sem ter hum suspiro, com que a Deos agrade, não espiro, nem respiro nas fragancias da Oração. Olho para as fontes, que arrojadas, e anciosas se despenhaõ sem reparo para chegar a seu centro. E eu parado como lagõa, e gelado como o mar do Norte, nem corro, nem me derreto, não me arrojo áquelle summo Bem, que he suave Centro nosso. Olho para os peixes deste tanque, que admiravelmente domesticos vem comer á mão de todos por hum pequeno beneficio, ou leve engodo, que tem. E eu, cheio de tantos beneficios, cada vez menos domestico, menos domado, menos agradecido a Deos. Em fim, ponhamos silencio ao que se pudéra dizer, e não nos arrependamos do que está dito. Porque servirá de motivo para V. M. louvar a Bondade de Deos immensa, que assim me soffre. E tome muito por sua conta encomendar-me mais a Deos, para que me perdoe, e espere entretanto. O que convém he aturar esse trabalho sem queixa. Porque se perde o merecimento, onde a paciencia resvala, e o sentimento murmura. A Oração sem desconfiança: porque nella himos buscar a gloria de Deos, não a nossa. Elle guarde a V. M. quanto lhe peço.

Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a certa Religiosa, Abbadessa, e pessoa de muito espirito. Começa dando-lhe conta de como havia chegado ao Convento de S. Bernardino, onde diz: Vay a reparar-se de seus naufragios. Paraque entendessemos, que por mais exactas que fossem as occupaçoens da vida activa, (como o eraõ as do Veneravel Padre no exercicio de Missionario) sempre a tempos convém o retiro, para compor em silencio os ruidos, que occassiona o tumulto.

Diz,



Diz, que manda aquelle papel, não como taboa de milagres, mas como memoria de suas obrigaçoens. E diz milagres, não só porque havia fallado em votos, e em naufragios, e se dirige áquelle Santo Convento, mas como o seu intento não era só accusar a negligencia propria, mas ainda estimular a albeia, e aquellas taboas servem mais de votos, que de documentos, por isso diz, que he como memoria, que vay buscar Oraçoens, e lembranças.

Diz, que passa sem saber ainda como vive, pois não aprende o que lhe ensinaõ pelos olhos os troncos, e os penedos. Para que se lembrasse, vendo como vive nossa Alma confusa com nossa natureza, que tendo aquellas creaturas só huma Alma vegetativa, e sendo taõ obedientes ao Creador em seu genero, vivemos nós ás vezes com menos fidelidade que hum penedo, e que hum tronco, que não tem movimento, ou proprio exercicio.

Diz, que olhando para as creaturas, lhe crescem razoes para maior tristeza: pois se aproveita taõ mal do que podia fazer bem. Azação he. Porque assim como para as obrigaçoens fazem humas creaturas, a outras tanta differença, tambem succede o mesmo com os talentos de estado a estado, e de estatuto a estatuto.

Diz, que olha para os penedos firmes, a quem o mar açouta. E he de advertir, que quando os açouta, os gasta. Porque mortificação, que não gasta, consequentemente não emenda.

Diz, que o mar, aindaque ás vezes está inchado, e ruídofo, lá tem sua hora, em que se faz do Ceo espelho, e por consequencia retrato. E assim he em verdade: que para poder ser retrato, he necessario ser primeiro espelho. Porque se se não vir o Ceo em nossa Alma pela natureza, não poderá nosso espirito ser copia pela similhaça.

Diz, que olha para o Ceo, e se alegra de ver hum lugar, onde Deos não he offendido, mas antes louvado. Porque entendão os mais perfeitos, que assim como neste mundo não ha lugar sem offensa, tambem não ha nesta vida Alma sem culpa.

Diz, que as plantas, da verdura fazem alma para crescer, e das folhas azas para subir. Porque entendamos, que quanto crescer nosso espirito em virtudes, tanto subirá a contemplação pela caridade.

Diz,





Diz, que as hervinhas a cada sopro do Ceo abaixão a cabeça, como dando a Deos gloria. Porque nos confundamos, e consideremos, a quantas inspiraçoens, e auxilios nem reverencia fazem nossos descuidos.

Pelas flores fragrantas, e pelas fontes claras mostra como deve ser huma Alma Religiosa. A flor quanto mais ferida, mais fragrancia respira: e então ha de mostrar-se huma Alma mais fiel, mais fina, quando estiver mais mortificada.

As fontes o seu principio he o seu cuidado, porque o seu cuidado he o seu centro: e em quanto não chegaõ, não páraõ: e como nunca páraõ, nunca descançaõ: como deve huma Alma fazer nesta vida, que tem a Deos por origem, e Patria.

## C A R T A XCVIII.

*O Amor de Deos more na Alma de V. S.*



Inha Senhora. Que condiçaõ taõ certa he esta de toda a felicidade humana, não ter gosto, que se possa estimar, sem o pezado dissabor, que juntamente ha de vir. Eis-me aqui, que com grande alvoroço pego neste papel de V. S., estimando a ventura de tê-lo, sem o merecer. Mas que companhia traz este bem? O pesar, e a pena, de que V. S. haja passado mal. Ora seja Deos bendito. Muitas graças lhe dou por isto. Alguns secretos destinos pôde ser que fação dita destes sentimentos. Deos he como os Lavradores. A terra, de que quer colher fructo, primeiro a fere, a queima, a abre pelo meio. Se a terra tivera entendimento, e sentimento tambem: Que havia de dizer? Senhor: Que mal vos fiz, que taõ mal me tratais? Eu que vos soffro, vos atúro, taõ ferida, taõ pisada, taõ magoada? Sim, lhe responderá elle. Tudo isto he necessario, para que sejas boa, e para que dés algum fructo. Terra he V. S., ou terra mais mimosa, ou aspera, ou terra de monte, ou terra de valle, ou  
mais



mais fecunda , ou mais esteril. Disto não faço juizo. Mas ou assim , ou assim , huma pouca de terra. Deos he Lavrador. Tire-se V. S. a consequencia. Mas ainda assim , tal qual eu sou , não deixarei , quanto posso , pois não póde ser quanto devo , de pedir a Sua Divina Magestade dê a V. S. a faude , que eu lhe desejo , e tantos havemos mister para o serviço deste Senhor.

Tambem peço perdão a V. S. sobre tantas sangrias dar-lhe a purga passada. Mas todo o Martyr teve seu Dio-cleciano : que muito que para maior merito tenha V. S. em mim hum tão vil verdugo. Grande felicidade he o conhecimento de nossas misérias. Ah quem me dêra , que este fora mais caseiro dos meus descuidos , erros , e desatinos , assim como neste papel vejo que tem entrado por casa de V. S. Queira Deos que não seja por alguma impaciencia , antes se acompanhe de todas aquellas virtudes , que ha de ter quem trata de aproveitar. Seus pesares de V. S. mystérios são de Deos , não são castigos , ao que eu entendo. O pezo , que se põem sobre huma columna direita , deixa-a mais firme : e se se põem sobre huma columna torcida , logo se arruina , e cahe. Não se torça V. S. para as cousas da terra , todo o inclinar he torcer , e o torcer vespera de cahir. O negocio he que para as cousas do Ceo estejamos sempre direitos com intenção recta , e com animo elevado , e alto. Isto he o menos que faz quem perfeitamente lá pertende subir.

O Senhor F. como não he S. Miguel , que muito he que aquelle diabo , que havia de metter debaixo dos pés , o traga , e ponha sobre a sua cabeça. Isto faz , quem anda em peccado mortal. Não deixe V. S. de lho advertir. O que eu posso fazer , he encommendar , e pedir muito ás pessoas devotas , o encommendem muito a Deos. Este Senhor , que nos dá os Invernós , tambem nos concede as Primaveraes. Queira elle por sua misericordia , assim como tem dado a V. S. estas tempestades , dar-lhe novidades mais felices. Beijo o chapim a V. S. pela diligencia , que fez nesta penitencia. Aqui verá V. S. o que Deos lhe quer , qué até por meio de Almas condenadas quer que V. S. metta muitas



tas Almas no Ceo. Peça-lhe V. S. tambem por este Peccador miseravel, taõ froxo, e taõ pouco para si. Ora não se queixará V. S. de que a não fartei de mortificações, e fiz este serviço, para que V. S. offereça alguns por mim a Deos, que guarde a V. S.

De V. S. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

## N O T A.

**E**Sta Carta escrevia o Veneravel Padre a certa Senhora de caridade, espirito, e bom entendimento. E depois de lhe dizer quanto sentia haver passado com alguma molestia, diz, que por isso mesmo dá a Deos graças, porque alguns secretos Divinos pôdem occultar aquelles sentimentos. Paraque entendessemos, que as afflicções são os meios mais proprios, com que Deos costuma dispôr aquelles, que quer favorecer. E por esta causa traz o exemplo do Lavrador, que para tirar fructo, primeiro rompe a terra com o arado. E accrescenta, que se a terra tivera sentimento, e entendimento, que tambem se queixára. E he para reparar, que bastando para se queixar o sentir, diz juntamente, entender. Porque foubesse que he taõ apaixonado o amor proprio, que sempre acha razoes para a queixa, ainda quando as não busque para o allivio a mágoa.

Diz, que era terra, ou má, ou boa, e que não fazia juizo que terra era. Porque deixando-lhe este exame a si mesma, facilmente acharia mais razoes para se confundir, que para se queixar. E por isso diz, que grande felicidade he o conhecimento das misérias proprias. Porque a dita não está em senti-las, senão em conhecê-las.

Diz, que o pezo, que se põem sobre hum columna direita, que a faz mais firme. Paraque entendamos que não basta que sigamos o caminho direito, mas he necessario que levemos o pezo da mortificação, para ser seguro: como o Navio, a que importa pouco o leme, se com grande vento não leva o pezo do



do lastro. E falla pelo exemplo da columna. Porque tendo dous extremos, em hum recebe a carga de cima, e com outro se funda na terra: ensinando, que nas afflicções ha de haver humildade, e conformidade: conformidade para acceitar a vontade Divina; e humildade, para confessar que nós somos a causa, e temos a culpa.

Agradece-lhe certa pintura, que tomava na mão algumas vezes, quando prégava. E era huma Alma, que ardia no fogo do Inferno. E por isso diz, que até por meio de Almas condenadas quer Deos que ella metta Almas no Ceo. E paraque vejamos que Deos tambem nos ha de pedir conta de seus castigos: que se permite ás vezes, que sejam publicos, he paraque nos aproveitemos dos mesmos exemplos.

## C A R T A XCIX.

*O Amor de Deos more na Alma de V. M.*

**B**Endito seja Deos, que cuidando eu que moo a V. M. com minhas durezas, ainda assim se não dá por sentida de tantas cousas duras, como são todas as minhas. Não está V. M. longe de fazer milagres. Porque quem destas misturas faz boa farinha, facilmente fará pão de pedras. Não seja com tudo endiabrado o milagre. Porque neste papel de V. M. que quer parecer deserto do natural antigo, ainda acho, como no meu, cousas, que, não sendo más na figura, não sei o que na realidade são. Mas se Deos das espinhas tira rosas, destille-as V. M. para Deos, que lhe dá o fogo. E pegue-o como incendio Divino, a quem se não quer desapegar das péstes humanas, que impedem o caminho do bem, e bemquistão as perdições do mal. Que eu tambem receyo a falta de perseverança, em que V. M. teme a falta de permanencia.

Se o desejo fizera a jornada, já lá estivera. Mas como as occupaões não dão lugar, sennão pelo successivo, falta-



me a prerogativa de immediato. Então poderá V. M. prevenir essa Senhora, quando eu fizer aviso a V. M. ou por escrito, ou por presença. E se o quizer já, de dezoito por diante, se Deos for servido, ha de ser. Queira Deos que lhe sirva o entendimento, para que entregue a vontade a quem lha deo para isso, e com esta liga se ponha da banda de V. M. Onde com menos rendas pôde ficar em melhor foro, e todas se vinculem áquellas Chagas de meu Senhor Jesu Christo: que para entrar são portas, para o sahir feridas.

V. M. não quer, e eu sou muito peor. Porque se não enxergue em V. M. hum descuido, dou cinco, e caio em muitos. Bem diz V. M. que ainda não está capaz daquellas Ordens Sacras. Porque ainda lhe não vejo grande tonsúra nas mortificações do espirito. Não me espanto; porque podendo ser Mestra de avisos, ainda aprende de mim os erros. Necessario será que se metta mais Capucho este negro juizo, e então parecerá mais observante dos desenganos. V. M. de balde, e eu em vão, pondo mais, do que tirando, ambos imos ao poço. Ajudemo-nos, e possamos ambos tirar esta agoa da Divina Graça, que nos faz suar sangue do coração, quando nos converte em fontes de lagrimas. E se houve para o descuido agoas mortas, haja para a razão fontes vivas: que estas correntes nos olhos, então os põem mais sezudos, quando os vem mais perennes. A companhia de S. João de Deos, podia ser dita deixá-la; a minha, como era de Esposas de Deos, será desgraça perdê-la. Mas de tudo daremos graças a Deos, que se elle cala, sendo o mais aggravado, que farei, que em nada sou offendido. Com tudo apertemos com a Bondade Divina; pedindo-lhe que faça por gloria sua, mais universal, e commúa esta dita nossa, que queiramos todos serví-lo; aindaque só por nós quebra isto de querê-lo.

A Senhora Dona N. antes a quero boa, que saã. Porque má, é saã, fructa foi de que se servio o diabo, até no Paraíso: não o espero eu della assim: senão que vá de bem em melhor, e que em lugar de esfriar com a febre, arda com o frio. Derao duas horas, ponto determinado ao Confessionario. Digo minha culpa, e absolva-me o defeituoso.

I. Sirva,



Sirva-me de penitencia, o que não continuó. E não me falte V. M. com o que lhe peço de graça. A Divina confere a V.M. em seu santo serviço, e guarde a V.M. como lhe peço.

De V. M. Servo inutil.

Fr. Antonio das Chagas.

# N O T A.

**E**sta Carta do Veneravel Padre escrita por estylo plausivel, e metaforico, segundo se collige, era para sujeito, a quem melhor se poderia persuadir por este estylo. Porque supposto que o Servo de Deos fosse tão exacto por seu espirito, por seu estado, e officio de Pregador Apostolico, parece que em algumas occasioens se lembrava do que dizia S. Paulo, que por seus irmãos não reparara, de que o tivessem por anathema. E por esta razão se achão algumas Cartas do Servo de Deos escritas com muita ordem, arte, e policia. O que não duvidava, quando podia desta sorte persuadir as Almas á Caridade.

Diz no primeiro paragrafo em sustancia, que quando entendia que a mortificava, isto era com a correcção da doutrina, a achava tão conforme, que facilmente faria milagres. E alludindo-os á tentação do Deserto, que o demonio fez a Christo Senhor Nosso, insinua-lhe, que aindaque tanta conformidade tinha apparencias de verdadeira, elle a tinha por suspeitosa. E dá logo a razão, dizendo: Porque supposto que neste papel quer V. M. parecer deserto do natural antigo, ainda acho nelle cousas, que, não sendo más na figura, não sei o que são na realidade. E faziã o Servo de Deos este juizo, considerando, segundo se infere, a mistura, que conhecia nas palavras, e Cartas desta pessoa, de virtudes, e de vaidades. Porque sabia que a culpa de muitos annos em hum Alma, he como a hera no muro, que depois de cortado o tronco, ainda faz raizes das ramas, se de todo, e de tudo se não desapega.

Diz, que pegue o fogo da luz, que Deos lhe dá, a quem se não desapega das pestes humanas, que impedem o caminho do bem, e bemquistão as perdições do mal. ( E estes são os pernicio-



que estão no mundo, nem para isso lhes deo geito, nem auxilio, &c. Depois cuide no beneficio da Redempção, em que o mesmo Deos se fez Homem, para vir morrer por V. M. O que não fez pelos Anjos, nem por muitas outras creaturas. E ultimamente cuide nos beneficios do sangue, da feição, do entendimento, da pessoa, dos auxilios, e de muitas occasiões, em que a livrou dos perigos, de peccados, e do Inferno. E depois veja o retorno, que por isso tem dado a nosso Senhor, e quanto o tem servido, ou offendido, e com pena de não ter maior pena de seus peccados. Peça-lhe contrição, lagrimas, penitencia, e dor de sua ingratitude: fazendo firmissimo proposito de antes morrer, que peccar. Peça-lhe tudo o que não tem, o amor, a humildade, a mortificação, para o agradar, e servir. E em quanto não temos estas coulas, quer Deos que com grande extremo lhas peçamos. E ou receba muito, ou pouco, de tudo isto lhe demos muitas graças: convidando a Virgem Maria, os Anjos, e os Santos, o Sol, e a Lua, e todas as creaturas, para que por V. M. o louvem. E no cabo faça cinco actos de amor de Deos, ainda que não seja mais, dizendo: Meu Deos, e meu amor. Ou o que já lhe ensinei: Meu Deos, em vós espero, em vós creio, e a vós mais que tudo amo, e me peza de vos ter offendido, e proponho antes morrer que peccar, tende misericordia de mim. Gaste em isto, ao menos, hum quarto de hora. Beije no fim a terra. E vá-se ás outras obrigações: fazendo, quanto puder, em andar em amorosa lembrança da Divina presença: despejando a Memoria de outras figuras, o Entendimento de outros cuidados, a Vontade de outras afeições. E se peccar, e cahir, com suave sentimento, e conhecimento de sua miseria, não estranhando as ruinas, torne a Deos, pedindo-lhe misericordia. Isto me ponha por obra, sem falta, duas vezes no dia, tendo saude. E não tenha outra casta de Oração. E lhe mando que me dê conta de como se acha. E tome cada semana huma disciplina além das da Comunidade; não estando enferma. E encomende-me a Deos, que guarde a V. M. quanto lhe peço todos os dias.

De V. M. Servo inutil.

*Fr. Antonio das Chagas.*

NO-



fos estragos , que fazem os exemplos domesticos. ( E em dizer que pegue o fogo a quem se não desapega , lhe mostrava que a sua irresolução , e tibieza procedia da companhia , em que a sua deliberação empegava. E este he o maior trabalho daquellas Almas , que se querem livrar das cadeas da vaidade , querendo desatar os laços , que devião romper. E prosegue : Então poderá V. M. prevenir essa Senhora , ( e diz por metáfora ) porque com esta liga se ponha da banda de V. M. Isto era , que se resolvesse , para que siga o que difficulta.

O mais desta Carta contém huma exhortação entendida , pelo mesmo estylo , e para o mesmo intento. Porque a porta , por onde o Servo de Deos entendia se podia ganhar este espirito , era pelo discurso. Mas esta prudencia he rara , e a dá Deos a quem he servido ; sendo certo , que sem ella , ainda todas as mais qualidades são poucas para haver de ganhar certas Almas.

## C A R T A C.

O Amor de Deos more na Alma de V. R.



Uito Reverenda Madre Abbadessa. Acho-me com alguns papeis de V. R. , a que não poderei responder pela falta de tempo ; mas responderei ao que he necessario acerca daquellas perguntas , dando-me Deos espirito : que na verdade o desejo para dirigir as acções , e espirito daquella pessoa , em que V. R. me falla , e como Prelada deve cuidar de seus augmentos.

Primeiro que tudo , entendo que o natural desta pessoa he brando , e amoroso ; assim não he muito que rompa para Deos em amor , e lagrimas. Tambem hei conhecido , que ha muito que fazer , e falta muito por mortificar , e que he necessario buscar algum remedio , com que suavemente se faça tudo. E não me inspira Deos outro , mais que o mesmo Amor de Deos : pois como dizem os Mysticos , não ha cousa , que tanto mortifique , nem cousa , que tanto deleite ,



te, nem tanto obre. E assim o amor he o melhor medicamento para esta Alma; e para aquellas que V. R. entender, aindaque não estejaõ taõ preparadas, como he necessario. Porque o amor será tambem preparaçãõ para si mesmo. Assim mando a V. R. esta receita para esta Alma, e as mais, que se quizerem aproveitar della.

A primeira, humã pureza de intençãõ, com que advertidamente haõ de desejar contentar em tudo a Deos. A segunda, hum acto de simplez memoria, com que se haõ de despir de todas as outras lembranças, conceitos, imaginações, discursos, figuras, juizos, por espirituaes que sejaõ: e costumarem-se a este despimento, que he o primeiro, ou segundo ornato da Esposa, para chegar á uniaõ (que com estas Almas he que fallo). A terceira, hum continuo acto de amor de Deos, ou passivo, ou activo; isto he, ou obrando Deos, e recebendo a Alma; ou obrando a Alma, aindaque seja com violencia, em quanto não obra Deos. Em esta ociosidade ha de conservar o espirito hum continuo apego a Deos, fazendo das respiraçoens memorias, e de todas as creaturas espelhos, onde nem se veja, nem se saiba mais que a Deos (excepto para o que for necessario a cada qual em seu officio). E assim em cada humã destas tres presenças se empregue a vida, e sentidos, fazendo de todas as repugnancias exercicios, e dos affectos humã total entrega a Deos: sem lembrar-se, nem cuidar outra cousa (excepto o que tenho dito) mais que em andar em Deos por continua tenção de agradá-lo, ou perpetua, e simplez memoria sem esquecê-lo; ou ardente, e aspirante amor de attrahê-lo.

Os grãos, por onde ha de subir a Alma, e os enfeites, com que se ha de adornar, saõ cinco. O primeiro he coraçãõ limpo, e sempre elevado em Deos. O segundo, hum espiritual, e interior silencio; isto he despimento de todas as imagens espirituaes, e operações das potencias, por excellentes que sejaõ. O terceiro, hum apegamento anhelante a Deos, fazendo aspiraçoens das respiraçoens, não buscando utilidade alguma, nem consolação de creaturas, aindaque se veja triste sem ellas. O quarto, humã quietação, ou encosto em Deos, de maneira que nelle viva, e com elle se



una : assim como a pinga d'agoa no vinho , ficando-se em suas veias. A quinta , hum suave somno de espirito , com que a Alma dorme para tudo o que he mundo , ao que tem cerrado os olhos , se fica totalmente em Deos , como elle quizer , sem querer acordar deste somno, excepto quando o mandar a obediencia, caridade, ou necessidade propria, ou alheya.

Vão por este caminho as Almas , a que Deos chama á perfeição. Não se cancem em fazer outras devoções , nem penitencias : ( excepto as da Communidade ) buscando sempre o retiro , e a solidão em as mesmas companhias , quando o tiro se lhe não conceda ; sempre sem queixa , e sem desaloeço do animo , que humas ancias turbadas parecem finezas , e são chiméras. E o que Deos quer destas Almas , he paz , e quietação , silencio , somno espirital , alegria , e resignação. Aindaque venhão perturbações , tentações , borrascas , e tribulações , durma a todas , calando a Alma , perdendo os sentidos , e enfeitando as potencias , até que nesse encantamento nada saiba de si , e entenda que não faz nada. E do que fizer , dê conta ao Padre Espiritual , e lhe diga como lhe vai.

Só ao entrar das horas particulares de Oração , seja primeiro pelo Coração , ou Chagas de meu Senhor Jesu Christo. E dentro deste Coração , desapareça logo tudo o que não for simplez conceito de Deos ; isto he , por lembrança , ou amor.

Mas advirto a estas Almas , que se Deos as levar , que se deixem ir. E tambem se lhes mostrar outro caminho , não se prendaõ no que eu lhes aconselho. Mas hajaõ-se com liberdade de espirito ; porèm aviseem do que succeder de novo ao Padre Espiritual. Quando andarem doentes , não leaõ ; ou leaõ muito pouco : nem ponhaõ na Oração muita força. E quando muito usem da simplez presença. Porque os actos de amor ardente enfraquecem muito , quando são nossos , se não nascem daquelle fonte Celeste , que entaõ são medicina , e suavidade , que cura. Estando enfermas , façaõ o que lhes disserem os Medicos , guardando em todo o mais tempo as obediencias das Preladas , e seguindo o possível a vida commua , que está primeiro que tudo.

O tem-



O tempo está bem repartido. O que importa he que se exercite. O que lhe aconselho, segundo a conveniencia delle: peça huma, e outra vez a licença, que defeja: e calle, se lha não derem. E dahi a espaço torne a pedi-la, e fazer da mesma maneira. Não posso dizer mais. Encomende-me a Sua Divina Magestade, que guarde a V. R.

Servo inutil,

*Fr. Antonio das Chagas.*

### N O T A.

**E**sta Carta escrevia o Servo de Deos a huma Religiosa Abba-dessa de certo Convento, que parece lhe havia dado conta dos espiritos de algumas Religiosas, que estavam a seu cargo. E fallando de huma, diz: que entende, que o natural daquella pessoa he brando, e amoroso, e que não he muito que rompa para Deos em amor, e lagrimas; porém que tem muito que mortificar, e que o remedio he o mesmo amor. A razão he. Por que estas lagrimas, estas leavedas, jaõ ordinariamente nos principios huns fumos, que com o fogo d'Alma se levantaõ da parte da natureza, como a panella, que começa o ferver, e em quanto se não purifica, e se coze, o mesmo calor lhe faz exhalar aquella porção indigesta, que a não deixa cozer, até de todo se compor. Assim faz o amor de Deos em huma Alma, em quanto lhe resiste a natureza. E por isso diz o Veneravel Padre, que ainda que não estejaõ bem preparadas, o amor será a preparação. Porque esta differença faz este exercicio a todos os outros, que como he fogo, elle investe a materia, elle a prepara, a coze, a purifica, e transforma.

Diz, que manda huma receita de como se haõ de haver neste exercicio, e que a primeira cousa he huma pureza da intenção, com que advertidamente haõ de desejar de contentar a Deos em tudo, (e advertida, quer dizer actual.) Porque em qualquer outro exercicio, como não baja acto em contrario, não se destroe a virtude, que se pertende; mas neste, que he puramente de actos de vontade, quanto se omitta, tanto se enfraquece.



Diz, que a segunda cousa, que haõ de fazer, he hum acto de simplez memoria; naõ quer dizer, que naõ ha de ser muito affectiva, senaõ, como declara, despida de todos os conceitos, imagens, figuras: &c. Porque assim quanto for destas cousas mais nua, será mais efficaz. Porque desta simplicidade se segue ser mais vehemente.

A terceira, hum continuo acto de amor de Deos, ou passivo, ou activo. E diz, que aindaque seja com violencia. Porque quando Deos he o que totalmente move, naõ se deve exceder a disposiçaõ de hum silencio humilde, suave, bem que anhelante; porque da parte da Alma os actos naõ interrompaõ a operaçaõ da Graça Divina: mas quando se naõ conhece que Deos he o que obra, entaõ he necessario que opere o affecto, fazendo por se affervorar com os actos de amor. E por isso diz: Obrando a Alma, aindaque seja com violencia; isto he, ou com siço mesma, ou como fazendo a Deos huma violencia amorosa. Diz, que os grãos por onde se ha de subir saõ cinco: Coraçãõ limpo, Interior silencio, Pegamento anhelante a Deos, Arrimo a Deos, e suave Somno de espirito.

Primeiro: Coraçãõ limpo. Naõ quer dizer, só varrido, senaõ purificado. Porque esta limpeza naõ a ha de fazer a escova, que limpa só superficialmente, senaõ a chamma, que purifica; isto he, sem deixar raiz alguma de creatura.

Segundo: Interior silencio. E diz interior. Porque naõ basta o silencio dos sentidos, senaõ tambem os das potencias, cerrando as bocas do espirito para as cousas do mundo; isto he, memoria, entendimento, e vontade, que he o deserto, onde Deos falla a huma Alma renunciada, e ella houve a Deos em silencio.

Terceiro: Pegamento anhelante a Deos. E diz anhelante. Porque a uniaõ nesta vida nem he segura, nem pôde ser perfeita; e como esta uniaõ he objecto deste exercicio, parará o exercicio, em parando o desejo: que he como certos fornos de vidro, que cabem, em lhes faltando o fogo.

Quarto: Quietacaõ em Deos. Porque se esta quietacaõ falta, a uniaõ he suspeitosa. E he clara a inferencia. Porque aindaque pela razãõ acima o amor sempre ha de anhelar, este desejo se entende naõ sabindo do circulo de seu objecto, que se naõ  
com-



compreheende por infinito : mas fóra delle todos os outros desejos são improprios para este exercicio.

Quinto : Hum suave Somno de espirito. E este somno póde sero de que fallava a Esposa , quando dizia que dormia , e seu coração velava. E supposto que nelle ha diferentes estados , porque ha diferentes recolhimentos , o de que parece que falla o Veneravel Padre , he hum esquecimento , hum desapego , hum pouco caso de todas as cousas do mundo , huma paz do espirito , que parece descuido , e he socego , e repouso.

No mais desta Carta continua o Servo de Deos a mesma materia por diferentes termos : encommendando muito , que sem alguma perturbação se soffraõ as repugnancias albeias , ou proprias. E diz , que o mais parecem finezas , e são chimeras. A razão he. Porque como todo este exercicio he fundado sobre amor , e renunciação , o coração inquieto não está bem renunciado : e porque o amor de Deos não faz estes effeitos , que faz o amor proprio.

## LAUS DEO.











# I N D E X

## DAS CARTAS, QUE CONTÊM este Livro.

<b>C</b> arta I. Para sua Irmaã Religiosa, exhortando-a à perfeição.	Página 1.
Carta II. Em resposta a huma Religiosa.	6.
Carta III. A huma Religiosa.	12.
Carta IV. A huma Irmaã sua, estando para entrar na Religião.	17.
Carta V. A huma Religiosa, filha espiritual sua.	24.
Carta VI. Em resposta a huma Senhora Titular.	30.
Carta VII. Para a mesma Senhora.	33.
Carta VIII. Para a mesma Senhora.	35.
Carta IX. Para huma Pessoa Ecclesiastica, em que respondia sobre certos escrúpulos, de que lhe dava conta.	37.
Carta X. Em resposta a huma Religiosa.	39.
Carta XI. Respondendo a huma Religiosa.	42.
Carta XII. Em resposta a huma Religiosa.	45.
Carta XIII. Em resposta a João Fernandes Vieira, havendo-lhe escrito de Pernambuco, e fazendo-lhe muitas offertas.	49.
Carta XIV. A huma Religiosa sobre varios pontos de espi- rito.	52.
Carta XV. Para huma Religiosa, cujo espirito governava, co- mo quasi todas as que contém este Livro.	55.
Carta XVI. Para certa pessoa, exhortando-a à conformi- dade.	58.

Car-



Carta XVII. Para hum Religiosa, em que lhe responde o por- que lhe não havia escrito.	61.
Carta XVIII. Para hum Religiosa.	64.
Carta XIX. Para hum Religiosa, estando de partida para as Missões, em que andava.	67.
Carta XX. Para hum Religiosa em resposta.	71.
Carta XXI. Para hum Religiosa, em que lhe persuadia a re- signação, por hum excellente metáfora.	75.
Carta XXII. Para hum Religiosa: contém varios documen- tos.	79.
Carta XXIII. Para hum Religiosa: em resposta.	82.
Carta XXIV. Para hum Religiosa, cujo espirito governa- va.	87.
Carta XXV. Para hum Religiosa, cujo espirito governava: compreende muito em poucas regras.	93.
Carta XXVI. Para hum Religiosa: he de muita erudição.	95.
Carta XXVII. Para hum Religiosa.	97.
Carta XXVIII. Para hum Religiosa.	100.
Carta XXIX. Para suas Irmãs Religiosas.	104.
Carta XXX. Para hum Religiosa: he de muita doutrina.	106.
Carta XXXI. Para suas Irmãs Religiosas.	108.
Carta XXXII. Para hum Religiosa Irmã sua, andando en- ferma.	109.
Carta XXXIII. Para hum Religiosa, em que lhe dá algumas doutrinas por exemplos muito excellentes.	111.
Carta XXXIV. Para hum Religiosa, que contém doutrinas muito particulares.	113.
Carta XXXV. Para hum Religiosa, em resposta.	116.
Carta XXXVI. Para suas Irmãs Religiosas.	120.
Carta XXXVII. Para hum Religiosa, que servia de Enfermei- ra, eleita novamente.	122.
Carta XXXVIII. Para certa Religiosa, que parece lhe dava alguns avisos tocantes ao mesmo Padre.	124.
Carta XXXIX. Para hum Religiosa, sobre varias mate- rias.	126.
Carta XL. Para hum Religiosa, em resposta.	131.
Carta XLI. Em resposta a hum Religiosa: he de grande edifi- cação.	134.



que contém este Livro.

317

- Carta XLII. *A huma Religiosa: he de grande doutrina.* 137.  
 Carta XLIII. *A huma Senhora Titular, e Viuva.* 141.  
 Carta XLIV. *Para huma Religiosa, escrita algum pouco tempo antes da morte do mesmo Servo de Deos.* 143.  
 Carta XLV. *A huma Religiosa, he em resposta: contém muita doutrina.* 145.  
 Carta XLVI. *A huma Irmaã sua Religiosa, que pouco tempo antes havia tomado o Habito.* 149.  
 Carta XLVII. *Para huma Religiosa.* 152.  
 Carta XLVIII. *Em resposta a huma Religiosa.* 154.  
 Carta XLIX. *Para huma Religiosa, em resposta.* 158.  
 Carta L. *Em resposta a hum Guardião de certo Convento.* 161.  
 Carta LI. *A huma Religiosa de virtude, de quem fazia muita confiança.* 163.  
 Carta LII. *Em resposta a huma Religiosa.* 166.  
 Carta LIII. *A hum Ecclesiastico seu amigo.* 168.  
 Carta LIV. *Em resposta a huma Religiosa.* 171.  
 Carta LV. *A huma Religiosa: he de grande doutrina.* 173.  
 Carta LVI. *A huma Religiosa, em resposta.* 176.  
 Carta LVII. *Em resposta a huma Religiosa.* 179.  
 Carta LVIII. *A huma Religiosa, em resposta.* 182.  
 Carta LIX. *A huma Abbadessa de certo Convento, cujo espirito governava.* 185.  
 Carta LX. *Para huma Religiosa, em resposta: he de muita descripção, e doutrina.* 188.  
 Carta LXI. *A hum amigo seu, de quem o havia sido antes, e depois de ser Religioso.* 192.  
 Carta LXII. *A huma Religiosa, em resposta, havendo-lhe ella dado conta de que a haviaõ occupado em Officio do seu Convento.* 195.  
 Carta LXIII. *Em resposta a huma Abbadessa de certo Convento.* 198.  
 Carta LXIV. *A huma Religiosa, em que diz os effeitos, que faziaõ as Missões, em que andava.* 201.  
 Carta LXV. *A huma Religiosa, que estimava muito, por suas virtudes.* 203.  
 Carta LXVI. *A suas Irmaãs Religiosas.* 207.  
 Carta LXVII. *A huma Abbadessa de certo Convento, que parece*



- rece lhe havia dado conta de certas afflicções, com que se achava. 210.
- Carta LXVIII. *A huma Religiosa enferma.* 212.
- Carta LXIX. *A huma Religiosa, que espiritualmente governava.* 214.
- Carta LXX. *A huma Religiosa, que lhe dava conta de seu espirito, e enfermidade.* 216.
- Carta LXXI. *A huma Senhora Titular, e Viuva: e depois de lhe agradecer certos Livros, lhe diz algumas doutrinas muito excellentes.* 218.
- Carta LXXII. *A huma Religiosa: contém grande doutrina.* 221.
- Carta LXXIII. *A huma Irmaõ sua, Religiosa, logo depois de haver tomado o Habito.* 224.
- Carta LXXIV. *A huma Religiosa, que lhe fazia algumas advertencias, e avisos tocantes a cousas espirituaes.* 226.
- Carta LXXV. *A seu Irmaõ, em que se desculpa de lhe não haver dado conta antes de tomar o Habito de S. Francisco.* 231.
- Carta LXXVI. *Ao Reverendo Padre Fr. Jorge da Magdalena, Deputado do Santo Officio, e Pessoa, que elle muito estimava.* 235.
- Carta LXXVII. *A huma Religiosa, exhortando-a ao exercicio das virtudes.* 238.
- Carta LXXVIII. *A suas Irmaõs Religiosas.* 242.
- Carta LXXIX. *A huma Religiosa: he de grande doutrina.* 246.
- Carta LXXX. *A huma Religiosa, filha espiritual sua.* 250.
- Carta LXXXI. *A huma Religiosa, estando o Servo de Deos de partida para a Missão.* 254.
- Carta LXXXII. *A huma Senhora Titular.* 258.
- Carta LXXXIII. *A huma Religiosa, Abbadessa de certo Convento.* 260.
- Carta LXXXIV. *A huma Religiosa: contém muita doutrina.* 263.
- Carta LXXXV. *A huma Senhora Titular: he de muita discipção, e doutrina.* 266.
- Carta LXXXVI. *A huma Religiosa: contém varios pontos, e circumstancias de espirito.* 271.
- Carta LXXXVII. *A huma Religiosa, em resposta.* 276.
- Carta LXXXVIII. *A huma Religiosa, em resposta, e com alguns papeis, que lhe havia mandado.* 279.



	que contêm este Livro.	319
Carta LXXXIX.	<i>A huma Senhora Titular , em resposta.</i>	281.
Carta XC.	<i>A huma pessoa , que lhe communicava sua consciencia.</i>	284.
Carta XCI.	<i>A huma Religiosa , filha espiritual sua.</i>	286.
Carta XCII.	<i>A huma Senhora , em occasião , que lhe morrera huma filha.</i>	288.
Carta XCIII.	<i>A huma Religiosa , cuja consciencia governava.</i>	290.
Carta XCIV.	<i>A huma Religiosa , filha espiritual sua.</i>	293.
Carta XCV.	<i>A huma Religiosa.</i>	294.
Carta XCVI.	<i>A huma Religiosa.</i>	297.
Carta XCVII.	<i>A huma Religiosa , Abbadessa de certo Convento.</i>	298.
Carta XCVIII.	<i>Para certa Senhora.</i>	302.
Carta XCIX.	<i>Para hum Sujeito discreto.</i>	305.
Carta C.	<i>Para huma Religiosa , Abbadessa de certo Convento.</i>	308.

FINIS.



R.  
12220











